

Vidas tardias



Brandon Taylor

F • S • F • R •

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

BRANDON TAYLOR

Vidas tardias

Tradução do inglês por

FLORESTA

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Vidas tardias

Animais do campo

Ivan, o Terrível, e seu filho Ivan

Os reis da Noruega

Cabeça de Górgona

Sentemo-nos no chão

Sussex, Essex, Wessex, Nortúmbria

Economias locais

Altruísmo, empatia, paixão e dor

AGRADECIMENTOS

SOBRE O AUTOR

*Você sabe como receberia um deus.
E se fosse
uma porção da carne dele? E se você
estivesse terrivelmente faminto?*

Derrick Austin

Vidas tardias

Na sala de seminários, alunos da pós-graduação estão sentados em cadeiras dobráveis de plástico: sete mulheres, dois homens. Inocentes o bastante para acreditar na força transformadora da poesia, mas cínicos o suficiente nos momentos mais sombrios para considerá-la um chamado pseudoespíritual, alguma coisa parecida com a aflição dos televangelistas.

Lá fora, o último dia azul de outubro. Previsão de neve.

Eles discutem “Andrômeda e Perseu”, um poema apresentado por Beth, que inverteu o título do quadro de Ticiano para pôr o sofrimento de Andrômeda no centro, no lugar do heroísmo de Perseu — estuprador, assassino, destruidor de mulheres.

“A captura é brutal como o cativo”, diz a menina atarracada de Montana.

O poema ocupa quinze páginas de espaçamento simples e contém, entre outras coisas, a descrição vívida de uma transa no período menstrual, com o sangue coagulando em um edredom cinza. O sangue é chamado de “a marca da Górgona”, como correspondência à “mancha de ferro” que sujou as vestes de Medusa depois de ser decapitada por Perseu.

Todos acompanham, absorvendo o sistema de imagens alusivo e a densidade narrativa do poema, o calor emocional do tema, a

crescente relevância cultural ref: mulheres, ref: trauma, ref: corpos, ref: vida no fim do mundo.

“Adorei a improvisação gestual dos versos, é muito Joan Mitchell”, diz Helen, que antes era uma criança mórmon noiva de alguém em um subúrbio de Denver, e agora mora em cima de um bar no centro de Iowa City e escreve poemas sobre crianças moribundas e piolhos pubianos.

“Eu achei, tipo, muito afiado, que nem gilete. Dá pra cortar o dedo de alguém, sabe? Deus.” Noli, dezenove anos, criança prodígio. Uma decepção para os pais. Poesia em vez de, sei lá, medicina, a cura do câncer?

“Total. Mas muito cru também. Muito visceral.”

“E bem intenso...”, Mika, vinte e oito anos, a personificação de Stevie Nicks na franja, nas botas e nas transparências cheias de babados.

“... carregado, tenso pra cacete...”, Noli mais uma vez, tão participativa hoje. Muito falante.

“Voz, voz, voz.” Aqui, Linda, uma mulher negra de Tulsa. Tranças. Pele brilhante, perfeita. Depois de frequentar a Universidade do Texas em Austin, foi fazer um doutorado em física no MIT, que não se sabe se concluiu ou largou. De qualquer forma, cá está ela em Iowa como todos os outros. Há alguma tensão entre ela e Noli, também negra, também muito inteligente. Nada de sororidade. Uma exclusão mútua bem intensa.

“Até que enfim um lance *real*”, Noli diz. O olhar de Linda fica mais penetrante. “Mas totalmente preciso. Tipo, nada daquela merda de *slam*. Só voz.”

“Eu queria isso nas minhas veias. Foda”, Helen diz.

O eflúvio de elogios envolve Beth, que recebe os aplausos com um brilho sereno. O professor, nunca exatamente na disputa pelo Pulitzer, mas também nunca *fora* dela por completo, assente devagar, presidindo sobre os alunos como um maldito pastor da juventude.

Ou assim Seamus imaginou, cochilando meio distraído. Então, voltando a si mesmo, para a sala, fazendo-se presente, ele de fato *olhou*. Os lábios de Beth em uma linha fina, as sobrancelhas em vincos profundos. Triste apesar dos elogios, quando os elogios pareciam ser o objetivo dos poemas que escreviam. Ganhar um tapinha nas costas. Receber aplausos. Serem transformados em santos e mártires modernos.

Curioso, muito curioso, pensou Seamus, que uma pessoa, ao ganhar aquilo que mais queria, possa parecer tão infeliz.

Vitrais em forma de trapézio cobriam a parte superior da parede. O lugar era todo elegante, com vigas de madeira escura e janelas altas, criando um efeito de celeiro. A luz de um sol de começo de tarde se acumulava no piso riscado, com caixas fechadas de livros de ex-alunos do curso de escrita que alcançaram sucesso mediano.

A pátina do prestígio, como a cera desgastada das tábuas do piso, já tinha visto dias melhores. Este era o lance do prestígio — quanto mais velho e mais comido pelas traças, mais valioso. Existia certo tipo de poeta para quem o prestígio era o objetivo. A poesia *em si* era o prestígio. E, como poeta, se você não era visto escrevendo um poema, isso significava que você não era um poeta *de verdade*. Para esses poetas, o seminário era o ponto alto da vida

de artista. Nunca mais eles teriam, semanalmente, uma atenção tão grande direcionada para a performance poética deles.

“Esse poema perturba muito as noções de confiabilidade. Porque, tipo, quem tem mais autoridade sobre uma experiência do que a pessoa que está vivendo a experiência, certo? Mas, tipo, as inconsistências na narrativa fazem a gente perguntar se a verdade não seria realmente um palimpsesto de falsidades, e...”, Helen mais uma vez, agora interrompida por Garza, metade tunisiana, metade quebequense, mas criada em Toronto e Oakland.

“Total. Bem no estilo Vicuña em *Spit Temple...*”

“Eu prefiro a abordagem de Moraga sobre a história pessoal, e como preenchemos lacunas nos arquivos com...”, Noreen, de West Virginia, com um leve sotaque que talvez seja falso — curiosamente ausente quando ela estava bêbada —, cortando a resposta de Garza.

“Hartman diz que os arquivos são construídos como...”, Noli, também interrompendo.

Essas diversas interrupções e supressões, todas as desavenças e desorientações. Como um cachorro finalmente alcançando o rabo e o mastigando até a cartilagem. Seamus olhou para a direita, para Oliver, que ouvia atento com um semblante satisfeito e receptivo. Como, Seamus se perguntou, Oliver podia levar aquilo tão a sério, enquanto aquelas pessoas não paravam de falar sobre a violência do arquivo, de Cherríe Moraga e de Cecilia Vicuña, cujas obras não tinham nada a ver com o poema em questão. Aquilo não era poesia. Era a imitação da poesia em busca de validação. Era um outro tipo de poesia teatral: se você falasse uma quantidade suficiente de nomes, as pessoas pensariam que você sabe do que estava falando e

tenderiam a atribuir as imprecisões das referências à própria ignorância delas. Mas Seamus já tinha lido Moraga e Vicuña. Tinha lido os ensaios críticos de Saidiya Hartman — antes da MacArthur, *bien sûr* — e os ensaios críticos em resposta ao trabalho de Hartman. Ele sabia que os Estados Unidos eram uma guerra de arquivos contraditórios. Histórias diferentes com suas turbulências particulares.

Teria sido mais fácil para aquelas poetas dizer que às vezes você mente, às vezes você se engana e às vezes sua verdade mudou no curso da narrativa. Que às vezes o trauma reconfigura a relação com a verdade e com o próprio aparato narrativo. Mas não, elas seguem criando significados. Amarrando ideias ruins a nomes reconhecidos e esperando que alguém as chamem de espertas, afiadas, radicais e corretas, que alguém as chamem de poetas, pensadoras, mentes brilhantes, mesmo que não passem de crianças.

“E a parte do sangue no lençol! Cara!”, Noli disse. “Fantástico. Inegável.”

Seamus voltou ao poema até chegar no verso sobre a marca da Górgona, cuja vivacidade venérea o surpreendeu. Tinha a vibe de um detalhe *possível* de ser encontrado em um bom poema. Tipo uma coisa saída de O’Hara pelo caminho de Kooser.

Mas, relendo o verso, Seamus achou graça. Que tipo de pessoa, que tipo de inteligência de organização poética, ao ver sangue de menstruação no lençol depois de um sexo meia-boca, teria pensado na decapitação da Medusa? Muito engraçado. Não o sangue em si, mas a conexão pretensiosa. *Aí* estava a compulsão. A transubstanciação da coisa real em algo tão carregado de sentido

que ela desmoronava sobre si mesma. O tudo virava uma piada. Esse tipo de poema costumava aparecer nos seminários: histórias pessoais transformadas em um sistema de gestos vagos porque falharam em registrar um entendimento genuíno ou sentimentos reais em relação às grandes obras as quais se direcionavam. Autoenganos disfarçados de confissões.

Seamus riu sozinho.

O professor, um homem baixo e desagradável com os cabelos brancos espetados, olhou para ele. Pausa.

“Algo a acrescentar, Seamus?” Então, todo mundo olhou para ele. Seamus sabia que essa era uma forma de chamar atenção. Era a única característica carismática que tinha, mas fugia ao controle dele. Sim, ele podia ter se esforçado mais. Isso também era uma performance, a qual ele considerava moralmente aceitável porque *sabia* que era uma performance. Ele não fingia que era poesia.

Seamus mexeu nos papéis por um momento e depois, rindo, disse: “Então, tipo, a boceta dela é uma cabeça de Górgona? Um lance meio Trump?”.

Um pequeno truque de mágica: silêncio, o apagão da raiva delas. E, aos poucos, a luz voltando. Incômodo. Irritação.

“Acho que tem mais a ver com o fato de vivermos em um mundo que transformou o corpo da mulher em objeto de repulsa e dor... e como nosso prazer não é nosso de verdade? Acho que precisamos honrar isso”, disse Ingrid Lundstrom.

Ingrid foi da turma dele na Universidade Brown. No segundo ano, ela conseguiu ser publicada na *New Yorker* com um poema abertamente autobiográfico sobre a conversão do pai ao cristianismo evangélico e a subsequente autoimolação dele. Ela

fazia parte de uma classe de poeta cujo trabalho falava principalmente de si mesmo, como se tudo o que tivesse acontecido na história da humanidade não fosse tão importante quanto o relato levemente irritante da primeira vez em que ela usou um absorvente interno. Seamus achava os poemas dela covardes, bonitos e desonestos por completo.

“Sim, mas, tipo, a xota dela está toda suja de sangue da Medusa. Eu estou sendo obtuso? Estou perdendo a alusão?”

Oliver tentou interceder, rindo. “Capacidade negativa, né?”, ele disse.

O professor disse: “Estamos aqui para testemunhar o poema”.

Seamus bufou. Ingrid respondeu secamente: “Eu só acho que é importante a gente lembrar que a narradora do poema sem dúvida carrega um legado de violência, e essa ambivalência em relação ao desejo/corpo/amor/querer é válida”.

Testemunhar, legado de violência e válida: esses termos fizeram o seminário parecer menos um exercício intelectual e criativo e mais um tribunal de crimes de guerra. Seamus odiava tanto aquilo — não por acreditar que o trauma era falso, mas por achar que o trauma não tinha necessariamente alguma coisa a ver com poesia.

“Você é poeta ou assistente social?”, Seamus perguntou.

“Que merda você acabou de dizer?”

Uma piedade tão devastadora, uma fúria tão justa. Seamus se deleitou com o rosto de Ingrid se desfazendo.

“Não são palavras genericadas — a menos que você ache que são. Isso sim seria sexista.”

Ingrid levantou e lançou um olhar penetrante e desdenhoso para Seamus. Então ela foi até a pia no fundo da sala encher a

chaleira elétrica.

“Parece criança”, Helen disse em voz baixa.

Seamus fez uma cena franzindo o rosto e esfregando os olhos. E fez bico.

“Estamos desviando do assunto aqui”, o professor disse. Ele olhava diretamente para as vigas expostas, como se esperasse um sinal divino.

“São elas que estão distribuindo ofensas. Meus comentários foram textuais”, Seamus disse. Enquanto isso, Beth encarava o caderno e rabiscava furiosamente até preencher de tinta preta o canto de uma página. Seamus se inclinou para a frente, os cotovelos nos joelhos, vendo o pulso dela torcer para a frente e para trás.

“Desnecessário.”

“Idiota.”

Um coro de opróbrios. Como as bruxas em *Macbeth*, mas menos divertido. Uma alegria menos ridícula.

“Os insultos de vocês me deram gatilhos”, Seamus disse. “Me fizeram lembrar da minha infância sofrida. Por favor, parem.”

Ingrid pôs a chaleira na base e apertou o botão. A chaleira chiou, ganhando vida.

“O poema”, disse o professor. “O poema é tudo.”

“Vai tomar um ar, campeão”, Oliver disse, pondo a mão na nuca de Seamus.

“Boa, meu chapa”, Seamus disse, mostrando os dentes. Oliver só balançou a cabeça. Mas Seamus não conseguia parar. Ele sentia a saciedade da atenção deles. O doce gosto metálico. E estava

sedento por mais. Os olhares, a raiva, a irritação. Todos tão seguros de si. De seus lugares.

“Acho que um ar fresco vai fazer bem pra todo mundo”, o professor disse. “Voltamos semana que vem. Vocês estão dispensados.”

Ah, que sem graça. Totalmente sem graça. Que injusto. Seamus resmungou enquanto levantava. Oliver o seguiu. O restante permaneceu em seu lugar, compondo vários cenários de espera. Cochichando, trocando cadernos e olhares sérios. Seamus se perguntou se apenas ele e Oliver estavam sendo dispensados como crianças bagunceiras, enquanto as outras esperavam que um segundo seminário, secreto — a verdadeira aula —, começasse. Seamus ficou alguns segundos ali, mas então sentiu a mão de Oliver em seu braço, puxando-o.

Certo, o.k., ele pensou. Tudo bem.

“Boa ioga pra você”, Seamus disse por cima do ombro, e Noli respondeu: “Boa dor de barriga pra você”.

Os dois estavam na ponte, Seamus e Oliver.

Seamus odiava isso, mas não conseguia resistir à compulsão de ficar remoendo o seminário. Era a mesma história toda semana, sério: fulana de tal disse isso, fulana de tal disse aquilo, dá para *acreditar*? Que pergunta estúpida. A opinião morreu com o surgimento do contemporâneo, do instante. A opinião era uma daquelas ressacas de alguma outra era, apenas uma sombra da história. Mas eles eram servos das opiniões. Eram poetas, afinal.

“Eu odeio quando as pessoas dão o título de um quadro pra um poema. A éfrase já era, cara. Essa merda é só pra chamar

atenção.”

“É, acho que sim. Uma bobagem intelectual e tal.”

“É o que você faz quando sabe que o seu trabalho é ruim. Deixar as coisas explícitas tem mesmo que substituir a profundidade? Sei lá.”

“Elas estão se enganando.”

“Total.”

“Uma merda abstrata.”

“É.”

Sob os pés da ponte oscilante, a água verde e lenta. Os espinheiros e a lama escura das margens, a grama dourada. As bochechas coradas de Oliver e o perfume de seu tabaco solto. O olhar dele é quase insuportavelmente terno.

Não foi a primeira vez que Seamus imaginou o rosto de Oliver ficando grotesco de tanta dor. A boca retorcida de sofrimento, bela como aquelas primeiras esculturas toscas de Cristo, o sofrimento e a beleza, sendo um e o mesmo. Seamus desviou o olhar de Oliver, observando o parque industrial e suas longas presas de vapor. Os carros na ponte perto da biblioteca passavam lentos.

“Mas foi bom ter saído cedo”, Oliver disse.

Seamus assentiu, mesmo que, para ele, a dispensa tenha sido irritante. O seminário podia ir até às seis ou terminar às quatro. Essa variação o impedia de trabalhar nesses dias. Seria constrangedor demais tentar explicar para o chefe do turno por que ele precisava de flexibilidade no horário de chegada, então ele só deixou o dia livre. Mas agora, com aquela aula que mal tinha durado uma hora, ele tinha quase a tarde toda disponível.

“Bom’ é uma forma de dizer. Se você não precisa trabalhar pra viver.”

Oliver riu.

“Qual é a graça?”

“A forma como você disse. *Trabalhar pra viver*. É quase pretensioso. Você não tinha acabado de criticar a falsa piedade?”

“É falsa piedade se sustentar?”, Seamus perguntou, entre a ironia e a sinceridade. Oliver riu de novo. “Que merda, qual é a graça? Nem todo mundo tem dinheiro. Ou pais. Algumas pessoas realmente têm que se sustentar.”

“A fúria liberta do homem branco trabalhador, que medo”, Oliver disse. Agora ele estava morrendo de rir de verdade, e Seamus sentiu um nó apertado no fundo da garganta. Ele sentiu vontade de empurrar Oliver no rio.

“Você está na linha de frente”, Seamus disse.

“Já estou em paz com isso.”

“Eu sei que você está brincando, mas é um lance horrível. Claro, eu posso ser um idiota, que seja, mas eu me importo com essa merda. Tipo, a poesia importa pra mim. E eu fico puto sentado naquela sala toda semana enquanto elas ficam trançando os pelos da boceta uma da outra, falando de trauma ou o que seja. Quando eu poderia estar pegando um turno. Pagando meu aluguel. Trabalhando. Como gente normal. Pra eu poder escrever meus poemas. Isso elas *ignoram*. Porque não é como se alguém fosse importuná-las neste minuto. É tudo mentira”, ele grunhiu.

“Ei, eu estou do seu lado. Você sabe que eu curto muito o seu trabalho”, Oliver disse.

Seamus deu de ombros.

“Terapia em grupo.” Seamus mordeu o canto do dedão, roendo um pedacinho translúcido de pele morta. Então, como uma moeda no fundo de um poço, bem lá no fundo de sua raiva, uma ideia brilhou.

“Sabe o que eu devia fazer?”

“Ficar bêbado? Esse é o meu plano”, Oliver disse.

“Eu devia escrever um poema chamado ‘Cabeça de Górgona’ só pra ver aquelas reprimidas doidinhas.”

“Escreve”, Oliver disse, inclinando-se sobre o gradil. O vento, áspero e frio, passou pelos cabelos dele.

Mais uma vez, o contorno de uma imagem tão poderosa quanto uma premonição: o rosto de Oliver definhando e teso de agonia.

“Eu deveria, né?”

“Você seria expulso. Tá maluco ou o quê?”

“Mas é engraçado, não é? Ah, cara!” Seamus bateu no ombro de Oliver com as costas da mão. “É engraçado!”

Oliver mirou a extensão do rio. Três prédios modernistas acachapados nas margens como um bando de mamíferos pastando. A ponte era cravejada de bandeiras de cada país representado no corpo estudantil. Elas estalavam ao vento. Oliver se afastou do gradil. Seamus o seguiu. A ponte pulsava suave abaixo deles, quase viva.

“Você não gostou da ideia? Achou idiota?”

“Não”, Oliver disse. “Mas vale a pena? Tipo, pra quê?”

“Porque é engraçado!”, Seamus agarrou os ombros de Oliver e o balançou com força.

Oliver recuou e Seamus ficou triste, então irritado.

“Acha que eu vou machucar você?”

“Não. Mas as pessoas têm sentimentos, Seamus. Acho que você esquece disso às vezes. Ou você acha que pode zoar com eles. Mas as pessoas têm sentimentos, e tudo bem.”

“Eu feri seus sentimentos? Não sacudi você tão forte assim.”

“Os *meus* não.”

Na trilha do rio, eles passaram pelas galerias modernistas, que abrigavam várias exposições e eventos. No outono passado, Seamus e Oliver foram a uma palestra sobre raça e a poesia de John Berryman em uma delas. Algumas de suas colegas de classe também tinham ido — Garza, Linda, Ingrid. Durante a fala, a palestrante, que era branca, usou a palavra *nigger* quando citou uma fonte. Parece que a palavra saiu sem ela se dar conta, mas a sala percebeu e ficou fria, então esquentou. Seamus sentiu um frisson de deleite. Até aquele ponto, a palestra tinha sido um tédio, principalmente porque ele concordava com tudo — o racismo é ruim, a poesia de Berryman é boa, mas também ruim em relação à raça. Pessoas brancas falando sobre racismo surtia o mesmo efeito enfadonho de assistir a um noticiário. Mas aquilo se transformou em *teatro*. Depois, as pessoas passaram dias recontando e reconfigurando o incidente. Linda acabou aparecendo no jornal local descrevendo a violência que sofreu durante a fala, e a palestrante foi posta de licença do departamento de literatura e então demitida do cargo na primavera. Ela cometeu o erro de escrever um longo artigo sobre isso para o *Guardian*, que foi compartilhado e ridicularizado por Linda no Twitter. A coisa virou uma confusão feia nos blogs e no Instagram, e agora Linda tinha o selo de verificada nas redes sociais, e a palestrante se tornou colunista convidada do *New York Times*, escrevendo sobre a cultura

do cancelamento, que não é uma coisa real, mas às vezes acaba sendo um pouco.

Então, passou a haver uma hostilidade em relação à vida pública. Ou talvez essa hostilidade sempre tenha existido, e o novo fosse simplesmente o direcionamento para pessoas há muito excluídas. Seamus pensou que a coisa toda tinha o drama absurdo de uma boa peça. Todos os mal-entendidos e as falas inapropriadas shakespearianas, tudo se duplicando nas extremidades e nas consequências até romper em alguma coisa realmente catártica. Mas não houve catarse nenhuma. Só as pessoas se tornando cada vez mais verdadeiras caricaturas de seus papéis.

Mas Linda tinha razão. A palestrante *tinha* quebrado o contrato social quando proferiu aquela palavra em voz alta, e, como vem sendo a regra desde os princípios da própria sociedade, a quebra desse contrato, dizer o que não deveria ser dito, sair do roteiro, tinha um preço.

Eles caminharam em silêncio, mas Seamus ainda podia ouvir a agitação das bandeiras na ponte. O céu era um azul profundo, tranquilo. O sol esquentava seu rosto.

“Eu só não quero você metido em nada. Isso distrai a gente da escrita”, Oliver disse.

“Mas é engraçado, não é? Tipo, fala sério, você tem que rir. É insano não rir.” Seamus odiava a melancolia da própria voz, a forma como ele precisava do apoio de Oliver. Porém, mais do que isso, ele odiava o fato de Oliver não ver o quão claramente hilário seria escrever um poema que expusesse a falsidade que dominava o curso e o discurso delas, e toda a farsa da arte estadunidense.

Oliver suspirou. “Sim, seria engraçado você escrever um poema com o título ‘Cabeça de Górgona’ e fazer todo mundo ler. E, sim, eu daria risada. Mas o poema dela é muito pessoal. É sobre a vida dela. E isso não é engraçado, né? A vida das pessoas?”

“Por que você não vai fazer enfermagem?”, Seamus disse, rude.

“Jesus”, Oliver disse. “Talvez você odeie mulheres *mesmo*.”

O pescoço de Seamus esquentou com a insinuação. Aquilo não dizia respeito a *mulheres*. Não se tratava de *feminismo*. Estava relacionado a uma ética vazia e falsa na arte. Arte ruim não tinha nada a ver com gênero.

“Porque eu odeio generalizações preguiçosas?”

“Faz o que você quiser, cara. Você é determinado, eu sei. Mas não vai estranhar quando a coisa explodir na sua cara”, Oliver disse. Sem exaltação. Sem malícia. Mas isso só fez Seamus se sentir pior. A resignação.

A água espumava na margem próxima às escoras da ponte. Algumas garrafas de plástico presas ali se enchiam lentamente de lodo. Seamus agachou para pegar umas pedras. Ele as arremessou no meio do rio, e todas desceram escuras e irrevogáveis.

“Eu não sou um monstro”, Seamus disse. “Apesar da sua insinuação.”

“Eu não acho que você seja um monstro. Como eu disse, você é determinado. Eu só não entendo seus motivos.”

“Valeu, amigo.” Seamus limpou a areia das pedras na jaqueta de Oliver. “Agradeço o apoio.”

“Bom, eu sou seu amigo. É por isso que estou tentando te convencer a não ser um idiota. Pelo seu bem.”

“Claro, o idiota sou eu.”

“Seria legal se você não jogasse isso em mim.”

“Seria legal se você tivesse algum senso de humor!” Seamus deu um soco rápido e forte em Oliver e saiu correndo pela trilha. Os passos dele eram ligeiros e suaves, mas Oliver era mais alto e suas pernas devoraram a distância entre eles. Logo Seamus teve de desacelerar e começar a recuar. Ele tentou segurar a vontade de tossir e limpar o catarro dos pulmões, mas acabou curvado, as mãos nos joelhos, expelindo um escarro amarelado no concreto. O catarro ficou preso na garganta dele e então saiu queimando.

Ele tinha que parar de fumar.

Oliver deu três tapas fortes entre os ombros dele e cada um coloriu as pálpebras escuras de Seamus de vermelho e azul. No último, o mais forte, ele sentiu que respirava livre e abriu os olhos.

Penitência.

Seamus trabalhava nos turnos diurnos e noturnos da cozinha da casa de repouso — sopas e caldos, picar e descascar, merdas desse tipo. Ele havia conseguido o emprego assim que chegou em Iowa City porque, diferente de Oliver e de algumas colegas de turma, ele não tinha uma *boa* bolsa de estudos, e os brutamontes da não ficção do outro lado do rio tinham pegado para eles todos os financiamentos da retórica e da composição. A diretora olhou para Seamus com uma piedade sonolenta. “Às vezes nossos alunos conseguem encontrar trabalho na região”, ela disse em um tom que deve ter imaginado que ajudaria. “Uns bicos para complementar.”

Ele conhecia bem aquela palavra, *complementar*.

Na Brown, entre os menos talentosos dos mais ricos, sua bolsa mal dava para a mensalidade. Suas outras necessidades se

multiplicavam no escuro como alguma espécie invasora e predatória: livros, refeições, sabonete líquido, xampu, pasta de dentes, lavanderia, sua parte do aluguel da geladeira do dormitório, o próprio dormitório, cadernos e lápis, taxas de tecnologia, taxas de recreação. Incrível que, em uma faculdade, mesmo as amenidades mais básicas eram consideradas luxos e, portanto, ficavam por sua conta. Seamus demorou muito tempo para juntar o dinheiro para as provas de admissão, um dinheiro que ele ganhou fazendo bicos em padarias e cortando grama. Mas a quantia não seria suficiente para a faculdade. Eram necessidades demais.

Então, na graduação, o que complementou a bolsa de estudos não foi a redação de documentos ou as tarefas acadêmicas burocráticas nos escritórios dos departamentos (o corpo docente não gostava dele), mas os turnos na cozinha sinistra de um hospital em Providence. As mulheres simpatizaram com ele, ensinaram os ritmos do preparo de comida para dezenas, centenas de pessoas. Ele aprendeu os meandros da escala e do consumo para grandes quantidades, e quando havia sobras — e sempre havia sobras — ele levava para casa e estocava. Quando precisava de um trabalho rápido, procurava cozinhas de hospitais. Estavam sempre contratando. As pessoas estavam sempre se demitindo, pois não havia outra escolha a não ser contratar gente desesperada, cansada, necessitada que já tinha sido moída por um carrossel de trabalhos de merda. Essas cozinhas eram os lares de usuários de drogas, ex-detentos e senhoras — pessoas que jamais poderiam pagar pelo atendimento nos hospitais onde trabalhavam.

Seamus se dava bem nesse tipo de trabalho. Ele gostava de cozinhar e sentia, de uma forma não muito diferente de quando escrevia poesia, uma afinidade pelas horas longas e repetitivas, necessárias para fazer qualquer coisa minimamente boa, e pelo tedioso trabalho de preparação. Ele se sentia melhor quando estava sozinho na cozinha no fim de um longo dia, descascando e picando vegetais ou preparando o caldo para as sopas da semana. A constância do cozimento lento. Sozinho em uma cozinha, ele estava em paz. Não exatamente livre para vagar em devaneios, mas existindo em um estado de ausência de pensamentos. Nada podia incomodá-lo.

O céu ainda ficaria azul por um bom tempo, então ele pensou em passar na casa de repouso para ver se conseguia umas horas na cozinha que ajudariam com as contas do mês. Ele se perguntou como as pessoas com famílias conseguiam sobreviver arcando com os custos de um aluno da pós-graduação. Ele lembrou de um cara que conhecia no departamento de literatura, Gerard, que tinha duas crianças pequenas e uma esposa.

Gerard estudava um negócio inútil, alguma coisa como poesia medieval e forma, e a esposa dele cuidava das crianças. Às vezes, Seamus os via na esquina da igreja St. Mary na fila da distribuição semanal de alimentos. A academia era o cúmulo da tolice. Você se afundava e afundava em dívidas, em desespero, passava fome, só para se sentir um pouco especial, ligeiramente brilhante no seu cantinho escuro do universo, sabendo de uma coisa que ninguém mais sabia. A arte valia muitas coisas, mas valia a pena pôr sua família inteira à beira da extinção? Seamus não entendia a lógica

de Gerard. Ele amava poesia, mas nem sempre conseguia conciliar a poesia com as necessidades essenciais da vida.

Por exemplo, se ele tivesse família e responsabilidades, não tinha certeza se escolheria a poesia no lugar delas. E, nesse caso, se ele pudesse pensar em um conjunto de circunstâncias que justificassem desistir da poesia, para que se dar ao trabalho? Isso o fazia perder o sono, se perguntando se lhe faltava a determinação para ser o poeta que queria ser. Mas então Seamus lembrava que era só mais um homem branco no mundo refletindo a respeito da extinção da poesia, que havia sobrevivido ao fim do mundo incontáveis vezes. A poesia sobreviveria a qualquer apocalipse contemporâneo que ele pudesse fantasiar. A poesia não precisava dele. E certamente não precisava dessas elegias acerca da sua morte. Era uma ilusão, ele sabia. A ilusão de todas as pessoas cujas vidas tinham sido tocadas pela poesia de que, de alguma forma, a poesia precisava delas para continuar existindo. Mas não precisava.

Poetas. Deus, malditos poetas.

A casa de repouso era uma residência de dez quartos em um terreno enrelvado nos arredores da cidade. Ali costumava ser a parte boa da cidade, mas agora era um lugar povoado por alguns comércios, cinco farmácias, um centro de diálise, um banco de sangue, um lugar para descontar cheques e três lanchonetes fast food. Havia um condomínio de apartamentos, uma fileira de prédios de pedra clara dispostos um atrás do outro ladeando a rua. Do outro lado, as colinas úmidas e íngremes eram pontilhadas por árvores, casas brancas e trailers em caminhos de cascalho. A casa de repouso já tinha sido lar de uma família antiga de Iowa City, que

morreu em algum momento depois da Segunda Guerra. Os herdeiros, primos distantes de New Hampshire, não a quiseram, pois ficava longe, era velha e incidiam muitos impostos sobre ela. Eles se livraram da propriedade a vendendo para uma empresa que foi comprada por uma outra empresa que foi comprada por uma outra empresa. A casa passou por uma série de grupos de fachada, foi absorvida e desmembrada até ser comprada por uma organização nacional que transformava imóveis velhos em centros de cuidados e casas de repouso para idosos e enfermos. A ideia era que as pessoas não deveriam ser abandonadas sozinhas em depósitos como móveis velhos que ninguém mais queria, que mereciam morrer com alguma lembrança de conforto humano.

Na casa de repouso, Seamus percebeu, os residentes gostavam de falar sobre animais extintos. Tartarugas e mamíferos obscuros, pássaros e anfíbios, peixes. Eles mantinham a cabeça ocupada enumerando todas as criaturas que tinham deixado de existir. Algumas enfermeiras tentavam impedir, julgando mórbido demais, mas os residentes não se convenciam. Reunidos na longa mesa da cozinha ou nos jardins do fundo durante as refeições, os residentes discutiam o declínio da especiação entre colheradas de papa e respingos de água que voavam dos copos de plástico. Isso os animava da mesma forma que encontrar uma bala esquecida no bolso ou receber uma ligação dos filhos, sobrinhos e sobrinhas. Pequenas explosões de prazer.

Seamus costumava ouvir as conversas por alto em busca de fatos estranhos para depois contar para Oliver. Por exemplo, ele sabia que temperaturas mais altas no inverno explicavam o aumento das doenças transmitidas por carrapatos? E que a

migração de cervos da Costa Leste para o oeste estava causando uma migração da doença de Lyme, além da morte de freixos e cedros? Estava tudo conectado em uma rede complexa. Carrapatos, cervos, árvores e o calor dos dias curtos de inverno.

Na primavera, eles plantavam flores e vegetais nos fundos. No outono, os residentes se dividiam em turnos para varrer as folhas secas. Verificar o potencial de compostagem do solo. Cuidar da pequena família de cervos que vivia no bosque. Os residentes dali eram ativos, passavam os dias em movimento. Tinham um motivo para sair da cama de manhã. Mesmo que tudo não passasse de uma ilusão altamente orquestrada e cuidadosamente controlada.

No andar de cima, eles sofriam. Nos quartos escuros, eles deitavam em camas hospitalares enquanto as enfermeiras secavam o suor e limpavam o vômito e a merda deles. Eles tremiam e gemiam, os ossos enfraquecidos e os músculos atrofiados. Todos eram muito otimistas quando chegavam no começo. Veja como é bonito. Olha só, você vai ter uma vista para aquelas árvores. Quase não parece que você está no East Side. Ah, olha só, há patos no lago. Todos os dias acontece um encontro do clube de tricô. Uma vez por mês, um grupo de crianças aparece para leituras e oficinas de artesanato. Uma civilidade agitada oferecida ao deus da morte em troca da ilusão de que aquele intervalo era apenas uma folga temporária, que a vida em breve seria retomada. Mas isso não durava. Alguns se recuperavam, participando dos projetos diários da casa de repouso: o jardim, a composteira, os cervos, a observação dos pássaros, o tricô, os artesanatos. Outros, não. Alguns sentavam perto da janela e esperavam. E então morriam.

Na casa de repouso, Seamus apoiou a bicicleta na parede lateral do jardim e subiu os degraus até a entrada. O rádio de Eunice tocava Chet Baker enquanto ela limpava e inspecionava um carregamento de cogumelos de produtores locais. Seamus bateu as botas no batente da porta.

“Você não trabalha hoje.”

“Fui liberado mais cedo.”

“Espero que não esteja matando aula.”

Seamus ergueu as mãos, alegando inocência. “Pode me revistar, sargento. Estou limpo.”

Eunice acenou. “Você pode ajudar com a sopa.”

“Que elegante”, ele disse.

“Capricha do jeito que você sabe.”

Seamus se inclinou sobre a mesa de Eunice e fingiu inspecionar o trabalho dela com os cogumelos. Ela tinha gota no joelho esquerdo e reclamava dos tornozelos inchados. Sentava em um banquinho para fazer esse trabalho inferior, mas meticoloso. Passando a escovinha pelos chapéus e pelas lamelas macias dos cogumelos-ostra. Os morels pareciam saídos de um conto de fadas.

“Muito bem”, ele disse.

Eunice deu um tapa nele. “Cai fora.”

Ele encontrou Lena no balcão, picando legumes. Ela já passava dos quarenta, mas tinha braços magros e um rabo de cavalo curto que Seamus associava com meninas do ensino fundamental. O cabelo dela era tingido de castanho-avermelhado e as raízes eram pretas. Lena olhou para ele, os olhos verdes lacrimejantes, e abriu um sorriso, mostrando as crateras acidentadas da gengiva, os dentes faltando no lado direito da boca.

“Sopa”, ele disse.

“Você sabe que eu odeio essa merda.”

Seamus lavou as mãos e pendurou um pano seco no ombro. Lena se inclinou para o lado e viu Seamus analisando o péssimo trabalho que ela tinha feito picando os legumes.

“Você cortou o alho muito antes”, ele disse. “Já vai ter soltado todo o aroma antes da panela esquentar.”

“Eu só faço o que essa coisa me diz pra fazer”, ela disse, balançando o celular. Era o PDF que Seamus tinha baixado ano passado nos celulares das duas, quando começou a trabalhar ali — um arquivo com receitas e ideias de preparos para os moribundos e quase mortos. Eunice disse que fazia mal para os olhos dela, então Seamus imprimiu uma cópia em letras bem grandes. Lena era boa com celulares, embora não tivesse nenhuma noção do senso de ordem intrínseco de uma receita. Ela tendia a querer fazer tudo logo de cara para depois repetir o passo a passo. Lena conseguia seguir a receita, mas não conseguia — ou pelo menos não queria — entender o que as instruções queriam dizer.

“Tudo bem.”

Com a mão, Seamus despejou o alho pegajoso e mal picado da tábua para uma tigela de metal usada para a compostagem, adicionando as cebolas e as cascas que Lena havia trucidado. Ele descascou novas cebolas e passou a faca nelas com um movimento preciso. Seamus amava essa primeira mordida da faca na substância úmida dos ingredientes. Ele podia sentir, naquele exato momento, o gosto final do prato. Era só uma cebola, mas cortá-la ao meio o fazia se sentir mais próximo de si mesmo.

Os cortes pequenos, paralelos e então perpendiculares, para que os cubos rendessem. O azeite quente na panela até estalar. O chiado das cebolas e do salsão. Misturar até que se assentem, transpirem. O rádio de Eunice na entrada, o trompete perfeito e puro de Chet Baker, a melancolia da música emergindo até eles da escuridão.

A frustração do seminário o deixou. Na casa de repouso, ele estava livre de toda aquela merda. Havia apenas ele e as cebolas caramelizadas. O alho descascado com destreza e amassado depois de um golpe forte com a faca. Seamus o divide com a lâmina e não o deixa ficar muito pegajoso. O cheiro instantâneo de alho, doce e pungente. Dentro da panela com as cebolas e o salsão.

Seamus abriu uma lata de tomates San Marzano e molhou os dedos no suco espesso. Ele gostava do gostinho metálico. Coou e amassou os tomates com a colher de pau. O chiado dos vegetais na panela se intensificou, então ele adicionou o caldo de cogumelos que havia preparado semana passada. O caldo abafou o chiado e tirou os vegetais do contato com o fundo da panela. Ele deixou tudo em fogo baixo. Então foram adicionados os tomates, amassados como tartare. E, por fim, o arroz. Ele adicionou um pouco do suco da lata. Sal. Só umas pitadas de açúcar.

Lena o observava durante o processo inteiro. “Eu teria jogado toda essa merda na panela e pronto”, ela disse.

“É, tá bom. Você meio que faz isso. Mas tem uma ordem. É importante.”

“Sua mãe te ensinou isso?”

“Não.”

“Ela não cozinhava pra você?”

Seamus tampou a panela.

“Vou lavar a louça.”

“Aposto que ela gostava de ter você perto. Cozinhando e tal.”

Seamus empilhou a louça do almoço na bancada e juntou o que ele havia sujado preparando sua receita. Ele deixou a água quente cair na pia funda e ensaboou as tigelas, os copos. Os pratos. As panelas. Até os cotovelos na água ardente.

Não, sua mãe não cozinhava para ele. Quando pensava nela, com a vantagem e generosidade da idade adulta, Seamus entendia que ela sofria de dores de cabeça debilitantes. Ela passava os dias deitada na cama. O pai dele trabalhava com construção, quebrando tijolos e asfaltando estradas no verão para, no inverno, poder ser um ator ruim em turnê pelo Meio-Oeste em pequenas produções de *Hamlet* e *Otelo*. Na maioria delas, ele interpretava Iago, mas em algumas era o pai de Desdêmona.

Certa noite, o pai dele caiu de mau jeito durante um ensaio técnico e quebrou o pé. A fratura não cicatrizou direito ou algo do tipo e houve uma infecção. O pai dele perdeu o pé esquerdo. E alguns dedos da mão. Ele quase morreu de sepse. Por algum motivo, a mãe dele se culpou pela lesão e pelas complicações que se seguiram. Ela disse que eles o tinham abandonado — que não foram atentos o bastante, que não cuidaram do machucado como deveriam. Ela se culpou porque não conseguia sair da cama, e culpou Seamus porque, bem, como ela não conseguia levantar, era tarefa dele amparar o pai. E pelo visto ele não ajudava o suficiente.

A mãe dele amava mais o marido do que o filho. Os dois passavam a maior parte do tempo no hospital, ao lado da cama

dele. Seamus faltou duas ou três semanas na escola e repetiu de ano. O pai dele, então com uma deficiência, ficou gordo e brigão.

Com uma maldade inocente, Seamus pensava que, se fosse outro tipo de escritor, um escritor cafona, ele poderia escrever sobre *aquilo*. O cheiro do pé apodrecido do pai. A luminosidade e a monotonia simultâneas da sala bege do hospital onde o pai fazia reabilitação, observando-o se prender em próteses de plástico que beliscavam e mordiam. Ou esticar os nós mutilados dos dedos o máximo que podia, e a raiva nos olhos dele quando se dava conta de que não podia mais cumprir essa simples tarefa. A janela da sala de reabilitação dava para um pequeno jardim com um cedro. Seamus passou um bom tempo olhando para aquela árvore enquanto o pai xingava, abrindo e fechando os velcros das próteses temporárias. Ou ele poderia escrever sobre o cheiro dos comprimidos nos frascos, como o de sal marinho e toda essa merda.

Uma vez, a pedido dele, Seamus passou pomada na perna do pai. Ele espremeu o creme oleoso e branco nos dedos. Passou-o na pele amarronzada e remendada. Seamus recuou, surpreso. Havia pensado que a carne ali estaria morta e fria, mas em vez disso o pai era quente e levemente peludo. A finura da pele, a qualidade tépida e fibrosa do músculo embaixo, o formigamento estático de algo vivo. Vividamente, dolorosamente vivo. O pai rosou.

“Você não faz nada direito”, disse ele.

“Desculpa”, Seamus disse, “desculpa.”

“Sai daqui. Pode ir.”

Ele poderia escrever sobre o verão em que foi mandado para a casa dos avós na Pensilvânia. A casa escura no meio de um terreno de grama amarelada, como se a terra não estivesse disposta a

acreditar que a primavera havia chegado, e então o verão. Tudo a respeito da casa na Pensilvânia era frio e meio eclipsado.

Os avós eram tão educados com ele que chegava a estranhar. Eles tomavam seu café da manhã amargo e comiam o almoço frio. No jantar, serviam tortas estranhas feitas com vísceras e outras coisas. A casa cheirava a vinagre e formol. Eles não falavam muito com Seamus, que passava a maior parte do tempo sozinho lendo. Quando voltou para a casa dos pais, ele estava mais alto e mais pálido. Os pais dele pareciam ter sido consumidos pelo fogo da raiva, da dor e da tristeza, sobrando apenas a carcaça.

Mas ninguém desfrutou de uma infância feliz. Ninguém teve uma vida boa. A dor humana existia em grandes quantidades, e as pessoas se serviam dela como grãos em um celeiro. Havia dor para você, você e você — agonia suficiente para todos. A origem da dor da infância dele era tão ordinária que chegava a envergonhá-lo. Talvez fosse isso o que Seamus ressentia no trabalho dos colegas. Não que a vida deles fosse pior que a dele ou que a dele fosse melhor que a dos outros, mas que todos sofriam da mesma dor, dos mesmos traumas, e Seamus achava que ninguém devia sair por aí fingindo que isso era mais do que era: a rotina do universo. Coisas pequenas, comuns — mágoas, pais cruéis, problemas estranhos e monótonos.

Tudo isso não era digno da poesia, é claro. Mas Seamus sabia, mais por sentimento do que por razão, que, se escrevesse um poema sobre a vida dele, as pessoas achariam brilhante. Diriam que era seu melhor trabalho, como se tudo o que ele havia feito antes tivesse sido mera ilusão, uma cortina de fumaça. Ele sabia que as

pessoas diriam que seu poema era *bom, vulnerável*, e o que era pior que isso?

Seamus enxaguou a louça e pôs para secar. Sem pressa, ele organizou e encaixou os pratos no escorredor em cima da pia. Dispôs os garfos e as colheres na diagonal para deixar a água escorrer pelas aberturas direto no ralo. Ele gostava da cozinha limpa, organizada. Foi assim que ele foi treinado no primeiro hospital. Tudo em seu devido lugar. Nada de bancadas sujas. Nada de facas apontando para o lado errado.

Por baixo da camiseta, suas costas suavam no calor do fogão. Ele mexeu o corpo e levantou a manga.

“Estou encharcado”, Seamus disse para Lena, passando por ela. “Preciso me trocar.”

Ele desceu até a entrada da casa. Eunice ainda ouvia Chet Baker. Seamus viu que ela tinha progredido. No pequeno banheiro, ele tirou a camiseta e se secou, então vestiu uma limpa e um suéter. As gengivas dele formigavam. Seamus tateou os bolsos, mas seus cigarros deviam estar no casaco que tinha ficado pendurado na cozinha.

Ele olhou pela porta de entrada até o topo da escada.

“Menina, ele jura que sabe de tudo.”

“Eu só deixo ele fazer. Melhor ele do que eu.”

“Bom, segundo ele, ele é melhor.”

Seamus podia ouvir o sangue latejando nas orelhas. Que constrangedor. Ele não podia descer sem fazer os degraus rangerem, e não podia entrar lá sem que elas descobrissem que ele tinha escutado. Seamus meio que queria que elas soubessem que ele tinha ouvido, mas ele *gostava* de Eunice e de Lena. Isso dificultava

as coisas. Ele só prendeu a respiração e esperou pelo que pensou serem cinco minutos, mas que poderiam ter sido anos ou alguns segundos. Seamus entrou na cozinha, sorrindo, se perguntando se elas tinham percebido que ele estava disfarçando o que sentia. Ele não podia fazer nem dizer nada diferente. Só pioraria as coisas. Seria atuação. Mas ele *estava* atuando. Ele já tinha sido forçado a agir. Todos eles tinham seus pequenos papéis a desempenhar naquele momento.

“Esqueci meu casaco”, Seamus disse. Ele tirou o casaco do gancho e vestiu. “Olha a panela pra mim.”

Lena riu da piada ruim. Eunice sorriu para ele. “Deixa comigo, chefe.”

Seamus se encolheu. Em seguida desceu para a escuridão da entrada.

Suas narinas queimavam, e ele ergueu a mão em busca de algum sangramento. A pele estava tão quente de vergonha que ele ficou surpreso.

Seamus fumava nos degraus do jardim. O frio aumentava, assentando-se. Além da linha das árvores, estava o brilho refratário dos arredores da cidade. A umidade do ar atenuava a luz forte da farmácia do outro lado da rodovia para um branco diáfano.

Fumar perto do prédio era tecnicamente proibido, mas no jardim era permitido. Certa flexibilidade da regra. Eles estavam no ramo da misericórdia, afinal, e ver o amado pai ou a amada mãe ou seja lá quem fosse morrer era suficiente para fazer você querer fumar. Já havia anoitecido e o jardim estava vazio, a não ser por

Seamus, que remoía sentimentos ruins pelo momento de grosseria com as poetas do seminário. Embora ele tenha achado graça ao lembrar da forma como disse a palavra *xota*, que não usava havia anos. A coisa veio de repente: *xota*.

Foi o mais perto que ele chegou de um poema no que parecia uma vida inteira.

No primeiro ano, Seamus escreveu três vilanelas acerca de um jovem jesuíta que, depois de acordar de um sonho erótico, recebe a notícia do armistício da Primeira Guerra Mundial. Seamus queria escrever sobre o profano e o sagrado, a carne e o espírito, a morte de Deus e a vida do homem, sobre abrir mão das coisas velhas. Ele queria escrever acerca das circunstâncias cômicas da vida e do universo, de todo o mistério sombrio. Ele queria muitas coisas, e havia resumido tudo naqueles três poemas, mas quando chegou o momento de discuti-los, ninguém disse nada a respeito.

Só quando o professor falou: “Bem, com certeza alguém deve ter sentido *alguma coisa*”, foi que Oliver levantou a mão e disse: “A segunda faz um lance interessante com a forma”. Um tremor atravessou a sala e uma outra pessoa disse: “É, total, sim”. A conversa ganhou vida, e a discussão se ampliou, entrando no escopo da história e o que significava escrever acerca da Primeira Guerra Mundial no mundo de hoje, de migrações forçadas, ataques de drones e fome no Iêmen. O que significava escrever sobre a Primeira Guerra Mundial e o sofrimento do Velho Mundo em uma época de tanto sofrimento no Novo Mundo, e Linda disse: “Eu acho que isso é abertamente uma masturbação ocidental e europeia sobre o único momento na vida deles que eles se sentiram como presas, e não como predadores — tipo, que chororô”. Helen

mencionou que outro ponto interessante era a falta de crítica em relação aos jesuítas, “e, tipo, mas e o colonialismo?”. Garza respondeu: “Sim, o colonialismo, mas...”. Então Helen interrompeu: “Total!”. E Garza disse: “Não, tipo, o que você quer dizer com colonialismo nesse contexto?”. O que provocou uma confusão constrangida e uma defesa: “Os católicos? A América Latina? Oi?”.

“Pra mim”, alguém interveio, “a grande questão aqui é que o autor substituiu o rigor formal pela rigidez emocional e parece não estar disposto a se envolver na dimensão política que essa escolha envolve?”

Seamus, que rabiscava anotações, levantou a cabeça e fitou com os olhos semicerrados a pessoa que tinha falado. Ingrid. Ela o encarou com os olhos verde-claros e as sobrancelhas loiras e brilhantes inertes em uma perfeita expressão de ódio lúcido.

Depois da aula, ele voltou para casa e rasgou todos os poemas e rascunhos. Então atirou os pedaços de papel pela janela, eles choveram como muitas folhas brancas, e pousaram no telhado da varanda.

Essa foi a primeira e a última vez que Seamus submeteu alguma coisa à discussão no seminário.

Ele começou a inventar desculpas para não entregar seus poemas, dizendo a si mesmo que aquelas pessoas não mereciam o trabalho dele. Depois, convenceu-se de que isso, na verdade, não passava de humildade, um gesto modesto de respeito pelo *processo*. Que não se submeter significava se submeter totalmente à natureza da escrita. Que ele entregaria alguma coisa quando estivesse

pronto, que não se tratava de ter seu ego inflado de elogios ou o que seja, ele disse, sobretudo para Oliver.

Depois do seminário, ele e o professor se encontraram para tomar um café e discutir o trabalho dele. Seamus mencionou indiretamente a ideia de que ele não escrevia para o agora ou pelo agora, na realidade, ele queria escrever para o eterno, para a perpetuidade, para o além e para o ontem, para todo o sempre, amém, e o professor, com seus mais de sessenta e cinco anos e cansado da gratidão pela vida, pela liberdade e pelo modo de vida estadunidense, que usava jeans Wrangler e fumava American Spirit todo dia de manhã assim que o sol levantava, lançou para ele um olhar de aprovação passiva.

“Pode ser difícil”, ele começou a dizer, e Seamus respirou fundo porque sentiu como se estivesse prestes a ser entendido pela primeira vez na vida, mas então o professor balançou a cabeça e deu um gole no café preto. Seamus sentiu algo se encolhendo e se afastando dele.

“O que pode ser difícil?”, Seamus perguntou, mas o professor já estava folheando as páginas do jornal. Ele pareceu surpreso quando Seamus lhe pediu para completar o pensamento.

“Ah, eu estava dizendo que pode ser difícil no primeiro ano, mas melhora.”

Seamus se sentiu estúpido por ter esperado que alguma coisa se seguisse à frase *Pode ser difícil*, como se ele tivesse sido levado a pensar que aquela pessoa, aquele professor, se importava com ele.

Era um problema do mundo, ele refletiu, as pessoas andarem por aí fingindo que se preocupavam com as outras quando não era verdade. Ou então, as pessoas sentirem que tinham que andar por

aí fingindo que se importavam com as outras quando na verdade não se importavam, não podiam ou não tinham espaço na vida delas para se preocupar. Pelo menos isso ele podia entender — que às vezes sua vida está tão preenchida por outras coisas que não sobra espaço para as outras pessoas e as questões delas. Mas talvez estivesse pensando demais, e talvez o professor se importasse com ele e aquilo não fosse só uma coisa que as pessoas dizem para elas mesmas se sentirem melhores: *Melhora*. Talvez aquela tenha sido uma tentativa, uma tentativa genuína, de intervenção na vida dele. Talvez aquele fosse o momento em que ele olharia para trás e pensaria: Sim, foi aí que tudo mudou. Mas no cinismo de sua cabeça e de seu coração, foi inevitável para Seamus desconsiderar e descartar os sentimentos do professor, mesmo enquanto sorria, balançava a cabeça e dizia: “Sim, o senhor tem razão”.

Naquele dia no café, eles falaram das três vilanelas e da dificuldade de escrever em estruturas poéticas antigas, de tentar adaptá-las para dizer algo novo, e Seamus odiava o professor um pouco mais a cada palavra. Ele detestou a sugestão de que deveria fazer seus poemas dizerem alguma coisa nova, pois isso postulava uma visão progressista da literatura, localizava a importância de uma obra na contemporaneidade dela. Os olhos do professor brilhavam com o esforço de se conectar ou alcançar alguma coisa, e isso também foi motivo de ressentimento para Seamus. Por que esse professor não podia vê-lo como um par, como um igual, em vez de um enigma pedagógico? Ele bebeu o café em silêncio e, quando a caneca estava vazia, fingiu que havia mais. O professor traçou paralelos aleatórios entre poetas mortos e vivos, presente e

passado, e Seamus pensou, Deus, que vulgar. Vulgar pra caralho. Que merda.

Quando o professor perguntou, no fim do primeiro semestre, por que Seamus tinha parado de entregar os poemas dele, ele só respondeu: “Ah, o senhor sabe. Pode ser difícil”.

Seamus apagou o cigarro e tragou a fumaça. O portão do jardim se abriu e ele ouviu alguém caminhando na direção dele. A grama farfalhando sob os pés. Ele semicerrou os olhos, fitando o muro branco-azulado no escuro.

“Tem mais um desse?”, disse uma voz rouca.

O homem passou pela luz da janela da cozinha. Ele era alto, imponente com um boné de caminhoneiro e óculos antigos de ponte dupla entre as lentes.

“Claro.” Seamus abriu o maço. O homem pegou um, mas, em vez de acender, ficou olhando para o cigarro.

“É um daqueles engraçados?”

“Quê?”

O homem examinou o maço na mão de Seamus e franziu a testa. “Não conheço essa marca.”

“American Spirit”, Seamus disse, depois se sentiu constrangido: “É só cigarro, cara. Calma aí”.

O olhar de julgamento do homem não suavizou, mas Seamus lidou bem com a situação.

“Obrigado”, ele disse, e então, acendendo o cigarro com um isqueiro vermelho, inalou. “Isso aqui tem gosto de flor.”

Disso Seamus achou graça. Ele já estava quase insensível ao cheiro dos American Spirits, mas o aroma sempre foi o que mais gostava neles. Seu professor de inglês do ensino médio os fumava.

Foi ele quem comprou o primeiro maço de Seamus. Sr. Fulton, um homem calvo com uma boca grande e olhos marejados. Sr. Fulton, cujo sêmen tinha gosto de feno molhado.

Na faculdade, o American Spirit se tornou o símbolo do tipo de jovem que todo mundo queria ser. Desleixados com estilo como as pessoas de Greenwich Village nos anos 60, mas em cidades universitárias distantes, onde tudo o que tinham era afetação. Mas a moda acabou com a cena musical de meados dos anos 2000, que lançou todo mundo em um mar de ironia fria e estéril. Então fumar American Spirit agora era uma extravagância, mas Seamus não conseguia abandonar o hábito. Os pais dele fumavam cigarros mentolados.

“O tabaco é uma planta maneira”, Seamus disse.

“É mesmo.”

O homem encostou na parede perto da janela, e Seamus o observou. “Você trabalha aqui?”

“Na cozinha”, Seamus respondeu.

“Devem pagar bem, com você fumando essas coisas.”

“É, mais ou menos.”

“Hmm”, o homem riu, um olho fechado em meio à fumaça.

“O que você faz?”

“Ah”, o homem disse. “*O que você faz.* Você tem cara de estudante.”

“Tão na cara assim?”

O homem bateu as cinzas na parede, levou o cigarro aos lábios e deu de ombros.

“Acho que sim. É, um pouco.”

Seamus nem sempre sabia conversar com os moradores locais. Ele não sabia se devia ser obediente, prestativo ou arrogante, se devia fingir que os universitários não eram parasitas. Às vezes, os moradores locais não se davam ao trabalho de disfarçar a falta de interesse no ensino superior, mas às vezes, sim. Seamus acompanhava o ritmo. Ele não sabia conduzir. Não sabia como ter uma conversa verdadeira com alguém que não se importava com o mesmo que ele.

O homem seguiu fumando. Ele deixou seus olhos fecharem. Os degraus frios de cimento adormeceram a bunda de Seamus.

“Vai esfriar mais hoje”, o homem disse.

“É, parece que sim.”

“Deixei as galinhas pra fora. Melhor eu ir andando. Ei, valeu pelo cigarro.”

“Tranquilo”, Seamus disse.

O homem foi seguindo pelo muro, se apoiando com a mão direita e fumando com a esquerda, mas, antes de ir, ele se virou.

“Ei, cara. Quer ver uma coisa?”

Seamus ergueu as sobrancelhas.

“O quê?”

O homem acenou com a cabeça na direção do longo caminho de entrada. Seamus olhou para trás, pela janela da cozinha, onde Lena limpava os balcões. Levantou devagar, batendo na parte de trás das coxas para aliviar a dormência, e seguiu o homem na escuridão.

Eles caminharam pelo cascalho, acompanhando os postes de madeira que ladeavam o caminho. O homem fumava enquanto eles seguiam, sem falar nada, o que fez a garganta de Seamus ficar seca. O silêncio da expectativa. Ele fazia uma ideia do que tudo aquilo

significava. Onde ia dar e por quê. Eles pularam a cerca e caíram em uma trilha escura. Seamus mantinha os olhos fixos na parte de trás da cabeça do homem. Na brancura da nuca dele. Seamus caminhava com cuidado, mas o homem seguia a passos largos tão tranquilos que ele ficou admirado. Eles alcançaram o topo da colina e desceram meio sem jeito pela encosta oposta.

Então eles estavam no que parecia ser uma rotatória de terra.

O homem parou com as mãos nos quadris, no meio do que um dia foi um estacionamento de trailers, e deu uma olhada nos veículos longos e brancos. Motocasas. Reboques. Um poste de luz brilhava amarelado como uma ferida infeccionada bem ali em cima. Uma série de caminhos de terra conduzia às ruínas daquelas casas, daquelas vidas. Parecia um lugar triste, solitário.

“Meu pai é dono desse buraco”, o homem disse.

“Ele é dono do que exatamente?”

“Do terreno. Ele alugava, deixava as pessoas estacionarem os trailers aqui. A bolha... antes de ela estourar, você sabe.”

“A bolha?”, Seamus perguntou.

“Você sabe, com Obama e tudo mais. De repente todo mundo precisava de uma casa. Nós abrimos esse lote pras pessoas, e elas ficaram, pagavam aluguel, mas depois piorou um pouco, não havia emprego, o turco deportando todo mundo, as pessoas estavam na pior. Daí tivemos que fechar porque ninguém mais pagava aluguel.”

“Ah”, Seamus disse. Ele não mencionou que a recessão tinha começado antes do mandato de Obama. Não fazia sentido argumentar e o fato não mudaria a realidade material do que havia acontecido com aquele lugar e com aquelas pessoas. Na verdade, os nomes — os nomes da história — não importavam. Quem fez o que

com quem e quando. Fatos e detalhes insignificantes. Só importava quando você fazia parte. Antes de o presente virar passado e antes de o passado virar história, quando era a sua família passando fome ou a sua cidade sem emprego, passando por dificuldades, não importava se você colocava a culpa no filho da puta certo. Não importava se você conhecia as origens, ou as linhas de descendência, dos traidores da classe. Era tudo um monte de bobagem. Republicanos. Democratas. Conservadores. Liberais. Libertários. Comunistas. Socialistas. Seja lá o que fizesse você dormir bem à noite. Era tudo enganação. Seamus ficou de boca fechada. Ele olhou para as janelas quebradas e para as aberturas onde os revestimentos de metal haviam sido arrancados.

“Faz uns anos, uns drogados vieram”, o homem disse. “Eles levaram tudo. Cobre. Revestimentos. Tudo o que puderam pegar. Como um bando de coiotes. Antes disso, o velho pensou que podíamos trocar os trailers naquele programa do governo. Você não deve lembrar, mas dava pra ganhar uma grana. A gente pensou em fazer isso. Ou dar um jeito nessa merda. Mas nunca fizemos nada. Então o velho ficou doente. E você está vendo no que deu.”

Seamus sentiu um pouco daquela velha culpa burguesa. A pena e a vergonha ao perceber que você tem uma condição um pouco melhor do que o outro. Mas então lhe ocorreu que aquele homem devia ter mais dinheiro que ele e isso aliviou um pouco a culpa. Eles ocupavam dois sistemas ao mesmo tempo. Que estranho. Essa rede de relações humanas.

“Era isso o que você queria me mostrar?”

“Não”, o homem respondeu. Então ele se virou, abriu o zíper da calça sem cerimônia e tirou o pau. “Isso.”

A nudez, a objetividade dela, foi remotamente chocante para Seamus. Mas depois, algo parecido com desejo deslizou suave pela língua dele. Confirmação. Seamus se aproximou do homem e se abaixou. Agarrou o calor humano do pau do homem e puxou, experimentando.

“Estou vendo”, Seamus disse.

“E aí? Vai ficar só olhando?”

De perto, Seamus pôde ver suas costeletas desgrenhadas, a mecha de cabelo saindo do boné de caminhoneiro. Com certeza ele cheirava a American Spirit. O homem tragou o que havia sobrado do cigarro e jogou a bituca na grama seca e fria. A bituca afundou na escuridão e desapareceu. Seamus ajoelhou, fechou os olhos e pressionou o rosto na pele almiscarada da pélvis do homem. Ele tinha um cheiro forte de suor e de fim de dia, mas havia um perfume de talco e de limpeza por baixo desse cheiro. Seamus abriu a boca e a cabeça do pau do homem deslizou pelos lábios dele, a ponta úmida, com um leve gosto de urina. Ele não tinha balançado direito.

O homem grunhiu de prazer, e Seamus entendeu isso como um sinal de que era para continuar, e ele continuou. Então o homem entrou no ritmo, entrando e saindo da boca de Seamus. Ele gostava de ser usado desse jeito. Às vezes pensava que as únicas coisas de que precisava de verdade na vida eram poesia e ser ocasionalmente dominado e fodido como um pedaço de carne. Seamus fechou os olhos e pôs as mãos nos quadris dele, mas o homem afastou suas mãos.

“Não encosta em mim”, ele disse. “Você não tem permissão. Agora abre essa boca, quero te ver engasgando nele.”

Seamus foi mais fundo, deixando o pau do homem distender a delicada membrana no fundo da garganta. O cara não era dotado. Não era nada demais. Não havia nada impressionante ali, a não ser a malícia na forma como ele fodia a boca de Seamus, e isso não era *pouca coisa*. Seamus gostou. A boca dele ficou grudenta, cheia de fluido. E então uma queimação persistente na garganta, mas ele aceitou isso também, como alguém aceita a escuridão quando se afasta da graça.

O homem pressionou a parte de trás da cabeça de Seamus de uma forma quase terna, e Seamus abriu os olhos, olhou para cima. Por um momento, na luz âmbar do poste, ele viu o sr. Fulton e depois o professor do seminário de poesia. Mas não era nenhum dos dois ali. Era o homem no estacionamento de trailers, fodendo a boca dele e resmungando baixinho que Seamus era um bom menino, que tinha uma boca boa, que sabia o que fazer.

O homem meteu com tudo. Fundo, fundo, bem fundo na garganta de Seamus, e Seamus quase engasgou. Mas não. Ele segurou. Então o homem grunhiu e gozou e, quando puxou, ele esfregou o que tinha sobrado no rosto de Seamus. Como uma espécie de unção, quente e pegajosa, com cheiro de saliva e mar.

Seamus levantou. Limpou a boca com o braço e tentou se recompor. A boca estava cheia. Ele não queria engolir, mas o homem estava de olho nele. E Seamus sentiu que, se cuspiisse, algo terrível aconteceria. O homem estava bem perto, observando-o com um olhar intenso e atento.

Ele engoliu. O homem agarrou Seamus e deu um beijo nele. Sem amor. Nunca havia amor. Mas, durante o beijo, Seamus sentiu, se não uma proximidade, pelo menos um reconhecimento de que eles

estavam juntos em alguma coisa, seja lá o que fosse. Fazia muito tempo que Seamus não se sentia junto de alguém em alguma coisa. Mesmo que por pouco tempo. O beijo não foi tão agradável assim. Eles só estavam trocando saliva em uma encenação grosseira de desejo e prazer. Seamus não estava duro. O homem ficava tateando entre as pernas dele, tentando fazer alguma coisa acontecer, mas Seamus se sentia frio e flácido lá embaixo. Mais do que tudo, doía ser agarrado com tanta força e apalpado. O homem lambeu o rosto de Seamus, que fechou os olhos e imaginou uma escuridão menor e mais particular na qual ele se via totalmente sozinho.

“Dá um tempo”, Seamus disse.

Na volta, o homem, fumando outro cigarro de Seamus, disse: “Eu precisava disso”.

“Gente moribunda te dá tesão ou o quê?”

“Não”, ele disse, parando. Depois enfiou o dedo no peito de Seamus. “Não faz piada com gente doente. Respeite os outros.”

“Foi você que disse que precisava disso.”

O tapa, quando veio, foi uma surpresa. Eles estavam parados na trilha do bosque. As luzes da casa de repouso eram visíveis à distância por entre as árvores. Seamus sentiu a solidão deles intensamente. O homem o segurou pela garganta e enterrou o cigarro na bochecha de Seamus. A brasa queimou devagar na pele dele.

“Meu pai está morrendo naquela merda de lugar. Ele foi um gigante. E agora está definhando que nem um veado com aids. Não se brinca com o que a morte faz com as pessoas.”

Seamus tentou se soltar, e o homem apertou a garganta dele com mais força até Seamus ficar de joelhos novamente. O homem agachou e os dois ficaram cara a cara na terra fria, o homem esmagando sua traqueia, olhando para Seamus como se ele fosse uma criança.

“Alguma coisa nessa vida já fez você se sentir pequeno? Acho que não. O que esse mundo faz com as pessoas. Você não sabe nada sobre crueldade. Eu devia te mostrar. Se existisse alguma justiça no mundo, eu te mostraria. Você acha que só porque gosta de chupar pau, o mundo te despreza. Mas não. Isso não chega nem perto do sofrimento real.”

Enquanto o homem falava, Seamus podia ver rastros de saliva espumando ao redor dos caninos dele. Pronunciados. Amarelos. Ele tinha a boca de um predador. Seamus sentia o cheiro do cigarro, da porra e da saliva do homem secando no rosto. Eles estavam muito perto. Tão perto quanto duas pessoas poderiam estar. Os rostos muito próximos. Como se tivessem se unido em oração. O homem olhava nos olhos dele.

“Eu devia quebrar sua cabeça”, o homem disse. “Eu podia fazer isso. Eu podia te levar de volta e te mostrar uma coisa engraçada naqueles trailers. Queria ver você rindo. O que você acha disso, engraçadinho?”

Seamus se sentia muito inadequado ao momento. O que ele realmente tinha diante da própria extinção? Era quase engraçado. Ele se sentiu tão idiota. Tão estúpido e impotente.

“Boa noite Joe, boa noite Joe, boa noite”, Seamus disse com a voz estridente.

O homem piscou lentamente, surpreso.

“Odeio veados que nem você.” Mas ele soltou Seamus. O homem o empurrou e se levantou. Ele cuspiu em Seamus, então reacendeu o cigarro e seguiu em frente.

Seamus sentou sozinho no chão. Com cuidado, tocou a queimadura na lateral do rosto. Era pequena. Muito pequena. Mas já podia sentir que mais tarde a dor pioraria muito. Porém ele estava seguro. Estava sozinho e seguro e olhou para a copa das árvores e tentou recuperar o fôlego. Então ele deu risada e tossiu — qual era o resto daquele maldito poema do Tate?

No banheiro da casa de repouso, Seamus secou o rosto. A queimadura redonda do cigarro. O inchaço enrugado e irritado. O fluido amarelo de gordura e carne embaixo. Na luz do banheiro, tudo ficava um pouco lúgubre. Um pouco assustador. A água fez a ferida arder. E o antisséptico do armário de remédios. Ardia, mas a dor também era distante.

Por que ele não fez alguma coisa para reagir ao que foi feito com ele no bosque? Por que ele deixou aquilo acontecer? O homem era mais forte que ele, Seamus sabia. Mas podia ter feito alguma coisa. Podia ter tentado se libertar e fugir.

A imagem de si mesmo de joelhos. As mãos do homem ao redor da garganta. Por um breve momento, o ar gelado, o perfume úmido do bosque. O cheiro dos cigarros dele no hálito do homem. Ele estava bem agora. Seguro. Mas o homem permaneceu. Seamus lavou o rosto e pôs um band-aid na mandíbula, tão esticado que pensou que o curativo rasgaria.

Na cozinha, o ar estava úmido. A sopa borbulhando. Eunice cortava uma baguete crocante. Lena temperava a salada. Elas

estavam conversando a respeito do tempo. Gelo nas estradas. Que dia fodido de longo. Longo demais.

“Você está péssimo, menino”, Eunice disse.

“É como eu me sinto.”

“O que aconteceu?”

“Só um corte. Você sabe. Às vezes acontece.”

Eunice resmungou, como se não acreditasse em uma palavra de Seamus. Que merda.

“Foi você e Bert que eu vi no jardim?”

Seamus olhou para o balcão brilhante e maltratado. Para a sombra dele. A explosão de luz do teto irradiando da cabeça dele como um halo ferido.

“Esse é o nome dele?”

“Com certeza ele filou um cigarro. Ele está sempre filando alguma coisa.”

“Sim, ele fez isso.”

“O pai dele está no terceiro andar. É uma pessoa difícil.”

“Ele ou o pai dele?”, Seamus perguntou, rindo apesar de seu estado. De onde vinha tanta petulância?

“Você é péssimo”, Eunice disse.

“Ele é o moribundo mais maldoso que eu já vi”, Lena disse. “Uma vez, quando eu estava lá em cima, a comida dele saiu voando pela porta antes de eu conseguir sair do quarto. Uma enfermeira apareceu e disse: ‘Ele prefere que deixe do lado de fora’. Tipo, fala sério. O cara quase pintou a parede.”

“Alguns deles não têm noção de nada”, Eunice disse. “Outros, sim. Vocês sabem. Eles estão fazendo a transição deles e não têm

mais o que fazer. Então eles só... descontam em todo mundo. Eu entendo. É difícil deixar esse mundo.”

“Será?”, Seamus perguntou. “Tipo, às vezes... eu só quero... largar tudo.”

“E fazer o quê, menino? Você nem viu o mundo ainda. Como você sabe que quer largar tudo se ainda não viu nada?”

Seamus apoiou o queixo na mão e olhou para Eunice. “Você devia ser minha professora de poesia”, ele disse.

Eunice parou o que estava fazendo e olhou para Seamus. A expressão dela se fechou e os olhos escureceram e ficaram distantes. Tudo o que se podia ouvir era o barulho da panela e o farfalhar das folhas que Lena temperava na tigela.

“Disso aí eu não entendo nada”, Eunice disse. “Não saberia nem por onde começar.”

Seamus percebeu que havia passado dos limites de alguma forma, dizendo uma coisa estúpida e ingênua.

“Não foi o que eu quis dizer”, ele disse.

“É justamente esse o problema.”

“Não entendi.”

“Não, você não entendeu”, ela disse, cortando o resto do pão e depositando na assadeira. Ela abriu o forno e pôs a assadeira. “Dá uma olhada na sopa. Vai trabalhar um pouco.”

Seamus levantou do banco e foi ver a panela. A sopa estava quase pronta. Ele adicionou uma caixinha de creme de leite. Mexeu. Observou o líquido ficar opaco e grosso. Seamus provou e achou muito doce, então pôs mais sal. Mas não muito. Havia preocupações com a saúde.

Quando Seamus ficou satisfeito, Eunice disse para ele cuidar da salada de frutas. Cortar mangas, abacaxi, pêssegos. Descascar e cortar as uvas. Espremer um pouco de suco de limão na grande tigela de vidro.

Ele pensou no que tinha dito para Eunice a respeito de ela ensinar poesia. Tinha sido no sentido de que havia algo errado com a educação dele. Sua intenção tinha sido expressar que os ensinamentos dela tinham uma materialidade, que significavam alguma coisa para ele. Que Eunice fazia parte do mundo real ao qual ele ansiava pertencer. Mas agora, espremendo os limões sobre as frutas, Seamus se deu conta de quão estúpido isso deve ter soado para ela. Banalidades. Eunice não vivia sua vida esperando o momento de distribuir sabedoria. O negócio dela era viver, tentar sobreviver. Eunice estava no centro de todo um universo inacessível à compreensão e ao entendimento de Seamus. Uma desatenção civil de sua alma o levou a dizer tamanha estupidez.

Eunice não precisava da bênção dele. O elogio de Seamus tinha sido um insulto.

Isso feriu o orgulho dele.

Eles fizeram uma pequena pausa antes de servir o jantar, e Seamus passou um expresso para os três. Ele encheu as xícaras e serviu Eunice e Lena com um pano de prato dobrado sobre o braço. Um gesto que ele tinha visto em um filme. Seamus afetou um sotaque francês ruim e disse: “*Mesdames*”.

Sentadas na ilha da cozinha, elas sorveram o café e generam de prazer. Eunice assentiu em aprovação.

“Você tem jeito mesmo”, ela disse.

Seamus assentiu sério e então, sem conseguir se segurar, abriu um sorriso.

“Até que eu tenho”, ele disse.

A refeição foi servida na longa mesa da sala de jantar. Eles dispuseram os pratos, os talheres, os copos. Muitos residentes andavam de cadeira de rodas e alguns estavam acamados. Outros precisavam da ajuda de cuidadores e dos enfermeiros. E às vezes dos familiares. Não havia nada de especial planejado para aquela noite. Só um modesto jantar: sopa, pão e salada. Uma cidra de maçã para celebrar a estação. Só um golinho. Os residentes entraram na sala com suas roupas de dormir. Xales, pijamas, camisolas, calças de lã e de algodão, lenços ou turbantes na cabeça.

Uma procissão cinzenta de moribundos e famílias igualmente cinzas. Filhas e irmãs mais velhas solteiras, irmãos e filhos aflitos. Netos e netas. Sobrinhas. Apenas sete ou oito apareceram para jantar. Bert sentou na cabeceira da mesa ao lado do pai, muito magro e severo. Mas ele estava vestido, totalmente vestido, de blazer esporte e calça social. Bert, de jeans e camisa de flanela, parecia deslocado de um jeito curioso. Mas os dois compartilhavam uma intensidade pesada e sombria.

O jantar estava em curso. O tilintar de colheres na porcelana. Seamus estava na porta da cozinha, observando a assembleia. As pessoas de cabeça baixa sobre as tigelas. Gratas, talvez, por finalmente terem com o que ocupar as mãos. Eunice estava lá embaixo na entrada, Lena lavava a louça.

Então Bert ergueu os olhos. Um contato visual curiosamente intenso. Seamus pensou no que ele disse no bosque. Que odiava veados como Seamus. E piadas sobre moribundos. *Ab*, Seamus

pensou. *Ab*. O pai dele não sabia. Bert não era assumido. Isso explicava a raiva sem sentido.

Seamus se sentiu poderoso. Essa era a palavra. Poderoso.

Ele sorriu para Bert e acenou de forma bem afetada justo quando o pai dele estava olhando. Seamus ergueu as sobrancelhas de forma sugestiva e se virou para entrar na cozinha.

Lena estava observando Seamus.

“Nós já temos muitos problemas”, ela disse.

“Eu não vou ser um problema.”

“Sim, não pra você.”

Seamus deu de ombros.

Mas ele se sentia muito bem.

Como se, no fim, tivesse conseguido revidar.

Seamus subia a North First Avenue pela calçada congelada. Virou à esquerda e desceu uma ladeira sob as árvores. Ele seguia pelas ruas secundárias, cortando caminho por jardins a caminho do centro. De vez em quando fazia um cachorro latir e puxar a corrente que o prendia no quintal, ou passava por uma família jantando ou assistindo ao noticiário da noite. As janelas iluminadas de outras vidas, famílias, lhe causavam vertigem.

Então um farol alto piscou. Seamus parou na calçada para deixar o carro passar, mas os faróis apagaram e ele pôde ouvir o carro atrás dele, os pneus estalando baixo. Seamus olhou para atrás. Uma caminhonete preta se aproximava lentamente. Não havia mais ninguém na rua. Fazia silêncio. Casas e prédios. Seamus atravessou a rua e seguiu para a direção leste. O carro o seguiu. A rua ficou mais estreita, mais escura. Mais inclinada. Seamus

pedalou mais forte para ganhar velocidade, então fez um retorno e mudou de direção, seguindo para o norte. Ouviu-se um guincho e um baque surdo, como latas de lixo caindo.

Seamus recuperou velocidade, pedalando bem forte, as coxas queimando. As costas dele doíam. O suor fez a ferida arder embaixo do curativo. Mas ele seguiu em frente. Será que era Bert? Ele estava atrás de vingança? Seamus chegou no topo da subida perto do College Green Park. Ele soltou o ar, tranquilo. Agora sabia onde estava. Passou pela loja de orgânicos, virou e pegou a Iowa Avenue, seguindo até o coração do centro da cidade. Os universitários estavam reunidos no semáforo perto do Joe's. A música alta vindo do bar da esquina. Ele passou pela livraria Prairie Lights e pelo Micky's. Seamus considerou ficar ali até a barra estar limpa. Então subiu até a Market e estacionou a bicicleta na frente do George's.

Até que Seamus se lembrou. Era noite de seminário. Os colegas estariam lá. Ele olhou por uma das janelas embaçadas, tentando espiar com as mãos sobre os olhos. Ele viu Oliver. Ele viu Ingrid e Linda. Helen. Uns meninos de outro grupo de poetas. Rindo no balcão do bar, nas mesas. A música alta trepidava o vidro. Ele não podia entrar lá agora, aparecer no fim da noite, sabendo que não tinha sido convidado e o motivo. Seamus estava cansado. Ele não tinha paciência para aquilo. Precisava ficar alerta. Ele não tinha certeza se havia conseguido despistar a caminhonete preta ou quem quer que fosse. Isso se o motorista realmente estivesse atrás dele, o que poderia não ter sido o caso. Ele precisava parar de ser tão paranoico. Tão certo da própria condição de vítima. A situação o aproximava de Beth e da cabeça de Górgona.

Ele se apressou pela rua até o Fox Head. O bar do pessoal da ficção, mas como era noite de folga deles estava vazio de escritores, e naquele momento em particular também não havia muitos moradores locais por lá. O barman devia ter uns quarenta e cinco anos, calvo e com um rosto esquelético. Ele usava camisetas de bandas antigas e se exibia limpando os copos. O bar estava escuro e barulhento, a mesa de bilhar, vazia. Seamus sentiu o vazio do bar intensamente. Não havia calor ali. Ele pediu uma Pabst, mas o barman não tirou os olhos do copo que estava limpando, como se não tivesse ouvido Seamus. Depois de alguns segundos, ele assentiu, encheu o copo de cerveja e o empurrou devagar pelo balcão. Seamus jogou os dois dólares em cima do balcão. O barman só olhou para o dinheiro e, dando de ombros, pegou um outro copo e começou a esfregar.

Seamus se jogou em uma mesa perto da parede lateral. A janela engordurada dava para a rua, a calçada e para o John's do outro lado. Bebendo a cerveja, Seamus tentou fazer as mãos pararem de tremer. Sempre que um carro passava, ele se abaixava e espiava pela janela, tentando ver a marca e o modelo. Não passava nenhuma caminhonete. Só carros pequenos e compactos, de pais de alunos ou pessoas sensatas com empregos de verdade. Universitárias usando calças com cós de elástico. Pessoas indo fazer compras no John's. Seamus verificou seu relógio.

A primeira cerveja não ajudou. Mas a segunda, sim. Dois homens entraram, bonés de beisebol escondiam o rosto deles. Seamus sentou no balcão depois da terceira cerveja, sem motivos para voltar para a mesa e ficar encolhido lá. Ele sentou ao lado de

um cara alto de macacão. O cara bebia lentamente de uma garrafa. A barba dele era cheia.

Eram apenas os dois ali no balcão, bebendo devagar. O amigo do cara veio dos fundos do bar, dos banheiros. Ele tentou puxar papo com o amigo.

“Achei que vocês resolveriam as coisas”, ele disse. “Não desista de uma relação tão boa.”

“Não é desistir quando ele está sendo um idiota.”

No ambiente, “Hurts So Good”, de John Cougar, tocando um pouco alto demais. Distorções nos alto-falantes. Seamus podia sentir a música nas obturações de seus dentes. O cara ao lado dele resmungando. Seu amigo sendo persistente. Então Seamus sentiu um toque na parte de trás do braço e se virou. Era o amigo.

“Ei, cara. Diz pra ele não largar o namorado dele.”

“Não larga seu namorado”, Seamus disse. O barman deslizou o troco pelo balcão. O amigo devolveu o dinheiro a ele e acrescentou mais uma nota de dois dólares. O cara que estava prestes a dar o fora no namorado parecia mortificado.

“Desculpa. Ele está muito bêbado.”

“Eu também”, Seamus disse, apontando o fundo da garrafa para eles. “Totalmente chapado.”

“Eu conheço você?”, o amigo perguntou. Ele, assim como seu companheiro, era alto. Jaqueta de trabalho, boné de beisebol. Ele era muito magro e tinha os dentes separados.

“Não, mas poderia. Sou Seamus.”

“Hartjes”, ele disse.

“Diferente”, Seamus disse, seco.

“Fyodor”, o outro cara disse.

“Mais diferente ainda.”

“Pais”, Hartjes disse.

“Vocês são russos?”

“Negros”, Fyodor disse. “Só negros.”

“Bom...”, Hartjes começou a dizer.

“Principalmente negros.”

O pescoço de Seamus ficou vermelho. “Ah. Eu não quis ofender falando do nome de vocês. Desculpa.”

“Homem branco em fuga”, Hartjes disse.

Fyodor deu de ombros.

“Aliás, não me escuta. Se quiser dar um pé na bunda do seu namorado, dê. Não deixa eu te impedir.”

“Ele é um cara legal. Só é difícil. Acho que é assim pra todo mundo.”

“Sim”, Seamus disse. “Cara, é mesmo.”

“Isso parece muito o começo de uma história.”

“Não faço ideia. Sou poeta.”

“Um poeta! Cara, não brinca. Tivemos que desistir do outro lugar porque estava cheio do seu pessoal lá.”

“Sim. Eles andam em manadas.”

“Você quer dizer *nós*.”

“É, *nós*, sim”, Seamus disse, rindo. A música mudou. Dylan. “Tambourine Man.”

Fyodor apoiou a garrafa no balcão e fechou os olhos. Ele corava um pouco. Seamus sabia que era hora de ir para casa e cuidar da sua vida para variar um pouco. Mas era legal estar ali sentado na companhia de outras duas pessoas. Depois da noite que ele teve.

“Cara, você já se sentiu como... sei lá... como se você pudesse morrer de tão agradecido por seu dia ter terminado?”

Hartjes olhou para ele e Fyodor riu.

“Esses caras brancos são loucos”, Hartjes disse.

“É, acho que sim.”

Hartjes e Fyodor acompanharam Seamus até a bicicleta parada na frente do George's. Fyodor voltaria dirigindo para casa, para encontrar o namorado que ele planejava dispensar, quem sabe. Hartjes ficou ali enquanto Seamus soltava a bicicleta. Hartjes disse que poderia acompanhar Seamus até o estacionamento perto do grêmio. Ele tinha deixado a caminhonete lá. Seamus disse que era caminho para ele.

Eles seguiram pela Market e passaram pela faculdade de administração. Já estava escuro, mas não estava tão tarde, passava um pouco das onze. O vento aumentava, vindo do rio. Em frente ao estacionamento, aquela torre de luzes alaranjadas, Hartjes se aproximou de Seamus. Respirou em seus lábios. Cerveja azeda. Seamus o beijou — se lembrando de Bert, do expresso — e então se afastou. Seu hálito devia estar ruim. Ele havia enxaguado a boca, mas ainda podia sentir o gosto de Bert. Hartjes sorriu, enigmático. E pôs a mão na lombar de Seamus.

“Você pode ir comigo pra casa”, ele disse. “Ou...”

“Eu acho melhor... ir pra minha casa. Antes de eu me meter em problema.”

“Justo”, Hartjes disse. “Mas me dá seu número.”

Seamus digitou seu número no celular e o devolveu. Hartjes mandou uma mensagem para ele e disse que poderia encontrá-lo se

Seamus quisesse. Ou não. Seamus disse sim, seria ótimo. Então se separaram e Seamus ficou sozinho.

Conduzindo a bicicleta pela ponte. O vento estava mais forte e cortava o rosto. Ele olhou para cima. As estrelas, ele pensou, têm testemunhado sua vida inteira. Elas viam tudo. Ele e todas as outras pessoas que já viveram e viveriam.

Era como viver em uma exposição de museu ou em uma casa de bonecas. Era tão fácil imaginar as mãos de um deus descomunal e indiferente intrometendo-se nas casas e espiando as pessoas enquanto elas viviam suas vidas mecânicas como autômatos em uma exposição chamada *Vidas tardias*. Um deus com uma cabeça de Górgona olhando de cima e julgando.

O que ele deveria fazer diante disso? Virar pedra? Foda-se.

Ele não dava a mínima.

Seamus morava em uma quitinete nas colinas arborizadas com vista para o resto do campus. O piso rangia sob os pés dele, e sempre soltava um ganido estridente, como um gato assustado. O apartamento ficava em um prédio residencial construído nos anos 50 ou 60. O prédio era robusto, diferente do apartamento dele, que havia sido separado de um cômodo maior. Dava para sentir a diferença na resistência da madeira, que deformava e ameaçava ceder.

Viviam todos nesses quadrados esculpidos na grande massa da história, em suas vidas antigas.

Em seu apartamento, Seamus requentou um pouco da sopa que havia trazido da casa de repouso e sentou na mesa. Uma pilha de poemas descartados olhava para ele em um julgamento inerte —

sua compostagem, como ele chamava. Entre os fragmentos apressados, impensados, quadras e dísticos recortados de outros fracassos, havia uma coroa de sonetos acerca de freiras alsacianas durante a Guerra dos Trinta Anos.

Uma vez ele leu um relato histórico a respeito de um grupo de crianças que foram lançadas em um rio dentro de barris para fugir das autoridades católicas. Mas alguém cometeu um erro terrível, os barris com as crianças foram esvaçados pelas pedras e todas elas tiveram mortes horríveis. Um grupo de freiras se reuniu nas margens do rio à noite, e elas mergulharam para resgatar as crianças, ou o que havia sobrado delas. Era como uma fábula, a ideia de um grupo de irmãs sagradas despindo os hábitos e mergulhando na água fria em vestes brancas em busca de crianças afogadas. Por dias depois de ter lido a história Seamus sentiu o peso dela, como se fosse ele que tivesse entrado na água inteiramente vestido.

A princípio os poemas saíram bem, ou assim Seamus pensou. Os versos brilhavam como estrelas frias, austeros, distantes e perfeitos. Mas depois de terminados, cada soneto contando a história de uma irmã e de uma criança, a salvadora e a perdida, um chamado e uma resposta ou, melhor, um silêncio, Seamus odiou os poemas. Ele havia se adiantado na excitação da escrita, na exaltação indistinta de pôr as palavras no papel. Pior ainda, ele quase atingiu o ápice de suas habilidades técnicas e, em seus momentos mais desesperados, lançou mão de trocadilhos, truques baratos, evasivas sentimentais. Havia uma falsidade neles, realçada pela restrição da própria forma. Não havia onde se

esconder em um soneto e, no início, essa havia sido exatamente a intenção.

Seamus costumava pensar que se podia escrever sobre o passado como uma forma de entender o presente. Mas agora seus colegas de classe só escreviam sobre o presente e sua urgência. O próprio ato de compreensão ou contextualização estava centrado no “eu”, mas o “eu” abstraído de uma ideologia marxista mal interpretada. O “eu” na poesia contemporânea era uma manifestação extremamente corrompida e abjeta de um sistema de enganos e atrocidades históricas privados de seus contextos históricos ou qualquer entendimento real mais rigoroso. Os poemas deles eram queixas diante de feridas infligidas e obstruídas. Ninguém queria ler os poemas dele sobre catolicismo, freiras alsacianas ou o apocalipse da Guerra dos Trinta Anos. As pessoas queriam entender onde *ele* se encaixava. A poesia era apenas um jogo de combinações, e os poemas eram as cartas.

Seamus encarava um caderno que havia marcado com cliques de papel e sobre o qual tinha posto um peso de cerâmica. Então ele pegou uma caneta e dispôs os primeiros versos de um poema que havia lhe ocorrido na volta para casa:

*Quão vastas as suas obras, Ó Cabeça de Górgona —
a noite, o século, o silêncio, o grito.*

Animais do campo

Fyodor, do lado de fora, bêbado na caminhonete, ouvia o barulho do motor esfriando. Uma luz dourada na janela da sala. O halo brilhante da luz da varanda no frio úmido. O lampejo do sal azul espalhado nos degraus da frente para o caso de nevar mais cedo. Do lado de fora, na caminhonete, ouvia o barulho do motor esfriando.

Timo passaria a noite lá.

Ele pensou em dar ré e dirigir até acabar a gasolina ou até cair no rio. Já passava da meia-noite. Timo ainda estava acordado. Isso poderia significar uma briga — outra. Tinha sido um dia longo na fábrica. Os dentes dele doíam por causa do barulho das prensas hidráulicas, o sibilo pneumático das pistolas de ar que eles usavam para soprar o pó dos farelos de ossos e da carne desidratada. Ele ainda estava de macacão, ainda podia sentir o odor ferroso de sangue, a salinidade peculiar dos banhos de gelo que faziam sua pele ficar esbranquiçada e sensível. O que Fyodor queria era um banho demorado e uma longa noite de sono. Foi um erro ter ido beber com Hartjes. Mas ele tinha ido e agora estava bêbado, com a cabeça pesada, tentando reunir coragem para entrar na própria casa.

Fyodor trabalhava como açougueiro, limpando a carne. Ele removia a gordura rosada e o tecido conjuntivo da carne vermelho-escura, macia e delicada, como uma tessitura ou uma massa. Era preciso respeitar a geometria natural, as irregularidades da fibra dos músculos, a forma como cediam. Se você fizesse tudo com muita força ou rápido demais, poderia arruinar o corte, transformando uma peça luxuosa de carne em algo que ficaria melhor moído. A princípio, o que o surpreendeu foi como a carne remetia tão pouco a qualquer animal. Depois, concluiu que ninguém comeria carne se ela fizesse com que as pessoas lembrassem dos animais dóceis.

O trabalho era difícil porque embalava você em um transe para depois te punir por qualquer descuido. Era necessário entrar em um estado de atenção indiferente. Era necessário usar protetores por causa do barulho das máquinas, mas você ainda precisaria ser capaz de ouvir os gritos dos homens nas serras porque as circunstâncias podiam mudar num instante. Também fazia frio. E as mãos dele eram corroídas pelo higienizador e pelo desinfetante. Os nitratos e os banhos de gelo, os sibilos e jatos de nitrogênio líquido. E também havia o perigo das prensas hidráulicas e do maquinário interno reluzente e constante que movimentava as esteiras. Às vezes você entrava tanto no ritmo, cortando no sentido das fibras, a gordura soltando facilmente, como se não fosse nada, que você se esquecia de si mesmo. E se você chegasse muito perto de alguma coisa, seu braço seria cortado fora.

O mais perigoso era pensar que se tinha controle quando não se tinha. O trabalho demandava certa humildade. Mas, enfim, assim era a vida.

Timo achava que esse trabalho era um tipo de crueldade animal. Ele gostava de dizer que Fyodor participava de um sistema que custava a vida de milhões de animais.

Ele e Timo tinham se conhecido em um aplicativo e estavam juntos havia quase um ano. As brigas relacionadas ao trabalho de Fyodor eram constantes, mas, no começo, tinham sido excitantes. Tinha sido um ponto de discórdia que motivou os dois e melhorou a vida sexual deles porque deu ao sexo outra dimensão, uma profundidade. O sexo era uma forma de brigar sem brigar, ou a briga era uma forma de foder sem foder — uma briga que, esperava-se, *terminaria* em foda. Ainda assim, em alguns momentos, Fyodor achava estranho que a vida sexual deles resultasse de uma discussão mal resolvida sobre o que ele faz da vida. Timo era vegetariano.

Fyodor saiu no frio. O céu estava claro e limpo. A rua estava vazia, a não ser pelos arruaceiros que moravam nos prédios em frente ao estacionamento do hospital. Música alta, gritos, janelas abertas: estavam se divertindo. Eles não precisavam de uma desculpa pra nada, Fyodor pensou. Só viviam como queriam. O tempo não significava nada para eles. Passava por eles como um rio. A passagem do tempo. O que o tempo significava quando você tinha tempo de sobra?

Ele subiu os degraus e entrou no saguão principal da antiga mansão estilo Queen Anne, que havia sido desmembrada em apartamentos. Fyodor ouviu o que parecia ser música clássica. Ele ficou ali, com a cabeça encostada na porta, ouvindo. Era um piano. Timo nunca mais tinha compartilhado essa parte dele, não desde as primeiras semanas do início do relacionamento. Agora, ele

guardava esse lado da vida dele como se compartilhá-lo fosse quebrar uma promessa que ele havia feito para si mesmo.

Fyodor encontrou Timo deitado na sala de estar ouvindo a música que saía da caixinha de som em cima da mesa. Timo apoiava um braço sobre os olhos e marcava o tempo com a mão livre. Era uma música melancólica.

“Você está acordado”, Fyodor disse.

“Eu não estava te esperando. Estava corrigindo exercícios e precisei de uma pausa.”

“Justo.” A explicação magoou um pouco Fyodor, mas ele não soube exatamente por quê. “Já comeu?”

“Com Goran.”

Fyodor encheu um copo de água e bebeu em frente à pia, olhando para o pinheiro alto no jardim. A luz azul da varanda do vizinho refletia nas pontas das agulhas. A pia estava vazia. Ele lavou e pôs o copo no escorredor.

“Deve ter sido bom ter saído com ele.”

“Estou ouvindo”, Timo disse. A música ficou mais alta, mas também mais melancólica. Fyodor desabotoou as alças do seu macacão e o abaixou até a cintura. Então tirou o moletom preto e a blusa térmica que estavam por baixo. O apartamento estava quente. Ele devia tomar banho antes que o aquecimento fosse desligado. Fyodor viu a mão de Timo no ar, como se ele moldasse a música que saía da caixinha de som. Havia picos brilhantes na melodia, uma série de notas tocadas rapidamente e então revisitadas com menos velocidade um momento depois.

Jantar com Goran — isso com certeza explicava o humor dele. Fyodor se despiu no pequeno banheiro que dava para a sala, foi

para debaixo do chuveiro e regulou a temperatura e a pressão da água no máximo. A música soava por baixo do barulho da água que batia na parte de trás de sua cabeça. Ele tentou não ouvir, mas a música estava muito presente nele agora. Então ela sumiu, talvez Timo tivesse desligado, ele pensou. Ele também estava magoado.

Ele se secou no quarto. Agora Timo estava batendo coisas na cozinha. Fyodor sentiu cheiro de molho de tomate, ouviu o barulho de tampas de panela. Seus pés doíam muito. Timo lhe trouxe um prato de macarrão e sentou aos pés da cama enquanto Fyodor comia. Ele estava grato pela comida — o sal e o óleo, o tempero do molho de tomate. Sem a música, os dois podiam ouvir o vizinho andando no andar de cima. Sinais de vida extraterrestre. Timo olhou para cima. Fyodor observou os tendões do pescoço dele, o movimento dos olhos.

“Muito legal o que você estava ouvindo”, Fyodor disse.

“Melhor eu voltar pras minhas correções.”

Timo levantou. Ele parou no limiar da porta e olhou para trás.

“É só música”, ele disse. “Não era nada especial.” E saiu.

O impulso aniquilador de Timo, como se tudo fosse uma batalha a ser vencida, era exaustivo. Fyodor comeu seu macarrão e pensou na conversa no bar com Hartjes, se ele deveria ou não terminar com Timo e poupar os dois de um monte de problemas. Aquelas discussões — aquelas brigas passivo-agressivas tão, tão insignificantes e sem motivo que duravam dias. Por quê? E pra quê?

Fyodor passou os dedos no resto de molho vermelho do prato e lambeu. As unhas dele brilhavam, gordurosas. Ele se recostou na cabeceira da cama. As costas doíam. As articulações começaram a

doer depois de um tempo sentado. A água quente tinha feito o trabalho de acabar com ele. Fyodor poderia dormir por anos. Mas ele levantou e levou o prato até a cozinha para lavar. Ele estava enxaguando-o embaixo da água morna quando Timo gritou do banheiro: “Isso aqui parece um campo de concentração. Você não pode deixar suas roupas de trabalho na caminhonete?”.

“É meu banheiro”, Fyodor respondeu.

Eles não moravam juntos. Era uma escolha de Timo, e Fyodor não tinha do que reclamar, de verdade, só que Timo às vezes agia como se eles *morassem* juntos. Timo não disse nada. Mas então, ele veio, se apoiou no batente da porta e franziu a testa como uma criança mimada. Fyodor sacudiu a água das mãos.

“Você não me ouve”, ele disse. “Você só está bravo comigo porque sabe que seu trabalho é moralmente indefensável.”

Fyodor se inclinou sobre a pia e a agarrou com força. Sua cabeça latejava. Um dos caras da fábrica, Tom Stein, tinha se cortado feio, e ele gritou tão alto que todo mundo conseguiu ouvi-lo por cima do rugido das esteiras e do barulho das prensas. O grito fez os dentes de Fyodor doerem. Fyodor acabou compensando a ausência de Tom, o que tornou o dia longo e sangrento. Suas costas doíam. Seus ombros doíam. Fyodor bateu com o punho na beira da pia e resmungou.

“Minha vida é esta. Você acha que isso é temporário, mas não é. Minha vida é esta. E vai continuar assim.”

“Não é verdade”, Timo falou em um tom monótono e arrastado. “Você tem tanto potencial, e o que você faz é assassinato, é horrível que você faça isso. Eu não me importo de dizer.”

Às vezes Fyodor pensava que Timo era a pessoa mais inteligente que ele já tinha conhecido. Mas em outras, o achava um idiota. Ou, se não estúpido, então muito ingênuo, como algumas pessoas negras podem ser quando crescem com dinheiro e pais que acreditaram nelas. Os dois eram mestiços, mas, fora isso, não tinham nada em comum, o que, a princípio, tinha animado Fyodor. Alguém tão parecido com ele que não precisaria explicar a estranheza de ser uma coisa ou outra, embora fosse evidente que era negro, também era mestiço. Era como um quebra-cabeça cuja solução apresentada era obviamente errada, mas também irrefutável. Se você era mestiço, você era negro. Fyodor não tinha nenhum problema com isso. Mas Timo era muito de classe média, e isso às vezes o iludia a respeito da forma como o mundo o via.

A ingenuidade de Timo em relação ao assunto era fofa. E sexy, às vezes, como alguém que fingia ser mais burro do que era. Mas em algumas ocasiões, como agora, Fyodor queria torcer o pescoço dele. Ele parecia tão complacente e *seguro* de si.

Eu não me importo de dizer era uma coisa que você só podia dizer se tivesse crescido pensando que tinha opiniões. Apenas se de fato você tivesse opiniões. Mas Timo não era totalmente desprovido de autoconhecimento. Ele tinha ido para a faculdade, Fyodor sabia, e era um cara esperto — muito esperto. Timo era especialista em lógica, o que soava muito mais incrível do que era de fato. Fyodor não entendia do que se tratava, só que envolvia matemática e símbolos estranhos. Timo tocava piano e entendia de música e de arte. No verão, a prefeitura instalava pianos nas calçadas para as pessoas tocarem, e às vezes, quando os dois voltavam para casa, o ar perfumado e vivo no cair da tarde, Timo

parava e tocava alguma coisa para ele. Só um pequeno trecho de alguma coisa impressionante e bela. Na primeira vez, Fyodor ficou tão surpreso pela facilidade com que Timo tirou algo tão maravilhoso daqueles pianos velhos que ele parou e se engasgou com cerveja. Eles estavam voltando do bar. Fyodor bebia discretamente com seu saco de papel. Mas então Timo fez aquela coisa com o piano e o mundo todo mudou.

“Caramba”, ele disse.

Timo só deu de ombros, foi até ele e disse: “Essa coisa precisa ser afinada”.

Mas em outras vezes, como agora, na cozinha, Timo só olhava para ele com uma hostilidade indiferente, totalmente inalcançável.

Fyodor sentia que, se voltasse a abrir a boca, o que sairia dela não seria a própria voz, mas o grito de Tom. Tom havia ensinado Fyodor a usar a faca para separar a gordura da carne, a puxar a gordura sem tensionar as fibras dos músculos, o que procurar quando você passava a mão pela capa de gordura. Tom, retinto, os dentes bem separados. Ele era grandão e bondoso, com mãos tão rápidas que pareciam duas espadas elegantes. Tom. Como ele tinha se cortado? Ele era tão cuidadoso.

Fyodor fechou os olhos. “Isso aqui não vai dar certo.”

“Por que você quer ser assim pra sempre?”

“Eu não quero”, Fyodor disse. “Não tem a ver com querer. Alguns de nós não têm o que querer.”

“Ah, a nobreza das classes trabalhadoras. Vamos lá. Você não precisa trabalhar naquela fábrica. Existem outros empregos. Outras coisas que você poderia fazer. Todo mundo tem agência, Fyodor.”

“Você está certo”, ele disse. “Nós temos.”

Fyodor deixou a pia e atravessou a cozinha com três passos rápidos. Timo se encolheu. Na porta, Fyodor respirou fundo. O ar do apartamento estava parado e quente demais. Fyodor abriu a porta. Lá fora, na varanda, tudo estava frio e escuro.

“Por favor, saia”, ele disse. Timo olhou para ele com uma expressão de descrença, mas Fyodor só abriu mais a porta. “Por favor.”

Timo foi embora naquela noite e os dois não se falaram pelo resto da semana. Não se falaram na semana seguinte. E então foi como se eles nunca tivessem estado juntos.

As coisas seguiram em frente.

As coisas sempre têm um jeito de seguir adiante.

Fyodor estava no café em cima da livraria. Era onde se tomava o melhor expresso pelo menor preço no centro da cidade, e nos dias de folga ele gostava de ficar lá vendo os estudantes, cujas vidas pareciam tão comuns e, portanto, agradáveis. Eram meados de novembro, o fim do semestre, e os estudantes estavam um pouco ansiosos e agitados. Estavam chapados de estimulantes e anfetamina. Memorizando atlas do corpo humano e fatos a respeito de várias guerras e catástrofes.

Houve uma época em que Fyodor quis ser como eles. Quando ele ainda alimentava certas ideias em relação à sua capacidade. Mas então conheceu estudantes em bares e baladas e viu como os olhos deles perdiam o brilho quando ele tentava puxar assunto. A forma como percebiam lentamente que eles pertenciam a mundos

diferentes. Fyodor parou de admirá-los. Eram só crianças. Era por isso, agora ele entendia, que não tinha dado certo com Timo.

Ele estava lendo um livro de contos de Garshin. O pai de Fyodor era russo. Ou *foi* russo, de uma longa linhagem de russos. Fyodor tinha recebido o nome de seu bisavô. *Porque você é russo, não deixe ninguém dizer o contrário*, o pai dele disse. Mas os pais às vezes diziam coisas que não queriam dizer, e mesmo que quisessem, elas não importavam de verdade no grande curso da vida. Fazia uns anos que ele não falava com o pai. Aquela vida tinha ficado para trás. Lá no Alabama.

Ainda assim, Fyodor lia os contos, de maneira experimental, para ver se conseguia acessar alguma coisa. Algo ancestral e misterioso. Ele não encontrou nada no café aquele dia. Só descrições claras e intensas da vida cotidiana que se desviava de maneira sutil e irremediável de seu curso. Dramas russos da diversidade humana. As histórias não tinham nem um pouco a ver com ele e o aço frio das esteiras ou as lâminas das serras. Nada nelas lembrava a vida dele, mas ainda assim ele as lia.

Ele não era o melhor leitor. Ele e Timo brigavam por causa disso — Timo segurava o celular para mostrar algo para Fyodor e se cansava de esperá-lo terminar de ler. Fyodor tentava explicar que lia devagar porque às vezes suas pálpebras pesavam e as palavras embaralhavam. Mas ele gostava de histórias e se lembrava do que lia. Ele guardava a história na cabeça por um bom tempo, manipulava a narrativa. Explorava. Ele gostava de ouvir Timo lendo em inglês e em francês. Ele não entendia francês, mas podia sentir o significado bem no fundo do som das palavras. Timo dizia para ele comprar um audiolivro ou fazer um teste de dislexia, ele já

tinha idade suficiente para ler sozinho. Então, não, ele não era um bom leitor. Mas apreciava o esforço da leitura. E a absorção lenta das histórias em sua mente.

Com o benefício do retrospecto, agora que fazia algumas semanas que eles tinham terminado, Fyodor achava que Timo era um idiota mesmo.

Então, como se Fyodor o tivesse conjurado, ele entrou no café com Hartjes, que acenou para ele. Fyodor devolveu o aceno. Timo não acenou, o que deixou Fyodor um pouco magoado.

Enquanto Timo pedia seu café, Hartjes se aproximou para falar com Fyodor. “Quanto tempo”, ele disse. “Ei, que história é essa de vocês terminarem?”

Fyodor não queria entrar nesse assunto, tanto por Timo estar só há alguns metros de distância como por ele não saber se conseguiria explicar muito bem. Qualquer parcela da explicação parecia insuficiente: Timo não o levava a sério, Timo era egoísta, eles queriam coisas diferentes. Tudo verdade, mas Timo também era generoso, engraçado e gentil no seu jeito meio grosseiro. Ele era uma boa companhia, e as brigas deles tinham uma energia animalesca que fazia Fyodor ficar duro e querer transar com Timo. A tensão que o fez mandá-lo embora naquela noite era a mesma que fazia Fyodor querer ficar com ele. Mas como explicar isso sem parecer maluco?

Nada soaria convincente ou verdadeiro, então Fyodor disse com sinceridade: “É complicado, mas idiota”.

Hartjes sorriu e sentou. Ele pegou o livro que Fyodor estava lendo. “O que é isso?”

“Uns contos”, ele respondeu.

“Garshin. Nunca ouvi falar”, Hartjes disse.

“Ele é russo”, Fyodor disse.

“Entendi. Nunca achei que você fosse do tipo que gosta de contos.”

“Que tipo você achou que eu fosse?”

Antes de Hartjes ter chance de responder, Timo se aproximou com dois copos de café. Ele puxou uma terceira cadeira e lá estavam eles, os três.

Timo folheou o volume de contos. O rosto de Fyodor esquentou. Era como ser avaliado. De repente, ele desejou ter ficado em seu apartamento, onde tinha passado os últimos três dias se sentindo doente. Ele havia comprado o livro uma hora atrás mais ou menos e só tinha lido os primeiros contos. Não conseguia pensar em um bom motivo para explicar para Timo e Hartjes porque o comprara, e os dois pareciam meio surpresos com aquilo, como se ele de repente estivesse se comportando de forma diferente. Hartjes se recostou na cadeira, que rangeu um pouco. Fyodor pegou o livro quando Timo o devolveu e, tímido, baixou os olhos para o seu café.

“Não sabia que você gostava de literatura russa”, Timo disse. Havia um tom maldoso e debochado em sua voz. Era assim que alguns amigos em comum falavam com Fyodor quando achavam que ele tinha feito algo que não condizia com ele. Quando se oferecia para cortar os vegetais à *julienne*, ou quando, com delicadeza e ternura, pegava os bichos trêmulos deles no colo e falava com eles num tom reconfortante e suave até que parassem de tremer, ou quando seus olhos lacrimejavam no final dos filmes, enquanto tocava uma música calma e otimista, como uma chuva

fina ou uma névoa em rostos esperançados. Nesses momentos, Fyodor costumava se ver através dos olhos das pessoas e entendia que elas o viam de uma forma totalmente diferente — como um cara bruto e estúpido.

“Eu sei ler”, Fyodor disse em voz baixa.

“Eu não disse que você é analfabeto”, Timo disse.

“Como você está?”, Hartjes perguntou.

Fyodor tamborilou sobre a mesa. “Eu estava meio doente esses dias, acho. Mas estou me sentindo melhor agora.”

“Que bom”, Hartjes disse.

“Doente de quê?”, perguntou Timo. “Você não parece doente.”

“Sim, porque estou melhor”, Fyodor disse. “Melhor assim, né? Não parecer doente.”

“É.”

Hartjes suspirou. “Que ótimo.” Ele terminou o café e foi buscar um refil, deixando Timo e Fyodor sozinhos. A princípio, Timo não olhou para ele. Fyodor estudou a barba de Timo, que crescia. Estava mais grossa do que ele se lembrava. Vermelho-escura agora, principalmente nas pontas. O cabelo dele estava levemente ondulado, sobretudo atrás das orelhas. O pescoço dele era macio, e Fyodor se lembrava da temperatura e da textura exatas da pele ali, onde costumava beijá-lo, em particular à noite, quando eles iam dormir.

Ele quis — embora querer não fosse a palavra correta, pois querer implicava algo de consciência que estava ausente, então seria melhor dizer que Fyodor sentiu, em algum lugar, bem fundo no centro de seu corpo, um impulso de — tocar Timo. Ele deslizou a mão pela mesa, mas parou logo antes de tocar o pulso dele, e a

interrupção do movimento fez a superfície do café ondular. Por um momento, eles observaram as ondulações no café se expandirem. Os dois estavam, pela primeira vez em semanas, olhando para a mesma coisa, ocupando o mesmo espaço, vendo uma coisa acontecendo juntos.

“Eu sinto sua falta”, Timo disse. “Eu sinto sua falta e não sei mais o que fazer com isso, só dizer. Então eu disse. Pronto.”

Fyodor tocou Timo, no lugar onde a manga da camisa encontrava o pulso. Os ossos eram firmes, e os pelos eram finos como cabelo de milho. Os cílios de Timo ficaram espessos, úmidos. As narinas se abriram sutilmente. O dedão de Timo descansou no copo na frente dele. Os dedos de Fyodor estavam entrelaçados. Os dois ficaram em silêncio, porque o que havia para ser dito? Como eles poderiam preencher este abismo intransponível? A ruptura causada pelo silêncio só podia ser reparada pelo silêncio, porém aquele silêncio não era bom para consertar nada. Mas silêncio e tempo eram tudo o que eles tinham. O rosto de Timo ficou vermelho. Ele estava constrangido, Fyodor percebeu. Ele tinha arriscado e foi rejeitado, mas Fyodor queria confortá-lo de alguma forma. Ele separou as mãos de Timo e pôs a palma em cima da mão direita dele, como uma bênção, e fechou os olhos.

“Também sinto sua falta”, Fyodor disse. Isso era só meia verdade. Mas ele conseguia dizer isso de olhos fechados, esse era o truque. Se ficasse de olhos fechados, ele poderia dizer um pouco do que sentia sem o fardo de ver o rosto de Timo. Era patético.

“Certo”, Timo disse. Fyodor recolheu sua mão e limpou a garganta. Hartjes voltou.

Eles conversaram um pouco, daquele jeito hesitante e indiferente que as pessoas conversam quando precisam ir embora, mas sentiam que não podiam fazer isso sem ser rudes. No fim, foi Fyodor quem levantou primeiro, dizendo que tinha que ir, que tinha uma coisa para fazer, e, enquanto ele levantava, Timo se encolheu um pouco. Hartjes sorriu e acenou. Os dois se abraçaram. Então Fyodor pôs o cachecol e saiu no frio e no cinza úmido de uma tarde de inverno.

Do outro lado da rua, os caminhões brancos de manutenção do parque haviam estacionado no Ped Mall. Eles estavam cortando os freixos doentes. Fyodor tinha visto alguma coisa a respeito dessas árvores no noticiário, que nos anos 50 ou 60 Iowa City era repleta de olmos. Mas as árvores morreram de grafiose, e os freixos foram plantados para substituí-las. E agora também estavam morrendo.

Fyodor nunca tinha prestado muita atenção nas árvores do Ped Mall. Mas agora ele percebia que, no verão, não haveria sombra. O sol castigaria todas as pessoas enquanto caminhavam, faziam compras e ouviam música na praça. Os pássaros e esquilos não teriam para onde ir. Era triste. Muito triste. A grande extinção das coisas.

Fyodor foi até o mercado e comprou duas maçãs. Ele comeu uma sob as lâmpadas de aquecimento do pátio, ouvindo o uivo do vento soprando no parquinho vazio. Ele sentou e tentou retomar a leitura, mas achou difícil. Fyodor continuava pensando em Timo, em como, no fim, eles não puderam trocar mais que algumas palavras. Era injusto da parte dele ficar chateado, Fyodor sabia. Eles haviam terminado por culpa dele. Mas ainda assim...

Quando percebeu que não ia chegar a lugar algum com os contos, Fyodor levantou. Ele guardou a outra maçã no bolso para mais tarde, jogou o miolo em uma lixeira e foi embora, deixando o livro ali em cima da mesa com a nota fiscal das maçãs. A caminho de casa, pensou em assistir a um filme, mas não conseguiu escolher nenhum. Nada o interessava. Nada era bom. Além disso, filmes o faziam lembrar de seus sonhos. Os filmes eram misteriosos e estranhos para ele. Como alguma coisa particular encenada no lado de fora. Fyodor sempre teve muitas questões a respeito deles: quantas pessoas participaram das gravações? Onde a câmera era posicionada? Como as pessoas se movimentavam durante as filmagens, durante as gravações? Todos os pensamentos dele ficavam muito literais quando assistia a filmes, e Fyodor não conseguia se livrar desse hábito. Então ele se via preso entre dois sentimentos desconcertantes — de que estava assistindo aos próprios sonhos se desenrolando diante dele e, ao mesmo tempo, assistindo a uma coisa falsa, mas próxima à realidade.

Recentemente ele estava sonhando com o Alabama. Era sempre uma versão do mesmo sonho, em que ele ia para casa visitar a mãe e não conseguia voltar. Ele perdia as chaves do carro ou a habilitação ou voltava a ser adolescente e não podia dirigir. Os sonhos sempre se distorciam de forma mundana e terrível. Uma tia dizia alguma coisa cruel, a mãe o punia por um comportamento infantil, ou ele era simplesmente excluído por todos e ninguém o reconhecia. Mas não importava o que Fyodor fizesse, ele não conseguia ir embora. No sonho, as pessoas diziam coisas como, *Nós somos sua família, por que você quer ir embora?* Mesmo que fizessem coisas horríveis

com ele. Coisas que ele não tinha sofrido no mundo real. Não daquela maneira.

As piores coisas que já aconteceram com ele nunca entravam nos sonhos.

Fyodor vinha sonhando com o Alabama desde que ficara doente. Ele se perguntava o que isso poderia significar. Talvez não significasse nada. Sonhos — bom, a mãe dele costumava acreditar em significado de sonhos. Ela havia proibido Fyodor de falar sobre seus sonhos com ela. “Não quero isso pra mim”, ela dizia. E se esse sonho se realizar?

Fyodor não assistiu a nenhum filme. Ele foi para casa, sentou na varanda e comeu a outra maçã no frio. Quando terminou, jogou o resto no outro lado da rua, e o miolo se despedaçou contra uma árvore.

Ele queria ter dito alguma coisa para Timo. Mas não sabia o quê.

A mãe de Fyodor ligou para ele um dia depois do dia de Ação de Graças.

Em algum grau, ele havia herdado a forma pragmática dela de ver as coisas — a ideia de que você tinha que sobreviver, e que essa sobrevivência era a parte mais importante da sua vida. *Dificuldade* era só uma forma como as pessoas fracas definiam a vida. Esse tipo de coisa. Mas Fyodor sabia que a mãe via nele traços de passividade e desperdício. Quando ele era mais novo, ela costumava pegá-lo na cozinha desenhando ou arrumando coisas nas prateleiras. Às vezes, ela o pegava assistindo aos programas de culinária que passavam sem parar na TV deles. Nesses momentos,

Fyodor erguia os olhos e via a mãe o observando decepcionada e, depois, expressando algo semelhante a medo. Ela temia o que via nele e sua voz costumava vacilar quando conversava sobre a vida com o filho. *Você precisa fazer alguma coisa da vida. Alguma coisa boa e honesta.* Quando falavam ao telefone, ela sempre encurtava a conversa, querendo desligar logo.

Ainda assim, ela ligava e o repreendia por eles não se falarem com mais frequência. “Se eu não ligo, nós nunca falamos.” Fyodor não sabia exatamente o que a mãe queria dele. Mas sabia que ela o amava. Essa era uma das verdades fundamentais de sua vida, embora o amor dela às vezes fosse inescrutável, indistinguível do ritmo da rotina e do curso da própria vida. O amor estava nos lençóis bem esticados da cama recém-feita, nos produtos de limpeza fortes que ela usava no banheiro e na cozinha. O amor estava em toda parte na vida deles. E então ele foi embora.

“Menino, eu estou cansada de ficar correndo atrás de você pra ter notícias do meu próprio filho.”

“Mãe”, ele disse. Fyodor estava deitado na cama, suando porque o aquecedor estava muito forte.

“O que você tem?”, ela perguntou, e Fyodor deitou de bruços. O ombro e os joelhos dele doíam. O corpo estava todo indisposto, uma lista de queixas.

“Nada.”

“Pra mim não parece nada.”

“Eu não disse que não tenho nada?”

“Você não diria se tivesse. Você age como se alguém estivesse tentando controlar a sua vida.”

“Não tem ninguém tentando controlar a minha vida”, ele disse.

“Eu com certeza não.”

“Eu não disse que você estava.”

“Você não precisa dizer.”

“Mãe”, ele disse, com a cara enfiada no travesseiro.

“Um dos meninos morreu.”

“Quê?”

“Eu disse que um dos meninos morreu.”

“Que meninos?”

“Os meninos”, ela disse pausadamente, como se estivesse abrindo uma cortina para revelar um truque de mágica. Fyodor sentou no colchão. Ele passou a mão no rosto e enxugou a máscara de oleosidade e suor.

“Não estou a fim de ficar tentando adivinhar, mãe. Não estou me sentindo bem.”

“Eu achei que você não tinha nada”, ela disse.

Fyodor deixou uma risada solta e rouca escapar. Justo, ele pensou. Mas em algum lugar do peito sentiu uma pontada do que a mãe estava tentando dizer. Ele suspeitou vagamente de que ela estivesse tentando dizer que um dos irmãos dele tinha morrido.

De qualquer forma, eles não eram seus irmãos de verdade.

O pai de Fyodor morava a três cidades dali com a esposa e dois filhos. A mãe de Fyodor nunca escondeu isso dele. Quando criança, ele passava duas ou três semanas no verão com a família do pai na casa branca deles no bosque.

O que ele mais se lembrava dessas ocasiões era do cheiro de seiva de pinheiro e de grama recém-cortada. A seiva tinha um aroma tão forte que queimava os olhos e o nariz de Fyodor. Seus irmãos eram dois meninos rechonchudos quase gêmeos. Eles

suavam muito e cheiravam a quiabo, que estranhamente era o que mais gostavam de comer. O mais velho era duas semanas mais novo que Fyodor. Naqueles dias de verão, o calor era imenso, poderoso, quase uma coisa viva. A casa era velha e eles refrescavam o lugar com ventiladores grandes apoiados nas janelas mais altas. Mas o ar não se mexia. Os meninos passavam um bom tempo correndo pelas sombras das árvores, até que um dia o mais novo caiu e quebrou o braço, e esse foi o fim das temporadas de Fyodor na companhia dos irmãos na casa deles no bosque. Naquela noite, o pai de Fyodor pôs as roupas dele, até as sujas, dentro de um saco plástico e jogou no banco de trás do carro. Depois pediu para Fyodor entrar e dirigiu por muito tempo em silêncio.

As janelas do carro estavam abertas e o ar era frio. O pai dele estava com o braço para fora da janela, um lampejo pálido. As sombras das árvores, como grupos de monstros escuros e conspiradores, de repente foram interrompidas, dando lugar a um campo bem aberto, plano e perfeito, prateado sob a luz da lua. Fyodor lembrou do cheiro da loção pós-barba do pai, no perfume do sabonete dele. E na tensão da mandíbula dele enquanto dirigia. Quando chegaram na casa de Fyodor, o pai se virou para ele e disse: “Até a próxima”, como se nada tivesse acontecido. Como se não houvesse nada de errado. Fyodor sentiu um peso sendo tirado dele. Sentiu esse peso se dissolver e desaparecer, então se inclinou para abraçar o pai o mais apertado que conseguiu, e o pai deixou, Fyodor saiu do carro, e ele deu ré no longo caminho de cascalho e foi embora, e foi isso, tudo normal, a não ser pelo ponto onde os faróis haviam atravessado o ar — parecia haver uma escuridão

mais leve ali, canais cinzentos cortando o continente escuro da noite.

Quando Fyodor chegou na porta da frente com o saco sobre o ombro, a mãe dele já estava à sua espera. Ele estava com medo de levar uma surra, mas ela não fez isso. A mãe o envolveu com os braços, o abraçou, beijou suas bochechas e sua testa, e disse num tom estranho que Fyodor não entendeu e que o assustou: “Você não fez nada de errado”.

Fyodor nunca mais voltou a ver ou a falar com o pai.

Agora a mãe dele estava dizendo que um daqueles meninos tinha morrido, e Fyodor não sabia o que pensar, só que ele havia passado a vida inteira com uma dor bem embaixo das costelas, onde guardava qualquer decepção ou tristeza que sentia por seu pai e seus irmãos nunca terem se interessado por ele. Não doía muito. Mas era uma dor persistente, suave, como uma gengiva dolorida causada por um dente que ameaçava nascer. E agora um daqueles meninos estava morto.

“Como você ficou sabendo?”, ele perguntou.

“Eu vi seu pai. Ele contou.”

“O que ele disse?”

“Que um dos meninos morreu.”

“Não... tipo, como exatamente ele disse isso?”

A mãe dele suspirou. O rodapé estalou. Ela estava em algum lugar com vento, talvez na varanda. Ele ouviu papel amassando, o chiado da televisão ao fundo. A vida dela tinha seguido sem ele. Passava da hora do jantar. Provavelmente ela estava assistindo à *Roda da fortuna*, ou a uma daquelas séries criminais, com a janela entreaberta.

“Ele disse que o menino morreu. E só. Não estou mentindo pra você.” Sua mãe pareceu irritada pela insistência de Fyodor. Ele ficou irritado por ela não dizer mais nada. Por um instante, os dois ficaram presos em um nó tenso de silêncio, sem saber uma forma de ceder ao outro.

“Tá bom, então”, ele disse.

“Tá bom”, foi a resposta dela. “Melhor eu ir. Tenho louça pra lavar.”

Fyodor resmungou, assentindo, mas ela já tinha desligado. Ele deitou de costas. Seus olhos ardiam por causa do suor. Seu estômago revirou. Seu irmão estava morto. Um irmão que ele não conheceu, a não ser de uma forma oblíqua e incidental na infância deles. Ele nem sabia qual irmão era. O mais velho ou o mais novo. Fyodor não os via há tanto tempo que provavelmente se lembrava deles como dois meninos mais parecidos do que de fato eram. Talvez um tivesse uma pinta e o outro, não. Talvez um fosse canhoto como Fyodor e o outro, não. Ele não conseguia separá-los. Eram iguais, indivisíveis, uma massa de menino branco. Mas um deles tinha vinte e nove, e o outro vinte e sete ou vinte e oito anos.

Eles eram homens, não meninos.

Era uma pena que agora eles não soubessem nada um do outro. Mas não era culpa deles. Como tudo relacionado às famílias, isso tinha sido algo feito com eles ou para eles, ou o que seja. O pai não o culpou pelo braço quebrado do mais novo. Quem o culpou foi a mãe dos meninos, uma mulher alta e bronzeada de expressão dura e mãos maldosas. Ela beliscava Fyodor quando ninguém estava olhando. Ela estendia a mão por baixo da mesa e apertava a pele dele até Fyodor gritar, mas nesse momento ela já estava com as

mãos em cima da mesa de novo. Quando Fyodor era bem pequeno e ela lhe dava banho, a mulher o beliscava entre as pernas. Ela não o deixava tomar banho com os outros meninos. Ela o fazia tomar banho depois deles, e ele ficava lá sentado na água cinzenta, tremendo porque a água já tinha esfriado. A crueldade dela com Fyodor era do tipo sem graça e comum. Ela só lançava mão dessa crueldade quando era conveniente. Quer dizer, o tratava bem até decidir que não trataria mais. Uma vez, quando Fyodor ofereceu um copo ao mais novo depois de ter bebido nele, a mãe apareceu e deu um tapa no copo que Fyodor segurava, dizendo que aquilo era ruim e nojento. Depois ela se virou para o mais novo e disse: *Não beba no mesmo copo que ele.*

Ainda assim, era uma pena que um deles tivesse morrido. Eles eram jovens, jovens demais para morrer, e os pais deles eram jovens demais para perder um filho. Era muito triste.

Fyodor levantou do colchão e abriu a janela. O ar lá fora era denso e frio. Tudo cintilava. A neve brilhava. O sino da igreja tocou, profundo e ressonante. Havia uma conífera no jardim da frente, os galhos pesados de neve. As calçadas estavam molhadas e cinzentas. Não tinha ninguém na rua. Não era tarde, mas o frio mantinha as pessoas dentro de casa. Fyodor se esticou até seus ossos estalarem, então sentou no colchão e pegou o livro que estava lendo. Mas de vez em quando ele sentia que a visão ficava turva ou embaçava conforme ele virava as páginas. Fyodor não conseguia enxergar as letras. Ele estava chorando.

O quarto esfriou.

O rodapé estalou mais alto.

Dia de lavar roupa.

Fyodor bateu a neve das botas ao entrar. Quando ergueu os olhos, viu Timo perto dos fundos. Os dois não se viam há quase um mês, desde o café. Timo ainda estava de barba, e o corpo dele havia mudado. De alguma forma, o peito dele parecia mais amplo e os ombros, mais largos. Em um sentido quantitativo, parecia que havia mais dele ali. Ele estava todo de preto, com calças de corrida e uma camiseta de manga longa de lycra. O cabelo estava mais curto, mas mais cacheado. Ele não viu Fyodor, então sua expressão estava tranquila, iluminada, e sorria sozinho enquanto dobrava a roupa.

Fyodor sentiu como se estivesse vendo uma coisa que não deveria. Uma pulsão quente de desejo o atravessou. Uma vontade úmida. Ele desviou o olhar para o piso de tábuas cinzento, onde ainda pingava neve derretida. Evitando os fundos da lavanderia, Fyodor jogou as roupas perto de uma das máquinas e começou a separá-las em duas lavadoras.

Ele pegou seu macacão. Os pedaços de cartilagem e de gordura esbranquiçada que ele tirou do tecido derretiam ou ficavam pegajosos entre os dedos dele. O macacão tinha um cheiro tão forte que ele prendeu a respiração quando o pôs dentro da máquina. As luzes fortes dali, fortes demais, perfuravam seu crânio. A cabeça doía. Fyodor tirou as moedas do saco plástico e contou os vinte e cinco centavos de que precisava. Foi o dobro para a máquina de lavar maior que comportava o macacão. Ele inseriu as moedas uma após a outra. Era como um jogo. Mediu o sabão em pó. Então esperou as máquinas ganharem vida e, quando isso aconteceu,

pegou seu saco de malha e olhou ao redor em busca de um lugar para esperar.

Timo estava olhando para ele.

Fyodor acenou todo rígido, mexendo o pulso. Timo acenou de volta.

A lavanderia estava úmida, mas fazia mais frio perto da porta de entrada. No alto, uma televisão de tubo transmitia os noticiários e a previsão do tempo. Havia um controle remoto em algum lugar, Fyodor sabia, mas ele nunca o tinha visto. A televisão estava sempre ligada nos noticiários da TV a cabo, mas nunca passava o mesmo jornal. Esta era a vez do noticiário conservador. O volume estava no mínimo. As legendas atrasavam, então a notícia de algum desastre terrível pairava sobre um alegre comercial de hambúrguer, ou a notícia de um tiroteio em massa na Flórida acompanhava um comercial de disfunção erétil. Fyodor às vezes achava aquilo engraçado, mas quase sempre ele se perguntava por que aquelas coisas não funcionavam como deveriam. Mas talvez as coisas devessem funcionar daquele jeito mesmo, ele pensou. Talvez as coisas precisassem sangrar juntas.

De qualquer forma, ele não conseguiu sentar perto da televisão desta vez porque um grupo de estudantes ocupava aquele banco — quatro, todos quase idênticos em suas lãs e mocassins, comendo batatas chips e bebendo Pepsi diet, conversando mais que fazendo a lição de casa. Início de dezembro era a época das provas finais. Os estudantes estavam em toda parte. Aproveitando todas as superfícies disponíveis para realizar seus estudos. Uma atitude que vinham negligenciando quase o semestre inteiro. Dava para

perceber, como quando algumas pessoas iam à igreja muito felizes na Páscoa e no Natal. Havia uma falsidade naquilo. Um desespero.

Fyodor atravessou a área das máquinas, mais apreensivo a cada passo que o aproximava dos fundos da lavanderia, onde Timo estava. Quando alcançou a mesa de Timo, ele parou e sorriu o melhor que pôde. “Bom te ver”, ele disse.

“Pode esperar aqui comigo se quiser”, Timo disse.

“Não quero atrapalhar”, Fyodor respondeu, mas Timo só balançou a cabeça. Ele estava dobrando e arrumando as roupas em pilhas bem-organizadas. Camisetas, calças, cuecas e meias, todas dispostas como as partes de um animal. “Você está ótimo”, Fyodor disse.

“Oi? Ah, valeu.”

As mãos de Timo se moviam lentamente, com cuidado. Havia uma espécie de graciosidade nos movimentos dele. Timo sabia exatamente o que fazer, onde esticar, onde puxar, onde alisar, como ajustar uma peça da forma certa. Fyodor nunca soube dobrar bem suas roupas. Timo olhou para as mãos de Fyodor, que as recuou com timidez. Ele havia machucado os nós dos dedos da mão direita, que sangravam, enquanto saía da caminhonete naquela manhã. A pele dele já estava toda seca e repuxada, e naquele frio inclemente não precisava de muita coisa para rasgar. Ele rosnou e uivou, e a dor, embora pequena, primeiro foi quente e depois esfriou, como se tivesse atingido o osso. Agora os nós dos dedos dele continham uma crosta vermelho-escura. As unhas estavam sempre em mau estado, rachadas e esbranquiçadas, mas, sob as luzes fluorescentes, pareciam muito estranhas.

Doía, mas não era tão ruim quanto parecia.

“Como você está?”, Timo perguntou, estudando a pilha de roupas com cuidado, num tom indiferente, casual.

“Estou bem”, Fyodor respondeu, triste. “Meu irmão morreu.”

“Ah. Sinto muito, Fyodor.”

“Tudo bem. Quer dizer, tudo bem não. Valeu”, Fyodor disse. Ele cutucou a casquinha nos dedos, a ferida ardeu e ele se encolheu.

“E o seu pai?”

“Não sei”, Fyodor deu uma risadinha. “Você deve achar estranho.”

“Não”, ele disse. “Não é estranho.”

“Olha, você não precisa ser tão legal comigo.”

“Fyodor.”

“Não, pode falar. Nós não somos como você e sua família linda. Tudo bem.”

“Eu não penso assim”, Timo disse.

“O.k. Tá bom. O.k.”

Timo estava segurando uma camiseta preta maior que as outras. Fyodor reconheceu os desgastes acinzentados embaixo das axilas. As manchas de tinta verde-menta.

“Essa é minha”, ele disse.

Timo ficou bem vermelho. Fyodor riu.

“Você roubou minha camiseta.”

“Você deu pra mim”, ele disse.

“Ah, é?”

“Sim”, Timo disse. “Ou você deixou lá em casa. Não sei. Eu não roubei sua camiseta.”

“E você está usando ela?”

“Sim, eu uso.”

“Deve parecer um vestido em você.”

“Eu sou mais alto.”

“Mas eu sou maior.”

Timo murmurou, fez mais uma dobra na camiseta e pôs na pilha com as outras. Fyodor não conseguiu segurar o riso.

“Está rindo de quê?”, Timo perguntou.

“Gosto da ideia de você usando a minha camiseta.”

“Foi o que você disse quando me deu ela. Quer de volta?”

“Eu não disse isso.”

“Disse sim.”

“Eu não disse que quero a camiseta de volta.”

Timo pegou uma camiseta branca, dobrou e pôs em cima da camiseta de Fyodor.

“Sinto muito pelo seu irmão”, Timo disse. “Eu sei que vocês não eram próximos, mas é difícil mesmo assim.”

“Sim, de um jeito estranho”, Fyodor disse. Ele se recostou na cadeira, o plástico cinza e fino cedendo sob o seu peso.

“O que é estranho?”

“É que... eu não esperava por isso, acho. Que fosse tão difícil. Tipo, eu só vi o cara algumas vezes. E o mais esquisito é que eu nem sei qual irmão é.”

“São só detalhes”, Timo disse, “você não controla os sentimentos.”

Fyodor quis rir, mas só porque a risada poderia impedi-lo de chorar. Era mais um daqueles momentos na vida quando ele sentia que havia descoberto algo sobre si mesmo. Mas ele não conseguia pôr em palavras o que havia compreendido ou por quê. Um reconhecimento repentino sempre despertava o choro nele. Porque

vinha acompanhado de uma sensação de alívio — estava tudo bem, ele estava bem, o mundo iria ficar bem. Foi como naquele dia na varanda quando a mãe dele disse que ele não tinha feito nada errado.

Ao observar Timo sacudir uma toalha e dobrá-la em um quadrado, Fyodor foi dominado por um grande amor e admiração. A curvatura dos braços dele, a precisão dos dedos, a tensão no olhar imóvel. Timo percebeu que Fyodor o encarava e quase deixou a toalha cair.

“Jesus, Fyodor. O que foi?”

“Eu acho...”, ele começou, mas então fez uma pausa como se riscasse o que tinha acabado de dizer.

“Sim?”

“Vai soar mal”, Fyodor disse.

“Tenta”, Timo riu. “Vai logo. Você está me assustando. O que foi?”

Fyodor levantou. Bem no fundo da lavanderia, havia uma porta vermelha brilhante. Fyodor a abriu e entrou no banheiro frio e escuro. Ele segurou a porta aberta, olhando diretamente para Timo, à espera. Timo permaneceu junto à mesa, cercado por todas aquelas pilhas macias de roupas, e apertou os olhos, pareceu refletir por um momento e então houve um lampejo de entendimento.

Um canal se abriu e alguma coisa clara e brilhante se moveu entre eles. Fyodor deu um passo para trás no banheiro e soltou a porta. As dobradiças de pressão a empurraram para a frente, mas Timo a segurou antes que fechasse. Ele se adiantou até ficar diante de Fyodor no banheiro. A porta bateu. Eles ficaram no banheiro

escuro iluminado apenas pelas luzes da rua filtradas pela janela alta e estreita.

Timo estendeu a mão e puxou o cordão da calça de Fyodor. Fyodor estendeu a mão para sentir o calor da pele da barriga de Timo por baixo da camiseta de lycra. O corpo de Timo costumava ser macio, mas agora ele estava compacto e firme. Não duro. Mas firme. Eles não se beijaram. Timo lambeu o pescoço de Fyodor, e Fyodor mordeu a protuberância ossuda da clavícula dele. Timo enterrou as unhas na lombar de Fyodor. Fyodor segurou a garganta de Timo. Timo agarrou com muita força os testículos de Fyodor. Fyodor passou os dentes pelas coxas de Timo. Eles se revezaram se ajoelhando entre as pernas um do outro e se chupando. Timo tinha gosto de sal e limpeza. Fyodor viu a cabeça de Timo se mexendo entre suas pernas, o topo macio da cabeça dele. O calor molhado da boca de Timo parecia uma gentileza. Timo levantou e se inclinou contra a parede branca de concreto embaixo da janela. Fyodor veio por trás e enterrou o rosto nos cachos de Timo. Um gemido baixo. A pressão úmida de seus corpos. Timo arqueou o corpo contra o corpo de Fyodor, estendeu a mão para trás e o guiou até Fyodor sentir que rompia e afundava na resistência do corpo de Timo. Ele agarrou a longa barra de apoio na frente dos quadris de Timo, usando-a para segurar Timo no lugar, e eles transaram no banheiro da lavanderia naquela escuridão fria, o mundo cintilando lá fora. Fyodor gozou dentro de Timo, que ofegou, gemeu e gozou quente e farto, melando a mão de Fyodor. Fyodor saiu lentamente de dentro de Timo. O banheiro cheirava a mijo e merda. Eles se limparam na pia, se ensaboando e enxaguando. A água estava fria e Fyodor se encolheu quando pressionou em si mesmo as toalhas de papel

ásperas e molhadas. Os dois saíram do banheiro um seguido do outro. E voltaram a sentar à mesa. O corpo de Fyodor ainda murmurava, ainda estava tenso. Os ombros estavam tensos. Ele tinha gozado, mas ainda sentia que havia alguma coisa presa dentro dele.

Timo estava meio pálido. Ele disse: “Eu não cheguei a perguntar. Você... está tudo bem com você?”.

“Ah, sim”, Fyodor respondeu. “Testei faz um mês.”

“Certo”, ele disse.

“E você?”, Fyodor perguntou.

“PrEP”, Timo respondeu.

“Ah, que bom.”

“Você devia tentar. Bom, pensa nisso.”

“Plano de saúde”, Fyodor disse. “E eu uso camisinha. Sempre.”

“Sim.”

“Mas, tipo, eu não...”

“Você não o quê?”

“Eu não... depois de você. Desde que a gente... é.”

Timo assentiu. Mas ele não disse o mesmo em resposta, e Fyodor não deveria julgá-lo por isso, mas não conseguiu evitar. Ele ficou um pouco bravo.

Então, um zumbido alto. Fyodor foi ver a roupa dele. Estava pronta. Ele tirou as roupas da máquina, o peso úmido, a dureza. Jogou as peças em um carrinho vermelho e as levou até os fundos, para as secadoras. Pôs as roupas na máquina, tentando o tempo todo não olhar para Timo. Mas sentia o cheiro dele, ou pelo menos o cheiro do sabonete do banheiro. O cheiro estava nos dois.

Eles nunca tinham transado em um lugar público antes. Era estranho que, depois do término, ainda fizessem coisas novas juntos. Encontrassem novas formas de estar junto. Era estranho ter uma história nova quando estava tudo acabado. Fyodor ligou a secadora e, no reflexo do vidro e das roupas rodando, viu Timo olhando para ele.

“O que foi?”, ele perguntou sem se virar. Envergonhado.

“Nada”, Timo disse.

“É engraçado. A gente nunca lavou roupa junto”, ele disse.
“Quer dizer, antes.”

“E a gente teve aquela briga por causa das roupas.”

“Aquelas brigas”, ele corrigiu.

“Sim. Aquelas brigas.”

“Eu não odeio você. Não estou bravo com você. É óbvio...”

“Por que óbvio?”

Fyodor se virou. Ele sentou na cadeira. Timo também. Entre eles havia toalhas e camisetas.

“Bom, por causa do que a gente fez. A gente não teria feito aquilo se estivesse bravo, se a gente se odiasse.”

“As pessoas transam com pessoas que odeiam.”

“Acho que sim. Mas eu, não.”

Timo riu e tirou um fiapo de tecido da mesa.

“Você gostou? Do que aconteceu no banheiro?”

“Gostei.”

Timo assentiu, como se tivesse se convencido de alguma coisa.

“É bom fazer coisas com você.”

“Eu não acho que isso signifique transar em público pra maioria das pessoas, né?”

“Foi você que começou.”

“Justo”, Fyodor disse.

Em uma tarde, no Ano-Novo, houve um tiroteio no Alabama.

Um homem entrou em um banco local e atirou em todos os funcionários e clientes. Que ideia estranha. Uma pessoa entrar em um banco e atirar em todo mundo. Será que todas as pessoas se enfileiraram para serem mortas? Será que tentaram correr, mas a mira do cara era excelente? Uma espécie de milagre concedido por um deus da carnificina cruel e impiedoso.

Fyodor leu a notícia no intervalo de almoço na fábrica. Ele estava do lado de fora, no estacionamento. O céu era um azul tranquilo. As árvores que margeavam o estacionamento balançavam.

O banco ficava na cidade da mãe dele. Fazia anos que Fyodor não ia ao Alabama.

Ele ligou para ela, mas a mãe dele não atendeu. E voltou a ligar, mas ela não atendeu. Ele voltou a ligar e, quando a mãe atendeu, Fyodor quase caiu de joelhos de tanto alívio.

“O que foi?”, ela perguntou. Por trás da voz dela, ouviam-se sirenes.

“Onde você está?”, ele perguntou.

“Em casa”, ela disse.

“E essas sirenes?”

“Ah, menino, sei lá.”

“O banco”, ele disse.

“Sim”, ela disse.

“Você está bem?”

“Foi um menino”, ela disse. “Um menino burro, muito burro. Ele atirou em todo mundo. Todo mundo morreu.”

“Quantas pessoas?”, ele perguntou.

“Sete, oito, não sei.”

“Ele atirou em toda essa gente...”

“Bom”, ela disse, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas ficou em silêncio. Fyodor se sentiu um idiota por ficar tão preocupado. Pareceu estúpido pensar que a vida dele poderia se ligar ao curso maior e assustador da vida no mundo. “Você está bem?”

“Fui eu que liguei, lembra?”, ele disse.

“Isso não significa que você esteja bem.”

“Vou ficar”, ele disse.

Eles desligaram, mas Fyodor não conseguiu fazer as mãos pararem de tremer. Ele subiu na caminhonete e ligou o rádio, tentando encontrar uma estação, qualquer estação que aliviasse o silêncio. Ele encontrou uma de clássicos e se acomodou no banco. A cabine da caminhonete tinha cheiro de gasolina e sangue seco. Fyodor podia ver sua respiração. A neve havia diminuído, e o estacionamento estava encharcado de água suja. A fábrica parecia uma escolinha. Um pouco atrás do prédio principal havia grandes torres e outras estruturas de aço. À própria maneira, o lugar parecia uma fábrica de verdade, e não só um lugar onde eles destrinchavam animais. Fyodor agarrou o volante. A música era familiar. Ele tentou pensar naquela noite no carro com o pai, tentou se lembrar do que tocava no rádio, mas não conseguiu. A memória sempre o abandonava quando ele mais precisava dela.

A memória... tão cheia de promessas vazias.

Fyodor pensou de verdade que a mãe estivesse morta. Naqueles longos momentos antes de ela atender, ele realmente pensou que ela havia sido morta a tiros. Mas a mãe era tão indiferente à violência quanto era a ele. A violência não havia afetado a vida dela de nenhuma forma.

Ele tentou respirar.

As mãos dele ainda tremiam. Ele não conseguiria segurar a faca. Fyodor fechou os olhos. O celular tocou. Ele atendeu.

“Oi... acabei de ver a notícia. Você está bem?” Era Timo.

“Sim. Minha mãe está bem”, Fyodor disse. “Acabei de ligar. Ela não estava muito preocupada, na verdade.”

Timo estalou a língua. “Bom, fico feliz que ela esteja bem. Mas que merda. Espero que ele morra.”

“Ah, é?”, Fyodor perguntou.

“O cara matou dez pessoas. Pessoas comuns, normais. Vivendo a vida delas. Sim, espero que ele morra.”

Fyodor apertou mais forte o volante com a mão esquerda. Alguma coisa o incomodou. Alguma coisa espinhosa, como uma lâ nova e áspera.

“Você espera que ele morra?”

“O cara é um assassino.”

“Ah”, Fyodor disse.

“Você não acha que o cara merece viver depois do que ele fez, né?”

Fyodor observou um falcão voando rente ao telhado do prédio de arenito antes de contornar e disparar para o céu. Fazia um dia opressivamente bonito.

“Eu acho uma coisa cruel de se dizer, quando a situação toda já é muito dolorosa.”

“Cruel é matar pessoas.”

“E animais”, Fyodor disse.

“O quê?”

“Não é assim que você pensa? Que matar animais pra comer é cruel.”

“Jesus. Eu não vou discutir isso com você.”

“Eletrocutar o cara, dar uma injeção nele, o que seja, não é ruim do mesmo jeito?”

“Não, Fyodor, não é, e se você não consegue enxergar a diferença, então não temos nada pra discutir.”

Timo desligou na cara dele, e Fyodor ficou ali segurando o celular na orelha. Ele podia ouvir o ar dentro da própria cabeça. Sua orelha estava quente e suada. Ele enfiou o celular no bolso.

As mãos dele tinham o cheiro do desinfetante forte usado na saída da linha de produção, tão intenso que deixava as palmas esbranquiçadas, ásperas e formigando. Ele ainda sentia o produto queimar.

Foi injusto da parte dele ter dito aquilo para Timo, ele sabia. Mas Fyodor não estava tentando ganhar uma discussão. Ele estava tentando articular alguma coisa a respeito do que sentia e pensava. Ele queria perguntar por que as pessoas achavam tão mais fácil simpatizar com rebanhos de animais anônimos do que com outras pessoas. Amar as pessoas era difícil. Às vezes era difícil acreditar que as pessoas eram boas. Era difícil conhecer as pessoas. Mas isso não significava que você podia apenas seguir sem tentar. Fyodor acreditava que o amor era mais do que gentileza e mais do que dar

às pessoas o que elas queriam. O amor era mais do que as partes fáceis e prazerosas. Às vezes amar era tentar entender. O amor era tentar superar as dificuldades. Amor, amor, amor.

Fyodor desceu da caminhonete. Seu turno estava prestes a recomeçar.

Quando já fazia um tempo que Fyodor e Timo tinham reatado, eles foram para uma exposição em uma das galerias do campus.

Haveria falas de alguns artistas menos conhecidos, mas carismáticos, que Timo havia passado a semana pesquisando na internet. Nas conversas daqueles dias, ele lançou pequenas referências às pinturas ou à filosofia desses artistas, e Fyodor, sonolento depois do trabalho e de barriga cheia, assentia, deixando-se levar pela conversa. Isso fazia parte do esforço de ser um tipo diferente de pessoa, para que Timo não sentisse tanto que ele era ruim, estúpido ou o que seja. Fyodor não achava que a arte era pretensiosa nem superestimada. Ele queria muito gostar de arte, mas sempre se sentia um pouco alheio quando observava as obras. As esculturas eram mais fáceis para ele, pois podia entender a natureza manual do trabalho. Mas pinturas, não importa o quão convencionais, sempre lhe pareciam frias e inertes. Não que Fyodor não soubesse apreciar a beleza delas. Mas, para ele, faltava um contexto. Às vezes ele se pegava querendo comparar as obras geométricas do pós-guerra das quais Timo tanto gostava com certos cortes de carne que ele tinha manuseado durante o dia — o marmoreado, a capa de gordura, os ricos depósitos de gordura em suas formas romboides, tão lindas e perfeitamente delineadas que pareciam ter sido desenhadas a mão. Mas um dia, quando ele

tentou fazer essa comparação, Timo ficou tão bravo que os dois não se falaram pelo resto da noite. Só ficaram deitados no quarto superaquecido de Fyodor, suando e cozinhando. Timo pensou que ele estava tentando reduzir a obra de alguma forma. Mas não era nada disso. Ele só queria um contexto.

Mas agora eles estavam na exposição. Fyodor tinha vestido seu melhor jeans e uma camisa de cambraia sem marcas ou manchas de tinta. Todo mundo parecia elegante e inteligente. Fyodor se sentia obtuso e lento. Eles bebericaram champanhe em pequenos copos de plástico. Fyodor pegou dois e despejou o conteúdo dentro de um. Timo estava ao lado dele, os ombros e o maxilar tensos. Fyodor cutucou Timo gentilmente e tentou captar o olhar dele, para sorrir ou rir. Em algum momento durante a recepção ele passou os nós dos dedos na mão de Timo, mas Timo recuou como um animal assustado. Eles tinham ido no carro de Timo, então Fyodor não podia simplesmente sair dali, embora quisesse. A camisa estava muito apertada e o champanhe, e depois a gim-tônica que ele pediu, secaram sua garganta. Ele saiu por uma das portas laterais e ficou no pátio de concreto. Ali, ele olhou do lago verde congelado para a encosta que se erguia atrás da galeria. As luzes dentro dela lançavam um brilho nebuloso, e Fyodor inspirou profundamente o ar gelado.

Às vezes Fyodor ainda pensava naquele tiroteio no Alabama. Houve mais quatro tiroteios no Sul no último mês mais ou menos, cada um deles se erguendo por um instante acima do barulho e do clamor das notícias, o país inteiro olhando na direção de uma única coisa, queimando um buraco no tecido da cultura. Mas no dia seguinte ou no próximo, os pensamentos de todos voltavam-se para

as demandas diárias comuns. Todas as pessoas voltavam para o zumbido anônimo das coisas, seguras na própria irrelevância. Às vezes ele também pensava em seu irmão morto. Pela mãe, Fyodor descobriu que havia sido o mais velho quem morreu de um ataque do coração repentino. Ele estava em um bar com os amigos, bebendo depois do trabalho, como sempre. E então, do nada, morreu.

Fyodor atravessou o pátio até a grama e a terra. Agachou perto do lago e se inclinou para a frente até ver seu reflexo na superfície. Espalmou a mão na superfície do lago e a deixou ali, sentindo como era fria e escorregadia. No centro dele, havia um ponto em que a água não estava congelada. Ali ela batia e espumava como se uma torneira cuspsse água nova. Ele pensou que podia sentir a água se movendo embaixo da lâmina de gelo, que podia sentir o gelo se mexendo. E talvez pudesse. Ainda agachado, ele se balançou. Suas coxas queimavam. A colina era um penhasco íngreme, de argila e mica quebradiças, uma pedra clara recortada em lâminas retangulares. Fyodor olhou para trás. Na luz dourada da galeria do primeiro andar, avistou as pessoas na festa como peixes em um aquário. Ele não viu Timo em lugar algum. Eram pessoas anônimas e elegantes que pareciam compor uma espécie diferente. Nada parecidas com os homens da fábrica, que eram como árvores definhadas por excesso de vento e escassez de água. Homens robustos com dentes amarelados, mãos ásperas, pele bronzeada e queimada, quase um couro. Nada na vida dele tinha a ver com aquele lugar.

Fyodor levantou. Secou as mãos nos jeans e pensou, com um riso contido, que podia ter pulado no lago e afundado no gelo e na

água que ninguém naquela festa teria notado ou se importado de alguma forma.

Ele voltou a se juntar à festa, agora colado à parede, observando Timo do outro lado do salão, por cima das belas cabeças. Timo estava bonito, alegre, sorrindo de vez em quando com grupos de pessoas que conhecia da universidade. Mas em nenhum momento ele procurou Fyodor. Não, havia um recolhimento sólido e sombrio da parte dele, que parecia distante de todas as outras pessoas. Fyodor reconhecia esse hábito de Timo. Uma forma de estar próximo às pessoas sem demandar qualquer coisa delas. Era sua forma particular de ser egoísta. Fyodor bebeu mais champanhe. Bebeu vinho branco. E mais gim. Foi ficando cada vez mais bêbado, o que mediu pela intensidade da luz dourada no salão e pela nebulosidade das figuras. Quando os artistas surgiram de trás de um palco para fazer suas falas, um monólogo tedioso após o outro, uma procissão de fotografias cinzentas ou vídeos em câmera lenta, os olhos de Fyodor mal se mantinham abertos. Ele podia sentir a lentidão do tempo. O amálgama instável e vacilante dos instantes. Nada aderiu a mais nada. Tudo passava despercebido por ele. No fim das falas, ele estava com muito frio. E Fyodor percebeu que não estava encostado em uma parede, mas em uma vidraça, e que suave, então as costas dele estavam úmidas e frias.

Timo então ergueu os olhos, no fim da última fala, e viu Fyodor. A expressão dele era amarga e dura. Fyodor assentiu, sonolento. Ele acenou. Timo se virou. Fyodor estava cansado. Seu corpo estava dolorido. Timo estava sendo frio com ele de novo, por razões obscuras. Não era justo. O que ele tinha feito para merecer

isso? Nada, Fyodor pensou. Ele não tinha feito nada para merecer aquilo. Fyodor riu baixinho consigo mesmo. E então menos baixo, e menos baixo ainda, até começar a rir alto e todo mundo se virar e olhar para ele. Ele se dobrou de tanto rir. O calor no estômago se expandiu, alcançando o peito, e ele só continuou rindo, tanto que o corpo tremia e começou a doer. Fyodor sentiu uma dor aguda descendo pelas costas, e então subindo na frente do corpo até a base da garganta. Ele riu, e depois perdeu a graça, ergueu o corpo e secou as lágrimas dos olhos. As pessoas o encaravam, mas tentavam evitar os olhos dele. Elas desviavam o olhar. Timo foi até ele e disse, firme: “Chega”.

No carro, a caminho de casa, Fyodor descansou a cabeça no vidro frio da janela. Ele estava de olhos fechados, mas às vezes eles passavam por um buraco e as pálpebras dele se abriam um pouco e ele via um clarão da luz da rua ou o brilho de um prédio que passava. Às vezes a escuridão se abria e ele via a vida de uma pessoa — dobrando roupas, caminhando, jantando, esse tipo de coisa, tudo isso em retângulos de luz laranja dourada. Pessoas em seus tanques como animais. O ar frio ajudava a amenizar a dor de cabeça, a ardência nos olhos. Era um alívio.

“Que merda. A gente não pode fazer nada sem tudo virar um circo”, Timo dizia. A música no rádio era vaga e distante, um clássico antigo. Fyodor se endireitou. O carro fez seu corpo balançar. Ele tentou cantarolar a música, mas estava fora do ritmo. “Que merda”, Timo disse.

“Eu estou bêbado”, Fyodor disse, como se estivesse se explicando, mas Timo só balançou a cabeça.

“Óbvio.”

“Desculpa”, Fyodor disse, mas isso só o fez rir.

“Não tem graça.”

“Eu sei”, ele disse, mas a risada persistiu. Ele tossiu. E voltou a encostar a cabeça na janela. “Você se divertiu?”

“Não, nem um pouco.”

“Bom, sinto muito.” As mãos de Fyodor estavam suadas. Ele espalmou as mãos sobre o colo, passou um dedão por cima do outro. As mãos dele estavam finas e engorduradas. O carro tinha cheiro de aromatizador de pinho.

No semáforo, Timo se inclinou e ligou o aquecedor, que fez um barulho e então ganhou vida. O ar quente batia nos joelhos e nas coxas de Fyodor. Ele pensou que dormiria ali mesmo. Timo olhou para ele. Fyodor podia ver Timo na janela, um reflexo quase translúcido. Ele reconheceu o caminho. Eles estavam indo para a casa de Fyodor. Havia árvores lá no alto, agrupadas perto da rua. A neve caía quase como chuva. Era fim de março.

“O que foi aquilo?”, Timo perguntou.

“Lembra daquele dia quando a gente conversou sobre o tiroteio?”

“Quê?”

“Você disse que esperava que o homem morresse. Que ele morresse pelo que fez.”

“Não quero falar sobre isso.”

“Eu não falei nada na hora”, Fyodor disse. “Mas não concordo com você. Eu acho que matar pessoas é errado. Sempre. Mesmo que a pessoa tenha feito uma coisa horrível. Ninguém deveria matar essa pessoa.”

“Você trabalha matando animais. Não me venha com discursinhos sobre pena de morte.”

“Mas então, esse é o lance. Você age como...”, e nesse instante Fyodor fechou os olhos. A boca dele estava ácida. Ele bateu na boca várias vezes, como se isso fosse ajudar a fazer as palavras saírem. Fyodor podia sentir a mente tentando alcançar as palavras, procurando os contornos do que ele queria dizer. Mas tudo isso parecia inútil de alguma forma. Como se nada do que ele dissesse fosse importar muito. Eles tinham passado pela velha igreja na esquina, o que significava que estavam perto da casa dele. Fyodor suspirou. “Tipo, qual é, você também quer que eu morra? Por causa do meu trabalho? Por causa do que eu faço da vida? Você acha que eu sou um assassino.”

“Você está certo”, Timo disse. “Eu acho que você é um assassino. Eu odeio o seu trabalho. E eu acho que se você entra num banco e atira em um monte de gente, sim, você merece morrer. Como um animal.”

Fyodor assentiu lentamente. Ali estava. Ele estendeu a mão como se pudesse agarrar o ar e segurá-lo. Fyodor fechou o punho. Sentiu o peso em sua mão e se virou para segurá-lo diante do rosto de Timo. Ele abriu a mão.

“É isso”, ele disse. “Isso é crueldade.”

“O quê?”

“Você disse *morrer como um animal*. Mas você não acha que os animais deviam ser mortos. Então isso é crueldade. Não é?”

“Desce do carro, Fyodor. Você pode ir a pé pra casa.”

Fyodor assentiu. Ele cerrou o punho. E desceu do carro. O equilíbrio dele estava bom. Conseguiria chegar em casa. A neve

acumulada estava suja e porosa. Ele chutou a neve quebradiça, que caiu seca e dura, como caspa. Ele grunhiu de satisfação.

Animais viviam e animais morriam. Eram comida e eram amigos. Começavam e terminavam. Tudo o que separava os humanos dos animais era pura hipocrisia. Os humanos eram apenas bestas eretas, andando sobre as patas traseiras, uivando para luas elétricas. Não eram nada. Mas possuíam a dignidade da vida, o direito de ser. Nem sempre Fyodor tinha entendido isso. Mas agora ele entendia.

Quando chegou em casa, as luzes de dois faróis caíram sobre ele enquanto abria a porta. Fyodor se virou e pôs as mãos sobre os olhos para conseguir ver. Era o carro de Timo ali na rua, estacionado no lugar de sempre. Timo desceu do carro e ficou parado com as mãos nos bolsos. Então Fyodor entendeu. Timo o havia seguido pelas três casas até ele chegar em casa. Uma gentileza. A indiferença do amor.

Fyodor ergueu uma mão. Ele abriu a porta. O hall de entrada estava abafado. As estrelas lá em cima eram frias e brancas.

Ele tinha trabalho pela manhã.

Ivan, o Terrível, e seu filho Ivan

Ivan e Goran não conversavam a respeito de quanto tempo fazia desde a última vez que haviam transado. Não conversavam sobre quanto tempo fazia desde a última vez que haviam caído no sono abraçados. Eles dormiam juntos, acordavam juntos, comiam juntos e, de resto, viviam a vida como se nada tivesse mudado, embora, é claro, tudo tenha mudado.

Não era negação. Era outra coisa — medo, talvez, ou indiferença.

Eles brigavam por bobagens, como quem havia gastado mais energia ou mais água. Mas, na verdade, eles brigavam porque não estavam transando. Sempre que Ivan tentava alguma coisa, Goran estava cansado. Sempre que Goran tentava alguma coisa, Ivan se sentia apático e distante de si mesmo. Eles não conseguiam se alinhar. E seguiam falhando. Ivan dormia no sofá, o que agravava a dor nas juntas. Goran escondia os analgésicos dele. Ivan deixava copos d'água em cima do teclado de Goran.

A falta de sexo tinha um motivo, mas eles não estavam dispostos a encará-lo. Os dois eram alunos da pós-graduação, Goran estudava música e Ivan estudava finanças, mas a família de Goran tinha dinheiro. Esse era o começo e o fim do problema. Em certo sentido, o dinheiro facilitava as coisas, quando você havia

sido criado sem ele. Como a primeira tomada de fôlego depois de uma longa corrida. Mas depois vinha a queimação.

Ivan nunca conseguia estar no controle. Goran pagava a maior parte do aluguel e das contas, o mercado e comprava os produtos de higiene. O que economizava, Ivan mandava para os pais ou guardava, aos poucos, para o futuro. Goran nunca criava caso por pagar pelas coisas, só quando ficava bêbado ou irritado com alguma coisa que Ivan não havia feito exatamente como ele queria. Então era: *O mínimo que você podia fazer* isso e *O mínimo que você podia fazer* aquilo, sempre em um tom de reprovação passivo-agressivo. Ele mal conseguia lembrar por que os dois decidiram ficar juntos, aliás. Mas, se fosse embora, para onde ele iria? Ivan não conseguia pagar por um lugar sozinho. Não conseguia bancar nada. Estava no fim de uma fase ruim da vida, terminando um MBA na esperança de conseguir um trabalho decente em algum lugar, em qualquer lugar, um trabalho com o qual ele pudesse retribuir os pais por tudo o que eles tinham feito por ele. Goran não entendia isso. Ele tinha dinheiro. Tanto que o dinheiro caía sobre ele como poeira ou neve, flutuando dos pais e dos avós em grandes volumes.

Goran dizia que gastava dinheiro de maneira tão despreocupada porque não era dele de fato. Ele era adotado, uma criança negra em uma família branca, estudando música no Meio-Oeste. Tentando ser músico, tentando entender o que significava ser um músico no mundo de hoje. O dinheiro, ele dizia, tinha sido reservado para alguma criança branca que nunca nasceu. Então ele a substituiu. Sempre que Goran falava de raça, sobre ser negro, Ivan se sentia culpado por esquecer que ele era negro. Goran só mencionava isso quando ficava triste ou bêbado e falava do

dinheiro que tinha gastado no dia com o jantar ou o almoço ou comprando uma jaqueta de inverno nova para um amigo. Os presentes tinham uma aparência externa de generosidade, e Ivan pensava neles dessa forma, mas havia alguma coisa intrínseca muito lamentável, e Goran fazia Ivan pensar que isso tinha a ver com ele ser negro e ter o dinheiro de sua família branca rica.

Ele tinha dito isso para Goran uma vez, no começo, enquanto eles caminhavam no Ped Mall tomando *frozen yogurt*. Um trio de jazz tocava em uma ponta do pavilhão, e um cara negro de cabelo alisado cantava *covers* acústicas de Michael Jackson na outra ponta. Goran vinha falando de como desejava que os pais pudessem entender o quão difícil era ver as notícias sobre o menino negro morto a tiros pela polícia em Ohio. O quão difícil foi para ele ver aquilo. *Nós não entendemos*, eles diziam. *Nós fizemos o melhor por você. Nós te amamos*. Goran fez uma imitação cruel da voz deles. E Ivan disse: *Queria eu ter os seus pais. As pessoas brancas ricas parecem bem mais legais agora*. Então Goran parou e jogou o iogurte na cabeça de Ivan. *Vai se foder*, Goran disse. *Meu povo está morrendo e você aí sentindo pena de si mesmo*.

Ivan quase respondeu que aquelas pessoas não eram o povo de Goran — o menino negro que morreu brincando com uma arma de brinquedo, o menino negro que morreu na Flórida por voltar para casa embaixo de chuva, o homem negro estrangulado em Nova York, ou o homem negro morto a tiros em seu carro com os filhos assistindo. Essas pessoas pertenciam a um grupo de mártires modernos, e Goran pertencia a uma família rica do subúrbio de Chicago, cuja riqueza obscena provém da invenção pioneira de tecnologias fundamentais de fabricação e reconstituição da

escravidão no país, explorando a mão de obra da classe trabalhadora industrial. Mas ele não disse isso. Afinal, o que ele sabia? Ivan não estava em posição para tanto. Em vez disso, ele se desculpou: *Você está certo. Eu não entendo. Me desculpa por não entender.*

Ivan tentava ser discreto na relação e no apartamento deles. Ele tentava lavar a louça, dobrar as roupas e cuidar do lixo e da reciclagem. Ele tentava manter as coisas bem, fluindo num ritmo suave, e, quando uma ideia se formava, guardava para si mesmo. Goran já tinha muitos problemas. Goran gostava de dizer que lutava para descobrir onde se encaixava. Onde se encontrava no mundo. Na maior parte das vezes, parecia tão triste e perdido que Ivan queria confortá-lo. Mas os dois não conseguiam fazer dar certo, então só seguiam à deriva.

Eles moravam em um apartamento de um quarto no segundo andar de uma propriedade antiga na esquina da Iowa Avenue e da Van Buren. Os vizinhos de baixo eram dois colegas de quarto, pintores do programa de mestrado em artes. O homem era pálido e tinha uma aparência constante de privação de sono. A mulher tinha a cara fechada e era musculosa, com um cabelo curto platinado. Os dois não eram um casal, mas Ivan sempre os via na cooperativa da esquina comprando produtos orgânicos em promoção e usando macacões combinando. Às vezes Ivan avistava o homem sentado na varanda da frente, fumando. O homem sentava com uma perna dobrada contra o peito e a outra pendendo sobre os arbustos. A mulher levava um cachorro cinza e barrigudo para passear. Ivan sabia que o cachorro não era dela porque ele nunca o ouviu no andar de baixo. O que ele ouvia vindo de lá era

música. Escolhiam clássicos do jazz e interpretações parecidas com blues de músicas do Great American Songbook, mas sobretudo músicas de espetáculos. Eles amavam Cole Porter. Não paravam de tocar “Anything Goes” na voz de Patti LuPone. Ivan podia sentir a música sob os pés dele.

Em algumas noites, Goran ia ao bar dos poetas e Ivan ficava em casa. Goran estava dormindo com um poeta casado e pai de duas crianças pequenas e loiras. Ivan viu os dois conversando no café. Goran estendeu a mão e tocou o antebraço do homem, que olhou em volta furtivamente e recuou. Ivan supunha que todos os poetas, como os dançarinos, dormiam juntos. Como uma matilha inquieta, esfregando-se uns contra os outros para se aquecer no inverno. Iowa era uma espécie de inverno cultural — todos tinham ido até aquela cidadezinha no meio de um estado no meio do país para estudar arte, aprimorar a si mesmos e as suas ideias como armas perfeitas e terríveis, e, diante da privação monástica que encontravam, eles se voltavam uns contra os outros. Toda espécie em extinção busca o próprio tipo de conforto.

Quando estava sozinho, Ivan sentava diante do teclado de Goran. Ele sabia tocar trechos de músicas de rádio, mas não conseguia tocar nenhuma completa. Uma vez, enquanto Goran lavava a louça, Ivan sentou atrás do teclado e tocou parte de uma música de uma banda que ele gostava, mas antes de chegar ao fim do pouco que sabia, Goran jogou um copo de vidro lá da cozinha, que bateu na parede oposta à cabeça de Ivan. O copo explodiu em cacos que caíram em cima do teclado, espalhando-se no cabelo de Ivan.

“Goran!”, Ivan levantou devagar e com cuidado.

Goran estava parado na entrada da cozinha com as mãos pingando sabão no carpete. A expressão dele era dura e cruel. Ele disse: “Para de ser idiota”.

Ivan passou dias tirando vidro do carpete. Passou o aspirador naquele lugar por semanas, mas não parava de sentir o vidro sob os pés, cutucando-o por entre as fibras.

Ivan vivia de empréstimos estudantis, acumulando dívidas para estudar a meteorologia do dinheiro. Os pais dele não podiam ajudar, pois haviam gastado cada centavo que tinham para mandá-lo para a escola de balé, primeiro em Boston e depois em Nova York, onde pareceu que ele conseguiria se manter sozinho — até que ele descobriu que seus tendões eram ruins e que isso não tinha cura. Aos dezessete anos Ivan se viu obrigado a fazer outros planos.

A mãe dele era professora do ensino fundamental e o pai era mecânico da prefeitura de Boston, que consertava ônibus, caminhões e máquinas que quebravam na estação de tratamento de água. O esforço de pagar pelos estudos de Ivan durante dez anos era ocultado dele, a não ser no Natal e nas férias de verão, quando ele voltava para casa e encontrava os pais debilitados e cansados. Eles contavam moedas e economizavam. Aceitavam dinheiro da igreja e da família. Destinaram todos os recursos para Ivan até não sobrar mais nada. No verão em que completou dezessete anos, Ivan se lembrava, ele ficou acordado na cama, pensando em como tudo aquilo parecia tão estúpido. Tanto esforço e dedicação só para se deparar com a dura realidade da biologia. Ele ficou deitado por horas e horas naquele verão, queimando e tremendo de raiva. Que

fato cruel do mundo, viver a vida inteira visualizando o que você mais deseja e ainda assim ser incapaz de alcançar, tudo por causa de uma peculiaridade defeituosa.

Ivan decidiu estudar gestão financeira porque sabia que podia ganhar dinheiro assim, o suficiente para se sustentar e ajudar os pais. Enquanto estudava, trabalhou em restaurantes e canteiros de obras, no frio, no calor e na neve derretida e suja dos subúrbios periféricos de Boston. Ele se acostumou a dirigir o dia inteiro até um canteiro, trabalhar e então voltar para Somerville pelas estradas sinuosas e curvas cegas para acordar e fazer tudo de novo na manhã seguinte.

Mesmo assim Ivan trabalhou, estudou, economizou e se formou, e agora, aos vinte e cinco anos, ele se via na reta final de seu MBA, precisando dar um jeito de passar o verão em Nova York ou San Francisco porque não poderia seguir carreira em Iowa, a não ser que quisesse ficar ali em definitivo, o que ele não queria. Ivan não tinha dinheiro suficiente para fazer isso acontecer, mas precisava muito que fosse possível. Nesse sentido, a vida de Ivan não tinha mudado tanto.

Naquele janeiro, ele estava ajudando seu amigo Noah a construir um galpão no interior. O terreno pertencia a Bert, que tinha várias propriedades em Iowa City e em áreas mais afastadas. Ele comprava imóveis velhos e os convertia em apartamentos que alugava para grupos de graduandos e pós-graduandos. Ivan morava em um apartamento desses com Goran, mas Bert não era o senhorio deles. Noah alugava dele. Bert era branco, rechonchudo e usava óculos grossos. Ele parecia um daqueles homens de “Os mais procurados dos Estados Unidos”. Às vezes Ivan, agachado e

tentando amarrar alguma coisa em uma estaca, encontrava Bert o encarando. Noah ria e dizia: *Não liga pra ele.*

O vento rachava os nós dos dedos dele, mas o trabalho era bom e o fazia se sentir cansado e quente. Nos dias mais bonitos, ele deitava na caçamba da caminhonete e ouvia o vento penteando a grama. Os campos eram lamacentos. As árvores altas e finas balançavam nas margens da floresta.

Noah cursava dança em Iowa. Ele foi criado em West Des Moines, metade japonês, metade branco, e na maior parte da infância foi um ginasta de elite até ficar entediado. Noah achava os outros meninos cansativos com toda a intensidade deles, e costumava receber olhares estranhos dos pais, como se estivessem sempre de olho para ver se Noah não crescia mais do que os filhos deles. No balé, todos os meninos eram meio príncipezinhos. Ivan conhecia bem a forma como os professores bajulavam os meninos, mesmo aqueles mais desajeitados e preguiçosos. No balé, eram uma mercadoria preciosa, rara e excepcional, mesmo os medíocres, e a música, de qualquer forma, era melhor. Ele gostava de dançar. Combinava com ele.

Ivan viu Noah pela primeira vez em um espetáculo de dança. Era uma coisa modernista sem sentido, e a coreografia não era muito boa, mas Noah era bom no que fazia. Ele dançava de uma forma fluida e natural, enquanto outras pessoas pareciam meio forçadas. Era difícil para Ivan ver outras pessoas dançando. Ele sentia tanta falta de dançar que seu estômago doía. E ele também se cansava, pois se pegava memorizando a coreografia, acompanhando e sentindo frio na espinha a cada movimento sutil.

Mas naquela noite ele só assistiu a Noah dançando, e mais tarde, no bar, Ivan pagou algumas bebidas para ele.

Noah disse que as audições tinham começado a surgir agora que ele estava se formando. Audições que determinariam o curso da vida dele. Ivan disse que entendia bem isso. Ele também tinha algumas entrevistas. Se ele tivesse sorte — *merda*, se ele tivesse sorte. Noah disse que estava começando muito tarde, mas a vida era assim, fazer o quê? Às vezes ela surpreendia. Ivan riu. Sim, fazer o quê?

Um cachorro grande de pelo claro vagava pelo lote. Noah o chamava de Dota, por causa do jogo, e o alimentava com comida que deixava na caçamba da caminhonete. Ele disse que Bert pediu que não fizesse isso, o que lhe dava um prazer especial em alimentar o cachorro e levá-lo para passear. Bert contou que o cachorro vivia solto e estava infestado de pulgas e carrapatos, e os olhos de Noah brilhavam enquanto compartilhava isso com Ivan, como se eles fossem cúmplices. Às vezes, Dota subia na caçamba da caminhonete e deitava em cima de Ivan. Ivan se aquecia sob o peso quente dele e conseguia dormir apesar do frio.

Certa tarde, na pausa para o almoço, Noah foi fazer uma de suas caminhadas na floresta. Ivan e Dota subiram na caçamba da caminhonete para tirar um cochilo. Então, no momento em que Ivan fechou os olhos, ele se sobressaltou com um som que parecia o de trovões distantes. Dota pulou no chão e soltou um uivo longo. Ouviu-se um outro estalo agudo à distância. Não eram trovões, mas disparos de rifle. A lembrança, firme como o próprio som, varreu Ivan como se atravessasse uma grande planície. Dota corria em círculos, ganindo e se contorcendo ansioso.

Ivan ligou para Noah, mas o celular tocou atrás dele, na cabine da caminhonete. Ele desceu da caçamba e ficou ao lado de Dota. Mais um tiro, a onda crepitante do som. Ele devia entrar na floresta para procurar Noah? Ou devia ficar onde estava? Ivan não tinha como saber se estava em perigo. Ele esperou. O vento mudou de direção. Ele sentiu um cheiro amargo de enxofre. Muito perto. Seu medo aumentou.

Mas então um outro som subiu pelas copas das árvores — risadas. A voz de Noah. Ivan saiu correndo, saltando a vala rasa, para encontrar Noah na margem da floresta. Noah era mais alto do que Ivan e tinha cabelos grossos e escuros. Seu sorriso era malicioso. Ele tinha uma pequena cicatriz quase no meio dos lábios.

“Merda”, Ivan disse, agarrando Noah pelos ombros.

“Ah, oi”, Noah disse.

“Você ouviu os tiros?”

Noah riu mais alto. Ivan sentiu a respiração dele quente nas bochechas. Ivan sacudiu Noah, mas ele só riu mais alto ainda.

“Não eram tiros.”

“Quê?”

“Bert deixou umas latas de ar comprimido queimarem no barril. Idiota.”

Ivan enterrou os dedos nos ombros de Noah. O vento mudou de direção de novo, atravessando as árvores. Dota fazia festa aos pés deles, erguendo-se e apoiando as patas da frente na barriga de Noah. O cachorro latiu duas vezes, então olhou para Ivan e latiu para ele também. A língua dele era roxa com pintas rosadas, como um réptil.

“Meu Deus”, Ivan disse. “Eu pensei... Eu pensei...”

Noah riu, segurando o pelo de Dota.

“A sua cara”, ele disse.

“Meu Deus”, Ivan disse.

Saindo da propriedade de Bert, Noah e Ivan encontraram um trecho de estrada deserto para estacionar. Eles desabotoaram a camisa de flanela um do outro, e ali, no frio da cabine da caminhonete de Noah, os dois se masturbaram enquanto Dota arfava seu hálito quente no rosto deles. As mãos deles ainda estavam duras e ásperas depois do trabalho, cheias de lascas nas palmas, lama seca embaixo das unhas, mas por baixo das roupas eles estavam limpos e tinham cheiro de mar. Ivan se inclinou por cima do câmbio e engoliu o pau de Noah. Os pelos pubianos dele eram escuros, eriçados, e faziam cócegas no nariz e nos lábios de Ivan. Noah tremeu e perguntou se podia gozar na boca de Ivan, e Ivan só assentiu e resmungou, então ele sentiu tudo, quente e pegajoso na língua e no céu da boca. Noah fez o mesmo com ele, mas Ivan não conseguia ficar duro e depois de um tempo ele só levantou as calças e disse que estava tudo bem.

Dota deitou a cabeça no colo de Ivan. O cachorro era grande demais para ficar na cabine com eles, mas estava muito frio para levar Dota na caçamba. A caminhonete de Noah era velha e não tinha tocador de CD, mas um cara que Noah conheceu pelo seu fornecedor de maconha tinha conseguido dar um jeito de tocar música do celular. Noah dirigia com o queixo apoiado na mão esquerda, e a direita os guiando preguiçosamente. Eles ouviam Rachmaninoff, que não era o favorito de Ivan, mas que Noah preferia mais que o restante, exceto Tupac.

Era uma estrada fácil, um trecho de escuridão que atravessava campos amarelos e amarronzados. Às vezes eles passavam por casas baixas banhadas pela luz do crepúsculo, e era como uma pintura do interior sombrio deste país. Casas devastadas pelo vento e pela má sorte: fachadas de ripas brancas ou tijolos arruinados; telhados baixos e escuros; grandes janelas frontais ou fendas de luz dourada na noite que caía. Colinas se erguiam aqui e ali na estrada, a grama selvagem despontando das encostas como pelos. Havia árvores esparsas com cordas puídas penduradas nos galhos e grandes pneus espalhados pelos quintais ou apoiados em galpões. O cotidiano do mundo todo ali diante deles.

“Que paisagem depressiva”, Ivan disse.

“Você acha?”

“Olha”, ele disse, apontando na direção do para-brisa, para as casas nos dois lados da estrada pela qual passavam, mas Noah deu de ombros.

“Sei lá. São só pessoas.”

“Estamos nos Estados Unidos. Por que as pessoas vivem assim?”

“Você é norte-americano. Como você vive?”, Noah perguntou com rispidez.

“Não assim”, Ivan respondeu.

“Tem certeza?”

“Sei lá”, ele disse, sabendo que isso não era uma resposta.

“Eu já disse. Se você precisa de mais dinheiro, tem coisas que você pode fazer.”

“Eu não vou sair transando por aí por dinheiro”, Ivan disse.

“Não foi o que eu quis dizer, e você sabe que eu não faço isso. Não com Bert.”

“Ah, então é um caso de amor?”, Ivan encostou a cabeça no vidro.

Noah parou no acostamento de cascalho da estrada. A caminhonete ficou um pouco inclinada na vala. O motor roncava baixo como um animal adormecido. Dota ergueu um pouco a cabeça. Ivan o acariciou.

“Não seja tão ingênuo”, Noah disse, inclinando-se para a frente e se apoiando no volante. “Eu disse que tem esse site. Você pode se cadastrar. Fazer vídeos. Ganhar dinheiro. É fácil. Eu faço isso. Uns caras da faculdade também. É supersimples.”

“Pornô? Essa é a sua solução?”

“Olha, sinto muito, mas nem todo mundo é herdeiro. Incluindo você.”

Ivan suspirou. Não era a primeira vez que Noah sugeria esse lance dos vídeos, mas Ivan odiava até as formas mais mundanas de redes sociais. Para ele, estar on-line era como se sujeitar aos caprichos e sentimentos de outras pessoas, e ele já passava por poucas e boas fazendo isso presencialmente, com pessoas reais. Ele nem podia imaginar uma legião de espectadores invisíveis, os olhos postos nele a todo momento, visualizando uma recriação perfeita das ações passadas dele.

“Seu corpo é incrível. Por que não usar ele?”, Noah perguntou.

“Meu corpo é uma merda. Meus joelhos estão queimando depois de um dia de trabalho. Eu não sou mais um dançarino.”

Noah soltou ar quente pelas narinas. Ele tamborilou sobre o painel.

“Você me deixa doido”, ele disse depois de um tempo. “Você me deixa muito doido. Pra que ficar reclamando se você não faz nada pra resolver?”

“Eu não estava reclamando.”

“Por que as pessoas vivem assim?”, Noah disse em uma imitação rude da voz de Ivan.

“Por que você está me tratando desse jeito?”

“Porque você está vacilando.”

“Com o quê?”

“Com tudo”, Noah disse, manobrando a caminhonete e voltando para a estrada.

Ivan não soube o que responder. Ele tinha pensado que entendia alguma coisa da vida, mas agora achava que não entendia nada.

Noah o deixou no frio e foi embora.

Ivan ficou ali na varanda até seu corpo ficar dormente.

Goran e Ivan foram a uma festa no apartamento de Noah, que ficava mais para cima na rua. O céu estava limpo e escuro e algumas estrelas brilhavam lá no alto. Goran tinha acabado de voltar de um ensaio e sua testa ainda estava úmida. Em alguns momentos ele estremeceu ou dizia alguma coisa em voz baixa, direcionada não a Ivan, mas a outra pessoa. Sempre que Goran voltava dos ensaios, os assuntos do dia vazavam dele como vapor. Refutações e redirecionamentos, realinhamentos sutis de fatos irrompiam espontaneamente.

Ivan havia passado o dia se inscrevendo em estágios de verão. Os detalhes de seu currículo flutuavam em sua cabeça, colunas bem

diagramadas passavam diante dos olhos como hologramas. Os sapatos deles escorregavam. Goran estendeu a mão para se apoiar em Ivan, que pôs as mãos nas costas de Goran, segurando-o firme. Era um tipo de contato bom e sólido.

Eles não falavam.

Noah morava no segundo andar de uma propriedade na Jefferson Street. As pessoas se espalhavam pelas escadas do saguão, passando pela varanda até o quintal. As luzes do apartamento no térreo brilhavam, mas as persianas estavam fechadas. Quando Ivan e Goran chegaram na frente da casa, Goran apontou para a silhueta de um homem se mexendo.

“Aqui é a casa do namorado de Timo.”

“Timo vem pra festa?”, Ivan perguntou.

“Talvez. Acho que eles terminaram. Os dois nunca estão bem.”

Timo era amigo de Goran, talvez mais que amigo. Eles tiveram um lance antes de Ivan entrar em cena. Timo trabalhava com alguma coisa que envolvia matemática e namorava um cara da cidade. Os dois estavam sempre terminando e voltando, o que Ivan entendia. Às vezes era assim mesmo. Goran costumava se encontrar com o poeta casado no café onde Ivan trabalhava, e nesses dias ele via Timo chegando depois que o poeta ia embora. Um breve aceno com a cabeça constituía a extensão da comunicação deles. Goran se encontrava bastante com Timo. Eles jantavam e iam a concertos no auditório. Uma vez, Timo foi até o apartamento deles para devolver um disco, mas Goran não tinha chegado em casa, ainda estava a caminho. Ivan ofereceu um copo d'água para Timo, mas ele não aceitou. Eles permaneceram naquela situação constrangedora pelos quinze minutos que Goran levou

para chegar em casa. Então Goran e Timo saíram juntos. O disco ficou em cima da mesa. Era uma gravação de Rubinstein com uma capa antiga e amarelada. Ivan pôs para tocar e ouviu os longos trechos de abertura da primeira peça. Era uma música sombria, mas com um brilho muito real.

Ivan sentia falta da música. Ele sentia falta de ser levado pela música. Sentia saudades de dançar. Ele ouviu o disco inteiro e pôs para tocar de novo. Quando Goran chegou, meio bêbado, meio feliz, ele subiu no colo de Ivan e o beijou. Eles transaram enquanto o disco tocava, então caíram no sono, alheios ao seu soluço arranhando o silêncio.

Na manhã seguinte, Goran ficou furioso quando acordou e encontrou o disco ainda rodando. Muito injusto. O disco estava tocando quando Goran voltou para casa, afinal, e ele poderia ter desligado a vitrola. Ivan sentia que os dois tinham sido culpados por terem deixado o disco ali e eram responsáveis por qualquer dano causado no disco ou na agulha. Mas Goran não concordou, claro. Em vez disso, ele disse do outro quarto: “O mínimo que você podia ter feito”. E então ficou em silêncio. Goran saiu e ficou fora o dia inteiro. Aquela tinha sido a última vez que Timo apareceu na casa deles. E a última vez que eles transaram.

Goran reservava seus amigos para ele mesmo. Ele e Ivan não se misturavam muito socialmente. Suas vidas eram como aqueles brinquedos bobos que se fazia na escola com óleo, corante, vinagre e às vezes água. Eles só ficavam ali grudados, mas nunca se misturavam.

A silhueta parou no meio da janela, se virou, se afastou da persiana e adentrou mais o apartamento. Eles subiram as escadas.

Goran estendeu o braço e bateu na janela para ver se alguém atendia, mas ninguém apareceu. Eles entraram no saguão e subiram as escadas até o apartamento de Noah, se acotovelando com pessoas nas escadas, de rostos brilhantes de bons momentos e boas drogas. Isso o lembrou da escola de balé, quando as festas eram espontâneas de forma sutil e ilícita. Alguns dos dançarinos mais velhos tinham namorados, namoradas ou pessoas com quem transavam ainda mais velhos. Isso resultava em uma caravana de cigarros, vodca barata, cerveja barata, balas baratas e uma quetamina não tão barata.

No primeiro momento, as drogas eram parte daquilo. Uma forma de assegurar o domínio sobre seus corpos, sobre os pais, sobre o paternalismo dos professores e sobre as necessidades da dança. A forma deles de independência, de se sentirem vivos, pelo menos até terem de acordar ao primeiro sinal cinza do amanhecer, se enfiar numa meia-calça e fazer o aquecimento antes da aula. No primeiro momento, as drogas eram apenas uma forma de mostrarem como queriam ser vistos. Belos, jovens, mas se sentindo mais velhos que a própria idade, e sábios, pois faziam o que queriam com seus corpos. Ivan se lembrava claramente de, aos catorze anos, olhar para um lado do estúdio e ver meninos um pouco mais novos que ele se divertindo e competindo para ver quem era mais flexível, quem podia curvar mais as costas e segurar os tornozelos, caindo e rindo feito crianças. Eles *eram* crianças. E então de olhar para o outro lado e ver os meninos nem um ano mais velhos que ele observando as ruas pela janela, com um quê de adulto na indiferença entediada, na forma como cochichavam entre si — fazendo planos, Ivan sabia, para ir fumar na hora do

almoço. Eles eram tão jovens que até as coisas *ruins* que queriam fazer eram planejadas.

Subindo as escadas para a festa de Noah, a mão apoiada nas costas de Goran, Ivan também podia ver nos olhos daqueles jovens um grande desespero de *ser* — e o quão desesperadamente isso dependia de *serem vistos*. A ideia de que se ninguém testemunhasse seu estado de liberdade, então você não era livre. Ivan achava isso muito triste. Ele quis agarrar todo mundo pelos ombros e dizer para saírem dali, que apenas fossem, que dessem o fora dali e fizessem algo da vida. Eles ainda tinham tempo, eram tão jovens. Mas que direito ele tinha? Ivan não era mais velho que eles. Não tinha idade suficiente para lançar advertências órficas das margens de sua segunda vida. Mas ele conhecia um pouco o ímpeto de querer concluir uma etapa da vida antes de estar pronto, como você podia se enganar pensando que sabia tanto quando, na verdade, não sabia nada. Aqueles dançarinos. Chapados, completamente desconectados, surfando em uma onda de prazer. Eles eram tão vivos. E já estavam mortos. O que partia o coração de Ivan.

Fazer o quê?, ele pensou.

A música não estava alta, mas era percussiva em excesso. Ivan podia senti-la no peito e nas bochechas. Cada gota de suor solta em seu corpo borbulhava e tremia. Goran levou os casacos para o quarto. Ivan foi até a cozinha em busca de uma cerveja.

Havia umas vinte pessoas na festa, mas, como o apartamento de Noah era pequeno, parecia mais. Todo mundo tocava todo mundo. Quando Ivan se inclinou sobre a pia para pegar as cervejas na água gelada, ele sentiu a respiração quente de alguém em sua

nuca, tão íntimo como se tivesse deslizado a mão por baixo de sua camisa. Ele ficou ali, com a mão submersa na pia cheia d'água, segurando as garrafas, e a respiração tocando e deixando sua pele. Ivan sentiu uma pressão na lombar e entre os ombros, a parte dianteira do corpo de outra pessoa, a implicação da solidez humana. A respiração fez os cabelos finos e escuros das laterais de sua nuca ficarem pesados e úmidos, e quando Ivan olhou para a janela que refletia o cômodo atrás dele, viu Bert, o amigo de Noah, pressionando o corpo contra o seu. Os olhos deles se encontraram na janela, e Bert respirou fundo, tão perto que Ivan pôde sentir a umidade dos lábios e a cartilagem oleosa e firme da ponta do nariz dele. O nariz de Bert cutucava Ivan bem na parte de trás de seu crânio, tão resolutivo como um dedo, e então Bert se afastou.

Ivan atravessou a multidão reunida na cozinha com as cervejas na mão e encontrou Goran sentado no braço do sofá. Ivan entregou a cerveja para ele — light, barata, ainda pingando. Goran pegou a garrafa e ficou olhando na direção de Ivan. Ivan enfiou a cerveja embaixo do braço, onde ele estava suado e quente, e estendeu a mão para abrir a de Goran. A tampinha não ofereceu resistência, e Ivan a guardou no bolso. Eles brindaram, e Ivan ficou ali parado meio sem jeito ao lado de Goran, enquanto ficava atento para liberar a porta que se abria e fechava, deixando as pessoas entrarem ou saírem.

O lance das festas é que as pessoas não conseguiam decidir onde ficar. Noah não estava em nenhum lugar à vista. Mas havia dançarinos e poetas, pintores e aspirantes a romancistas — um belo grupo. O fornecedor de maconha de Noah estava lá, e o ar já estava preenchido como um mapa de nuvens condensadas. As luzes

eram baixas e lançavam brilho âmbar, tornando todos os rostos familiares e estranhos ao mesmo tempo. Ivan sentia como se já tivesse visto todo mundo ali antes, mas também como se tivesse sido jogado em um planeta alienígena.

Noah apareceu com Fatima, uma das dançarinas do curso, de um lado, e o vizinho pintor, do outro. Eles riam e se jogavam uns sobre os outros. Noah estendeu o braço e pôs a mão no ombro de Ivan.

“Você veio”, ele disse.

“Eu vim.”

“Goran!”, Noah gritou.

O nome do pintor era Howard? Richard? Pritchard? Leonard? Lennart? Alguma coisa assim. Ivan quase conseguia se lembrar. Fatima era a única pessoa negra no curso de dança, o que a destacava. Ela tinha começado no balé como todos os outros, mas mudou para dança moderna na faculdade. Os dançarinos modernos eram um núcleo denso de cinco ou seis que se mantinha afastado dos outros grupos como se fossem superiores, e talvez fossem mesmo. A dança moderna era muito técnica e exigente — parte atuação, parte esporte de contato, parte colapso nervoso. A pessoa responsável pelo departamento de dança moderna era um daqueles artistas filósofos que gritava Wittgenstein para os dançarinos enquanto eles venciam o nó emaranhado da coreografia dele. Era menos uma dança e mais uma destruição institucionalizada do eu.

Ivan costumava ver Fatima no café, onde ela trabalhava em turnos extras como barista. Os outros dançarinos implicavam com ela por causa disso, pois, de alguma forma, o trabalho fazia parecer

que ela não levava a arte tão a sério e, ao mesmo tempo, que era mais dedicada do que os outros. Eles se ressentiam com a insinuação de que, por não batalharem tanto pela arte quanto Fatima, não a desejavam como ela. A ideia de julgar o valor da arte com base no rigor e na dedicação do artista — havia uma lógica onírica nisso.

Fatima pôs o braço ao redor da cintura de Noah, e ele beijou o topo da cabeça dela como se estivesse concedendo uma bênção. Ivan riu.

“Já está todo mundo chapado?”, Goran perguntou.

“É isso o que acontece quando você chega atrasado”, Noah disse, meio cantarolando.

“É uma festa. Não tem como chegar atrasado em uma festa.”

“Falou o atrasadinho”, Fatima disse.

Goran se fingiu de bravo. Ele cruzou os braços e fez bico. Ivan passou os dedos pelos cabelos de Goran, mas, quando fez isso, percebeu que Fatima estava olhando para eles. Um olhar de consternação e irritação passageira. Ela resmungou baixinho. Goran afastou Ivan.

“Como surgem depressa os motivos para aprovar aquilo que nos agrada”, disse o vizinho pintor. Noah riu alto, apertando a cintura dele.

“Jane Austen. Quem diria que os pintores sabem ler?”

“E não só Kant, né? Chocante”, o pintor disse.

“Bom, eu não sou paga pra isso”, disse Fatima, se soltando de Noah e estendendo a mão para Goran. “Vamos ficar chapados.”

Goran segurou a mão dela e levantou do sofá. Noah pegou o lugar dele e deu uns tapinhas no colo. Ivan deitou no sofá com a

cabeça apoiada nos joelhos de Noah. O pintor pegou o lugar de Ivan na beirada do sofá e ficou observando os dois com um olhar surpreso e terno. Ele usava um macacão preto e um suéter de lã rosa. O cabelo dele era desgrenhado e tingido de um ruivo ruim. Círculos escuros embaixo dos olhos e lábios rachados e mordidos.

“Vocês dois parecem uma pintura.”

Noah se emocionou com o elogio e Ivan sentiu os músculos da coxa dele enrijecendo. Ivan olhou para cima e viu Noah se endireitando e posando, balançando os ombros para a frente e para trás, se afastando e se aproximando de Ivan. O pintor assentiu vigorosamente para cada uma das poses bobas, como se as estivesse estudando.

“Sim, tipo Repin. *Ivan, o Terrível, e seu filho Ivan.*”

“Meu nome é Noah, não Ivan.”

“É uma alusão. Uma homenagem”, o pintor disse, rindo. “Dançarinos. Tão literais.”

“Como é esse quadro?”, Ivan perguntou. O pintor pareceu surpreso por um instante e então corou.

“Eu não... bom, é tipo. Hmm”, ele disse.

“Para de ser exibido!”, Noah disse.

“Eu não estou me exibindo”, o pintor disse, mas estava.

“Óbvio que está”, Ivan disse.

“Não, não. Existe mesmo um quadro chamado *Ivan, o Terrível, e seu filho Ivan*. É tipo uma *pietà*, eu acho?”

“*Pietà*? Isso não tem a ver com Jesus e a Virgem Maria?”

“Eu não sou virgem”, Noah disse.

“Nós sabemos”, o pintor disse. “É difícil explicar se vocês não sabem nada de história russa.”

“Eu sou russo”, Ivan disse.

“Você cresceu em Boston.”

“Tipo, sim, mas meus pais são russos. Eu sou russo. Meio russo.”

“Uma alusão”, Noah disse.

“Não. Sim. Sei lá”, o pintor disse, esfregando o pescoço. Ivan sentou e apoiou o braço no encosto do sofá. Noah se recostou no sofá e sua cabeça roçou no braço de Ivan. Ele parecia tão caloroso e feliz por estar ali que Ivan, sem pensar, inclinou o corpo e o beijou na boca. Quando recuou, Ivan viu que os olhos de Noah estavam fechados e ele sorria. O pintor ficou ali parado em silêncio. Ivan estava sentado sobre os calcanhares no sofá, a cabeça de Noah apoiada em seu braço, o calor do corpo dele, o barulho distante da festa banhando os dois.

“Eu acho que é mais uma pintura sobre a desumanidade do homem contra o próprio homem.”

“Isso é Sartre”, Noah disse, sem abrir os olhos.

“É Burns, na real”, alguém interrompeu. Era um cara com o cabelo avermelhado e olhos castanhos tristes. Ele não parecia se encaixar ali.

“Ah, um poeta. Alguém deixou um poeta entrar”, o pintor disse, então levantou e deu um abraço frouxo nele. “Este aqui é o Seamus.”

Noah o cumprimentou distraído. Seamus deu um aceno contido. Ivan acenou também, acompanhando Noah. Um poeta. Ele não tinha conhecido muitos poetas na vida. Ou nenhum. Talvez alguns. Poucos. Ivan tinha visto poetas em Nova York, em festas e inaugurações nas quais ele fingia ser mais velho e mais interessado

do que era. Quando apenas deixava que toda aquela vida de salões brancos iluminados, champanhe e cocaína no banheiro o envolvesse sem deixar vestígios. Mas aqueles poetas eram adultos. Este aqui vestia uma jaqueta jeans e um suéter branco folgado que parecia meio inacabado. Stafford. Era esse o nome do pintor.

“Bom, Seamus, bem-vindo ao submundo”, Stafford disse.

“Foi *você* que trouxe o poeta”, Noah disse. Seamus corou.

“Eu não *trouxe* ele. Quer dizer. Eu o convidei. E convidei outras pessoas também. Um grupinho descontraído.”

“Ah, a creche não.”

Ivan se sentiu meio mal por Seamus. Mas ele parecia bem, só um pouco envergonhado.

“Seamus vai publicar um poema em uma revista *bem* famosa”, Stafford ergueu as sobrancelhas de forma sugestiva. “É um poema excelente.”

“É sobre o quê?”, Noah perguntou, bocejando.

“Não é...”

“Não é autobiográfico”, Stafford disse. “Os poemas não são *sobre* alguma coisa, certo? Eles só são.” Ele sorriu para Seamus, que parecia querer vomitar.

“Eu só estava sendo educado”, Noah falou arrastado. “Eu nem ligo. Mas parabéns. É muito legal.”

“Eu queria saber mais do seu poema”, Ivan disse. Noah riu. Seamus assentiu.

“Ah, legal. Posso te falar um pouco sobre o poema”, e revirou os olhos de um jeito meio nerd, curvando a cabeça em um gesto de falso entusiasmo.

Noah riu de novo. Ivan odiou a falsidade daquilo. A maldade. Os cílios de Noah estavam úmidos de suor, a pele brilhante e luminosa. Ivan deu mais um beijo nele, agora no canto da boca, e Noah entreabriu os lábios, de forma que Ivan pôde sentir o interior quente e metálico do corpo dele. Algo intenso e quente restou do beijo, embora não tenha sido um bom beijo, quando ele se afastou. Os olhos de Noah se abriram um pouco, e Ivan conseguiu ver a escuridão liquefeita da íris dele se movendo.

Eles não conversaram a respeito daquela última vez na caminhonete, algumas semanas atrás, quando Noah perguntou se Ivan tinha certeza de que a vida dele era tão diferente da vida dos moradores daquelas casas pelas quais eles passaram. Havia uma pergunta nos olhos de Noah e no formato da boca dele. Uma pergunta que Ivan não conseguia responder. Ou, melhor, conseguia, mas não iria, pois ainda estava um pouco magoado. Em vez de responder, Ivan deixou a cabeça de Noah descansar nele, pois isso era tudo o que ele podia fazer em termos de pedido de desculpas quando não havia recebido um primeiro. Noah voltou a fechar os olhos: deixa acontecer.

“Garshin, o escritor, serviu de modelo para o Ivan mais novo naquele quadro. O cara se jogou de uma escada de pedra. E, tipo, morreu. Depois. Mas morreu.”

“Jesus”, Noah disse. “A gente vai voltar nisso?”

“Que jeito de morrer”, Seamus disse.

“Né?”

“Que barra”, Ivan disse. “Que barra, cara.”

Noah estava estudando Seamus. Ivan pôs a mão na frente dos olhos de Noah.

“Você está sendo esquisito.”

“Tudo bem”, Seamus disse. “Eu não ligo.”

“O que aconteceu com você?”, Noah perguntou.

“Eu me queimei”, Seamus disse. Ele se inclinou, aproximando-se deles no sofá, e apontou para uma queimadura circular quase cicatrizada. Noah apertou os olhos e tocou a marca com a ponta dos dedos.

Seamus se sobressaltou e gemeu, e Noah se afastou bruscamente. “Ah, merda, desculpa!” Mas Seamus começou a rir, mostrando os dentes para Noah.

“Peguei você.”

Noah mostrou o dedo para Seamus e bateu no peito dele.

O coração de Ivan estava batendo rápido, e ele sentiu um gosto ácido no fundo da garganta. Seamus o tinha pegado também.

“O.k., eu gosto um pouco mais de você agora”, Noah disse. “Por que eu não estou mais louco? Por quê?” Ele levantou do sofá com um impulso e passou o braço ao redor do pescoço de Stafford, que observava tudo com uma distração divertida. Então Noah também deu a mão para Seamus. “Vamos ficar doidões.”

Ivan viu os três se afastando, sentindo-se muito pesado e cansado de repente. Ele afundou o corpo no sofá e fechou os olhos, tentando recuperar o fôlego por um instante.

Goran voltou sem Fatima, e parecia estar em cima de uma nuvem azul-celeste. Ivan apoiava a cerveja quente entre as coxas. A umidade penetrou em suas calças e na almofada. Um pequeno ponto úmido no mundo.

“Aqui está você. Nem saiu do lugar”, Goran disse.

“Sim”, Ivan disse. Ele havia tirado as botas e estava sentado ali com as meias cinza aparecendo. A festa tinha entrado em uma fase mais silenciosa, ou talvez Ivan só tivesse se acostumado com o barulho que, de qualquer forma, não o incomodava mais como antes. Goran sentou ao lado dele e pôs o braço ao redor de seu pescoço. Sim, ele estava cheirando a maconha. Os joelhos de Ivan tinham começado a queimar.

“Está gostando da festa?”

“É, acho que sim. É só uma festa.”

Goran resmungou.

“E você?”

“Sim”, Goran disse, apoiando os pés no vidro da mesinha de centro. Do outro lado da sala, duas mulheres conversavam de mãos dadas, muito próximas. A noite estava terminando. A varanda havia esvaziado mais ou menos uma hora atrás, mas a cozinha ainda estava densa de corpos, um núcleo sobrecarregado. Em algum momento haveria uma fissura. As pessoas se entregariam à noite a caminho de casa, deixando rastros de cheiros, suor e vozes, a cauda do cometa dos momentos que tiveram.

“Você não parece feliz”, Ivan disse.

“Eu não estou feliz.”

“Sinto muito.”

“Não precisa fingir.”

“Eu não estou fingindo.”

Goran suspirou. “Isso é tão cansativo.”

Ivan se aproximou de Goran, mas ele se virou. Ivan traçou a curva do pescoço de Goran. Ele soltou uma risada baixa e contida.

“Ei”, Ivan disse.

“Não zoa com a minha cara.”

“Eu não estou zoando”, Ivan disse. “Por que você sempre acha que eu estou zoando você? Eu não estou. Ei. É sério. Eu não estou.”

Goran se virou para encarar Ivan. Foi chocante. Parecia que fazia muito tempo que eles não se olhavam daquele jeito. Os cílios grossos de Goran. Os olhos dele. A curva jocosa e irritada da boca. A tensão nas sobrancelhas. Um rosto humano pouco notável, mas familiar para Ivan. As narinas de Goran inflaram um pouco.

“Então demonstra isso.”

Havia um envelope pequeno e rígido grudado na porta. Ivan virou o envelope e encontrou o nome do pintor: Stafford. Dentro, havia um cartão-postal no qual o pintor havia escrito um bilhete:

A humanidade!

— S

O cartão era uma pequena reprodução de uma pintura. Um homem velho abraçando um homem mais jovem. Uma expressão atordoada de horror nos olhos do velho, quase caricaturais em tamanho e emoção. O mais jovem, moribundo, com uma espécie de ferida ensanguentada. Havia uma tensão tremenda nos braços, na forma como o mais jovem se apoiava no chão. Os rostos macabros e aterrorizados. Um grande bastão descansa no chão, mais afastado deles. Os homens pareciam possuídos pelo medo do que haviam feito, do que havia pela frente. O velho queria voltar no tempo, Ivan percebeu. Ansiava poder desfazer o que havia feito. O cartão tinha uma superfície lisa e viscosa. Ivan o guardou no bolso do casaco.

Goran tinha saído de novo com seu poeta casado.

Ivan pendurou o casaco. Ainda levaria um tempo para ele receber um retorno, para saber se tinha conseguido um emprego ou uma entrevista. Nesse meio-tempo, ele se arrastava pelas aulas, cochilando enquanto seu professor resmungava acerca de práticas contábeis e tipos de incorporação. A parte da aula de que ele mais gostava era a de estudos de caso, grandes volumes de dados da ascensão, queda e destruição de empresas na grande arena do mercado. Ele gostava muito de revisar os dados que precediam um declínio, tentando identificar naquele mar de números o momento em que a maré começou a virar, mesmo que de maneira imperceptível, contra a empresa. A fragilidade do organismo do comércio.

Ivan havia se candidatado a cargos em várias firmas e bancos em Nova York, nos escritórios espalhados na ilha de Manhattan. Fazia tempo que ele não voltava para a cidade. Não voltou desde que deixara a escola de balé. Desde aquela longa e solene viagem de trem para Boston com a velha bolsa militar do pai cheia de roupas e meias-calças enfiada embaixo do assento. Ele se sentia como um soldado voltando da guerra. Nevava naquele dia.

De uma forma tola, ele sentia falta do verão na cidade. O calor brilhando nos vidros dos arranha-céus, as sombras frias em Chinatown e no Lower East Side. Ivan não sentia saudade do fedor do rio no verão. Mas havia algo na forma como as pessoas se deitavam para tomar sol, expostas e vulneráveis aos olhares. A cidade inteira parecia performar uma abertura radical de si mesma para expelir o calor. Disso ele sentia muita falta. O verão em Iowa, porque ele não podia arcar com viagens para Boston, era mais

depressivo. Era mais como um fechamento radical. As ruas desertas no calor do dia, o Ped Mall, uma ferida branca de concreto e árvores moribundas. O verão em Iowa era um punho fechado. Não havia para onde correr, a não ser para o cinema, se você tivesse dinheiro para isso. E mesmo assim. Mesmo assim.

Mas ele era jovem quando morou em Nova York. Bom, mais jovem. Quando você é jovem assim, nada mais importa, a não ser o seu corpo e o que você pode fazer com ele. Ele vivia inteiramente por aquele corpo. Até seu corpo se virar contra ele. Mas, por um tempo, nossa.

Ainda assim, havia a questão de voltar para lá. Se conseguisse um trabalho em um daqueles bancos, ele teria que encontrar um lugar. E pagar: aluguel; seguro; passagem de ida; passagem de volta e um caminhão de mudança, a menos que ele quisesse vender todas as merdas dele. Depósito. Não seria a primeira vez que Ivan pensava em pedir ajuda para Goran. Mas ele já tinha pedido tanto para Goran. E ele dependia tanto de Goran. Às vezes Ivan não conseguia diferenciar o que sentia por Goran e o que Goran fazia por ele. Ivan precisava de um pouco de energia própria. Um pouco de magia.

Noah. O conselho dele.

No fundo da gaveta de meias, Ivan guardava uma câmera que usava para gravar a si mesmo na época do balé. Ele a havia comprado com o dinheiro que ganhou em uma competição de dança. Na época, foi uma compra idiota. E era mais idiota agora. Mas pelo menos ele conseguiu usá-la por alguns anos. Agora, ele raramente usava. Mas, lembrando das palavras de Noah, Ivan a

tirou da gaveta. Ele pôs a câmera em cima da cômoda e se agachou diante dela. Seus joelhos queimavam. Suas coxas doíam.

A câmera tinha uma luz vermelha que piscava furiosa, pulsando.

Ivan respirou fundo, esperou. No andar de baixo, os pintores ouviam a trilha sonora de *Evita*. Ivan não sabia como estava seu rosto diante do olhar da câmera, se ele parecia triste ou bravo, calmo ou ansioso. Só sabia o que estava sentindo: o tremor do estômago como o de uma corda vibrando, a tensão nos joelhos que ameaçavam ceder, o batimento rápido-lento do coração. Ivan se sentia desconfortável nele mesmo. Em conflito com seu corpo, como se o seu corpo discordasse do que ele o estava forçando a fazer. Sim, seu corpo havia se tornado uma coisa rebelde, mal-humorada e difícil. Mas as demandas dele em relação ao corpo também. Quando dançava, Ivan sabia o que exigir de si mesmo, mas agora se sentia amorfo e deslocado. O que ele devia fazer dele mesmo agora e para sempre? Já fazia oito anos. Com certeza ele deveria ter alguma ideia agora. Mas não. Essa vida tinha passado, e no lugar dela havia apenas uma série de demandas vagas emergindo da escuridão de si mesmo: comida, sono, sexo. Era tudo o que ele tinha.

Ele poderia recomeçar, Ivan pensou. Poderia encontrar alguma coisa em tudo aquilo. Alguma coisa pequena, humana. Ivan se despiu diante da câmera e voltou a se agachar. Ele tentaria, ele tentaria. Ele se deixaria fazer aquilo.

Foi, afinal, possível.

Ivan se surpreendeu com os vídeos, que não eram difíceis de fazer uma vez que iniciada a gravação. Ele esvaziou a mente de

expectativas e de pensamentos. Deixou o movimento partir de onde vinha, deixou se levar pelo movimento. Ele se tocou e não sentiu nada. Tirou a roupa e não sentiu nada. A câmera capturou tudo. Cada movimento, cada sombra. Ivan não se mexeu em direção a nada. Não decidiu nada. A coisa começou no corpo e terminou no corpo. Quando agarrou o pau e começou a se acariciar, foi o corpo. Ivan se observava de longe, sentindo uma satisfação fria diante da suavidade de seus movimentos, da leveza de sua figura. Ele se preencheu e se esvaziou com os dedos lubrificados pela boca. Deslizou sobre acessórios de borracha, pôs esses acessórios para dentro e para fora de onde ele era apertado e quente.

Às vezes ele gozava, em outras, não, mas não havia prazer naquilo. Não havia nada naquilo, de forma alguma, a não ser a satisfação que viria por ter se mudado. Ele só fez gravações curtas. Era o tempo limitado que imbuía os vídeos de significado. Quando Ivan os assistia, era como ver o corpo de outra pessoa. Ele cortava os vídeos em pontos estranhos, então eles acabavam de repente ou caíam na escuridão enquanto o áudio continuava. Às vezes ele ficava fora do quadro, e havia apenas a leve impressão de sua sombra na parede, a sugestão de movimento. Ele postou o primeiro vídeo no microblogue e sentou sozinho no escuro do apartamento, esperando alguma coisa, qualquer coisa, acontecer.

Alguns minutos depois, Ivan deletou o vídeo, mas voltou a postá-lo. Prendeu a respiração. Deletou o vídeo. E voltou a postar.

No dia seguinte, recebeu uma notificação dizendo que o vídeo tinha recebido cinquenta visualizações e que ele havia ganhado um seguidor. Quando Ivan percebeu que havia um fluxo constante de

acessos, postou outro vídeo e então outro. Três vídeos flutuando livremente por um microblogue, todos revelando pedaços de Ivan. O rosto, o pau, a barriga e as costas, todos os fragmentos dele mesmo digitalizados e transmitidos. Parecia bobo e fácil. Ele postar aqueles vídeos e outras pessoas responderem pagando uma quantia mensal para acessá-los. Mesmo por aqueles que Ivan havia liberado de graça. Mas as pessoas pagaram.

Que idiota. Que idiotice.

No começo de março, Ivan enviou para os pais dois cheques de trezentos dólares cada. Não era suficiente. Mas era alguma coisa. Era bom poder economizar um pouco e ajudar os pais. A mãe dele ligou para agradecer. Ivan estava na academia e teve que sair do aparelho de remo para atender a ligação. Ele ficou lá fora no frio embaixo do toldo do centro esportivo. A neve caía aos montes. Dali, Ivan podia ver o hospital atrás e acima dele, os tijolos e as pedras contra um céu carregado e cinza.

“Não precisava se preocupar”, ela disse. “Não precisava. Vai fazer falta.”

“Está tudo bem”, ele disse. “Sobrou um dinheiro.”

“Que dinheiro?” Ela estava desconfiada. Intrigada. “Você não come? Como você vai comer sem dinheiro?”

“Não, não”, Ivan disse. “Eu estou comendo. Estou bem. Só sobrou um dinheiro. Por favor.”

“Seu pai está feliz. Eu estou feliz. Nós estamos. Mas como você vai conseguir comer?”

Ivan riu, mas sua mãe ficou chateada com aquilo. Tinha sido assim na escola de balé — as súplicas e as preocupações dela. Uma

vez, quando Ivan não conseguiu atender uma ligação dela — ele tinha deixado o celular cair em um bueiro —, sua mãe entrou em um trem de Boston para Nova York. Ivan a encontrou esperando depois da aula dele, preocupada. Quando ela o enxergou, assentiu, tocou o rosto dele e disse que estava feliz de ver o filho bem. Feliz por ele estar vivo. Ela fez uma sopa para ele no fogão elétrico da moradia subsidiada dele, depois pegou outro trem e já havia ido embora quando Ivan saiu para a aula da noite.

“Eu estou bem”, ele disse. “Eu estou bem. Prometo. Só sobrou um dinheiro.”

Ela fez uma pausa. Então disse que usou o dinheiro para preparar um jantar de Páscoa na igreja. Um grande jantar.

“Era pra gastar o dinheiro com a senhora”, ele disse, um pouco irritado. “O dinheiro não era pra isso. Era pra você.”

“Sim, pra mim.”

“Não, não pra igreja. Pra você.”

“Sim, pra mim.”

Ivan sacudiu o braço esquerdo com força para acordá-lo. O corpo estava esfriando muito rápido ali fora na neve.

“Mas como se você deu o dinheiro pra igreja?”

“Não pra igreja, pra mim. Pra Deus. Por você.”

“Tá bom”, ele disse. “A senhora pode fazer o que quiser, eu sei. E o papai está feliz?”

“O papai está bem. Muito feliz.”

“Certo. Então eu também estou.”

Sua mãe se despediu, e Ivan desligou. Ele ficou mais um pouco ali na neve que caía, olhando para cima, dizendo a si mesmo que aquilo que estava fazendo não era tão ruim.

De volta à academia, apoiou o celular no aparelho e se posicionou. Ele abriu o aplicativo da câmera e pôs para gravar. Ivan fez algumas repetições para reaquecer os músculos, para voltar ao ritmo das coisas. Quando as coxas e os músculos cederam um pouco, ele respirou fundo e relaxou. Ivan não encarou o pequeno olho escuro da câmera. Em vez disso, fixou o olhar na parede, onde havia uma faixa do Hawkeyes. Ele olhou para a faixa, o olhar tão preso nela que as pessoas que entravam e saíam de seu campo de visão não passavam de figuras borradas. A resistência do puxador, o cheiro do cabo esquentando, ao se enrolar e desenrolar da roda. Mas Ivan continuou, indo e voltando, se forçando mais, indo mais rápido, com mais força. A postura perfeitamente ereta, como ele havia aprendido. O joelho queimava como um filho da puta, mas Ivan sentia os músculos soltos, se sentia bem, e continuou.

Em casa, ele tirou a roupa e tomou banho. Então pegou o notebook e abriu a gravação. Ele fez uns ajustes, cortou e aplicou um filtro preto e branco no vídeo. Tirou o som e sobrepôs o áudio que tinha extraído de um canal de ASMR de sons de academia. O som da respiração dele foi apagado e substituído por aquele áudio roubado, tirado de contexto. Mas isso tornou o vídeo autêntico. Mais genuíno.

A gravação granulada, de cinco minutos, mostra o eixo das coxas dele, centrado na escuridão expandida da virilha. E no volume do peito e dos braços. Ivan não sabia o que os outros viam nesse vídeo além da implicação de sexo. O mesmo sentimento de quando passamos por alguém na rua e vemos a sugestão do corpo dessa pessoa, sua força, através das roupas, ou quando a pessoa se

vira e você encontra o olhar dela e pode imaginar como ela seria entregue ao prazer.

A vida é cheia de momentos assim, a exposição momentânea de si mesmo. O que ele e as outras pessoas naquele site faziam era colher esses momentos, não por meio da eventualidade ou da espontaneidade, mas usando alguns aparatos de produção em massa. Como os campos e mais campos e mais campos de milho e soja na propriedade de Bert.

A relação entre o sexo e o que ele fazia nesses vídeos, Ivan pensou, era a mesma relação entre as formas antigas de cultivo e o que se tornou conhecido como agronegócio. Ivan compreendia a elegância disso, a sofisticação da escala e do encadeamento. Era a mesma coisa nos bancos. Ivan não estava interessado nos *negócios*, em nada daquela bobagem de empreendedorismo que, na verdade, não passava de um evangelho da prosperidade para ateus. Não, ele queria mais que isso: Ivan queria fazer parte daquela classe exclusiva que conseguia tirar dinheiro do próprio dinheiro. Pessoas que determinavam as leis invisíveis segundo as quais o mundo inteiro funcionava. Ivan cresceu pensando que dançarinos, coreógrafos e os maiores gênios — Balanchine, Robbins, Joffrey, Ailey, Diaghilev — eram os herdeiros da classe sagrada, os guardiões da cultura e de um legado. Mas agora ele entendia que os novos sacerdotes eram os banqueiros. Os financistas. O que era a cultura comparada com a força bruta e terrível do dinheiro e a capacidade dele de criar e recriar mundos?

Ivan postou o vídeo da máquina de remo, alongando o joelho dolorido enquanto observava a barra de progresso completando. Concluído o upload, Ivan fechou a página e pôs o notebook de lado.

Então ele deitou na cama, pensando na conversa que teve com a mãe.

Seu pai está feliz. Eu estou feliz. Nós estamos.

Ivan deitou encolhido e pensou que era bom saber que os pais estavam felizes. Ele tinha feito isso a partir do corpo dele. Ele tinha feito uma coisa boa e certa.

Ivan estava com Noah quando ficou sabendo do estágio.

Estavam com Bert carregando a caminhonete de Noah com sucata. Ivan ofegava com o esforço, o rosto manchado ficando mais manchado, os óculos embaçados. O vento estava particularmente cortante naquele dia, batendo e passando por eles em ondas cinzentas. Às vezes ele soprava pedaços de cascalho da estrada. O cascalho batia na sucata como granizo.

Noah e Bert erguiam a sucata da vala e a deixavam perto da caminhonete, ficando Ivan responsável por carregar a caçamba. A sucata prendia nos fios soltos da luva dele, e pensou que deveria ter comprado luvas de couro. Bert esticou as costas e assobiou.

“Cara, que dia.”

Noah bateu na barriga dele e disse: “Foi você que disse que a gente tinha que fazer isso hoje”.

Bert o empurrou, então riu, e os dois desceram na vala e começaram a jogar a sucata do outro lado. A sucata fazia barulho quando caía. Ivan deu uma olhada no celular e viu a notificação do e-mail. Era uma mensagem de um dos bancos menores de Manhattan — não era sua primeira escolha, mas ainda assim estava além do que ele esperava conseguir. O título era ambíguo:

“re: SIDOROV, IVAN D.”. Ivan sentiu o estômago afundar. Com certeza, se fossem boas notícias, eles teriam ligado. Com certeza.

A cabeça de Noah despontou acima da borda da vala e ele chamou Ivan. Mas Ivan ficou olhando o celular até a tela apagar.

“Acho que fui rejeitado em uma vaga de estágio.”

“Que saco”, Noah disse.

“Olha o seu estágio aqui”, Bert gritou.

Ivan olhou para os dois dentro da vala. Noah com casaco de capuz e macacão, luvas de couro grandes demais. Bert com um moletom branco todo sujo de terra. Um chapéu de pescador vermelho na cabeça. Parecia velho ao lado de Noah. Por um momento, Ivan pensou que aquela poderia ser sua vida: jogando sucata em valas. Carregando sucata. Trabalhando só para manter a cabeça de fora de uma vala.

Noah parou de rir e franziu a testa. “Ei, ei. Ivan. Vamos.”

Ivan viu seu futuro se fechando diante dele. Mas então, mas então, mas então — ele engoliu em seco.

“Foi mal.”

“Você abriu o e-mail?”

“Não”, Ivan disse. “Eles ligariam, né? Se fosse um sim, eles teriam ligado.”

Noah assentiu. Então ele saiu da vala e tirou as luvas. Suas palmas estavam secas e cinzentas. Ivan entregou o celular para ele.

“Qual é a senha?”

“Nove sete três zero cinco”, respondeu.

Noah digitou a senha no celular. Ivan não conseguia olhar para ele. Sua boca estava seca, seu coração, disparado. Ele se virou. Olhou para a sucata na caçamba da caminhonete. Bert saiu da vala.

“Que foi?”

Noah não respondeu. Ivan observava o horizonte plano. A lama escura e a grama amassada que corria até a velha casa. Dota pulou da caminhonete, e Bert bateu as mãos com força, fazendo barulho.

“Passa, passa agora!” Ele bateu os pés no chão, e Dota latiu, alegre. Bert avançou e Dota disparou em um lampejo loiro, contornando a caminhonete em direção às plantações. Ivan se virou.

“E aí?”, ele perguntou. “Você está tentando decifrar a mensagem?”

Noah olhou para ele, então para o celular e de novo para ele.

“Você conseguiu”, Noah disse.

“Não, você está mentindo.”

Noah sorriu. “Sim, eu estou mentindo.”

“Não, você não está”, Ivan disse. Ele pegou o celular. Era um e-mail longo, que não começava com parabéns, mas com uma longa descrição das candidaturas, quantas foram, de tantas e tantas partes do país e do mundo. Uma descrição do banco e dos serviços prestados, a história e a clientela, um conjunto de observações sobre o tipo de colaboradores que eles estavam buscando e esperando encontrar. A coluna de texto era interminável, com palavras e frases em negrito e sublinhadas, datas futuras que fizeram seu estômago doer com a possibilidade. E então, no fim do e-mail, *Por favor, confirme o recebimento desta mensagem para o agendamento de sua entrevista. Esperamos que você possa se juntar a nós e aguardamos o seu retorno.*

Era isso? Era isso? Era isso? Era... isso? Aquele era o momento no qual tudo se tornaria possível?

“Ah, meu Deus”, ele disse, se virando para Bert e para Noah, que sorria.

“Eu disse!”

“Você deve estar bem feliz. Mas é Nova York, né? Tão caro.”

“Ele vai dar um jeito”, Noah disse.

“Sim, mas não vai ser barato. Só estou dizendo.”

“Cala a boca e deixa o cara curtir o momento dele.”

As mãos de Ivan tremiam. “Ai, meu Deus.”

“Você já falou isso”, Bert disse.

Goran estava tocando teclado. Ele estava praticando Chopin para o concerto da primavera no departamento de música quando Ivan contou do estágio. Goran parou de tocar e encarou a parede acima do teclado. Havia algo sombrio na forma como ele lançou aquele copo uns dias atrás. Ivan sentou no braço do sofá olhando para Goran, esperando algum sinal.

“Não entendi”, ele enfim disse. “Você vai se mudar pra Nova York?”

“Só no verão, mas, sim, parece que vai ser isso.”

“Interessante.”

“Que forma engraçada de dizer parabéns.”

“Eu só... você não perguntou se *eu* quero ir com você. Ou se eu *posso* ir.”

“Você se forma agora, Goran. Cara, por favor. Eu não estou pegando você de surpresa. Minha ideia aqui é que a gente possa fazer isso. Juntos.”

“Não parece”, Goran disse. “Você trouxe isso, pôs na minha frente e ficou tipo *Surpresa! Olha que bom pra mim! Que coisa boa!*

Isso não tem *nada* a ver comigo. Você fez isso e não tem nada a ver comigo. Que merda.”

Não era verdade. Bom, não era toda a verdade. Bom, era um lance totalmente factual, mas também era a leitura menos generosa que se podia fazer da situação. Goran se virou no banquinho e olhou para Ivan, as sobrancelhas finas arqueadas. A expressão dele era silenciosa, passiva e furiosa.

“Eu acho que é uma forma injusta de ver as coisas, mas beleza.”

“E como você veria?”

“Eu veria que aconteceu uma coisa boa com o meu companheiro e ficaria feliz por ele. Pelo menos uma vez, seria legal se você pudesse ficar feliz por mim.”

“Uau, o quociente sentimental ficou bem alto aqui.”

“Vai se foder.”

“Nossa, que mudança de tom”, Goran disse, abrindo os braços de forma exagerada.

Ivan pressionou as mãos nas bochechas e tentou se acalmar. Sua garganta respondia mais uma vez com uma vibração aguda e persistente.

“E como você vai viver em Nova York? Eu duvido que aquele cafetão do Noah pague tão bem assim pelo trabalho de merda que vocês fazem.”

Goran estava sorrindo. Ivan foi até a cozinha pegar uma aspirina no armário em cima da pia. Ele mastigou o comprimido e engoliu com água quente.

“Eu tenho dinheiro”, Ivan disse.

“Ah, você tem? E como você conseguiu? Tá entregando jornais?”

“Por que você está sendo tão negativo?”, Ivan perguntou.

Goran estava na porta da cozinha. Ele deu de ombros. “Não. Estou sendo prático.”

“Não, você está sendo um idiota. E eu não sei por quê. Tudo o que eu sempre fiz foi ficar aqui feito um cachorrinho. Eu fico fora do seu caminho. Não ocupo espaço. A gente mal se vê. Eu nem acho que você não gosta mais de mim, Goran. Mas isso aqui. Isso. Passou dos limites.”

“Talvez eu não goste mais de você.”

“Sim, estou percebendo.”

“Mas e daí? A gente está junto. Às vezes eu não gosto de você, beleza. Às vezes eu odeio sua aparência e seu cheiro. Beleza. Tudo bem. Eu sou um idiota. Mas eu ainda quero estar com você. Isso vale alguma coisa, certo? É alguma coisa.”

Ivan fechou os olhos. Tentou se lembrar como era quando os dois estavam bem juntos. Tentou imaginar como tinha sido quando eles se acharam naquele aplicativo e planejaram se encontrar em frente ao auditório à noite. Eles ficaram ali na ponte assistindo às luzes do auditório, douradas e alinhadas como uma delicada formação rochosa. Então eles caminharam na trilha ao longo do rio e falaram a noite toda sobre música, balé, sobre o que faziam à tarde, o melhor lugar para tomar um café, como evitar os alunos da graduação.

Aquela noite foi tão boa, como se tivesse saído de um sonho. E agora eles estavam muito distantes daquilo.

“Eu não faço você feliz”, Ivan disse.

“Faz sim. Esse sou eu feliz. Eu estou feliz.”

“Isso não pode ser felicidade. Se isso é estar feliz, então acho que eu não entendo o que significa felicidade.”

“Às vezes felicidade é só a gente poder sentir o que a gente sente”, Goran disse.

Goran parecia bem longe de estar feliz. Ele parecia irritado. Parecia prestes a chorar. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ele mordeu o interior da bochecha e foi sentar à mesa da cozinha, tentando recuperar o fôlego. Ivan sentou ao lado dele, buscou sua mão e, pela primeira vez em muito tempo, Goran o deixou segurá-la.

“Eu acho que você precisa se sentir necessário”, Ivan disse. “E eu não posso mais viver assim.”

“Ah, que ótimo”, Goran disse. “Você também decidiu que não precisa mais de mim e vai dar o fora. Legal.”

“Não entendi. Para de ser tão enigmático.”

Goran não disse nada, só ficou encarando a mesa. Então Ivan entendeu.

“O seu poeta. Isso aqui tem a ver com o seu poeta”, ele disse. Ivan levantou.

Goran o seguiu até o pequeno quarto.

“Eu não me orgulho disso.”

“Bom, eu também faço coisas das quais não me orgulho. E não faço delas um problema pra você.”

“Ah, é? Tipo o quê? Carregar sucata?”

“Tipo me filmar batendo punheta pra mandar dinheiro para os meus pais. E aí?”

Goran olhou fixamente para Ivan, a boca meio aberta, e então disse: “Você o quê?”.

“Foi o que eu disse, eu tenho dinheiro. Não preciso da sua caridade ou da sua bênção.”

“Eu não acredito... você está fazendo pornô?”, Goran perguntou.

“Qual é o problema? Você assiste pornô. Nós assistimos pornô. Pornô não é ruim.”

“Não, mas... é diferente. Você está fazendo pornô? Você não transa comigo, mas faz pornô.”

“Você está literalmente transando com um poeta casado. Ah, desculpa. *Estava.*”

“Agora *você* está sendo hipócrita.”

“Por favor, Goran, para de ser egoísta. Por favor.”

“Você é egoísta!”

“Eu sou egoísta?”, Ivan perguntou. “Eu? Eu sou egoísta? Eu.”

“Sim, você. Isso é egoísta. Para com isso, agora.”

“Você não está raciocinando direito”, Ivan disse.

“Por que você está fazendo isso? Você quer atenção? É isso?”

“Não”, Ivan respondeu.

“Um ator pornô. Imagina. Certeza que os banqueiros vão amar isso.”

Ivan sabia que seria impossível fazer Goran entender a questão do dinheiro. Goran tinha uma herança. Ele tinha vindo da riqueza, andava por aí com sua fortuna como se fosse um tipo de elemento diferente e melhor. Goran não entenderia por que alguém como ele, como Ivan, precisava ganhar dinheiro o suficiente para se sustentar e assegurar seu futuro e o futuro de sua família. Goran não precisava pensar no futuro porque não era nenhum mistério

para ele, a não ser em termos estéticos. Mas Ivan não podia viver de estética. A raiva brilhava nos olhos de Goran. A repulsa e o ódio.

“Por que é tão difícil pra você? O que eu fiz de errado? Você não é meu dono”, Ivan disse. “Eu sou uma pessoa. Eu não pertencço a você.”

“Sim, você não me pertence”, Goran disse, encerrando a discussão.

Ivan sentou no canto do sofá e Goran voltou a tocar Chopin. Agora ele entendia por que Noah disse aquilo na caminhonete. Agora ele entendia o quão cruel e simples tinha sido sua pergunta: por que as pessoas vivem assim? A resposta: porque elas precisam.

Já era fim de março — uma primavera fria.

As coisas pioraram entre eles depois que Ivan contou dos vídeos para Goran. Ivan se mudou, e eles não se falaram por algumas semanas. Então Goran perguntou se eles podiam conversar, se podiam tentar descobrir uma forma de ficarem juntos de novo. Ivan não sabia muito bem o que queria, mas depois de ter deixado Goran pagar as contas por tanto tempo, ele sentia que devia pelo menos tentar.

Eles se encontraram no café no qual Goran tinha ido àqueles primeiros encontros ansiosos com o poeta casado. Fatima serviu expressos grátis para os dois.

“Como você está?”, Goran perguntou. Já fazia algumas semanas que Ivan tinha se mudado.

“Igual. E você?”

“Idem.”

“Que bom”, Ivan disse.

“Não sei se é bom.”

“Sinto muito.”

“Como todos nós”, Goran disse. Ele apoiou o queixo na mão e pegou a espuma do expresso com a colher. “Ah, você esqueceu uma coisa.”

“O quê?”

Goran tirou um pequeno cartão-postal do bolso do casaco. Na hora ele reconheceu o cartão que o pintor do andar de baixo tinha dado para ele. Ivan não conseguiu segurar o riso.

“Achei dentro do meu casaco.”

“Achei que eu tinha deixado no meu casaco”, Ivan disse.

Goran riu. Parecia um perdão.

“Obrigado”, Ivan disse, pegando o cartão e dobrando-o.

“Ai”, Goran disse.

“Que foi? Ah, tudo bem.” Ele dobrou o cartão várias vezes, até não poder mais, e jogou no bolso da camisa.

“Era uma pintura interessante”, Goran disse.

“O modelo do Ivan mais jovem foi um escritor, Garshin. Ele se matou se jogando de uma escada”, Ivan disse.

“Sério?”

“Na vida real, Ivan, o Terrível, matou o filho dele.”

“Nossa, que shakespeariano.”

“Dizem que é amaldiçoado... as pessoas sempre tentaram destruir. O quadro, no caso.”

“Uma imagem amaldiçoada”, Goran disse, rindo.

“Eu não acredito em maldições”, Ivan disse. “Acho que é só uma questão de timing ruim.” Era mentira. Ivan acreditava em maldições e destino. Ele acreditava em tudo.

“É, você tem razão”, Goran disse.

Era a primeira vez que Goran dizia que Ivan estava certo a respeito de alguma coisa. Não era muito. Uma pequena misericórdia. Mas era, Ivan sabia, o jeito dele de tentar. De ser melhor. As semanas de separação haviam suavizado Goran de forma quase indiscernível. O contorno áspero da natureza dele era um mecanismo de defesa para alguma ansiedade interior.

“Pode baixar a guarda”, Ivan disse. “Eu acho que, se isso funcionar, se a gente for entrar nessa, precisamos decidir se queremos. Não porque você precisa de mim ou porque eu preciso de você. Nós temos que querer estar nesta relação. Não dá pra ser como antes.”

“Eu sei”, Goran disse, assentindo.

“Não, tipo, não diga que você sabe só porque quer pular essa parte logo. Isso aqui não pode acabar porque você quer que as coisas sejam como antes.”

Goran assentiu e, ao perceber, se deteve. Ele respirou fundo e estendeu a mão sobre a mesa.

“Certo”, ele disse. “Certo, vamos devagar. Tranquilos. Eu quero ser uma versão melhor de mim mesmo.”

“Eu gosto de você como você é”, Ivan disse. “Eu só quero que você seja bom comigo.”

“É um preço alto”, Goran disse.

“Por favor.”

“Tá bom, tá bom.”

Ivan segurou a mão de Goran. Ao fechar a palma na de Goran, pensou que as coisas ficariam bem entre eles. Que aquilo iria funcionar, que eles iriam para Nova York e seriam felizes. Eles

tinham que chegar ao fim do semestre. Ao fim das aulas. Ao fim do trabalho. Ao fim daquele momento em particular da história deles.

“Eu vou tentar. Em relação aos vídeos. Eu vou tentar”, Goran disse.

“Eu sei”, Ivan disse. “Eu sei.”

Os reis da Noruega

A princípio, Goran não odiava pornografia.

“Se fosse *você* fazendo pornografia, eu não me importaria. Se fosse qualquer outra pessoa, seria ótimo. Tranquilo. Maravilhoso. Eu adoro. É poder. Meios de produção. Sim. Mas é o Ivan”, ele dizia.

“Tem uma lógica aí, mas é meio estranho”, Timo disse, rindo. Ele gostava de Ivan, que tinha um humor melancólico e pessimista como Charlie Chaplin ou o Ió.

“Fica do meu lado... por favor.”

“Eu disse que tem uma lógica aí, o que, diante das circunstâncias, é meio que um pequeno milagre.”

“Qualquer amigo diria *larga ele*.”

“Ah, é?”, Timo perguntou.

Goran deu de ombros, mas Timo se perguntou se era verdade, se qualquer outra pessoa diria para Goran terminar com Ivan por causa da pornografia. “Tipo, qual é a questão aqui? É porque ele escondeu de você?”

“Eu *queria* que ele tivesse escondido!”

Os vídeos, talvez dez ou quinze no total, variavam de trinta segundos até dez minutos. A qualidade da imagem e do som era imaculada. Dava para pausar o vídeo e contar as sardas no peito de

Ivan. Era quase chocante quão mundanos eram os atos retratados: flexões, as mãos deslizando pela barriga e pelos ombros, uma variedade de poses sugestivas em cuecas incrivelmente finas e, então, a masturbação com respirações profundas e ruidosas, ou a inserção e a extração lenta dos dedos e de outros acessórios nele mesmo.

O sexo não parecia ser o objeto dos vídeos, pelo que Timo percebeu. Eles nunca incluíam o espectador. Havia alguma coisa muito proibitiva em observar Ivan, como se ele relutasse em deixar que o espectador fugisse do que havia feito ao tentar participar do prazer dele. Mesmo seus orgasmos eram desgostosos, parciais.

Timo assistiu ao primeiro vídeo porque Goran havia encaminhado para ele. Um vídeo curto, quase descuidado, com a câmera fechada na metade inferior de um rosto masculino parcialmente tomado pelas sombras. Impossível dizer se era Ivan ou qualquer outra pessoa. A boca em uma expressão casual e entediada. Então, lá pela metade do vídeo, o homem levantava e os braços eram revelados depois de uma lenta procissão da câmera pelo peito e pela barriga. Então, a ponta do pênis indo descansar como um mangote sobre a cômoda. A cena continuava por alguns segundos até o vídeo acabar. Timo o reproduziu várias vezes. Ele notou a gradação de sombra banhando os pelos pubianos de Ivan. O movimento sutil da respiração na barriga. Um pedaço de papel tremulando no canto da cômoda na qual seu pênis descansava. A forma em que a câmera balançou um pouco com o impulso de Ivan ao levantar, um leve borrão de movimento.

No fundo, dava para ver o edredom deslizando da cama para o chão. Havia um som ambiente significativo no vídeo, mas, por Ivan

estar tão próximo da câmera, era possível ouvir a respiração dele e, quando ele levantou, o estalo de seus cotovelos. No decorrer das sucessivas reproduções do vídeo, a textura da imagem mudava, se intensificava, da mesma forma que uma palavra se desfaz quando repetida muitas vezes, deixando de soar como ela mesma, tornando-se mais estranha de alguma forma. Quanto mais assistia ao vídeo, mais triste Timo ficava, e à medida que via os outros, essa tristeza se transformava em outra coisa, mais complicada, como se o ato de assistir fosse uma peneira pela qual passavam as emoções dele repetidamente, e, nesse refinamento, mais e mais do caráter distintivo dessas emoções se revelava.

No fim, Timo não ficou exatamente excitado — mas o que seria a excitação senão a produção de sentimento? Então talvez ele tenha ficado excitado no fim das contas. Ele não contou isso para Goran, pois Goran só se sentiria pior. Mas Timo, de alguma forma, não via pornografia no que Ivan estava fazendo. Parecia que ele estava em busca de uma outra coisa. Ainda assim, ele tinha postado os vídeos em um site de pornô amador. As pessoas podiam assinar o canal dele por vinte dólares mensais e acessar todo o conteúdo. O primeiro link que Goran encaminhou para Timo direcionava para um vídeo disponível gratuitamente. Timo fez uma assinatura usando o PayPal e um nome de usuário falso para ver os outros. Segundo o site, Ivan tinha uns oitocentos assinantes. Quando Timo fez as contas, sua visão ficou meio embaçada com a projeção.

Era o bastante para viver.

“Ah, Goran”, Timo disse. Eles estavam no café, sentados ao lado da vitrine. Era um daqueles sábados cinzentos do começo da primavera — o céu carregado pelo frio intenso, opaco como uma

tela de cinema apagada. Goran apoiou a cabeça na mesa, emburrado, o que era um péssimo hábito, e Timo se sentiu mal por ele, o que também era um hábito ruim. “Quer ir embora?”

“Sim. Não. Sim”, Goran disse. “Bom, eu tenho que ensaiar.”

“Posso ir junto?”

“Não tem nada melhor pra fazer?”

Timo balançou a cabeça.

Na última sexta-feira, Timo tinha chamado Fyodor para assistir a um filme na FilmScene, parte da mostra de cinema queer deles. Era um filme sobre dois policiais gays alemães, um deles no armário e o outro, não, e os problemas que isso causava. Você sabe que eu não gosto de filmes, Fyodor disse. Dava dor de cabeça. E ele trabalharia no sábado, então não poderiam ficar na rua até tarde. Ou ele não poderia, mas Timo, sim. Ele iria se Timo quisesse.

Timo disse que era uma merda que eles nunca fizessem nada além de comer, dormir e transar, e, quando faziam alguma coisa, Timo sempre sentia como se estivesse implorando à junta de liberdade condicional por uma pena especial. Aquilo não era um relacionamento, parecia mais um regime semiaberto.

“O que você sabe de regime semiaberto?”, Fyodor disse com os dentes cerrados. “Você adora falar de coisas das quais não sabe nada.”

“Tenha misericórdia, nossa senhora da piedade da classe trabalhadora”, Timo disse.

“Por que”, Fyodor disse, “tudo o que a gente faz tem que ser nos seus termos? E quando não é assim, você é um bosta comigo. Eu não sou seu saco de pancada.”

“Você está na defensiva.”

“Eu fui naquela exposição idiota, não fui? Eu estou tentando aqui. Estou tentando muito me manter nesta relação. Eu quero isso. Eu não estou dizendo que não quero. Mas você precisa me levar em consideração, Timo. Precisa mesmo.”

Timo prendeu a respiração, tentou ser outro tipo de pessoa. Mas ele não aguentou deixar a informação passar sem ser corrigida.

“Não foi idiota e não foi uma exposição. Foi uma fala.”

“Jesus”, Fyodor disse.

Timo se perguntou se eles iriam terminar de novo. Ele viu Fyodor abaixando a cabeça e tentando se acalmar. Timo também tentou. Ele sentou na ponta da cama e pôs a mão no braço de Fyodor. Foi tudo o que pôde fazer. Timo não conseguia fazer Fyodor se sentir *seguro*. Era tão cansativo fazer um homem adulto sentir que tinha algo a oferecer.

“Você não é nada fácil”, Fyodor disse. “Talvez a gente seja muito diferente.”

Eles foram dormir. E eles acordaram, Fyodor bem cedo na escuridão fria, Timo muito mais tarde naquela manhã. Trocaram algumas mensagens curtas nos primeiros dias. Oi, oi, como você tá, bem e você, bem, vou dormir, beijo. Fyodor estava bem — trabalhando muito, comendo pouco, as horas de sono nem perto de serem suficientes. Eles tinham voltado havia pouco tempo, depois de um período separados. Alguns meses difíceis e estranhos longe um do outro, nos quais Timo se perguntou por que eles tinham decidido se envolver. Na época, ele sentia muita falta de Fyodor. Mas no minuto em que reataram, tudo voltou a ser como sempre foi. Fyodor reticente. Uma pessoa difícil de conversar. Ele não

demonstrava nada. Não cedia. E com frequência Timo só conseguia arrancar alguma coisa de Fyodor durante uma briga. As brigas eram a parte mais espontânea da relação deles. As brigas e as transas. Mas assim era a vida.

Então, não, Timo não tinha outra coisa para fazer. Havia a correção dos trabalhos da turma de introdução à lógica que ele lecionava na graduação. E também as tarefas do próprio curso. No seminário do departamento, cada aluno da pós-graduação ficava responsável por ler o artigo do palestrante que seria convidado e elaborar uma pergunta que seria entregue à secretaria dois dias antes da palestra. Depois essas questões eram distribuídas ao visitante e aos alunos, para que tivessem tempo de analisar a participação dos outros. Isso costumava resultar em fofocas e humilhações posteriores. Timo não sabia se deveria ser irônico e não levar a coisa muito a sério — lançando uma pergunta idiota e simples —, ou se dedicar ao exercício com rigor —, fazer pesquisas, ler todos os artigos do palestrante, apoiar a pergunta com referências. Não importava o que você fizesse, as pessoas tiravam sarro de você. Querendo muito ou muito pouco.

Timo poderia ir até a biblioteca de arte se Goran não quisesse companhia. Podia ler um pouco. Ou corrigir os trabalhos. Ou fingir que corrigia. Mas ele preferia ouvir o ensaio de Goran. Goran engoliu o resto do café e deu de ombros.

“Faz o que você quiser.”

Timo jogou seu café na lixeira de plástico perto da mesa deles e os dois saíram no frio cinzento. Goran vestia um cardigã de lã e enrolou o cachecol preto e grosso no pescoço. Timo fechou sua jaqueta *bomber* inapropriada para o frio. Fazia pouco tempo que a

esquina do outro lado da rua tinha virado um canteiro de obras: uma construção que costumava ser um banco tinha sido demolida e o terreno foi escavado em uma caverna lamacenta cercada de cascalho. Uma cerca frágil e algumas barreiras de concreto eram tudo o que impedia as pessoas de caírem dentro dela. Os dois andaram pela calçada, com os sapatos raspando no chão.

“Vai ser Chopin hoje?”, Timo perguntou.

“Não”, Goran respondeu. “Só um lance idiota pra aula de balé. Debussy.”

“Ah, sim. Legal.”

Goran suspirou e balançou a cabeça. O cabelo dele era grosso, despenteado, e ele usava óculos redondos. Goran caminhava de um jeito engraçado, como se o centro de gravidade dele mudasse a cada passo. Ele caminhava em uma série de quase-quedas, como uma pessoa bêbada tentando ficar sóbria ou uma pessoa sóbria se fingindo de bêbada. Goran odiava Debussy, Timo sabia. Mas ele tocava em aulas de dança pelo dinheiro e pela prática, e também por certo senso de superioridade. *São só um bando de bichinhas fúteis*, Goran se referia aos dançarinos. *Só ficam saltitando por aí, não têm nada na cabeça*. Às vezes, quando eles bebiam, Goran fazia uma pirueta ou um *fouetté*, por um momento tão belo e gracioso que doía olhar para ele. Mas então ele cambaleava e caía muito rápido, de forma muito brusca, fazendo a mesa tremer, e Timo fechava os olhos diante do choque.

Timo entendia por que Goran odiava tocar nas aulas. Naquela que agora era outra parte de sua vida, ele tinha levado muito a sério os estudos de piano. Timo ainda tinha as mãos, os pulsos e a postura de pianista. Goran gostava de dizer que essa foi a primeira

coisa que notou em Timo quando eles se conheceram em uma festa gay da pós-graduação: *Você tem uma vara enfiada na bunda, como todos os pianistas que eu conheço*. Mas isso foi há muito tempo, e fazia quase dois anos que Timo não tocava. O piano não foi o motivo do divórcio de seus pais, mas ele não conseguia separar as coisas na cabeça dele. Quanto mais se aprimorava no instrumento, mais os pais brigavam e mais rápido o dinheiro deles ia embora, até que chegou o momento de ele ir para a faculdade e então não restava mais nada, nem no casamento nem na poupança deles. Os dois eram cirurgiões, e Timo cresceu na chamada classe média alta negra em Washington, mas o que os diferenciava da classe média alta comum, ou *branca*, era a menor quantidade de dinheiro e o dinheiro ser, em geral, menos duradouro. Para onde tinha ido todo aquele dinheiro? Aqui e ali — até que 2008 sugou tudo e acabou com a prosperidade deles. Timo foi para uma boa faculdade em Ohio, paga com a herança do avô dele, que havia inventado uma peça minúscula de uma máquina essencial para colheita de milho. No fim, era tudo o que tinha sobrado. Timo arcava com suas outras despesas tocando nas aulas de dança e passou a apreciar a natureza repetitiva desse trabalho. Às vezes ele gostava de ver até onde podia ir antes de o professor de balé lançar um olhar penetrante e dizer: *Mais uma vez*. Os dançarinos contavam com uma qualidade indiferente e feroz, como coiotes em um zoológico. Os sapatos rangiam no chão enquanto eles se lançavam para a frente e no ar. Os parafusos soltos chacoalhavam e os espelhos tremiam quando pousavam. Eles não notavam Timo, sequer olhavam na direção dele. Estavam sempre distantes, e distantes uns dos outros, embora com frequência estivessem espremidos em fileiras, unindo

e desfazendo formações. Goran odiava as repetições, que chamava de *escalas pretensiosas*. *Eles querem que eu vá lá, toque a merda de uma valsa e vá embora. E é isso*. Timo não se importava tanto com isso na época em que tocava. Era uma forma de se ausentar de si mesmo. Mas eram outros tempos.

A sala de ensaio de Goran ficava no terceiro andar do Sayers Hall, a três prédios de distância de onde Timo ensinava introdução à lógica e pré-cálculo todas as segundas, terças e quintas-feiras. Eles costumavam almoçar juntos nos bancos ao redor do pátio, reclamando dos alunos e das aulas, dos compromissos e dos departamentos. Hoje, o pátio estava vazio e ventava muito. A grama estava úmida de neve derretida, e os galhos finos e escuros das árvores balançavam sem entusiasmo. O Sayers ficava na colina com vista para o norte do campus e para o rio, um prédio cinza ornamentado com uma porta de carvalho imponente muito pesada, e Goran precisava usar o ombro para abri-la. Eles subiram as escadas e tudo ao redor era um silêncio frio.

Era um silêncio artificial — as salas do prédio tinham isolamento acústico, câmaras trancadas com ar quente e reciclado. Goran abriu a porta com o quadril, e a sala estava saturada de uma luz intensa. Espuma acústica cor-de-rosa cobria as paredes. No centro da sala, um piano de cauda, brilhante e austero.

“Que lindo”, Timo disse, assobiando.

“Sim, sim”, Goran disse.

“Eles não têm um desses no estúdio de balé.”

“Não, eles têm um piano vertical vagabundo”, Goran disse, franzindo a testa. Eles jogaram os casacos em uma cadeira no

canto da sala. Timo sentou ao lado de Goran no banco, e Goran alongou os braços acima da cabeça. Suas vozes soavam aveludadas, isoladas. Só quando prestou bastante atenção foi que Timo pôde ouvir o zumbido das luzes lá em cima. Era o tipo de sala que fazia você querer sussurrar. O ar devorava sua voz.

As mãos de Timo doíam. Ele não se sentava num banco daqueles há anos. Sentiu a tensão familiar e involuntária dos dedos, a lombar se endireitando. E olhou para o lado.

“Quer tocar um pouco?”, Goran perguntou.

“Não... toca você.”

“Certo”, Goran disse, com o braço ao redor do corpo, se alongando.

“Você sabe que eu não toco mais.”

“Não tem ninguém obrigando você”, Goran disse.

Timo sorriu e ficou maravilhado com a clareza da voz de Goran.

“Jesus”, ele disse.

“Eu sei. É meio enlouquecedor”, Goran disse. Ele sentou com as mãos no colo, contemplando as teclas. Timo sentou nas próprias mãos, empurrando os ombros para trás.

Depois de repassar as escalas — ele sempre começava por elas, como um gesto de fidelidade a um velho professor —, Goran começou a tocar Debussy. Timo admirava o vigor fácil da performance de Goran, a forma como ele vencía as passagens mais difíceis. Às vezes o braço dele roçava no de Timo, e ele olhava para cima surpreso ao lembrar da presença dele. Mas ele não pediu para Timo se afastar, o que foi um gesto generoso. Timo podia sentir as vibrações da música sob o banco e no ar diante dele, que ficou pesado com o som. Os pelos finos e escuros sobre os lábios e queixo

vibravam. A corporalidade da música estava nele. Timo quase podia sentir o gosto. Parecia uma coisa real e concreta no mundo. Os nós dos dedos dele doíam. Goran o cutucou. Timo apoiou o queixo no ombro e olhou para baixo, para o espaço estreito entre ele e Goran. Goran pôs a mão na perna de Timo. O banco estava gasto, e manchas amareladas despontavam da tintura preta como as marcas de uma digital.

“Está tudo bem”, Goran disse.

“Eu sei.”

Goran o encarou. O rosto de Timo ficou quente. Ele escondeu o rosto. A mão de Goran apertou a perna dele uma vez e relaxou. Goran voltou para Debussy, mas o som da música estava distante para Timo. Ele observava o peso sólido dos dedos de Goran sobre as teclas. Tocar, de certa forma, era como dançar — a corporalidade, as dimensões precisas da sala e das teclas, tudo implacável como os lados de um polígono desenhado em um papel. Por isso Timo tinha desistido da música e escolhido a matemática, trocando uma ocupação brutal do espaço por outra. Ele compreendia o arranjo de grandezas físicas finitas. Goran terminou de tocar e Timo levantou.

“Foi ótimo”, Timo disse.

“Foi uma merda. A música é ruim.”

“Talvez”, Timo riu. Ele sentou na beirada de uma cadeira no outro lado da sala. Goran apertou os olhos na direção dele, estendeu os braços, flexionou os dedos.

“Você está tão longe”, ele disse.

Timo cruzou as pernas. Goran se curvou sobre o piano e apoiou o queixo nos braços.

“Você ainda está pensando em Ivan?”, Timo perguntou. Goran murmurou, concordando. “Vocês conversaram?”

“Não”, Goran disse, suspirando. “O que eu diria?”

“Você podia tentar, tipo *Por favor, para de fazer pornografia.*”

“Mas o corpo é dele, né? É decisão dele.”

“Claro. Ele não precisa ouvir você”, Timo disse.

Goran bateu na testa com a palma da mão.

“Sexo por dinheiro.”

Demorou um segundo para Timo se arrepender de ter dito alguma coisa. Foi muito idiota da parte dele comentar um assunto que não era da sua conta. Goran o encarava como um cão de caça ao sentir o cheiro de alguma coisa viva e apavorada. Timo procurou algo firme dentro dele, algo para se agarrar, mas não encontrou nada. Ele deslizou pela superfície íntima escorregadia do seu interior como um lagarto no vidro. O que podia dizer além de “Sinto muito”?

Goran bufou, então se lançou em um acorde agudo, e depois outro, sobrepondo uma sucessão deles. Timo reconheceu a melodia intensa e estridente. Era um trecho da sublime “Balada em Sol menor” de Chopin, oferecida a Timo desprovida de rancor ou repreensão — da forma casual, e ao mesmo tempo intencional, que retomamos o contato com um amigo depois de uma longa ausência, como se ela nunca tivesse existido. Goran tocava com muita força e intensidade — mesmo Timo podia notar —, mas não era por prática, beleza ou prazer. Goran tocava Chopin como um reflexo, parecido com o costume de algumas pessoas de pôr o cabelo atrás da orelha ou roer as unhas. Era um hábito de Goran, casual como todo o resto.

Timo se recostou na cadeira e prendeu a respiração, pois, embora alta e vigorosa, a música também era bonita. A execução de Goran era bonita. Ela também era uma peneira que filtrava os sentimentos. Goran peneirava os sentimentos pela malha fina da música — suas limitações e medidas, a posição dos acordes, o dedilhado ridículo, derramando-se nisso tudo e emergindo sem diluir-se. Os ombros de Goran se abriam como um par de asas enquanto ele tocava. As mãos dele eram rápidas e grandes, ao correr pelo teclado, subindo e descendo. O rosto era uma máscara de entusiasmo contrariado. Timo queria dizer para Goran que aquilo era como a pornografia de Ivan, que não era tão ruim assim ou motivo de preocupação. Timo riu um pouco, mesmo enquanto os pelos do seu braço se arrepiavam — Goran não conseguia se conter.

No fim da balada, o frenesi deveria se transformar em uma melodia terna, saudosa. Mas Goran pulou essa parte. Ele tocava até os trechos mais suaves com intensidade tão brutal como se a loucura avançasse, sem fim, até se lançar ao silêncio da sala que vibrava, atordoada.

Eles jantaram no centro da cidade, embora estivessem ambos sem dinheiro. Pediram uma tábua de frios e duas taças de vinho cada. A noite caía e, apesar da estação, Goran convenceu o garçom a deixar os dois sentarem do lado de fora: *Olha, já tem uma mesa e cadeiras aqui, não, tudo bem, vamos sentar lá, não se preocupa.* Timo sempre ficava constrangido quando Goran fazia aquilo, manipulando as circunstâncias até tudo coincidir com os próprios desejos. Timo estava acostumado a aceitar o que era dado sem questionar.

O céu estava enevoadado e baixo. O vento era áspero e castigante. Eles beberam vinho tinto e comeram queijo, pão, azeitonas e picles. Goran comeu *prosciutto*. Timo era vegetariano. Havia um pequeno bufê de mostardas, da mais doce até a mais terrosa e apimentada. Eles lamberam a gordura dos dedos. E pediram uma segunda rodada de comida. Nozes caramelizadas e amendoins apimentados. Tomates assados com queijo feta. Não rendeu uma refeição completa, mas houve prazer no ato de comer.

O vinho era razoável, o que era exatamente o tipo de coisa que os alunos da pós-graduação afirmavam a respeito de vinhos. *Razoável*, como se tivessem um longo e misterioso histórico de beber vinho e de discernir as várias nuances e os sabores. Mas Timo, seus colegas de classe e seus amigos bebiam os mesmos vinhos baratos, às vezes por ironia, outras, por necessidade, e ele se perguntava como aquelas pessoas conseguiam construir tão rápido e fácil um ar de superioridade arrogante. Não por condenar o vinho que bebiam, mas por negar-lhe um elogio. Timo pensava que se de fato odiassem ou considerassem o vinho de má qualidade, elas poderiam dizer isso ou não dizer nada. Quando as pessoas realmente desaprovavam alguma coisa, elas raramente compartilhavam. Por que você faria isso? A avaliação da qualidade não tinha nada a ver com o objeto em questão, ele pensava, mas tinha tudo a ver com o ato de provar a capacidade de discernimento de alguém. As pessoas estavam sempre tentando se provar, pleiteando o caso em favor próprio.

Olha pra mim, olha pra mim, olha pra mim — eu sou importante, não sou?

Timo também tinha culpa nisso. Ele esvaziou a taça de vinho até o fundo escuro. Goran rolava os mini pepinos pelo prato.

Dinheiro e sexo. Medo de solidão. Silêncio e barulho. Goran não parava de olhar o celular. Timo cantarolava preguiçosamente, os olhos vagavam ao redor sem cessar. Os carros deslizavam pelas ruas úmidas. O guindaste no outro lado da rua, no canteiro de obras. Havia um mistério em sua estrutura solene, curvada como se estivesse em oração. A construção coberta de cascalho e terra comprimida como uma civilização abandonada.

“Você não fez suas correções”, Goran disse.

“Não”, Timo disse. “Não fiz.”

“E você não deveria fazer?”

“Sim, vou fazer”, ele disse. O amargo residual do vinho de alguma forma mais pungente no cair da noite.

“E como está Fyodor?”

Timo sorriu e então balançou a cabeça. Fyodor não era um assunto ao qual ele e Goran se dedicavam. No geral, não falavam muito sobre a vida de Timo. A amizade deles não era baseada em uma troca equilibrada de informações — eles só se tornaram amigos depois de terem transado. No dia em que se conheceram, foi Goran que falou dele mesmo. E assim, talvez especialmente depois do sexo, eles caíram em um padrão tão resolutivo quanto a linha de sucessão dos reis da Noruega.

De qualquer modo, Goran não se importava com Fyodor. Ele não se importava com muita coisa, a não ser com ele mesmo e o que ele pensava. Timo sabia que se tratava de um tipo de comportamento que Fyodor também percebia nele: egocentrismo. Ainda assim, Goran era talentoso e divertido. Algumas pessoas são

egoístas, certo? O egoísmo fazia parte do que as tornavam especiais.

“Ele está bem”, Timo disse.

“Que bom”, Goran disse, mas já começava a mudar de assunto. “Você se importa se Ivan se juntar a nós?”

“Oi?”

“É, ele acabou de sair da aula. E quer vir pra cá. Eu disse que tudo bem.” Goran pôs o celular em cima da mesa. Será que Goran queria que Timo dissesse não? Será que Goran queria que ele dissesse sim? Será que Goran queria que Timo não deixasse Ivan vir? Timo não fazia ideia do que Goran queria. Ele perguntou *depois* de ter convidado Ivan, então talvez aquilo não significasse nada. Alguns momentos depois, eles ouviram um grito vindo do outro lado da rua, e lá estava Ivan, alto, com uma parca preta e calças justas pretas, correndo na direção deles. Ele puxou uma cadeira ao lado de Goran e tirou o casaco. O suéter dele era laranja berrante. Ele tinha uma barba cheia. E sua voz era rouca, como se estivesse resfriado.

Era estranho ver Ivan em carne e osso depois de ter assistido aos vídeos dele tantas vezes. Aqui, com seu corpo animal quente, o movimento das narinas, a forma como a luz alaranjada do restaurante iluminava os tons avermelhados do cabelo dele, a curva sensual da boca. Ivan apoiou o braço no encosto da cadeira de Goran e recostou na dele. O ar era cru e quente. Ivan disse que tinha corrido até lá direto da aula. Ao perceber que o encarava, Timo olhou para o prato, onde as cascas descartadas dos amendoins se espalhavam como conchas de moluscos vazias.

Ivan conservava a graciosidade e a musculatura de um dançarino. Os movimentos dele eram precisos, mas suaves, como um hábito praticado. Ele espalhou três tipos de mostarda em uma fatia de pão, que dobrou e comeu como uma criança em uma lanchonete. Mastigou com um prazer angustiado. Timo lembrou sem querer do último vídeo de Ivan, da forma como ele parecia ter gozado contra sua vontade, um grito contido e dolorido na garganta. Sem querer, Timo se lembrou de que *ele* mesmo tinha gozado vendo o vídeo, agarrando-se pela malha dos shorts de corrida e atingindo o orgasmo de surpresa, o corpo desprevenido. Naquele momento, os dois se conectaram por um canal invisível, por um acaso obscuro no mundo, o prazer dos dois unidos como uma permutação em uma questão de combinatória. Timo ficou duro e corou com a lembrança.

Goran apoiou o queixo na mão e observou Ivan mordendo um picles.

“Você come que nem um cachorro”, Goran disse.

“Estou com fome.” Ivan comeu mais pão e carne. Ele enrolou o *prosciutto* ao redor de quatro picles e engoliu sem mastigar.

“Dá pra ver”, Goran disse.

Ivan bebeu o restante do vinho de Goran, então se inclinou e beijou o ombro dele. Timo estremeceu. O frio estava piorando.

“O que vocês fizeram hoje? Ficaram de bobeira?”

“Eu ensaiei.”

“E você...?”, Ivan perguntou para Timo. O olhar dele estava afável.

“Eu assisti”, Timo disse.

“Ah, você deve gostar de assistir.”

“Eu gosto.”

“Ele devia tocar”, Goran disse. “Ele tocava.”

“Eu lembro”, Ivan disse. “Queria ouvir você tocando um dia. Goran ensaia, mas não me deixa ver ele tocando de verdade.”

“Às vezes o ensaio é melhor”, Goran disse. Ivan deu uma olhada rápida nele, mas logo voltou o olhar para Timo.

“Bom, eu não sei. Eu não toco mais.”

“Você é da matemática, certo?”

“Sim”, Timo respondeu.

“De qual área?”

Por hábito, Timo deu de ombros diante da pergunta, que as pessoas costumavam fazer quando não tinham mais ideia do que dizer para ele. Uma tentativa sem propósito de especificidade, que não levava a nenhum lugar em particular. Havia, nos Estados Unidos, uma ideia crescente de que a matemática deveria ser uma coisa simples e concreta. Pragmática. E não apenas adolescentes mal-humorados reclamando de teoremas e provas. A questão também havia encontrado seu caminho na elaboração e avaliação de subsídios. O público sentia uma desconfiança, uma animosidade, em relação ao investimento de fundos públicos em coisas que considerava frivolidades. A economia estadunidense se guiava pela pergunta: *De que isso me serve?* Mas não havia uma tradução fácil para a pesquisa de Timo, nenhum brilho conveniente com o qual ele poderia cobri-la.

“Lógica”, Timo disse. “Achei que Goran já tinha contado pra você.”

“Ah... teoria dos conjuntos, essas coisas?”

“Que chatice”, Goran resmungou.

“Sim, isso aí, essas coisas.”

“Olha, você podia fazer um bom dinheiro na área de finanças”, Ivan disse.

“Como você?”

“É, tipo... eu não estudo a mesma coisa que você, mas tem muita matemática. Acho que você ia gostar.”

“Mas não foi isso que destruiu a economia em 2008?”, Goran perguntou.

Timo riu. Ivan assentiu, sério.

“É, mas, tipo, as coisas estão reguladas agora. Não vai acontecer de novo daquele jeito. E, enfim, os lucros voltaram em 2010. Vai ler um livro.”

“Certo, porque nós estamos nos Estados Unidos e amamos a regulação dos mercados”, Timo disse.

“Mas você nunca pensou nisso mesmo? Tipo, podia ser incrível.”

“Timo quer seguir carreira acadêmica”, Goran disse. “O último suspiro da grande burguesia.”

“Mais pra uma burguesia decadente”, Timo disse.

“Eu não estou falando disso. Estou falando de *dinheiro*. De sustento. Eu acho que sou bom na área de vendas. Acho que gosto disso. E que consigo fazer. Os números, não sei. É tudo muito abstrato pra mim. Mas vender? É jogo rápido. Decisões rápidas. Acho que gosto disso.”

“E é isso o que você quer fazer da sua vida? Jogo rápido e um monte de dinheiro? Tomar decisões?”

“Não”, Ivan disse com outro sorriso ambíguo.

Timo assentiu, embora ele não entendesse direito a natureza do sorriso de Ivan ou da conversa, que havia escapado dele. Na verdade, sim, ele havia pensado um pouco no futuro. Havia pensado muito. Mas sentia que não tinha informação suficiente para tomar uma decisão. O que Timo queria, mais que tudo, era uma resposta clara apresentada para ele de surpresa. Timo sentia que se continuasse se detendo às condições iniciais de sua vida, alguma coisa poderia lhe ocorrer. Ou, no fim, ele poderia ser deixado sem nenhuma escolha, e assim seu destino seria selado. Seu futuro era muito obscuro.

“Mas é triste que você tenha desistido do piano”, Ivan disse. “Parece uma grande perda. Goran disse que você tinha talento.”

“Eu não *desisti*. Eu só... sei lá. Comecei a fazer outra coisa”, Timo disse. Ele sentou sobre as mãos, cruzou as pernas embaixo da mesa. Ivan se inclinou na direção dele. Timo sentiu o cheiro do suor de Ivan. O cabelo dele estava úmido. Goran se recostou na cadeira.

“Qual é a diferença?”, Ivan perguntou.

“Deixa o cara em paz.”

“Eu não amava tanto tocar piano”, Timo disse em um tom brando, dando de ombros, indiferente. Mas seu coração apertou quando ele disse isso, e a indiferença que ele quis projetar desabou sobre si mesma, de forma que Timo se sentiu exposto e trêmulo. Como uma criança tentando fingir profundidade.

A garrafa de água suava. O garçom voltou, um homem loiro cansado. Eles gostariam de mais comida, mais vinho? Ivan pediu uma taça de vinho e outra tábua de frios. Timo estava satisfeito. Goran comeu o que havia sobrado dos pickles.

“Eu estou pensando em estudar direito”, disse Ivan.

“Você não tem uma entrevista em um banco em Nova York?”, Timo perguntou. Goran parecia entediado, como se já tivesse ouvido tudo aquilo antes. As pessoas da pós-graduação estavam sempre falando em estudar direito, exceto os estudantes do curso de direito, que falavam em estudar mercado imobiliário. Pintores, dançarinos, poetas e até cientistas sonhavam com a lei em suas mesas, com um sistema codificado que atravessava toda a vida deles e os protegia de danos hediondos. Eles queriam alguma coisa que fizesse sentido, rendesse dinheiro e pudesse transformar seu sofrimento temporário em algo mais estável e certo.

Goran foi criado em uma família de advogados e dentistas. Aquilo não era novidade para ele. Os pais de Timo eram cirurgiões. Timo não sabia o que os pais de Ivan faziam. Os dois tinham sido criados por pessoas práticas, e agora viviam o prólogo úmido e anfíbio da vida adulta, sonhando com o curso de direito. Mas ainda assim era irritante ouvir Ivan dizer isso.

“Sim, mas vai saber, né? Vou fazer a entrevista e as pessoas podem me odiar. Eu não manjo bem de coisas quantitativas. Tudo é muito computadorizado hoje em dia. Se eu for lá e os caras não me quiserem, e aí?”

“Você está quase terminando seu MBA.”

“Sim”, Ivan disse despreocupado. “Sim. Estou. Mas os próximos passos, sabe? Se você não consegue o estágio certo na empresa certa, você acaba passando a vida maquiando a contabilidade de fazendeiros. Direito pode ser bom. Um advogado é só um advogado.”

Timo permaneceu quieto, só pensava nos vídeos, na acumulação de todo aquele dinheiro. A coisa toda fazia um sentido brutal e covarde agora.

“É caro”, Goran disse.

“Eu sei”, Ivan disse tímido. Ele olhou de soslaio para Goran. Como uma criança buscando permissão. As palmas de Timo estavam suadas na cadeira, dormentes com a pressão. Ele tirou as mãos de baixo do corpo e as apoiou no colo. “Talvez seja uma má ideia.”

“Não, não foi o que eu quis dizer. Se você quer, devia fazer.”

“Não, não, é uma má ideia.”

“Não, não.”

“Não. Não.”

“Não, não.”

“Não.”

Era como na sala de ensaio. O som das vozes deles era uma coisa sólida se movendo entre os dois e através deles. As vozes de Goran e de Ivan se misturaram até se transformarem em um fluxo contínuo. Era insuportável pensar que isso era tudo o que a humanidade tinha para conter seus sentimentos. Esses fragmentos de som cheios de significados. Era cruel. A boca de Timo foi preenchida por um calor ácido. Ele tentou respirar pelo nariz. Tentou se fazer presente. Tentou estar ali.

Não, não, não, não, não, não, não, não, não — que palavrinhas estúpidas.

Goran e Ivan estavam rindo. Eles se apoiavam um no outro e continuavam dizendo *não*. Esfregavam os braços um no outro, beijavam o pescoço um do outro. Se abraçavam. Ivan fez cócegas

em Goran, que se contorceu e se sobressaltou, fazendo a mesa balançar.

Com as costas da mão, Timo empurrou a garrafa de água, que caiu no chão e se espatifou com um barulho alto. O vidro brilhou na sombra da mesa, refletindo as luzes brancas da rua. Goran olhou para ele como se estivesse bem longe dali. Os olhos de Ivan se arregalaram.

Mas pelo menos eles pararam com aquilo.

Era mentira que Timo não amasse tanto tocar. Ele havia amado muito o piano, mas de uma forma difícil de descrever. Era algo apofático — que ele só podia explicar por meio da negação. Timo só entendeu o quanto amava piano depois de ter desistido de tocar. E mesmo essa decisão, de longe, parecia arbitrária, um capricho. Um ato de petulância. Mas ele amava tocar, ainda amava. Todos os dias Timo se sentia como um diapasão, vibrando o tempo todo. Porém ele não era afinado em um tom, mas em uma outra coisa, alguma frequência terrível atravessando o universo. Perda, ele pensou. Era perda.

Depois de se despedir de Ivan e Goran, Timo não foi para casa. Ele seguiu para o pequeno escritório que compartilhava com outros professores assistentes. Subiu as escadas escuras em silêncio e, quando entrou na sala, trancou a porta, mas não acendeu as luzes. Sentou em sua cadeira e pegou o celular.

Havia mensagens da mãe e do pai. Havia três mensagens de Fyodor — a primeira dizendo *Feliz aniversário*, e então, *Eu te amo*, e então, *Me liga quando estiver livre*.

Timo acessou o primeiro vídeo de Ivan de novo e, quando acabou, assistiu ao segundo e ao terceiro. Ele assistiu a todos os quinze vídeos, um após o outro, formando uma espécie de filme. Do começo ao fim, os vídeos eram a um só tempo irregulares e parecidos. Tinham o mesmo filtro. Ficavam mais longos, como se ganhassem confiança em sua habilidade de existir. Os atos contidos se tornavam menos abstratos e mais concretos em termos sexuais. Até que Timo assistiu ao último clipe, postado apenas algumas horas antes, no qual Ivan, com as mesmas roupas que vestia no jantar, se filmou despindo a camiseta de Lycra e o suéter. Ele se filmou se despindo mais e mais. Ivan deu as costas para a câmera para tirar as calças. As costas dele eram longas e macias, peludas na lombar como um mamífero delicado. Os braços eram rígidos e fortes. A flexão dos ligamentos, as veias correndo pelos antebraços, a bunda redonda. O corpo de Ivan era bonito e vivo. Seus ombros eram duas lâminas curvas. O cômodo era o quarto dele, como sempre. As mesmas paredes brancas, o mesmo edredom no chão. O farfalhar suave das roupas, o estalo do elástico sendo puxado. Ivan levantou. Dava para perceber o movimento lento da mão mexendo no pau, mas não o pau em si. Só os braços de Ivan, o movimento constante como um pistão. Então, o ângulo do quadril se movendo, se mexendo, conforme ele se virava para a câmera, mas, quando os olhos dele se ergueram para encontrar a câmera e quando a sombra de seu pau tremulou à vista, a tela apagou em total escuridão, cinco segundos de escuridão e chiado ao fundo até que o vídeo terminava. A escuridão crepitante tinha uma característica diferente da escuridão do quarto. A da tela irradiava

na do escritório. A escuridão deslizava na tela e roubava todo o ar. Os braços de Timo estavam frios e úmidos. Ele tremia.

Timo estava duro de novo. Ele pôs a mão no volume entre as pernas e apertou. Houve aquela sensação engraçada de umidade, o prelúdio do desejo. Timo fechou bem as pernas, o que só piorou tudo. Abriu as calças. Ele se segurou, seu calor animal, seu pulso latejando como alguma coisa desesperada para se libertar.

Timo segurou o pau duro, no escritório onde ele ensinava, onde bebia seu café, e mantinha conversas esporádicas com outros alunos. Ele não se masturbou. Ele não gozou. Timo se sentia frio. O vento batia na janela. Então, se enfiou dentro das calças.

Seguiu com as correções por uns vinte minutos. Os erros eram sempre os mesmos. Ele havia ensinado errado, Timo percebeu, podia ver exatamente onde havia se equivocado ao explicar as demonstrações — os alunos nem sabiam por onde começar.

Timo sabia que não era um professor talentoso. Muitos de seus alunos foram admitidos provisoriamente e precisavam compensar déficits do ensino médio. Eles não eram estúpidos, mas também não eram espertos, e Timo se ressentia disso, dessa necessidade de serem ensinados. O que Timo queria era que ninguém precisasse ou demandasse nada dele. Pois assim ele deixaria de se sentir daquela forma, com aquele terror diante da compreensão das próprias falhas.

Timo apoiou a testa na mesa, odiando a sensação de ser ele mesmo.

Passava um pouco das oito quando Timo saiu do escritório. Ele desceu as escadas, passou pelo Pentacrest e continuou pela

Jefferson Street na direção da igreja de St. Mary. As luzes estavam acesas na janela sob o campanário, que subia mais e mais na abóboda profunda e suave do céu. Atravessando a rua, havia a casa do pároco, atarracada e honesta. Nunca existiu uma casa tão Meio-Oeste. Ele deu uma olhada na varanda telada enquanto passava e viu duas figuras indistintas jogando cartas e bebendo em canecas. Um aquecedor brilhava no escuro.

No fim da Jefferson, ele atravessou a rua correndo até a casa de Fyodor. As grandes janelas da frente eram sinistras e cinzentas. Ele subiu os degraus da varanda e entrou no saguão que cheirava a sal e mofo. Sapatos velhos. Timo ouviu os dançarinos no andar de cima. Uma festa.

Num primeiro momento, o apartamento de Fyodor parecia vazio. Mas então ele foi até a cozinha e, em cima de uma mesinha, havia um bolo com três velas pequenas acesas. Fyodor estava sentado ali, de cabeça baixa, dormindo.

Timo ficou parado na porta da cozinha, olhando para Fyodor. O homem adormecido. O bolo caro demais. Ele parecia em paz. Timo sentou na outra ponta da mesa e observou as velas derretendo. Eram daquelas que reacendem sozinhas e queimam sem parar. A cera estava perigosamente perto do bolo. Ele umedeceu os dedos e apagou o fogo. Ouviu um chiado baixo enquanto as pontas dos dedos queimavam.

Fyodor roncou alto e acordou. Ele pareceu meio atordoado e então se sobressaltou, surpreso com a presença de Timo. Uma vez apagadas, as velas se confinaram mais à escuridão, mas a luz azul da varanda do vizinho os alcançava. Fyodor limpou a boca com as costas da mão. “Feliz aniversário”, ele disse.

“Obrigado”, Timo disse.

“Eu não sabia que horas você ia voltar. Mas achei que fosse mais cedo. Sei lá. Acho que eu cochilei.”

“Sim, você cochilou.”

“Desculpa.”

“Eu gostei.”

“Sei...”, Fyodor disse desconfiado. Então ele levantou e acendeu a luz para os dois poderem se ver.

Um pedido de desculpas parecia muito vulgar. Como um gesto encenado diante de uma gentileza. Mas eles não eram personagens de um filme. Não eram trenzinhos postos nos trilhos, seguindo cursos predefinidos. O livre-arbítrio precisava ser incluído de alguma forma. Agência. Uma tendência às complicações mundanas. Timo estava sentado diante de Fyodor, a quem ele amava. A quem ele conhecia. Fyodor, uma outra pessoa viva, respirando e pensando, sentindo. Como fazer com que os próprios sentimentos fossem compreendidos? Como dizer: *Eu vejo você, eu amo você, me desculpa?* Mas “desculpa” era só uma palavrinha banal e suja, que presumia um mundo ordenado. Que um acontecimento pudesse ser compensado.

Em vez de se desculpar, Timo levantou e pegou uma faca no corredor. Cortou um pedaço de bolo. Era de cenoura. Vegano. Um bolo da cooperativa, pesado e indigesto, mas ele cortou um pedaço e serviu num prato, que pôs diante de Fyodor. Então ele cortou o seu e sentou, não na outra ponta da mesa, mas ao lado de Fyodor.

Eles comeram em silêncio, sem se olhar, e quando terminaram Timo lavou os pratos. Depois eles foram para o sofá de Fyodor e

Timo leu para ele um conto de Garshin, que Fyodor vinha lendo, ou tentando ler como parte das suas *tentativas*. O conto se chamava “O oficial e o soldado servente”. Fyodor deitou com a cabeça apoiada no colo de Timo, ouvindo. Antes do fim da história, ele já tinha dormido.

Timo não se mexeu. Ele não se movimentou para que os dois fossem para a cama. Ficou ali sentado com o peso adormecido de Fyodor no colo, olhando pela janela, para o quintal lateral vazio. No andar de cima, os dançarinos e a festa continuavam. Ele sentiu um pouco de vontade de chorar. Não porque estivesse infeliz. Mas porque sentia, pela primeira vez em muito tempo, que tinha feito a coisa certa. Que tinha escolhido fazer uma coisa boa. E ele tinha feito a coisa certa por outra pessoa, sem pensar nele mesmo.

Timo olhou para Fyodor e ficou maravilhado ao se dar conta de que alguém podia confiar tanto nele a ponto de descansar a cabeça em seu colo com a certeza de que não seria machucado ou alvo de alguma monstruosidade. Que uma pessoa podia confiar nele mesmo depois de todas aquelas brigas e discussões idiotas. Isso o tocou. A maioria não teria se importado com isso. Nem notado. Mas Timo percebeu. Timo se importava. Fyodor dormia.

O apartamento ficou frio. Mas Timo ficou ali sentado com a cabeça de Fyodor no colo. As pernas dele começaram a ficar dormentes, formigaram e relaxaram completamente. Ele apoiou a cabeça no encosto do sofá e adormeceu.

Lá em cima, a festa continuava.

“Eu só quero levar alguma coisa a sério”, Goran estava dizendo. Eles estavam no café. Era segunda-feira. A chuva era fria, mas o

céu estava claro, quase prateado. Havia gelo no chão.

“Mas você é sério”, Timo disse.

“Eu estou falando sobre a minha vida.”

“É, você tem razão”, Timo disse. “Tem sim.”

O café estava preenchido pelo burburinho de alunos da graduação. Timo olhou para eles do canto onde estavam. Pareciam todos iguais. Criaturinhas desesperadas, apavoradas e sozinhas no mundo. Um barista bateu no balcão para soltar o pó de café do porta-filtro.

“Ivan e eu terminamos”, Goran disse.

“Nossa, eu sinto muito. Sinto muito mesmo.”

“Não foi por causa do pornô”, Goran disse. “Foi por causa do direito. Ou Nova York, eu acho. Ele vai embora.” Timo deu risada, mas Goran só balançou a cabeça. “Ele não sabe o que quer. E isso me fez perceber que eu realmente tenho que levar as coisas a sério e parar de zanzar por aí. Chega de aulas.”

“Então você vai depender totalmente de sua herança?”, Timo disse.

“Vai se foder.” Goran sentia certa ansiedade em relação ao dinheiro que os pais tinham deixado. Ele se sentia culpado por ter esse dinheiro, e às vezes sugeria que essa culpa tinha a ver com o fato de ser adotado. Timo não se arrependeu de dizer aquilo. Mas ressentiu a dor nos olhos de Goran. Ele estava falando sério.

“Desculpa.”

“Bom, eu não tenho mais tempo a perder. Preciso trabalhar. Não sou mais criança.”

“Você é absolutamente geriátrico.”

“Eu já fui um prodígio.”

“Eu lembro”, Timo disse. Era verdade, Goran tinha sido um prodígio, dotado de um talento menor, mas robusto. Dava para perceber que ele tinha frequentado o conservatório desde cedo pela forma como tocava, obedecendo a uma série de regras, ainda que fosse para quebrá-las. Goran tinha uma noção incrível das tonalidades. Mas Timo também tinha sido um prodígio. Ou talvez todo mundo pudesse ser um prodígio se trabalhasse o suficiente para se tornar, ainda jovem, competente em alguma coisa. Talvez o que as pessoas viam erroneamente como um talento prodigioso fosse, na verdade, só uma competência inesperada.

“Vai se foder. Você não acredita em mim”, Goran disse.

“Eu acredito. Eu acredito.”

“Acredita nada.”

“Acredito.”

“Não acredita.”

“Acredito.”

“Bom, eu acho que você devia levar as coisas a sério também. Voltar a tocar.”

“Eu acho que esse barco já partiu”, Timo disse. “Você sabe disso.”

“Ah, cara. Olha, não é a mesma coisa de quando éramos crianças. Tipo, tem um mundo todo lá fora. Além de competições e da faculdade. Tipo, a música é muito mais do que a gente pensava. Você poderia ser...”

“Um divulgador?”, Timo riu, amargo. “Eu vou começar um canal no YouTube e explicar o que são tónicas? Eu também posso fazer pornô, não?”

“Pode parar... não foi o que eu quis dizer. Você sabe.”

“Você quer dizer que pode seguir carreira nos concertos, já que estudou pra isso, e que eu posso fazer qualquer merda.”

“Se a música importa pra você, você pode fazer qualquer coisa. Você sabe disso.”

Timo podia ouvir na voz de Goran um tom parecido com o que ele usava nas discussões com Fyodor. A retidão estridente de um caminho determinado. A certeza que só alcançamos se delirarmos um pouco.

“Não, valeu”, Timo disse. “Mas fico feliz que você esteja levando sua música mais a sério.”

“Eu pensei que era uma coisa que a gente podia fazer juntos.”

“Tipo uma banda? Uma dupla?”, Timo riu de novo. “É uma ideia.”

“Eu não acho uma ideia absurda. As pessoas fazem isso o tempo todo.”

“Pessoas que têm acesso a instrumentos. Contatos. Espaço pra ensaiar. Dinheiro. Sim.”

“Você não é pobre”, Goran disse. “Por que as pessoas são tão moralistas com dinheiro? Você cresceu em uma monstruosidade suburbana como eu.”

Timo tamborilou sobre a mesa. Não como Goran. Houve dinheiro, sim. Mais que algumas pessoas. Mais que a maioria das pessoas, na verdade — mas um dinheiro que acabava o tempo todo. Que descia pelo ralo em algum buraco negro. Uma coisa era ter dinheiro e saber que haveria mais amanhã, no dia seguinte e depois. Outra coisa era ter dinheiro e vê-lo diminuir e desaparecer dia após dia, sabendo que acabaria em breve. E era ainda outra coisa nunca ter o suficiente. O mundo era só uma série de jogos de

azar envolvendo somas cada vez menores de dinheiro, todo mundo um pouco pior que o vizinho, até chegar no fundo, onde algumas pessoas não tinham nada.

A princípio, ele não havia entendido isso. Mesmo tendo passado por tudo aquilo, ele não compreendera de verdade. Timo só tinha assimilado a própria privação. E o que era certo para ele era certo para todo mundo — que os valores dele eram os *verdadeiros* valores. Mas agora Timo via o quão idiota isso era.

Os homens brancos estavam sempre falando disso na televisão, certo? A extinta grande classe média estadunidense. Os pais dele pertenciam a essa classe. Eles tinham dinheiro e por isso os alicerces desse dinheiro tinham sido corroídos por tarifas e impostos e pela terceirização do trabalho e do capital no exterior. O declínio da agricultura e da indústria, o desmoronamento, a infraestrutura em ruínas das fortunas estadunidenses de meados do século destruídas nas realidades hiperaceleradas dos anos 90 neoliberais e neoconservadores. Reagan, Bush, Clinton e agora Obama: estava tudo acabado agora. Esgotado. Ou pelo menos reconfigurado e bloqueado por conjuntos de restrições cada vez mais severos. Você precisava de dinheiro para ter acesso ao dinheiro. O que restou para as milhares de famílias que no passado tinham dinheiro suficiente para garantir o conforto da geração seguinte? Nada, só a memória amarga das casas que elas uma vez possuíram. Terrenos que pertenceram a alguém na árvore genealógica. E isso para não falar da questão negra. Gerações de pessoas negras claras da elite se casando com pessoas negras claras da elite, todas aquelas mulheres com pérolas e os homens com relógios Harry Winston. Todo aquele tempo perdido tentando

mostrar que eles vinham de uma longa linhagem de pessoas livres, dez, doze gerações livres da escravidão, livres da mancha ancestral da servidão. Sem mencionar a política da respeitabilidade nisso tudo. Aquela ideia incipiente, mas muito presente, de que, se eles realmente valessem alguma coisa, as pessoas escravizadas nem teriam sido capturadas. Todo esse completo absurdo transmitido com o dinheiro que encolheu com o tempo. Mas Goran não sabia de nada disso. A família dele era branca. A família de Goran ainda tinha dinheiro. A família de Timo não tinha mais. Então, não, ele não era como Goran.

“Pra mim, a música vem com tudo isso”, Timo disse. “Você sabe. É melhor ficar como está.”

“Desculpas!”, Goran disse, sorrindo. “Isso é só uma desculpa pra não tentar! Mas eu não vou forçar você. Pense nisso.”

Timo devolveu o sorriso. “Certo. É. Vou pensar nisso.”

Eles continuaram sorrindo um para o outro, os dois sabendo que era tudo mentira e que chegaram a uma conclusão. Naquele momento, Timo havia deixado de amar Goran. E Goran percebeu. Mas os dois não diriam isso em voz alta nem à força. Reconhecer esse fato. Então eles continuaram sorrindo, e depois começaram a rir na mesa deles no canto, enquanto lá fora chovia e esfriava, o café ficava mais barulhento, quente e vazio, e o mundo todo, toda a sua procissão de eventos, seguia adiante sem sequer notar ou se importar que naquela minúscula e obscura partícula da galáxia o coração de duas pessoas se partia em muitos pedaços.

Cabeça de Górgona

Depois de Seamus escrever aqueles primeiros versos, uma coisa curiosa, mas comum, aconteceu: o poema travou e se fechou.

Os versos surgiram com forma e som, e Seamus sentiu que se pudesse abrir o poema à força, conseguiria extrair o resto. Seamus ficou sentado na mesa por muitas horas, esperando o poema irromper e se revelar para ele novamente, mas nada vinha. Os versos de abertura pareciam ter sido o fim de um longo período de silêncio da escrita dele. Mas, na verdade, não foi nada além de ilusão ou outro tipo de silêncio.

Ainda assim, Seamus não conseguia se convencer a descartá-lo na pilha de compostagem. Alguma coisa no poema ainda parecia viva, e seja lá o que fosse não o deixaria em paz. Então Seamus saiu para a aula e o trabalho. A neve caía, derretia e caía. O gelo cobria as ruas. No oeste montanhoso, árvores antigas queimavam, e no sul, o frio provocou um blecaute e as pessoas ficaram sem energia, comida e água.

Seamus reuniu seus poemas acerca das freiras alsacianas pensando que isso poderia incitar o atual. Ele pensou que poderia haver alguma resposta neles — ou, pelo menos, encontrar seu desejo original de escrevê-los. Seus colegas do primeiro ano não gostaram. Riram dele e o chamaram de colonizador, simpatizante

do catolicismo e defensor dos horrores do império. Onde estavam os ataques de drones? Onde estavam as críticas anticapitalistas? Era suficiente perseguir formas antigas quando elas não tinham nada a oferecer ao mundo fragmentado de hoje? Onde a *raça* entrava nisso? Onde estava a imputação à branquitude? Mas ter deixado os colegas dominarem a situação poderia ser um sinal de medo.

Tudo isso tinha feito Seamus se sentir preso no fundo do denso emaranhado do curso de poesia. Mas havia um mundo lá fora. Bert havia queimado isso no rosto dele. E talvez, só talvez, essa merda de pós-graduação fosse uma grande mentira — se no fim significasse que ele não poderia acreditar nos próprios poemas ou se não tivesse o suficiente para superar essa dúvida. Esse medo. Então, ele não era um poeta. Devia haver alguma coisa além de tudo isso, e Seamus precisava acreditar que existia.

Seamus precisava de algum sinal que o permitisse emergir da graduação para aquele outro mundo externo e maior.

Submissão. Era assim que eles chamavam quando você enviava seu trabalho para algum lugar. Quando você apoiava o pescoço na madeira e aguardava a clareza fria da lâmina. Você tinha que acreditar no eterno. Naquilo que vinha depois de eles terem decepado e erguido sua cabeça em celebração. Você tinha que acreditar nisso, nesse momento em que você se tornava alguma coisa maior, mais grandiosa, mais ampla. A submissão demandava fé.

Ele reuniu os poemas das freiras alsacianas e enviou por e-mail a um cara que ele conhecia na *Paris Review*. Quando clicou em enviar, Seamus sentiu vontade de vomitar e quis cancelar o envio,

mas não conseguiu descobrir como reverter. Era tudo uma ilusão. Ele havia enviado poemas para a *Paris Review* durante toda a graduação, mas nunca tinha recebido sequer uma mensagem de rejeição. Ainda assim, ele pensou, ter enviado os poemas poderia despertar algo. Animar um pouco as coisas. Mas, não, isso só fez Seamus se sentir miserável. Agora, ele não apenas era incapaz de escrever como ficava checando seu e-mail a cada dez minutos.

Semana após semana, ele sentava na sala de seminários e observava a copa das árvores perto do rio ou as águias dando rasantes e pegando corvos distraídos. Ali dentro, seus colegas discutiam poemas a respeito da colheita de algodão feita pelas avós ou das minas de prata em Utah. Linda apresentou um poema sobre um aborto. Ingrid e Garza sentaram ao lado dela, segurando as mãos de Linda enquanto ela contava a história por trás do poema.

“Eu estava sozinha. É disso que eu mais me lembro, ali deitada na cama, os pés pra cima, e eu nunca senti uma solidão tão fodida. E por um minuto, eu pensei, eu vou me livrar da única pessoa no mundo que vai me amar?”

Seamus olhou em volta. Os olhos de todo mundo estavam vermelhos, inclusive os de Oliver. A escrita de Linda não era ruim. Era o.k. E boa às vezes, mesmo que em flashes. Mas não era poesia, e ele não conseguia afirmar que Linda era mais ensaísta que poeta. Que os poemas dela eram, nas palavras de um fictício Robert Lowell em um filme biográfico de Elizabeth Bishop, “observações divididas em versos”. Não havia vergonha nisso. Demandava certa habilidade escrever boas frases, fazer boas observações. Linda tinha isso, pelo menos. A capacidade de observar não era um talento menor. Mas lhe faltava inteligência poética.

Porém, ela aprendeu — em algum lugar, talvez tenha sido aqui — que a inteligência poética podia ser omitida com algumas táticas. *Havia* uma palavra: táticas. Emoção. Sentimento. Seu texto tinha muito sentimento e correspondia a algo doloroso e verdadeiro em sua vida. Mas isso não fazia dele um poema. A autobiografia não bastava.

Seamus permaneceu de braços cruzados, observando os galhos escuros balançando contra o céu branco.

“Você tem alguma coisa pra dizer?”, Linda bufou. “Não vai dizer que meu aborto é mentira?”

“Eu nunca soube do seu aborto”, Seamus disse, depois ficou mais sério, “Eu só acho que, sei lá, não sei se tem muita coisa aí.”

“Nossa.”

“Não, eu estou falando sério agora”, Seamus disse. “Não é uma crítica nem nada. Eu não estou atacando você.”

“Você atacando alguém? Imagina”, Ingrid disse.

O professor limpou a garganta. “Por favor.”

“Esquece”, Seamus disse.

“Eu quero ouvir.”

“Não se tortura por causa dele”, Ingrid murmurou.

“Sim, os homens brancos não têm o direito de dizer nada sobre os nossos corpos”, Noli acrescentou.

“Bom, eu vou cobrir os olhos pra não ver vocês”, e Seamus cobriu os olhos, mas ninguém riu. Ele abaixou as mãos. “Eu só estou dizendo que o texto é muito comovente. Muito, muito comovente. Mas e o resto? É um poema mesmo? A função dele é equivalente a, sei lá, um filme de terror? Uma história infantil?”

“Nossa, vai se foder”, Linda disse.

“Eu não acredito nisso”, Helen disse.

“Eu não estou tentando esquentar as coisas aqui”, Seamus disse.

“Talvez...”, o professor fez uma pausa.

“Ah, que ótimo”, Seamus disse. Ele já estava levantando e pegando a mochila.

Mais um dia na ponte com Oliver, mais uma aula que acabava mais cedo.

“A gente não pode continuar sendo expulso”, Oliver disse. “Isso vai me foder, Seamus.”

“Eu não fiz nada desta vez. Elas são tão sensíveis.”

“Não é como se você tivesse dado uma boa razão pra elas te lerem de uma forma generosa.”

Seamus suspirou. Ele não queria discutir com Oliver também. Ele se inclinou no gradil. O rio estava completamente congelado, polvilhado de neve. Os olhos de Seamus lacrimejavam com o vento.

“Nossa, você não mordeu a isca, deve estar bem deprimido mesmo. O que foi?”

“Cara, eu estou muito bloqueado. Eu estou com um bloqueio fodido. Eu tinha. Tipo, faz umas semanas, eu tinha. Um poema. Tipo. Bem ali, sabe? Eu tinha. E eu perdi. E... o poema se perdeu.”

“Que merda.”

“É. Que merda.”

“Mas você não está tentando, certo?”

“O quê?”

“Faz tipo um ano que você não entrega nada, Seamus. Isso é realmente diferente de um bloqueio?”

Seamus não soube como responder de imediato. De um lado, não, não tinha a ver. De outro, falando em termos mais amplos,

sim. Ele tinha tentado escrever, sim, mas não escrevia nada realmente vivo há muito tempo. Seamus havia tocado alguma coisa. Ele estendeu a mão sobre o rio. Ele tinha chegado tão perto.

“É diferente”, ele disse. “Agora é.”

“Então”, Oliver disse, se inclinando sobre a beirada da ponte, “só resta você correr atrás.”

Oliver se endireitou e correu até o fim da ponte. Seamus o seguiu a passos lentos, sentindo a ponte balançando abaixo deles. Na margem, Oliver caminhou sobre o rio congelado e ficou ali com os braços erguidos bem acima da cabeça. Ele inspirou e gritou o mais alto que pôde.

A não ser por eles, o rio estava vazio. Frio. O ar estava parado. No silêncio, o grito de Oliver se duplicou e se transformou em um batalhão de vozes estridentes. Oliver gesticulou para Seamus se juntar a ele, e Seamus desceu com cuidado pelas rochas e pela lama congelada. Ele ficou em pé sobre o gelo denso. Pesado. Ainda assim, Seamus podia sentir o peso de Oliver no gelo, que rangia sob os pés deles. Lá em cima, as águias rondavam, ladeando os telhados de North Hall e além. Os dormitórios com as fachadas de vidro brilhantes. E do outro lado do rio, as casas e as fraternidades. Que paz.

Oliver ofegava depois de tanto gritar. Os lábios dele estavam ressecados e vermelhos. Ele deslizou até Seamus e agarrou os ombros do amigo.

“Vai atrás dele.”

“É um poema, não um cervo.”

“Poemas e cervos, cara. São a mesma merda.”

“Agora você está falando como eu.”

“Então você me ensinou direitinho”, Oliver disse. Ele abraçou Seamus. O calor do abraço, a força dos braços de Oliver, fizeram Seamus sentir vontade de chorar. Era o oposto de como tinha sido com Bert naquela noite no bosque.

Não. Não pensa nisso.

Seamus se esquivou, como sempre fazia quando lembrava de Bert. Ele se esquia do pensamento e o apaga da memória. Não. Isso não.

“Agora solta tudo. E volta a trabalhar.”

“Não. Eu não vou fazer isso.”

“Eu não vou soltar até você deixar”, Oliver disse. Ele prendeu Seamus em um mata-leão, e Seamus gritou bem alto na cara dele. A garganta de Seamus ardeu depois. Mas ele se sentiu bem. Ouviram-se passos na ponte. Duas pessoas olhavam lá para baixo.

“Que merda é essa?”, disse uma delas.

“Cuida da sua vida”, Seamus respondeu.

Alguns meses depois do episódio com Bert no bosque, Seamus foi a uma festa com Stafford, o pintor, cujo hábito de roubar papéis do escritório do departamento de poesia tinha sido a razão de eles terem se conhecido. Stafford dava aulas introdutórias de apreciação artística aos graduandos, e às vezes os dois falavam de arte. Às vezes falavam de música. E às vezes só transavam. Mas Stafford convidou Seamus para ir à festa de um dançarino, um lance superior, pois poetas não costumavam ser convidados.

No caminho, Seamus mencionou que a *Paris Review* tinha aceitado um poema dele — um dos poemas das freiras alsacianas na Guerra dos Trinta Anos. Na festa, Stafford não parou de falar

disso para as pessoas, o que constrangia Seamus, mas também o fazia se sentir bem. Orgulhoso, como se ele tivesse conquistado alguma coisa em sua arte — embora não houvesse nada mais humilhante do que sentir orgulho por ter um poema publicado. Isso demonstrava muita carência. E ambição. Mas essa publicação era a primeira realização real e verdadeira da poesia dele. E tornava mais estranho, curioso e brutal o silêncio do poema novo.

Ali, em meio à confusão da bebida e à fumaça da maconha, enquanto conversava com dançarinos, dando trabalho para eles, Seamus vislumbrou uma figura familiar pelo canto do olho: Bert. Uma pontada de reconhecimento na cicatriz descamada do rosto, purulenta e esverdeada no meio, muito vermelha nas bordas. A cicatriz da queimadura. Bert.

Seamus vacilou, sua visão ficou turva. Stafford o pegou pelo braço e o levou para fora para tomar um ar, e quando ele perguntou o que estava acontecendo, Seamus pensou que só podia ter imaginado. Que Bert não estava lá e que ele só tinha inventado aquilo.

Desde aquele dia, ele não conseguia escrever. O poema silenciou dentro dele. De alguma forma, o poema e Bert tinham se misturado. Às vezes, quando ele voltava do trabalho pedalando, Seamus achava que podia ouvir a caminhonete atrás dele, invisível, mas ali, bem no seu encaixe. Ele sonhava com Bert. Acordava com o gosto de Bert na boca. E ainda sentia o cheiro dele.

Naquela noite, do lado de fora da festa do dançarino, ele disse para Stafford que não era nada.

Esse tinha sido o inverno de Bert. Demorado. Bert espiava Seamus de cada canto e cada janela escura. Às vezes, na casa de

repouso, ele ouvia a risada alta de Bert flutuando até a cozinha. E quando isso acontecia, ele pedia licença, descia, se trancava no banheiro e esperava os residentes se recolherem nos quartos e a hora das visitas terminar.

O segundo semestre era o semestre da dissertação, e como nenhum outro professor o tinha aceitado, Seamus estava mais uma vez no seminário de poesia. Assim como os colegas de classe, que compartilhavam o orientador. Seamus considerou isso uma má sorte e também uma decisão ruim por parte da administração. Mas ele seguiria em frente. Ele sabia como seguir. No fim da primeira reunião, o professor pediu para ver Seamus do lado de fora.

“Este é seu último semestre”, ele disse.

“Pois é, nem me venha falar de diversão. Não, eu sei.”

“É o semestre da dissertação.”

“É. Eu sei.”

“Faz um ano que você não entrega nada, Seamus. Eu não posso... você não pode. Não dá. Você precisa submeter alguma coisa.”

“Isso é algum tipo de conversa pervertida?”, Seamus riu. Eles estavam no corredor. Os colegas passavam pelos dois, olhando.

“Não, não é.”

“Não sei por que você simplesmente não escreve”, Stafford disse. Eles estavam deitados no chão, retomando o fôlego.

“É, como se fosse muito simples”, Seamus disse. Stafford tinha acabado de gozar na barriga dele. O sêmen esfriava em uma poça perolada, infiltrando-se no umbigo. Stafford acendeu um cigarro e

Seamus apontou a janela acima da mesa. Stafford levantou e abriu a janela, os joelhos e o tornozelo estalando. Ele tinha um andar lânguido. Seamus limpou a barriga com a ponta do lençol.

“Eu só acho que a gente não consegue nada dificultando as coisas pra gente.”

“É, bom, você não tem um bando de bruxas respirando no seu pescoço.” Seamus virou de barriga para baixo e enfiou a cara no travesseiro. Stafford sentou na mesa, soltando a fumaça pela janela. O ar frio era bom. Confundia o cheiro azedo da louça e dos cobertores sujos. Ele precisava encontrar um jeito melhor de viver. No que diz respeito ao apartamento, mas também em relação à poesia. Ele não podia sair por aí com as entranhas à flor da pele, se sentindo doente e miserável, tentando forçar algo que não cedia.

“Talvez você não seja poeta”, Stafford disse. Ele bateu as cinzas para fora da janela. Seamus se virou e olhou para ele.

“Que coisa horrível de se dizer, não?”

“Não. A gente se apega tanto a esses rótulos, tipo *poeta*, *pintor*, *dançarino*, *estudante* — e isso tudo porque somos um bando de veados sem deus e não há ordem central no nosso mundo pra organizar tudo.”

“Isso quase faz sentido”, Seamus disse.

“Quase? Vai se foder”, Stafford abriu um sorriso. “Não, eu estou falando sério. É muito marxista. O colapso total dos valores. Tudo o que sobra é o trabalho e o capital.”

Stafford, com o corpo compacto e o cabelo loiro platinado, pescoço e ombros fortes, virava para bater as cinzas pela janela com indiferença. Havia um trapézio de luz no ombro dele, um fragmento brilhante recortado de um plano maior.

“Talvez. Mas a poesia...”, Seamus disse, deitando-se de costas e apoiando a cabeça nas mãos. “A poesia. Vale a pena apostar a vida na poesia. Pelo menos a minha.”

Stafford deu um trago e olhou para Seamus. O ângulo da luz mudou. O trapézio desapareceu. A atitude deles havia mudado.

“Bom”, Stafford disse, voltando a se juntar a Seamus no chão. “Se vale a pena pra você. Só vai e explode tudo o que estiver no seu caminho.”

Seamus pegou o cigarro dele e deu um trago. Ele sentiu o gosto de Stafford no filtro. Stafford ficou observando Seamus, esperando ele soltar a fumaça. Ele prendeu a respiração.

Seamus tentou não pensar em Bert.

Ele tentou pensar na mãe e no pai. Tentou pensar nos avós. Tentou pensar no sr. Fulton. Em Eunice e Lena. Tentou pensar nas mulheres que trabalhavam naquela primeira cozinha em Rhode Island. Michigan no verão. Tentou pensar no pai atuando em peças de Shakespeare nos festivais de verão. Ele percorreu a ladainha de coisas que queria dizer no poema, e aquilo que queria que o poema fizesse. Seamus pensou naquele poema ruim de Beth. Já faz tantos meses. E parecia irrelevante, agora que ele tinha decidido tomar aquele rumo. Mas ele precisava escrever. Só isso. Ele precisava escrever. Estar escrevendo.

O problema era que Seamus tinha muitas ideias a respeito do significado da escrita. E se ele escrevesse e descobrisse que não era nada?

Ele ficaria tão surpreso por não ser nada?

Isso seria tão chocante?

Não.

Seamus havia aprendido a lição.

Ele pensou em Oliver no rio antes das férias. No volume dos gritos dele. Era disso que ele precisava. Só deixar as coisas fluírem. Soltar tudo. Ele abriu o caderno naqueles versos iniciais. Ele os havia reescrito e rabiscado e reescrito por dezenas de páginas em vários cadernos.

Seamus escreveu de novo, só mais uma vez, como um lembrete:

*Quão vastas as suas obras, Ó Cabeça de Górgona —
a noite, o século, o silêncio, o grito.*

Seamus trabalhou no poema nos três dias que antecederam sua apresentação no seminário. Ele se dedicou intensamente, primeiro escrevendo versos longos e então versos curtos, estrofes enormes e então uma grande coluna. Ele tentou prosa poética. Testou um soneto, mas o poema não cedia. Tentou juntar tudo em um sexteto, na esperança de que a forma pudesse forçar o poema a se abrir, ser desvendado como um cubo mágico, mas o poema permaneceu ilegível para ele. Seamus escreveu no computador e em um bloco de notas. Ele tentou tinta e grafite. Ele desenhou o poema. Ele escreveu o poema. Ele sonhou o poema. Ele comeu pedaços de seus rascunhos, pensando que de alguma forma ajudaria. Mas seu estômago doeu e ele não conseguiu cagar. Bebeu café frio e passado. Bebeu uísque. Fumou lá fora, na neve, que por fim havia chegado após dias ameaçando cair. Suas costas doíam. Suas pernas formigavam. As pontas dos dedos dele estavam chamuscadas de tanto acender o isqueiro. Seamus carregava bitucas de cigarro nos

bolsos. Ele se masturbou furiosamente até sua cueca ficar dura de sêmen. Seu pau ficou esfolado, em carne viva. Ele encarou seu pau por longos períodos, pensando que podia ter pegado alguma coisa de Bert. Seamus escreveu longos e-mails para os professores da Brown e para o sr. Fulton, que mais tarde ele soube que havia morrido fazia dois anos. Ele descobriu isso porque pesquisou na internet várias pessoas que haviam passado pela sua vida e procurou seus obituários. Viu vídeos em *time-lapse* de plantas florescendo. Esboçou o projeto de um pequeno jardim para o quintal da frente. Pesquisou o preço de plantas tropicais. Releu *Otelo*. Leu as primeiras cinco páginas de Proust. Se masturbou mais. Quando gozou, seu corpo ficou paralisado, e por um momento Seamus pensou que iria quebrar ao meio. Limpou o sêmen no colchão. Ele limpou o sêmen nos pelos do peito que cresciam duros e brilhantes como o interior de um marisco. Ele ligou para Oliver, mas Oliver não atendeu. Ele mandou mensagens para Oliver, mas Oliver não respondeu. Ele mandou um *nude* para Oliver, mas Oliver não respondeu. E então enviou uma outra mensagem depois do *nude: brincadeira cara, atende*.

Seamus mandou uma mensagem para Stafford. Para Hartjes. Eles conversavam em fragmentos típicos dos homens gays: oi, oi, e aí, e vc, de boa, tesão, cansado, bom dia, oi, e aí, de boa, escrevendo, legal, e vc, de boa, almoço, que bom, trabalhando, escrevendo, e aí, e você. Havia momentos em que ser gay fazia Seamus se sentir menos letrado, mas ele gostava do calor da expectativa, pensando no lugar onde aquilo podia levar. Nesse caso, não levaria a nada. Eles só trocaram algumas fotos dos paus, de seus corpos, disseram *estou com muito tesão, eu quero tanto você*.

E uma vez, arfando, ele e Hartjes se masturbaram por FaceTime, criando cenários nos quais eles estariam se tocando, se acariciando. O que mais excitou Seamus foi quando Hartjes disse: *Eu posso sentir você. Você é tão quente quando me abraça. Eu posso sentir você* — tão pessoal. Tão puro e bom. Quando gozou, Seamus ficou constrangido. Depois do FaceTime, eles não trocaram mais mensagens.

Mas tudo isso também era escrever. Tudo aquilo, aqueles três dias, era escrever. Até não escrever era escrever. Até bater uma para evitar pensar sobre escrever. Sobre a impossibilidade de escrever. Tentar forjar uma forma para o poema. Para o sentimento. Para aquilo que ele havia vivido naquela noite. Bert. A caminhonete que o seguiu na rua. Hartjes do lado de fora do estacionamento. A curiosa solidão de sua vida. Seus pais. Seu pai. Seamus tentou escrever um poema que falasse de tudo isso, mas que não guardasse nenhum sinal disso. Pois um verdadeiro poema era assim. Algo que não guardava nenhum sinal daquilo que o fez. Era isso o que importava para ele. A invisibilidade das coisas. Não era covardia. Não era medo. Era intenção. Era propósito. Era o que ele mais queria. Se esconder. Ver, mas não ser visto.

Foram necessários três dias, mas enfim o poema apareceu. Seamus enviou o poema por e-mail para os colegas tarde da noite, e na manhã seguinte ele deixou uma cópia no escritório principal do departamento. Depois de entregar o poema, a caminho de casa, Seamus parou na ponte. Havia nevado à noite, e o mundo, aquela manhã, tinha um aspecto úmido e lanoso.

O céu estava carregado e baixo, e o ar soprava denso e frio nas bochechas dele. O rio corria lento e suave embaixo da ponte. O

rosto dele estava rígido por causa do frio, e também por não ter tomado banho. Seamus podia sentir o próprio cheiro, poderoso, um odor almiscarado por ter permanecido em sua pele por tempo demais.

Quando chegou em casa, Oliver estava nos degraus da frente esperando por ele, as mãos enfiadas bem fundo no bolso do casaco preto. Ele ergueu os olhos para ver Seamus.

“E aí?”, Oliver disse.

“Oi”, Seamus disse, se sentindo tímido e nervoso por causa das mensagens, por causa dos *nudes*, por causa do desespero que agora parecia o pior tipo de confissão.

“Que surpresa, não?”, Oliver disse.

“Foi mal pelas fotos, cara.”

Oliver piscou e uma expressão de confusão atravessou seu rosto. Seamus soltou o ar pelo nariz, e a respiração saiu em uma nuvem branca. Ele podia sentir uma película de sujeira envolvendo seus dentes.

“Quê?”, Oliver perguntou. “Ah, não. Estou falando do poema. Sensacional.”

“Ai, merda”, Seamus disse. “Ai, merda.” Ele agachou e passou as mãos pelo cabelo ensebado. “Ai, merda.”

Oliver se aproximou e agachou ao lado de Seamus, apoiando a mão no ombro dele. “Está tudo bem?”

“Não”, Seamus disse. “Merda.”

De certa forma, era estranho. No caminho de volta para casa, Seamus tinha se esquecido que entregar o poema para o seminário significava que outras pessoas leriam. Elas saberiam. Isso tinha sido parte do plano, mas, durante a escrita, Seamus tinha perdido

de vista. Ele queria encolher. Queria ser pequeno e invisível. Seamus tremia. O poema falava muito dele. Falava muito de Bert, dos pais, dos avós e da dor que as pessoas sentem quando não são queridas da forma que desejam. O poema falava muito do que ele havia descartado. Era vulgar, grosseiro e Seamus estava lá em carne e osso. Seamus odiou o poema, e odiou a si mesmo ainda mais por ter gostado dele. A forma como o poema o tinha enganado. Nós deveríamos controlar nossa poesia. Seus mecanismos. Mas Seamus não conseguiu controlar nada. E ele odiava isso.

“Seamus, cara. Seu poema é fantástico. Não se preocupa. O que você tem?”

Seamus não podia dizer, ele sabia. Não para Oliver. Agachado, Seamus vacilou. Ele tremia. O mundo ficou embaçado. O frio estava dentro da boca dele. Seamus umedeceu os lábios.

O que ele podia dizer? Soltou uma risada rouca.

“Sim, é bom. Valeu”, ele levantou, os joelhos estalando. “Escrevi de última hora.”

“Sério?”, Oliver perguntou. “Me pareceu *trabalhado*. Ótimo poema.” Oliver segurava o pulso de Seamus. Ele se sentia quente.

“Quer entrar?”, Seamus perguntou.

“Sim”, Oliver disse. “Quero.”

Quando Seamus saiu do chuveiro, Oliver estava sentado perto da janela na cadeira Eames falsificada que ele havia puxado da mesa. Oliver rodava um lápis nos dedos. Ele havia tirado o casaco e vestia uma camisa de flanela verde e calça de moletom cinza. Oliver estava de pernas cruzadas e parecia um professor.

Seamus estava quente do banho. O cabelo estava molhado. Ele sentou no colchão. Oliver foi sentar ao lado dele. A princípio, os dois se beijaram com incerteza. A mão dele encontrou a barriga peluda de Oliver e desceu na parte da frente das calças, onde Oliver estava meio duro. Os beijos ganharam mais confiança, como um pedaço de tecido que se tingem lentamente. Oliver deitou no colchão e puxou Seamus para cima dele. Ele tirou a toalha de Seamus, e Seamus abaixou as calças de Oliver, e então os dois estavam nus. O cômodo estava úmido e gelado. A luz que entrava pela janela era pálida e fraca. Parecia algo estranho e irreconhecível. Os dois se masturbaram em um ritmo errático. Oliver não conseguia ficar duro. Ele não parava de pedir desculpas, não parava de desviar o olhar do pau de Seamus. Seamus estava duro, mas o pau doía. Quando gozou na coxa de Oliver, ele sentiu uma coisa quente e ardida percorrendo o corpo. Oliver agarrou Seamus. Ele elevou os quadris. O olhar dele era descontrolado e desesperado. Oliver não parava de dizer baixinho: *Por favor, por favor, por favor*. Seamus o agarrou com mais força e masturbou Oliver com a mão. No último momento, Seamus se abaixou e pôs Oliver na boca. Ele tinha um gosto fresco e limpo como neve. Então, o líquido salgado do sêmen dele. Oliver deixou escapar um som baixo, satisfeito.

Bert estava lá com eles. Há apenas alguns meses, naquela exata posição — naquela exata configuração de submissão — ele tinha deixado Bert usar sua boca. Ele tinha deixado Bert usá-lo. E ele quis ser usado. Quis ser atropelado pelo desejo de outra pessoa para aguçar esse desejo. Mas Oliver não agarrou sua cabeça para foder a boca dele. Não, ele acariciou a orelha de Seamus, sussurrou *por favor* e implorou misericórdia. Foi o oposto de estar com Bert.

O oposto daquele momento no escuro, no bosque, no frio. Seamus ergueu os olhos e viu o rosto de Oliver se contorcendo de prazer. Como se ele tivesse sido tocado por alguma força distante, divina. A premonição da ponte meses atrás. Dor, desejo, necessidade e prazer, tudo de uma vez. Ele engoliu o pau de Oliver até senti-lo no fundo da garganta, abriu mais a boca e tentou engolir Oliver inteiro. Não só essa parte dele, não só aquele momento. Mas Oliver inteiro, tudo o que ele já foi e tudo o que ele seria. Como uma retribuição. Ele queria anular Oliver. Uma retribuição por ele ter ido até lá e ter sido sincero em resposta a um poema. Um maldito poema.

Mas Bert estava lá, Seamus estava de joelhos e Oliver estava dentro da boca dele — estava tudo errado, tudo certo e tudo fodido. Oliver gemeu e gozou na boca de Seamus, Seamus engoliu e pensou: *Amém*.

Depois, eles deitaram lado a lado no colchão. O ar estava parado. Era fim de tarde. Seamus preparou uma sopa para Oliver, que terminou rápido. A luz ficou azul, eles voltaram a se tocar, e dessa vez Oliver envolveu a cintura de Seamus com as pernas e pediu para ele recitar o poema quando Seamus o penetrou.

Seamus ficou constrangido. Olhando para Oliver jogado naquele colchão velho e sujo, ele não conseguiu se forçar a recitar seu poema. Em vez disso, ele riu de nervoso e disse: *Cala a boca*.

Seamus não sabia exatamente se queria transar com Oliver. Transar com Oliver nunca havia soado como uma possibilidade. No primeiro ano deles, Oliver andava com várias meninas dos cursos de poesia e de história da arte, onde eles costumavam fazer algumas disciplinas. Oliver parecia resolutamente heterossexual. E

agora eles estavam com as mãos e a boca um no outro. Seamus penetrara Oliver, o corredor úmido e escuro do corpo dele. Eles se lambuzaram de saliva, sêmen e suor, e de outros fluidos mais escuros. Suas costas doíam no ponto em que Oliver havia enterrado os calcanhares. Oliver escondeu o rosto atrás do braço. A neve voltou a cair.

“Eu não sabia que você podia escrever um poema daqueles”, Oliver disse, sonolento. “Eu não fazia ideia.”

“Para de falar nisso”, Seamus disse. “Bom, é ruim de qualquer forma.”

“Não é”, Oliver disse, e então mais baixo do que Seamus pensou que seria possível: “não é”.

“E isso aqui?”, Seamus perguntou. “Você veio até aqui pra me seduzir?”

“Não... bom, eu acho que não. Não foi isso. Eu só queria dizer que gostei muito do poema. Eu acho.”

“Você transa com todo mundo que escreve um poema que você gosta?”

“Não”, Oliver disse. “Não é isso. Sei lá. Você parecia tão triste, não sei. Lá fora. Eu não consegui evitar.”

“Deus”, Seamus disse. “Sexo por pena.”

“Desculpa”, Oliver disse. “Não, não foi pena.”

“Soou literalmente como pena.” Seamus sentou. Ele estava bravo. Ele derrubou a tigela de Oliver e a colher tilintou. O chão rrangeu.

“Eu não estava com pena de você. Eu só disse que você parecia triste.”

“Isso é pena. Ótimo, valeu”, Seamus disse. Ele vestiu uma camiseta comprida e uma cueca suja.

Oliver também estava sentado no colchão agora, com o lençol fino cobrindo as pernas. O corpo dele era macio e pálido. Ele quase brilhava. Seamus limpou a garganta.

“Você devia tomar um banho ou, sei lá, ir embora.”

“Seamus”, Oliver disse.

“*Oliver*”, Seamus gracejou. Um calor descontrolado e arenoso crescia dentro dele. Pena, Seamus pensou, pena. O que era pior que pena?

Oliver suspirou. Ele levantou, erguendo-se brevemente acima de Seamus. Depois de se vestir, virou para olhar Seamus uma última vez.

“Eu amei o seu poema”, ele disse. “Achei corajoso.”

Seamus fechou a porta na cara dele.

Coragem não tinha nada a ver com poesia, Seamus pensou. Ele deixou a tigela de Oliver cair na pia, e ela se partiu com um barulho abafado. Ele lavou as duas partes com um cuidado lento e irritado, pensando: *Foda-se ele, foda-se ele, foda-se ele, ele não sabe de nada.*

No seminário, Seamus ocupou seu lugar de sempre ao lado de Oliver, que não olhava para ele. Ele tentava chamar a atenção de Oliver, mas sempre que seus olhares cruzavam, Oliver desviava. Linda sentou ao lado de Seamus e lançou um sorriso vago e avaliativo que o deixou um pouco ressentido. Helen sentou ao lado de Linda e também não olhou para ele. Alguém havia passado café e a pequena sala foi preenchida com o cheiro de grãos baratos e amargos.

Estavam todos vestidos com casacos e cachecóis, suéteres e calças de moletom, todos meio ruborizados e úmidos — de neve, do esforço físico, de suor —, e Seamus podia sentir o cheiro do sabonete deles e, por baixo dele, o calor de seus corpos animais. Ingrid entrou na sala com o professor. O cabelo dela brilhava na luz invernal. Os dois riam baixinho, a mão do professor nas costas dela como se ele estivesse conduzindo um cavalo. A voz do professor era baixa e rouca. Ele tomou seu lugar no círculo diante de Seamus, e por um momento houve contato visual entre os dois. Seamus sentiu que toda a letargia tinha sumido do espaço entre eles e que o contato visual era um cabo esticado que os conectava. O professor cantarolou, alegre.

“A leva dessa semana foi bem forte”, ele disse, olhando em volta com um orgulho tímido. “É uma honra ler o trabalho de vocês.”

Essa era a Liturgia da Palavra dele, a forma como começava todas as semanas para acalmar os ânimos. Seamus ficou envergonhado por ter se sentido tão aliviado. Ele cravou o dedão na coxa e apertou forte, mas não sentiu nada na perna, só no dedão, virado para trás e ameaçando quebrar.

“Também vi uns rostos novos”, ele disse, o que fez o pescoço de Seamus esquentar. Oliver tossiu baixinho.

“Bom, como vamos começar? Uma leitura, talvez...”

“Com licença”, Helen disse. O professor piscou devagar e então assentiu. “A gente estava conversando e... não achamos justo...”

“O que não é justo?”, o professor perguntou e um desconforto começou a despontar na sala, um burburinho se ergueu.

“Hum, tipo, não é justo a gente ter que ler poemas que são claramente mal-intencionados e que, tipo, diminuem nosso

trabalho.”

Seamus viu o jogo de expressões no rosto das pessoas: algumas estavam de olhos arregalados, surpresas, algumas sorriam abertamente, algumas demonstravam expectativa. Outras olhavam para ele expressando uma repulsa maior que a de sempre. Seamus estava acostumado com as pessoas não gostarem dele, com todos achando que ele era uma pessoa ruim, egoísta ou arrogante. Seamus estava acostumado a ver as pessoas virando os olhos para ele, mas ele nem tinha começado a falar. O silêncio continuava, e Seamus estava cada vez mais certo de que as pessoas estavam olhando para ele. Oliver desenhava uma série de círculos concêntricos no caderno.

“Você pode elaborar melhor, Helen?”, o professor perguntou, mas ela balançou a cabeça, séria.

“Eu não quero mais perder um minuto do meu tempo com isso, sendo sincera. Não é justo. Eu só queria dar minha opinião.”

“De quem você está falando?”, Seamus perguntou bruscamente. “Diz.”

“Não fala comigo”, ela disse. “Não se atreva a falar comigo.”

“Acho que a gente devia se acalmar um pouco”, Oliver disse.

“Não chama ela de histérica”, Linda disse.

“Eu não chamei. Eu só acho que a gente devia se acalmar, só isso”, Oliver disse.

“Nós *estamos* calmas”, Linda disse.

Oliver olhou de um lado para o outro e, percebendo que também recebia olhares penetrantes, ficou quieto.

“Que poema mal-intencionado é esse?”, Seamus perguntou. “E, na boa, eu acho que uma pergunta melhor seria: nós estamos aqui

só pra ler coisas que fazem a gente se sentir bem? Isso é idiotice.”

“Eu não vou falar mais nada”, Helen disse, balançando a cabeça.

“Certo, pessoal. Bom... Vamos parar pra refletir um pouco, o que acham?”

Beth estava sentada em silêncio ao lado do professor. Ela fechava as mãos com tanta força que quase dava para ver seus ossos se estreitando do outro lado da sala. Seamus entendeu na hora.

“O poema não tem nada a ver com você, se é essa a sua preocupação”, Seamus disse.

“Não fala com ela”, Ingrid disse. “Não se atreva a falar com ela.”

“Desculpa. Então, como vai ser? Eu não posso falar?”

“Pode. Só não com pessoas com quem você foi violento”, Garza disse, serena.

“Meu poema não tem a ver com ela. Ou com o poema dela. Não tem nada a ver com nenhuma de vocês”, ele disse. “Eu não faço caridade.”

Oliver se encolheu.

“Caridade”, Ingrid disse, assentindo com cautela. “Tá bom, então.”

“Vocês estão se esquecendo do motivo de estarmos aqui: *testemunhar*”, o professor disse, mas Seamus estava tremendo. O professor levantou e pôs os poemas comentados na cadeira atrás dele.

“Sim, caridade”, ele disse. “Sim.”

“E por algum motivo, Seamus, nós estamos... na mesma turma. Como você se sente sobre isso?”

“Entediado”, ele respondeu bruscamente. “Entediado pra cacete.”

“É melhor baixar esse tom”, Linda disse.

“Ei, todo mundo...”, o professor disse.

“O quê? Você vai me expulsar por *violência*?”

“Nossa, é isso o que a gente está fazendo? Zombando sobreviventes?”

“O quê?”, Seamus disse, olhando em volta. Era Beth falando. Os cantos da visão dele escureceram e os olhos latejavam.

“Zombando sobreviventes. É isso o que a gente está fazendo? Você diz *violência* como se não acreditasse que a violência existe.”

“É claro que a violência existe”, ele disse.

“Não, não foi o que eu quis dizer. É só que, tipo, você fala de violência como se fosse um estado objetivo e não... um lance pessoal e subjetivo.”

“Ou uma coisa é violenta ou não é”, ele disse, embora soubesse que não era verdade. Ele só odiava perder uma discussão. Os olhos de Beth se arregalaram. Seamus podia ver que isso era difícil para ela, mas também era para ele, e era injusto. Com ela, com ele, com tudo e com todos, era muito injusto.

“Sinto muito pelo que aconteceu com você”, ela disse em voz baixa, e a sala ficou imóvel e em silêncio.

“De que merda você tá falando?”, Seamus perguntou.

“Do seu poema”, ela disse, tirando o poema do caderno e desdobrando a folha. Beth leu o poema todo para ele e para o grupo, e, enquanto lia, Seamus ficou paralisado. Os ouvidos dele se encheram de um zumbido alto que abafava a voz dela.

Quão vastas as suas obras, Ó Cabeça de Górgona —

*a noite, o século, o silêncio, o grito.
Um altar solene à espera, o Deus antigo sabe,
quão escasso o nosso repasto, o pequeno, o grande.
Você viu sua espera? A expectativa dela?
Não, olhe ali, ao lado do rio em lençóis de gelo,
ela se entrega, como tempo, como luz, tudo se fecha.
Eu já a vi antes — faz muito tempo agora, não pergunte
pois então terei que dizer tudo,
e isso não é dom, é só segredo.
A noite, o século, o silêncio, o grito —
por fim ela responde, dizendo:*

“É só um poema”, ele disse quando Beth terminou de ler, mas ela balançou a cabeça.

“Não é não”, ela disse. “Não é só um poema. Sinto muito pelo que aconteceu com você.”

“Que loucura”, Seamus disse, rindo alto. “Não aconteceu nada comigo.”

O professor pressionava os lábios com o dedo e assentia como se ainda estivesse ouvindo a leitura de Beth.

“Vamos discutir o poema? Não a pessoa. O poema. Seamus, pode sentar, por favor.”

Seamus afundou na cadeira. Ingrid pegou as anotações dela. Oliver passou o pé no pé de Seamus. Foi um gesto reconfortante, mas Seamus estava muito fora de si para aceitar. Ele resmungou.

“É obviamente um poema a respeito de um trauma não resolvido”, Noli disse. “A forma como o trauma fica enterrado embaixo de noções tradicionais de masculinidade e do orgulho masculino. Mas isso é alguma novidade? É interessante?”

“Olha, o narrador do poema, homem e branco, não causa empatia, e talvez seja isso o que o poema tenta fazer? Eu acho? Despertar nossa solidariedade?”

Enquanto elas destrinchavam o poema, Seamus sentia que deixava o próprio corpo. Ele sentiu um frio úmido na lombar e percebeu que estava tremendo. Olhou para Beth diante dele, no outro lado do círculo. Beth olhava para ele com uma expressão plácida e generosa.

“Mas nós acreditamos nele? Acreditamos nessa dor? É uma dor verdadeira?”, Ingrid disse.

“Bom, não lembra meio que a cultura do estupro?”, Linda perguntou.

“Argumento interessante”, Ingrid disse, assentindo.

“O narrador está claramente lutando com o seu gênero e a sua sexualidade, e, tipo, a forma como um corpo é definido pelo trauma e, tipo, como o trauma se codifica nele mesmo — mas, tipo, nossa sociedade codifica e lê esse trauma na tensão direta com a identidade do narrador. Então, tipo, o trauma meio que ameaça a masculinidade dele.”

“Inteligente”, Helen disse. Alguém estalou os dedos e resmungou, concordando.

“E a forma?”, o professor perguntou. “Uma forma curiosa, quase clássica, mas claramente os versos são livres. Eu admito, a escansão é... elementar. É quase como se uma criança tivesse escrito o poema.”

“A inocência”, Beth disse. Seamus sentiu um gosto acre e quente no fundo da língua.

“Foi a minha intenção”, ele disse.

“Seamus? Você tem alguma pergunta?”, o professor perguntou.

“Não”, Seamus disse.

“Certo, vamos mudar um pouco de direção. Quem vocês acham que *ela* é aqui?”

“A mãe dele, obviamente. Tem uma ferida aí, né?”, alguém disse.

“Tipo, ela quase não tem corpo. É um tipo de cifra materna.”

“Cifra Materna é o nome da minha drag queen”, Noli disse.

Linda riu. Então Beth riu. Todos riram, menos Oliver, que ainda desenhava círculos. Seamus não tinha lido nenhum dos outros poemas dessa leva. Ele andou muito preocupado consigo mesmo. Seamus soltou o ar pelo nariz.

“Certo, certo”, o professor disse, rindo um pouco consigo mesmo. “Cifra Materna. E o título?”

“É uma homenagem”, Beth disse, amarga.

“Eu acho que o título funciona bem”, o professor disse. “A Górgona, como vocês sabem, é uma mulher que tem o poder de transformar as pessoas em pedra com um olhar. E aqui, no poema, tem uma mulher misteriosa que guarda um segredo, certo? E o narrador está se lembrando de um encontro com essa... entidade. Que me parece terminar em petrificação. O que podemos entender disso?”

“Acho que o senhor está chegando lá, professor”, Linda disse.

“Eu acho que o poema se esforça pra alcançar algum significado”, Ingrid disse. “Eu acho que o poema tenta demais agarrar alguma coisa, mas o título, sei lá, é só... intelectualismo vazio.”

“Eu acho que é tipo pop art”, Helen disse. “Certo? Tipo, o poema brinca com o contexto. Brinca com o gênero. É

metalinguístico. Tem referências. Prende a gente.”

“Eu não acho”, Ingrid disse.

Seamus estreitou os olhos. Ele se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. Ele estava cansado de ver as pessoas discutirem seu poema. Seamus sentia que tinha se enganado, mais do que enganado alguém, se levado a fazer uma coisa da qual se arrependia. O poema mal era legível para ele. Nem ele conseguia entender. Seamus fechou os olhos por um momento e se lembrou da forma como os versos surgiram por fim, depois daqueles três dias, e como tinha sido bom, mas ainda assim, quão inescrutáveis eram aqueles versos. Eles pareciam certos ali, mas Seamus não conseguia penetrá-los, o que pareceu uma traição do projeto todo, ainda que se sentisse tão orgulhoso deles, tão seguro. Eles pareciam certos.

Mas enquanto discutiam seu poema, Seamus entendeu uma coisa que não havia percebido até então. Que quanto mais certa uma coisa parecia para ele, menos essa coisa certa tinha a ver com o que os outros sentiam. De forma tola e infantil, ele havia tentado convencer o mundo de que estava certo, quando devia ter sido suficiente ele mesmo acreditar nisso. Tudo culpa do orgulho.

O estômago dele doía. Os braços doíam. Seamus se recostou na cadeira e deixou a discussão rolar. As vozes ficaram indistintas. Uma conversa monótona. Oliver pôs a mão em sua coxa, e Seamus traçou a linha da mão pelos dedos até o pulso, do pulso até o braço, do braço ao ombro e então até o rosto. Oliver estava olhando para ele. Oliver sorriu. Seamus balançou a cabeça, encolheu os ombros.

“Eu disse que seria bom”, Seamus disse, virando-se para olhar as colegas. Linda e Ingrid estavam exaltadas. Beth parecia estar à

beira das lágrimas. Era a mesma visão toda semana.

Seamus tinha a sensação de estar no coração de uma grande máquina. Cada um deles era uma peça que podia ser trocada sem nenhum problema. Ele se sentiu estúpido por ter se importado tanto com aquilo, por ter ficado frustrado com Ingrid ou com Beth. Não tinha nada a ver com elas ou com ele. Se ele tivesse submetido um poema ou não, se ele tivesse escrito um poema ou não, se ele pudesse ou não se convencer de que aquilo tudo importava, o mundo seguiria em frente. A história seguiria em frente. Todos eles eram irrelevantes.

Seamus cruzou as pernas e sentiu alfinetes e agulhas nos pés. Quando respirava, ouvia um leve ruído no peito. Tudo ficaria bem, ele sabia. O ombro dele doía. Ele pôs o dedão na boca e mordeu com força a pele do canto. Uma pontada aguda de dor o percorreu, e depois só um calor opaco. Seamus sentia a mão de Oliver firme em sua coxa. De qualquer forma, ninguém parecia se importar muito.

No intervalo, Seamus e Oliver saíram no frio para fumar. Oliver não costumava fumar, mas estava nervoso, ele disse, por causa do poema. A fumaça pairava baixa ao redor deles. A neve se acumulava no tronco do cedro no pátio. Beth e Helen fumavam ali perto, observando Seamus de longe.

“Espero que corra tudo bem”, Oliver dizia.

“Sim, certeza”, Seamus disse e se arrependeu na hora, pois já tinha dito que não havia lido o poema ainda.

“É”, Oliver disse. “Você tem razão.” Mas a voz dele estava magoada, os ombros meio curvados. “É a minha primeira vez

escrevendo sobre... você sabe, aquilo.”

“Aquilo o quê?”, Seamus perguntou, erguendo as sobrancelhas.

“Sobre o câncer da minha mãe... eu... a gente já falou sobre isso.”

“Já?”, Seamus perguntou. Em algum lugar na história da amizade deles, essa informação brilhou como carvão quente. Seamus podia sentir o calor. Ele sabia que era verdade, mas os fatos estavam nebulosos. “Nossa, sinto muito.”

Oliver ficou em silêncio. A expressão se tornou fechada, fria. Seamus estendeu a mão para tocar no braço dele, mas Oliver se afastou.

“Bom, tanto faz. Vamos ver como vai ser”, Oliver disse.

Nesse momento, Beth e Helen passavam por eles, voltando para dentro. Beth olhou para Seamus. Ela sorriu para ele e então, como que pensando melhor, desviou os olhos.

“Vejo vocês na sala”, ela disse. Helen só resmungou. Elas estavam enroladas em cachecóis e casacos. Seamus e Oliver estavam ali debaixo da neve só de moletom.

Oliver cumprimentou as duas e jogou o cigarro pela metade na neve, aos pés deles. “Melhor a gente ir”, ele disse.

Seamus sentiu a neve se infiltrando nos tênis. Ele podia sentir toda aquela massa densa de frio ao redor. Era como estar no meio do oceano. Ele fechou os olhos, abriu os braços e respirou fundo. Fumaça de cigarro, neve e seiva de cedro, tudo tão limpo, puro e verdadeiro.

Seamus entrou no saguão atrás de Oliver e eles bateram a neve dos sapatos. O professor tinha acabado de voltar do banheiro. Ele

pôs a mão no braço de Seamus e disse: “Excelente trabalho, Seamus. É um bom poema”.

“Mesmo?”, Seamus perguntou. A expressão do professor se abriu ligeiramente. Oliver deu um tapinha na lombar de Seamus e voltou para a sala do seminário. Seamus e o professor ficaram sozinhos no corredor. Seamus sentiu que pingava água gelada no tapete.

“É disso que você precisa? De alguém dizendo que seu trabalho é bom?”

Seamus corou.

“Não sei do que eu preciso. Não sei o que eu estou fazendo. Eu sinto que estou perdendo tempo”, ele disse.

“Ah, Seamus”, o professor disse, e Seamus olhou para ele.

“Como a gente sabe?”, Seamus perguntou.

“Como a gente sabe o quê?”, o professor replicou, a cabeça meio inclinada como se aquilo fosse um jogo ou um enigma.

“Como a gente sabe que não está perdendo tempo?”

“Se você não sabe, eu não posso fazer nada por você”, o professor disse com uma risada irônica.

Para Seamus, foi como tomar um peteleco no nariz e ser chamado de criança. O mundo ficou intenso e saturado. Era como se alguma coisa vasta e divina tivesse puxado o véu da vida dele para espiá-lo. Ele tinha saído por aí gastando todas as forças em busca de certeza e aprovação. Mas isso era o que crianças faziam. E, à sua maneira, Seamus tinha sido uma criança egoísta e teimosa.

A cabeça de Oliver despontou da porta da sala de seminários.

“Vem logo”, ele disse. “Você está atrasado.”

Sentemo-nos no chão

O apartamento se encheu de uma luz fria e cinza — era o início da primavera.

Noah e Bert estavam na cama, fumando, vendo a neve se acumular no telhado da varanda lateral. A propriedade na esquina da Jefferson com a Van Buren pertencia a Bert, e Noah alugava um dos apartamentos do segundo andar. Mas naquela tarde eles estavam em uma das unidades vazias que Bert usava como escritório até encontrar um inquilino.

Eles estavam tesos e almiscarados de sexo. Os relevos dos nós dos dedos de Bert estavam marcados pela pressão na parede. As coxas de Noah queimavam, arranhadas pela barba de Bert.

“A casa não é grande coisa, mas a terra é boa”, Bert disse.

“Ah... que bom.”

“Deve valer um bom preço.”

“Seu pai sabe que você está vendendo a casa dele?”

“Ele está morrendo.”

Noah tirou o cigarro dos dedos de Bert. O filtro estava úmido e tinha um gosto azedo da cerveja dele. Noah sentou no colchão macio demais e olhou para o monte da barriga de Bert, a teia de estrias escuras, a caverna do umbigo dele. Ele não parecia ser a primeira escolha de ninguém. Havia um quê de pético e

desesperado nos olhos dele, na calvície, nos óculos grossos, nos bonés de caminhoneiro nada irônicos. Noah achava que Bert se parecia com qualquer um.

“Bom, isso resolve tudo”, Noah disse, a fumaça preenchendo sua garganta.

Bert estendeu a mão para pegar o cigarro com os dedos machucados e grossos. “Resolve. Não fica com pena. Ele não é um homem bom.”

“Nesse caso”, Noah disse. Bert estava com a mão no meio das pernas dele, tentando fazer Noah ficar duro de novo. O toque era fluido, perscrutador, como um apelo. Bert o agarrou com força. A cama rangeu embaixo deles. No quarto não havia nada além da cama, da cômoda, e os cabides abandonados no armário faziam o peito de Noah doer quando olhava para eles.

“Ele não foi bom com a gente”, Bert disse. “Com a minha mãe e comigo. Ele foi um homem mau, então não pense que eu estou sendo insensível. Ele não era bom.”

Noah deitou de barriga para baixo para não ter que afastar a mão de Bert. Ele pôs a palma da mão na lombar úmida de Noah. O quarto esfriou. O vermelho apático da brasa do cigarro desenhava um arco no ar quando Bert falava. Noah observava isso do ninho escuro dos braços dele.

“Eu não estou julgando você”, Noah disse.

“Ele foi um pai de merda. Eu não estou feliz com o estado dele. Mas também não estou triste. Ele é velho.”

“Por que você se sente tão *atacado*?”, Noah riu.

“Você não sabe como era ruim antes. Você tem o que, vinte e três? Você não faz ideia. Crianças como você. Não fazem ideia.”

“É um argumento histórico? Achei que queers modernos fossem a-históricos. Não é pra isso que a PrEP serve?”

Bert se encolheu e afastou sua mão. Ele deu um longo trago.

“Você sabe que eu odeio essa palavra”, ele disse.

“É uma piada.”

“Pessoas morreram”, Bert disse, “pra gente não ter mais que ouvir essa palavra.”

“Pessoas morreram em *Iowa*?”

Bert levantou da cama. Ele era grande, alto e largo, e sua sombra cobriu Noah completamente. Noah observou Bert vestindo uma camisa de flanela e jeans. As cinzas caíram no lençol. Os movimentos dele eram agitados, mas lentos, e Noah percebeu no jeito casual um sinal de que ele devia ir embora. Noah também levantou.

Na porta, eles não se beijaram. Noah saiu no corredor frio. A luz do banheiro batia na parede, formando uma pequena poça de luz dourada. Bert se apoiou no batente da porta.

“Bom, tchau”, Noah disse.

Bert não se despediu. Ele ficou ali em silêncio por um momento, e Noah esperou que ele dissesse alguma coisa, e foi essa espera e suspensão que deu uma forma para a coisa entre eles. Noah foi andando pelo corredor e ouviu Bert fechando a porta atrás dele.

A ponte estava coberta de gelo. Lá embaixo, a água se agitava cinza e prateada — as colisões silenciosas das placas de gelo.

“Eu não estava tentando provocar ele.”

“Ah, claro que não”, Daw disse. Gaiotas encardidas circulavam lá em cima. O parque industrial soltava tufos de nuvens. “Total.”

“Me deixa em paz. Quem se importa?”, Noah se queixou, mas Daw só riu dele.

Eles subiram o caminho juntos. Daw tinha o rosto bruto e quadrado de um filho de fazendeiro de Indiana, mas ele era de Connecticut e os pais eram professores — o pai ensinava psicologia e a mãe ensinava gestão de negócios. Daw e Noah estavam no programa de pós-graduação de dança em Iowa. West Des Moines, a cidade natal de Noah, era famosa por seus ginastas, e às vezes os outros dançarinos do grupo o chamavam de *morador local*. As árvores finas e escuras espirravam água nos dois enquanto caminhavam sobre a neve macia. Eles estavam atrasados para a aula porque Noah tinha acordado tarde, e Daw foi buscá-lo.

Os membros de Noah estavam rígidos e fora de controle. A subida fazia pontadas quentes de dor subirem pelas coxas e pelas costas dele. Noah ainda podia sentir Bert dentro dele, e seus olhos ardiam por causa da fumaça de cigarro mesmo depois do banho. Ele sentia o corpo suado e desconfiava que estivesse gripado.

“Juro por Deus, você sempre faz isso”, Daw disse.

“Não, não faço.”

“Vai ser culpa sua se você acabar dissolvido dentro de um barril de ácido atrás de uma casa velha. Você sabe disso, né? Contrariando um serial-killer.”

“Ele não é um serial-killer”, Noah disse, mas não conseguia decidir se achava que Bert era capaz de matá-lo ou qualquer outra pessoa, na verdade. Ele só discordava de Daw porque era divertido discordar de Daw. Na verdade, Bert nunca foi violento nem levantou a voz para ele. Eles nunca brigaram, gritaram ou se agrediram. Se estivessem apaixonados ou mesmo em um

relacionamento, poderia ser diferente. Mas Bert era só o senhorio dele e às vezes os dois transavam, e qualquer tensão, raiva ou frustração que pudesse existir entre eles encontrava vazão quando os dois estavam pelados um em cima do outro, lambendo as axilas um do outro, enfiando a cara um do outro em travesseiros e colchões. Transar com Bert não era bom ou satisfatório. Era como gritar a plenos pulmões em um campo vasto e aberto, deixando você ofegante, cansado e dolorido depois, mas sentindo que alguma coisa havia saído para o mundo mais amplo. Noah não se sentia atraído por Bert. Na verdade, ele não se sentia atraído por ninguém. Mas Bert era bom como qualquer outro poderia ser, e às vezes Noah conseguia tirar uns oitenta dólares do aluguel, e esse era o melhor dos motivos. Não era amor. Não era desejo. Não era nada, e só em momentos como esse é que Noah tinha o reflexo de defender o que ele e Bert faziam juntos.

“Se você diz.”

“E eu não contrarrio o Bert.”

“Então por que ele mandou você embora?”

“Sei lá”, Noah respondeu, mas ele *sabia*.

“Ah, claro”, Daw disse. Eles estavam no topo da subida perto do Old Capitol Building. Atrás deles, do outro lado do rio, onde Daw morava, estava o campus de medicina e o prédio de artes, escondido atrás de uma fileira de árvores. O pátio se estendia diante deles, coberto de neve derretida. O sol estava baixo, mas brilhante. O cinza havia se dissipado do mundo, e as formas dos prédios emergiam nítidas. Os outros estudantes iam e vinham em casacos impermeáveis e parcas. Daw puxou a barra da jaqueta de Noah e disse: “Ei, cara, vamos”.

Eles correram o restante do caminho, e de vez em quando Daw erguia os braços para fazer o sangue circular. Noah se ressentiu do vigor dele. No saguão, jogaram as mochilas na pilha com as demais. Eles não estavam tão atrasados. O saguão ainda estava frio. Na sala grande e aberta, sentaram no chão com outros cinco ou mais alunos. As tábuas também estavam frias, como uma vidraça, um frio repentino e desumano.

Alguns minutos depois, Fatima se juntou a eles, estendendo as pernas sobre rolos de espuma. Ela tinha olhos límpidos e escuros e uma risada alta e rouca. Daw virou o rosto. Ele e Fatima não se davam bem — uma divergência que datava do primeiro ano deles, quando depois de um longo ensaio, um grupo de pessoas se reuniu para falar coisas horríveis sobre Fatima estar sempre atrasada por causa de seu trabalho no café. Daw estava no meio delas e, além de ouvir tudo, Fatima viu o rosto de cada uma delas. Ele tentou se explicar, mas tudo parecia uma desculpa ou uma mentira, e ela não tinha motivos para acreditar que ele não era como os outros, cheios de julgamentos e rancor por Fatima conciliar o trabalho e a dança, como se ela pensasse que isso a fizesse uma pessoa superior.

As pessoas diziam a mesma coisa a respeito de Daw e as disciplinas de física que ele cursava. Os dançarinos podiam frequentar aulas em outros departamentos desde que fossem apenas como ouvintes, e às vezes alguns faziam aulas de línguas ou de literatura — o tipo de aprimoramento intelectual banal próprio da classe média, de forma que, depois de formados e casados, em coquetéis ou pequenos compromissos em cidades grandes ou distritos de Nova York, eles poderiam recorrer a trechos de romances lidos pela metade ou teorias críticas parcialmente

digeridas. Era o que faziam para se sentirem melhores por estudar dança, que mais parecia um hobby, como yoga, do que a busca intelectual rigorosa que defendiam quando andavam pelas ruas até o mesmo circuito de bares e cafés que sempre frequentavam. Mas Daw era a única pessoa que Noah conhecia que frequentava aulas de física e matemática. No ano anterior ele tinha feito física quântica. Daw queria fazer medicina depois de se formar, ele disse, e queria garantir que estaria preparado. Noah sempre respondia com uma risadinha — *preparado, sim, eu também* —, mas a vida para a qual cada um deles se preparava era tão diferente quanto a vida que havia conduzido os dois até aquele curso.

Todos eles adotavam posturas o tempo todo. Tudo o que faziam era assumir uma postura, defensiva ou ofensiva, com o intuito de demonstrar alguma coisa para o mundo exterior, talvez de que eram dignos, bons ou corretos, talvez insinuar que estavam por dentro da piada, que não eram nada além de coreografias de si mesmos.

Nessas ocasiões em que duas pessoas das quais ele gostava muito não se davam bem, Noah se perguntava o que fazer com a perniciosa natureza da lealdade. Não se pode ser tudo para todo mundo, e toda amizade continha essas microtraições. Essa era a essência da vida. Ele se inclinou e beliscou a coxa de Fatima, que deu um grito agudo e um tapa nas costas dele. O som do tapa foi como o latido de um cachorro assustado, e as outras pessoas no estúdio se viraram para eles.

Encrenqueiros, os olhares diziam, *crianças*.

“Onde você estava ontem à noite?”, ela disse.

“Ocupado”, Noah respondeu. Daw riu.

“Ocupado... sei.”

O professor de hoje era Ólafur, responsável pela subdisciplina de dança moderna. Ele tinha por volta de cinquenta anos — magro e alto, com uma maldade própria daqueles que aceitam com amargura a beleza inferior e apagada da maturidade. Ele havia começado no Dutch National Ballet, na Holanda, mas depois passou a maior parte da carreira elaborando danças modernas agonizantes inspiradas em temas da estética alemã. Ele tinha um nariz longo e um cabelo loiro-grisalho.

A princípio, Ólafur preferia o estúdio frio. *Aqueçam o lugar com seus corpos, com o seu esforço*, ele dizia. *Se estão com frio, se esforcem mais*. As aulas matinais conduzidas por Ólafur eram difíceis, tanto pela variedade de técnicas que ele enfatizava como também pela quantidade de repetições que exigia. Ninguém queria ver Ólafur logo cedo de manhã. No primeiro ano, no meio do primeiro ensaio com Ólafur, Noah vomitou de estresse. Fatima ensaiava direto com Ólafur, e às vezes ela aparecia no apartamento de Noah depois dos ensaios toda dolorida e coberta de suor, o corpo todo tremendo como se ela tivesse visto os horrores da guerra.

Os três ergueram os olhos e observaram Ólafur se alongando na frente da sala, e sentiram a ameaça na flexibilidade dele.

Parecia que ele ainda podia fazer *Apollo*.

“Adoro começar o dia com uma tortura”, Noah disse.

“Mal posso esperar pra reencontrar meu café da manhã”, Daw disse.

“Esse é o tipo de otimismo de que eu preciso, meninos.”

Pela porta entraram um, e então dois grupos dos outros alunos do programa, até a sala ficar cheia deles, o farfalhar das roupas, o

cheiro de talco e resina. As meninas amarravam as sapatilhas às pressas. Os meninos, ansiosos, estalavam o elástico das meias-calças em antecipação. Daw bateu nas coxas para acordá-las. Os dedões de Noah estavam dormentes. O chão estava muito frio e duro. Fatima prendeu o cabelo e começou a se alongar. Ela disse que estava com um nó nas costas. As barras foram posicionadas e travadas, e todos se alinharam, Fatima atrás de Noah, Noah e Daw em lados opostos da mesma barra, se encarando. Um sorriso sarcástico, vagamente competitivo. Eles começaram.

Havia um piano vertical no canto — Goran não estava tocando na aula deles hoje, Noah percebeu meio desapontado. Ele não reconheceu a pianista. O indício de uma jovem, com o cabelo muito liso e loiro-claro. A cabeça dela era bem pequena, e os ombros eram estreitos, como os de um pássaro. Ela aquecia os dedos com escalas, mas sempre se perdia ou errava. Noah cantarolou para esquentar o ar no seio nasal, para sentir o rosto mais flexível. A tensão nos ombros diminuiu. A pianista estava pronta. Ólafur se ergueu de um agachamento e, estalando os dedos, deu o sinal para a pianista começar.

O pai de Bert tinha uma casa em um terreno bom no interior. Era uma propriedade de dois andares, branca, com janelas largas no primeiro andar e janelas altas no segundo. O terreno atrás da casa tinha trechos íngremes e outros planos, então, de frente, você podia ver os campos distantes, mas não os mais próximos. Ao longe, um agrupamento denso de árvores se abria repentinamente em um pasto. Noah entendeu na hora aquele espaço.

Ele vivia com os pais em uma casa parecida em um terreno muito menor no interior. Noah cresceu dirigindo tratores e subindo em árvores. Foi assim que ele descobriu sua flexibilidade natural e uma noção de equilíbrio — escalando e então pulando de galhos cada vez mais altos até sua mãe o avistar e sair correndo da casa aos gritos. Eles tinham vizinhos que também eram pobres, e às vezes eles trocavam vegetais, parcas e casacos. Eles viviam do salário do pai na fábrica, e às vezes a mãe dava aulas de cerâmica na cidade, mas ela passava a maior parte do tempo fumando na cozinha e cozinhando refeições salgadas ou duras demais. O pai era um japonês do Colorado — onde os avós dele ainda moravam, cuidando de uma lavanderia — e a mãe era branca, originalmente de Iowa, remontando à época das pradarias. Noah foi criado com Laura Ingalls Wilder e comida chinesa ruim. O pai fumava, dirigia um caminhão e usava jaquetas jeans, às vezes xingava e às vezes dava tapinhas na nuca de Noah, sorria e não dizia nada. Ele e o pai tinham o mesmo cabelo e a mesma boca torta. O pai tinha mãos ásperas e cheias de calos, e Noah achava que ele era capaz de construir qualquer coisa. Mas o que mais o deixava perplexo em relação ao pai, e o que às vezes o mantinha acordado à noite, era o fato de que foi o pai que disse “claro”, quando ele contou aos dois que queria dançar, enquanto a mãe piscava assustada, dizendo que isso não era jeito de viver e que ele devia fazer alguma outra coisa. Na primeira vez em que Bert o levou para aquele lugar no interior, Noah experimentou uma sensação estranha de reconhecimento e sentiu vontade de chorar, mas não chorou.

Mais ou menos uma semana depois da briga deles, Noah e Bert voltaram para o interior. O pai de Bert continuava morrendo, mas

Bert queria ajuda para consertar alguns galpões e talvez construir um lugar para guardar lenha e outras ferramentas.

No fim do inverno, Noah e Ivan tinham construído galpões nos lotes adjacentes. Mas eles estavam na casa principal, onde Bert, a irmã e os três irmãos dele cresceram. Noah percebeu que entendia Bert um pouco melhor agora, ao vislumbrar o campo e quão perto pareciam estar do céu que se curvava no horizonte. Ele entendia a solidão peculiar de um lugar como aquele, a forma que essa solidão se agarrava a você, sem importar quão longe você corresse. Você cresce em um lugar como esse, Noah pensou, e esse lugar assombra os seus sonhos até a sua morte.

Enfim, Noah disse para Bert que Ivan tinha feito a maior parte do trabalho pesado no galpão, mas que ele podia usar um martelo e segurar coisas se ele lhe desse instruções. Bert riu e disse que não precisava de um encarregado — o que ele tinha em mente era basicamente o que Noah havia oferecido. Segurar as tábuas, bater os pregos e assim por diante.

O vento era o verdadeiro assassino. Eles estavam desprotegidos no campo. A grama amarela estava amassada. As árvores na margem balançavam tão forte que ele pensou que seriam arrancadas do chão e sopradas para longe. Bert segurava um cigarro no canto da boca enquanto batia os pregos, e Noah fez o melhor que pôde para segurar as tábuas retas e niveladas enquanto eles instalavam as paredes do galpão. As mãos deles estavam rachadas e ásperas depois de apenas dez minutos de trabalho. Quando terminaram uma das paredes, as de Noah estavam quase totalmente brancas e as articulações dele doíam. Bert havia

martelado a lateral do dedão, e agora a unha dele estava roxa. Eles se abrigaram na caminhonete de Noah para esperar o vento passar.

Bert serviu café de uma garrafa térmica em copos de isopor. Eles bebericaram enquanto o vento sibilava, batendo nas janelas. O céu estava opaco e baixo.

“Eu estava pensando”, Noah disse, “se você está planejando vender esse lugar, por que as reformas?” Ele perguntou isso como uma piada, e até fez menção de rir, mas sua voz o traiu, soando séria e baixa. Bert assentiu, mas então deu de ombros.

“Sei lá”, ele disse. “Acho que eu só queria fazer uma coisa legal.”

“Para o seu pai?”

“Não. Quer dizer, eu acho que não. Eu queria fazer alguma coisa. Você sabe, ele dizia que eu nunca fiz nada nesse lugar. Que eu nunca limpei a minha bagunça nem o ajudei no campo. Ele me chamava de preguiçoso, de inútil. Esse tipo de coisa. E acho que eu só... Sei lá... Parecia importante eu fazer *alguma coisa*.”

“Não combina com você. Ser preguiçoso, quero dizer.”

“Bom, é diferente quando você tem um negócio pra tocar. E quando você é adulto.”

“Muitas crianças são preguiçosas. Eu era.”

“Meu pai não era o tipo de pessoa que acreditava que as crianças deviam ser isentas de responsabilidade só por serem crianças.”

O rosto de Bert era bem rechonchudo. Ele tinha se barbeado, mas mal, e havia trechos de barba grisalha nas bochechas dele. Noah observou enquanto ele falava. Ele não ficou pensativo, reflexivo nem nada do tipo, mas uma tristeza crescia nos olhos dele

enquanto Bert olhava para o campo através dos retalhos que eles tinham feito no galpão.

“Eu só queria fazer alguma coisa.”

“Com certeza ele está agradecido”, Noah disse, mas Bert se encolheu ao ouvir isso.

“Não é por ele... eu não estou tentando provar nada pra ele. Sou um homem adulto.”

“Eu sei”, Noah disse.

“Merda. Crianças, malditas crianças.”

Noah resmungou e se recostou no banco. Ele segurava o copo de café entre as pernas. O chão da caminhonete estava cheio de papéis e garrafas vazias. O carro cheirava a óleo de motor velho e gasolina. O pai de Noah transferiu a caminhonete para ele quando ele completou dezesseis anos, e ele dirigiu para competições fora do estado e depois até Iowa City quando começou a faculdade. A caminhonete o acompanhara nos últimos sete anos, e não era nova nem bonita, mas seguia em frente, e o que mais se podia esperar dela?

Bert tinha um problema no joelho e fumava cigarros mentolados. De certa forma, Noah achava isso nostálgico, como jeans desbotados e jaquetas de nylon barulhentas, meias brancas e tênis. Os cigarros faziam Noah se lembrar dos anos 90, toda aquela tristeza em VHS e correria de criança de dois anos que causava dor no peito — ele tinha nascido bem no fim da década, entrando nela por um triz. Então, quando sentia o cheiro de cigarros mentolados, ele pensava no pai, na caminhonete e na viagem de volta da aula de dança, o recuo do horizonte da cidade no retrovisor, o avanço da escuridão das árvores como se fosse uma ameaça de chuva, o verde

escurecendo sob o céu infinito que se inclinava e afundava. Enfim, fazia algum sentido para Noah que ele fosse acabar com alguém assim, mas o que isso significava, *acabar*, porque ele e Bert só estavam transando — pelo dinheiro, pelos bons momentos, sei lá, pelas risadas, para dizer que ele tinha feito isso, fodido um cara branco barrigudo, que tinha se deixado foder por um cara branco barrigudo que parecia que tinha matado alguém? Um ninguém com cara de louco? Um solitário fodido que vivia no meio do nada e que tinha escapado da aids só porque ela passou despercebida no mundinho dele, exceto no caso de todos aqueles homens sozinhos e moribundos que voltavam para casa das cidades maiores? Um ninguém sortudo? Que só se deixava levar por algum colosso menor? Noah não tinha o direito de julgar. Quem ele era? Ele cresceu em West Des Moines, um lugar famoso por seus ginastas e outras merdas de bichas, e não tinha ido embora de verdade. Nada de Juilliard para ele, que tinha *um talento quase prodigioso*, que era *quase, quase bom o suficiente*, um fragmento de dádivas maiores, talentoso, mas não havia um milhão de meninos talentosos e nenhum espaço para eles? Ele estava bem. Ele daria o seu melhor. Mas quem ele era para julgar Bert? Ninguém. Ninguém.

Mas ainda assim, Noah pensou, isso não significava que ele não podia se defender. Acertar as contas. Responder.

“Eu não sou criança”, Noah disse.

“Às vezes você se comporta como uma. Você acha que é tudo aceitação, marchas de orgulho e psicologia barata. Você acha que é fácil tirar as pessoas da sua vida quando elas tratam você mal.”

“Eu não penso assim, não”, Noah disse. “Não joga as coisas pra cima de mim.”

“Você não sabe como era antes. Foi horrível. Nossa gente morreu.”

“Sentemo-nos no chão”, Noah disparou, “pra lembrar tristes mortes de bichas.”

Bert se virou para ele. Noah percebeu isso no canto do olho. E pressentiu uma coisa ruim no movimento. Alguma coisa terrível. Mas antes de poder fazer qualquer coisa a respeito, ele sentiu o café se esparramando quente e de uma vez na lateral do rosto e no pescoço. Noah gritou enquanto o suéter e a camiseta ficavam ensopados. O líquido esfriou quase de imediato, mas tinha tanto, e a princípio estava tão quente, que Noah não conseguia sentir o rosto. Ele se agitou, quase derrubando o próprio café no colo. Tentou limpar o rosto no ombro, mas ele estava molhado e não secava de jeito nenhum.

Noah não conseguia respirar. Não conseguia enxergar. Havia só a quentura, o gemido do vento e o revestimento do banco estalando e cedendo aos movimentos dele.

“Desculpa”, Bert disse quase logo depois de ter feito o que fez. “Ai, meu Deus.”

Noah mal conseguia ouvi-lo. Tinha café dentro das orelhas dele. Tudo tinha uma qualidade muda e aquosa. Noah sentiu Bert pressionando alguma coisa contra o rosto dele. Só então ele pôde voltar a sentir a superfície irritada e sensível de seu corpo. Não exatamente a sensação do toque, mas uma pressão crua e insistente. Bert estava tentando limpá-lo com sua camisa de flanela. Noah podia sentir o cheiro de suor, desodorante e uísque.

“Para, para”, Noah disse, mas Bert continuava limpando o rosto dele e pedindo desculpas, dizendo que sentia muito, que não queria

ter feito aquilo, que queria voltar atrás, e o vento gemia, e as árvores batiam seus galhos uns contra os outros.

Ele estava começando a descascar no pescoço e na bochecha. A pele estava frágil e rosada. Ele não tinha sido queimado, só bem escaldado, e embora o café tivesse formado bolhas no primeiro ou no segundo dia, ele já estava recuperado o suficiente para voltar a viver sua vida. Lá fora, o frio tinha se dissipado. Eles emergiam dos excessos brutais do inverno. A primavera despontava no horizonte.

Noah tinha adquirido o hábito de ir até o estúdio vazio depois do último ensaio da noite para trabalhar em uma peça que ele apresentaria nas audições mais adiante na primavera. Estava em busca de um lugar em Nova York, San Francisco ou Portland. Ele ficaria feliz com qualquer uma dessas cidades, mas, não sendo possível, poderia se contentar com Chicago ou Atlanta. Ele queria sair do Meio-Oeste, e embora não tivesse nenhuma afinidade em particular com o litoral, estava pronto para viver em uma cidade com hordas de pessoas anônimas em meio às quais poderia desaparecer.

Noah tinha algumas composições que usou nas audições para a pós, mas agora precisaria de algo mais maduro. Ele sabia que um erro já cometido tinha sido não ter preparado uma peça técnica mais clássica. Em vez disso, ele arriscou o ritmo e o tom, uma composição contemporânea preparada às pressas e falha em narrativa e em forma. Ele compensou as falhas com a improvisação e a beleza da linha de seu corpo, mas não dá para fingir a coisa toda, e durante as fases de repertório clássico das audições da pós,

Noah cometeu erros suficientes para saber que não seria aceito em Yale ou Brown, suas primeiras escolhas. Ele foi admitido em Iowa principalmente porque sua instrutora na faculdade fazia parte do corpo docente e a peça que ele apresentou na audição tinha sido trabalhada sob a condução firme dela.

Agora seria diferente. Noah tinha dançado *O Quebra-Nozes* e um dos balés neoclássicos de Balanchine nos espetáculos do outono e do inverno. Ele teve aulas extras com aquelas meninas magrelas e assustadoras que focavam exclusivamente no clássico, transplantadas da Bolshoi ou de Paris. Elas não eram frias, clínicas ou meticulosas. Elas riam e faziam piadas como qualquer menina. Fora dos palcos, andavam de um jeito estranho e arrastado. E quando conversavam, pareciam muito mais jovens do que eram. Fazia sentido. Elas haviam sacrificado todas as rotas da vida que desviavam de um lugar em uma das principais companhias de dança do mundo. Tinham desistido de tudo para apostar nessa única chance, nessa única vida.

No fim da tarde, Noah aperfeiçoava seu *port de bras*, seu transporte. Ele tentava aumentar sua rotação. Sua quinta posição, que nunca foi boa, ficou mais confortável, mais fácil. O suor fazia a pele nova arder e parecia estranho, como se não fizesse parte dele, mas Noah estava tão ocupado com os passos que logo se esqueceu disso.

Ele estava agradecido por ter Ivan ali assistindo, dando conselhos sobre seus giros e saltos. Às vezes Ivan ajustava o quadril dele, acertava a curvatura das costas, e Noah lembrou daquela vez na caminhonete, na propriedade de Bert, quando ele e Ivan tinham se chupado mais por tédio do que por qualquer outra coisa.

“Como vão as coisas com Goran? E Nova York?”, ele perguntou em uma noite. Ivan estava se alongando e relaxando no canto da sala. Ele não dançava mais, não de verdade, não com o joelho dele, mas gostava de aquecer e relaxar só para lembrar como era. Ivan se inclinou e olhou para o corpo de Noah deitado no chão. Uma flexibilidade perfeita. Noah sentiu uma pontada de inveja. Algumas pessoas tinham tudo.

“Nova York está de pé”, Ivan disse, abrindo um sorriso aos poucos.

“Ah, é? Você conseguiu?”

Ivan riu e deu um impulso para levantar. “Sim, consegui. A entrevista foi semana passada. Fiquei sabendo ontem.”

Noah deslizou pelo chão na direção dele e puxou Ivan para um abraço apertado.

“Você não disse nada! Cara! O que você está fazendo aqui? A gente devia estar bêbado agora. Você tá me zoando?”

“Não, isso é importante. Eu quero que você arrase na audição.”

“Não! Vamos ficar bêbados e chapados imediatamente”, Noah disse. Ivan apoiou o peso do corpo nas mãos. Ele corava sob as luzes do estúdio. Não conseguia parar de sorrir. Mas então seus olhos se encheram de lágrimas e sua risada se transformou em soluços.

“Eu estou tão feliz”, ele disse. “Eu estou muito, muito feliz. E isso me deixa *apavorado*.”

Ivan engasgava, soluçava, engasgava, sorria e secava as lágrimas. Noah o abraçou. E depois o beijou, como se pudesse pegar um pouco daquela felicidade e um pouco daquele medo para ele. Os dois se beijaram, e então Noah levantou e puxou Ivan.

Noah comprou um engradado de cerveja no John's e os dois foram para o apartamento dele, onde beberam e ficaram chapados, riram e choraram, e Noah disse: "Sua vida vai ser maravilhosa. Você nem sabe. Vai ser incrível".

"Estou com tanto medo de contar pra Goran", Ivan disse. "Na última vez, ele só... Eu estou com muito medo."

"Foda-se o Goran", Noah disse. "Foda-se. Isso é seu."

"Pra você é fácil falar foda-se."

"Escuta, se ele quiser ficar com você, ele vai com você. Se não, e daí? Tem muitos paus nesse mundo."

"Ha-ha", Ivan disse.

"Não, nada de ha-ha. Escuta. Você sabe o que eu daria para estar no seu lugar? Tipo. Foda-se. Eu estou prestes a participar dessas audições, pra ser avaliado que nem gado. E se eu tiver gordura demais na bunda ou se minha rotação sair cinco graus fora do lugar, vai ser, tipo, sinto muito, escolha outra vida. É horrível. Mas você conseguiu. Cara, que incrível! Você vai conseguir sair daqui. Como isso pode não ser motivo de comemorar?"

"Eu estou feliz. Só estou com medo."

"Alô, o cara julgou você. Por causa do que você teve que fazer. Ele é dependente demais! E tóxico!"

"Ele também é seu amigo. Você não precisa acabar com ele pra me fazer sentir melhor, Noah."

"Certo, o.k., eu falei merda, o.k., tá bom. Esse brinde é seu. Saúde. Um brinde ao filho da puta do Ivan, o Terrível. O resto se ajeita."

Eles brindaram, e então ficaram chapados, e brindaram, e ficaram chapados, e quando o apartamento de Noah ficou escuro

demais para se movimentar por ali, eles adormeceram onde estavam.

Em uma das noites de ensaios, Noah ergueu os olhos e viu Ólafur entrar no estúdio pela porta lateral. Os olhos deles se encontraram no espelho, e Noah pensou ter visto um sorriso breve.

“Já é meia-noite”, ele disse.

O estúdio estava quente. Lá fora, a chuva batia na janela alta. O estúdio costumava ser um ginásio, que fora convertido depois da Segunda Guerra Mundial. Havia uma lenda de que tinha sido ali que as pessoas aprenderam a dominar a baioneta, a forma perfeita de apunhalar uma pessoa.

“Eu sei”, Noah disse.

“Você não devia estar aqui.”

“Só estou ensaiando”, Noah disse.

Ólafur sentou perto das coisas de Noah e apoiou as costas no espelho. Ele tinha cheiro de café fresco. O olhar dele era acolhedor, divertido. Bem diferente do que costumava ser.

“Sua rotação melhorou”, ele disse.

“Obrigado.”

“Então é por isso que você não vomita mais nas aulas.”

“Eu vomitei uma vez.”

“Você também não engordou.”

Noah apoiou as mãos na barra e se alongou para trás até ouvir o estalo satisfatório das costas, o leve deslocamento dos ossos sacrais.

“Você está indo bem... mas o que aconteceu com o seu rosto?”

“Ah, isso? Deve ser o tempo”, Noah disse. Quando ele se endireitou, Ólafur ainda o estava observando, mas não pareceu gostar da piadinha de Noah. “Não é nada.”

“Vem aqui”, Ólafur disse, acenando para um lugar no chão na frente dele.

“Está tudo bem.”

Ólafur parou de acenar e desenhou com o dedo uma linha perfeita entre eles. Noah sabia, pelas aulas e por Fatima, que ele não falaria mais nada até ser *obedecido*. Ólafur exercia seu silêncio como um campo gravitacional. Noah sentou. Ele podia sentir o cheiro do próprio suor e o fedor das meias-calças. Ólafur se aproximou, e as pontas dos dedos dele estavam frias. Tinham cheiro de cigarro e de alguma coisa mais ácida e forte, como vinagre. Ele tinha uma pinta na bochecha esquerda, achatada e marrom-escura como uma mancha de ferrugem. O toque foi firme no rosto de Noah, como se estivesse corrigindo uma postura ruim ou um quadril preguiçoso. Primeiro no maxilar, inclinando a cabeça de Noah para cima. Noah sentiu uma tensão repentina nos músculos, a abertura de seus ombros. Por reflexo, seu corpo se colocou em uma posição submissa. Ólafur tocou na fronteira entre a pele nova e a pele velha, que tinha começado a descascar e cair.

“Alguma coisa muito quente fez isso”, Ólafur disse.

“Sou desajeitado”, Noah disse.

“Nisso eu acredito.”

Noah riu, mas Ólafur tinha começado a alisar a bochecha dele. O movimento revelou para Noah todos os pelos finos de seu rosto, que prendiam no dedão de Ólafur. Era como uma segunda pele, uma barreira que existia a apenas alguns microns da superfície de

seu verdadeiro corpo, um toque sem toque, uma pressão anterior à pressão. Noah virou o rosto. Ele não conseguia suportar a intensidade do olhar de Ólafur. Ele se sentia pequeno e transparente, como uma espécie de enguia ou um filhote de lagarto.

“San Francisco está fora do seu alcance, Noah. Você devia se concentrar na audição de Portland”, ele disse.

Noah assentiu firme. Ólafur recolheu a mão, mas os dois permaneceram ali sentados no estúdio abafado.

“Você tem chance”, Ólafur disse. “Uma chance real. Isso não se aplica a todo mundo.”

“Claro, eu sei”, Noah disse.

Ólafur coçou o maxilar. O raspar das unhas dele na barba malfeita preencheu o estúdio. A chuva batia mais forte contra as janelas lá em cima. O reflexo dos dois estava um pouco distorcido no canto inferior do espelho, onde os painéis se uniam. Havia um buraco no chão cheio de sujeira e poeira. Noah viu a mão de Ólafur se erguendo mais uma vez, observou o mergulho lento dela, como de um pássaro, e, antes de tocá-lo, ele sabia onde pousaria. A mão saiu da luz do estúdio e foi pousar no oco escuro entre as pernas de Noah, e quando ele sentiu a pressão entre as coxas, Noah suspirou, porque foi um alívio ter sua suspeita confirmada.

Fatima fumava abrigada pelo toldo do café quando Noah chegou, meio sem fôlego.

“Que demora”, ela disse com um tédio ensaiado, por um momento parecendo uma adolescente que fingia indiferença. Noah

se curvou com um floreio. A chuva estava fria e forte. Do outro lado da rua, o cascalho estava repleto de lama cinzenta.

“Pelo visto você já conseguiu um cigarro.”

Fatima assentiu, inflando as bochechas. “Pois é.”

Noah se jogou na cadeira ao lado de Fatima. Tirou o casaco. Os braços e as costas doíam. As coxas murmuravam, os músculos se contraíam e ganhavam vida como cavalos assustados. Comedouros molhados e tristes estavam pendurados no gradil.

“Eu quero morrer”, Noah disse, apoiando a cabeça na mesa fria de alumínio barato.

Fatima estendeu o braço e bateu as cinzas na chuva. Pela janela do café, Noah podia ouvir a música: Chopin? Satie? Não, ele percebeu de repente, alguma coisa neoclássica com influência eletrônica.

“Para de chorar.”

“Você está falando como o Ólafur.”

Fatima grunhiu.

“Me dá mais um?”

Noah pegou os cigarros no bolso interno, e Fatima puxou um de dentro do maço milagrosamente seco. O aroma era intenso e pungente, doce. Fatima fechou os olhos.

“E esse mau humor?”, Noah perguntou.

“Eu estou grávida”, ela disse. A fumaça subiu veloz e se dissipou na chuva. Fatima balançou a cabeça como que para clarear um pensamento. “Não é a primeira vez, mas mesmo assim...”

“Ah”, Noah disse.

“Não seja exagerado. A vida continua.”

“É... você está bem?”

Fatima deu de ombros, balançou a cabeça mais uma vez. O olhar dela era límpido e penetrante. A chuva batia no toldo com o insistente *ta-ta-ta* de tiros falsos. Fatima ainda vestia o avental de barista. Estava no intervalo de almoço. Ela cutucava as unhas, segurando o cigarro com habilidade no canto da boca.

“Você precisa de alguma coisa?”

“Tempo, dinheiro, um aborto... o de sempre.”

“Fatima.”

“Não, eu estou bem. Está tudo bem, sei lá. Vai ficar tudo bem.”

“É, claro”, Noah disse. Para ter o que fazer com as mãos, ele pegou o romance que estava lendo em casa quando Fatima mandou uma mensagem dizendo que precisava de um cigarro, *agora*. Noah pôs o livro na mesa virado para baixo e alisou a lombada. Era um romance de Mauriac, mas agora ele queria ter levado algo mais leve, tipo Colette. Noah aspirava reunir certa paciência firme e necessária para enfrentar a obra de Mauriac, que era elegante e precisa, mas tediosa e muito séria. Mas agora ele estava exausto com as demandas da visão moral de Mauriac, que era como um longo canal do qual vários riachos fluíam simultaneamente. A obra de Mauriac era dominada por misericórdia e razão. Havia um pragmatismo adstringente e jesuíta no romance que Noah estava lendo e que o fazia sentir uma urgência de ter alguma coisa em que se agarrar — fúria, dor, destruição. Mas a obra parecia uma placa de gelo fria e plana na qual ele havia enterrado a lâmina cega e impotente de sua atenção. Noah tentava ler, mas o texto flutuava diante dos olhos dele.

Fatima se juntou a Noah na mesa e apoiou a cabeça em seu ombro. A fumaça queimava os olhos dele, mas Noah não se

queixou. Havia coisas piores no mundo do que fumar por tabela. Noah se virou e pôs o rosto no cabelo de Fatima. Ele beijou a cabeça e acariciou o braço dela enquanto a envolvia nos seus. Fatima não disse se estava gostando ou não daquilo, mas de alguma forma ela ficou ainda mais perto de Noah e por um momento os dois observaram o céu desabar como uma espécie em vias de extinção.

Bert ainda estava arrependido pelo café. Agora, quando transavam, ele era mais gentil e lento de uma forma que tornava o sexo *menos* prazeroso para Noah. Ele tentou explicar para Bert que não precisava desse tipo de *consideração*, mas Bert só conseguia sentir remorso, o que, para Noah, parecia uma autopiedade cuidadosamente calculada. Às vezes, quando Bert tocava o pescoço e a bochecha de Noah na parte em que a pele ainda estava mais clara, ele ficava tão emocionado que nem conseguia ficar duro. Então Noah se ajoelhava por quinze minutos entre as coxas carnudas dele, chupando Bert, tentando com todas as forças despertar nele um *ardor*, trazê-lo para a *vida*, mas nada acontecia, nenhum calor, nenhuma pulsação, só um pedaço cinzento de carne. Era como tentar tirar leite de uma pedra que, na realidade, é uma esponja, ele disse para Daw, para Fatima, para Ólafur.

Teria sido diferente se o café tivesse acabado com a discussão assim como fez com a pele de Noah. Mas não. Eles ainda discutiam sobre o mesmo assunto vago: que Noah era incapaz de entender como tinha sido ruim para *ele*, para *eles* — ou seja, toda a linhagem de homossexuais do grande Meio-Oeste nos últimos cinquenta anos, Noah supunha. E como ele poderia entender, uma vez que

Noah aprendeu a foder na internet e em outras cavernas digitais de afirmação, territórios onde ninguém chamava as pessoas de bichas a não ser como uma demonstração de irmandade, de amor? Noah sabia que era ridículo. Um sentimento virado do avesso e transformado em mágoa.

Noah suspeitava que as discussões deles eram um tipo de penitência. Culpa geracional excedente. Bert sentia que tinha que pagar alguma coisa para sentir prazer, para ter alegria, para esquecer apenas por um momento que ele era, se não livre, pelo menos desimpedido, que o mundo não demandava mais dele sua vigília constante: a oferta de uma expiação de carne e sangue. Que ele tinha sido desobrigado de seu dever, que sua vigília havia terminado.

“Aquilo que você disse”, Bert murmurou. “De onde é?”

Eles estavam novamente no apartamento vazio no andar de cima. Ainda não havia inquilino. A fumaça pairava sobre eles.

“Aquilo o quê?”, Noah perguntou.

“Aquela coisa de sentar no chão.”

“*Ricardo II.*”

“É uma pessoa?”

“É uma peça. Sobre uma pessoa. Ou uma versão de uma pessoa, enfim.”

“Eu fiquei doido com isso.”

“Tem um pouco a ver com autopiedade”, Noah disse, se virando. Ele pôs a cabeça embaixo do travesseiro, onde estava frio e cheirava a suor, do corpo deles, e sabão.

“É isso o que eu sou pra você?”

“Não sou ninguém, quem é você?”

“Quê?”

Noah riu.

“Eu não estou ouvindo”, Bert disse. A mão dele estava apoiada na lombar de Noah, e então, de repente, Noah sentiu mais de perto Bert se aproximando. Todo o peso quente do corpo dele pressionando Noah. Ele afundou no colchão. O travesseiro esticou, e Noah não conseguia mais erguer a cabeça. O travesseiro pressionava Noah, quente e com força. Noah não conseguia respirar. Parecia que seu pescoço quebraria se ele tentasse levantar. Tanta pressão, tanta tensão. “Eu não estou ouvindo”, Bert disse. A voz dele estava abafada, distante: “Fala mais alto, fala mais alto, fala mais alto”.

As audições foram tão bem quanto Noah poderia ter esperado. No momento, San Francisco não estava em busca de seu *conjunto de habilidades em particular*, mas ele seria levado em consideração em oportunidades futuras, e Portland gostou de Noah no geral e dos elogios de seus orientadores, que disseram que ele era bom trabalhando em equipe e muito esforçado. Minneapolis disse sim, mas não teriam um lugar para ele até o próximo inverno. Oklahoma City ficou interessada, mas tinham de esperar a aprovação das verbas para saber quando poderiam fazer uma oferta oficial. Dallas estava fora. Memphis estava fora. Joffrey riu, mas disse que ficariam de olho em papéis extras nos quais ele poderia se encaixar. Miami se emocionou com a audição, mas depois esfriou, então provavelmente foi um “não” também. Durante três ou quatro semanas, Noah voou para várias cidades,

torrando os auxílios de viagem do departamento, pousando, dançando e alimentando esperanças, depositando em cada cidade um pequeno fragmento de sua autoestima e de seu valor, e o que ele experimentou depois dessa longa jornada — além do déficit de sono e dos tornozelos e joelhos permanentemente roxos de tanto bater em mesas de cabeceira estranhas — foi um sentimento de ter encerrado para sempre uma parte da sua vida.

Noah sabia que poderia nunca mais dançar, e ainda que dançasse, poderia nunca mais dançar da forma como desejou anos e anos atrás, ainda criança, quando a dança não era um trabalho ou uma possibilidade, apenas uma coisa que ele fazia. Noah sabia disso há algum tempo, mas aquilo nunca tinha lhe ocorrido naqueles termos, não até ele descer do avião na volta de sua última audição, em Portland, e chorar em silêncio no aeroporto de Cedar Rapids. Acabou. Acabou. Acabou.

Quando Noah contou tudo a respeito das audições para Ólafur, ele assentiu.

“Eu sabia. Sim. Eu sabia. Olha, isso é muito bom”, ele disse com a calma de alguém tentando acalmar uma criança ansiosa. Eles estavam na cama de Noah de novo. O companheiro de Ólafur era professor e cirurgião na faculdade de medicina e no hospital, mas Ólafur disse que ele preferia ensinar a operar. Ólafur estava sentado de pernas cruzadas, lendo o e-mail no celular de Noah. O quarto estava abafado e almiscarado. Acima deles, passos esparsos, alguma coisa batendo. Os locatários do verão tinham chegado mais cedo. Noah pensou em Bert no interior, naquela casa com o pai moribundo. Fazia uma semana ou mais que Noah não tinha notícias dele — os dias tinham sido agitados com as viagens,

as audições e a vida. Bert sozinho na escuridão rural, olhando pela janela, vendo estrelas, o brilho das luzes nas casas dos vizinhos distantes, ouvindo o apito das máquinas, um pai moribundo reduzido a um monte de carne, a uma profusão de cabos e ao zunido dos equipamentos.

“Talvez eu desista de tudo”, Noah disse. “Posso só ficar por aí. Ou conseguir um trabalho de verdade.”

“É isso o que os seus pais querem pra você? Um *trabalho de verdade*?”

Noah riu, um pouco nervoso com a possibilidade dos pais se intrometerem na vida dele. Fazia anos que ele não falava com a mãe. A relação deles não era ruim. Eles só não tinham o que conversar pelo telefone.

“Não”, ele disse. “Não, não é isso. Eu acho que eles querem que eu seja feliz.”

“O sonho americano”, Ólafur disse com desdém, a voz um pouco fria. “A felicidade.”

“Você trabalha com dança.”

“Sim, claro, mas quem disse que a felicidade tem alguma coisa a ver com isso?”

“Eu acho que tem a ver.”

“Dançar não tem a ver com felicidade. Tem a ver com sacrifício.”

“Sim, o derramamento de sangue para o ritual. Como eu pude esquecer?”

Ólafur jogou o celular em cima da barriga de Noah. Ele se sobressaltou — não doeu, mas houve um baque surdo e

aterrorizante. Noah não estava esperando por isso, não havia se preparado para o impacto.

“Você não sabe de nada”, Ólafur disse, soando, à sua maneira, como Bert.

“Não, eu não sei”, Noah disse. Ele cobriu os olhos com o braço. “Eu não sei de nada mesmo.” Havia um gosto resinoso e ardente na boca de Noah, e ele se perguntou se era do sêmen, do cigarro ou da pimenta da truta que comeu no jantar. Ou poderia ser uma coisa totalmente diferente, alguma parte dele se soltando e dissolvendo. Seu nariz se encheu de um cheiro acre. O peso de Ólafur se mexeu na cama, e Noah sentou para vê-lo se vestindo. Ele voltaria para casa, para o companheiro dele, para a casa deles, que era cheia de fragmentos de suas vidas, e por um momento, só por um momento, Noah se comoveu com a ideia da totalidade de todas aquelas coisas, todos aqueles muitos artefatos que ele nunca veria, tocaria ou conheceria, e Noah ficou triste porque, conhecendo Ólafur aquele tempo todo e tendo experimentado aqueles arranjos particulares e intensos dos corpos dos dois, ainda havia tanto dele que Noah não conhecia. Noah não amava Ólafur. Não queria fazer parte da vida dele, de verdade, não era nada disso. Não, o que aconteceu foi a consciência repentina e luminosa da relação deles, que significava tão pouco, e a forma como a vida dele havia se tornado uma coleção de coisas pequenas e irrelevantes.

Ólafur se inclinou para trás na cama e beijou Noah com intensidade, e Noah enrolou os dedos nos cabelos de Ólafur, então apertou os ombros e as costas dele. Noah puxou Ólafur, mas ele era mais forte, mais robusto, e empurrou Noah — ele foi jogado para

trás, caiu da cama e sua cabeça bateu na quina da cômoda, uma pancada rápida e forte.

“Ai, meu Deus”, Ólafur disse, mas Noah só fechou os olhos. O mundo vibrava e pulsava. Sua respiração estava pesada e lenta. Ólafur se agachou, e Noah começou a rir — sua visão oscilou e alguma coisa como uma mancha escura se espalhou abaixo de seu campo de visão.

“Muito bem”, Noah disse.

Daw fez companhia para Noah — o médico não soube dizer se era uma concussão de verdade ou *alguma coisa como* uma concussão.

“Ou você teve uma concussão ou *não teve*”, Daw disse. Mas Noah deu de ombros. Ele estava evitando o assunto, mas Daw passou a semana com ele. Noah o ensinou a fazer missô. Eles jogaram cartas à meia-luz, Daw leu para ele o fim do romance de Mauriac e então, mais tarde, depois de Noah implorar, Daw leu um pouco de Proust. No fim da semana, eles assistiram a um filme e Noah não conseguia olhar para a tela por causa de uma dor forte que sentia atrás dos olhos, o que fez Daw pôr um pano frio no rosto dele e massagear os pés de Noah. Eles riram e fofocaram sobre a vida — Daw tinha feito um simulado do vestibular de medicina e planejava tirar um ano sabático. Ele disse que tinha parado definitivamente de dançar. Fatima veio no fim de semana e ficou deitada na cama de Noah com uma garrafa de água em cima da barriga. Ela e Daw não brigaram nem ignoraram um ao outro. Eles conversaram a respeito de planos feitos e depois desfeitos. Fatima voltaria para o Leste.

“É isso aí, meninos. O começo das nossas vidas”, ela disse.

Daw foi o primeiro a rir disso, então Noah e depois Fatima.

“Você faz parecer tão otimista”, ele disse.

“Esse ano tem sido um inferno”, Noah disse.

“Mas sobrevivemos.”

“Por pouco”, Daw disse sério e com uma emoção que Noah não conseguiu entender.

“Como os seus namorados estão recebendo a notícia da sua partida?”, Fatima perguntou e uma onda de pânico atravessou Noah, pois para ele não estava claro até aquele exato momento se Fatima sabia de Ólafur.

“Ah, bem”, Noah disse, virando o rosto e olhando pela janela, onde as árvores balançavam em círculos escuros.

“Ólafur vai ficar bem”, Daw disse.

“Quem contou pra você?”

“Era óbvio.”

“Tão óbvio assim?”

“Não seja ingênuo”, Fatima disse bruscamente. Os olhos dela brilharam de raiva, mas ela recuou, voltando a se apoiar nos cotovelos. “Está tudo bem. A gente aproveita o máximo que dá.”

“Não fala assim.”

“Por quê?”, Fatima disse. “Sempre, sempre, sempre foi assim. Você só finge que não. Você vive batendo uma por aí e acha estranho quando aparece com a cabeça quebrada.”

“Que metáfora infeliz”, ele disse.

“Todo mundo sabe. Não é nenhuma novidade. Não finge surpresa”, Daw disse.

“Você devia se preocupar mais com o serial-killer.”

“Ele não é um serial-killer.”

“Quanto mais você insiste nisso”, Fatima disse, “mais eu me sinto motivada a lembrar que... o cara literalmente tentou *sufocar* você.”

“Não foi nada disso”, Noah disse antes de conseguir se conter. A risada de Fatima encheu a sala, e Daw só conseguiu balançar a cabeça.

O pai de Bert morreu em meados de maio. Não houve cerimônia, pois a despesa não fazia sentido para Bert. Noah foi visitá-lo. Uma frente fria havia congelado a água na terra, o que a deixou oca e quebradiça. Noah se encostou na porta de sua caminhonete no jardim da frente. Bert ficou em pé na varanda, olhando para ele.

“Bom ver você”, Noah disse.

“Você anda sumido.”

“Eu estava ocupado.”

“Imagino”, disse Bert. “Quer entrar?”

“Não, não. Só vim ver como você está.”

“Bom, aqui estou.”

“Você parece bem”, Noah disse. Bert estava mais magro e pálido. O cabelo dele estava com um brilho amarelado. Parecia frágil. Os olhos estavam irritados e vermelhos. Ele usava um boné puído. A porta estava aberta atrás dele, escura como uma boca.

“Pareço?”, Bert perguntou com uma curiosidade genuína. “Eu não me sinto bem.”

“Sinto muito.”

“Não começa”, Bert disse. “Sente muito pelo quê?”

“Sei lá”, Noah disse. “Não sei, eu só, tipo, sinto muito pelo seu sofrimento. Pela sua perda. Por qualquer angústia que você esteja

sentindo.”

“Você não entende”, Bert disse, dando um soco no peitoril da varanda.

“Eu entendo”, Noah disse. “Entendo, sim.”

“O que você entende?”

“Meu pai também morreu. Faz muito tempo, mas ele morreu. Eu entendo.”

“Você não me contou.”

“Imagino que agora você saiba por quê”, Noah disse, rindo, mas a garganta estava quente e os olhos dele queimavam. “Agora você sabe.”

“Acho que sim.”

“Vou me mudar no verão.”

“Imaginei.”

“Vou pra Portland.”

Bert assentiu, sério. Noah inspirou o ar frio e limpo. Ele olhou para a grama esparsa do jardim, para o pessegueiro que havia florescido prematuramente e que agora estava congelado. Os campos ondulantes, as casas paradas como animais à espera.

“Queria que você tivesse falado antes”, Bert disse.

“O quê?”

“O aluguel. Vai ser difícil alugar o seu apartamento.”

Noah sorriu. Ele pôs a mão na maçaneta da caminhonete. “Não no verão.”

Ele abriu a porta e lá estava o zumbido familiar. Bert ergueu a mão e acenou bruscamente.

Noah também ergueu a mão, e, ao contrário dele, acenou devagar.

Foi como uma dança, Noah pensou mais tarde, na estrada, dirigindo para casa, para longe daquele lugar. Ele odiou o sentimento de alívio que o atravessou quando percebeu que nunca mais faria aquilo de novo.

Sussex, Essex, Wessex, Nortúmbria

Aos fins de semana, na piscina do centro de recreação em Burlington, Bea dava aulas de natação para crianças pequenas e pobres e conduzia um grupo de idosos em exercícios de resistência na água. O dinheiro não era muito — uma pequena bolsa financiada pela universidade e pela comunidade, fruto do programa para as piores escolas na fronteira entre Iowa City e Coralville.

A universidade e a comunidade poderiam ter usado o dinheiro para um banco de alimentos ou para comprar livros didáticos novos. Ela não entendia o que as aulas de natação poderiam fazer por crianças famintas e cansadas, mas, de qualquer forma, estava grata pela bolsa e pela oportunidade de usar a piscina.

As crianças não perguntavam nada para ela. A maioria só queria pular na piscina e jogar água umas nas outras. Ela se esforçou para ensinar as braçadas. Bea se deitou nos azulejos frios da beirada e simulou os movimentos para elas, mas, quando ergueu os olhos, as crianças estavam olhando para ela com uma crueldade fria, como se estivessem prestes a esmagar sua cabeça.

Ela resolveu deixá-las fazer o que quisessem desde que não se afogassem. De qualquer forma, a salva-vidas passava a maior parte do tempo no celular, quando não estava policiando as raias para

garantir que as pessoas compartilhassem a piscina de forma correta. Os idosos a lembravam de seu pai, ainda que eles fossem atenciosos até demais e ele, seco e malvado — ela não sabia como responder quando era chamada de *querida* ou recebia tapinhas no ombro e elogios pelo bom trabalho depois que os ajudava a entrar e sair da piscina ou quando buscava toalhas para eles. Às vezes, durante seus exercícios lentos, os pegava olhando para ela como se fosse uma miragem ou uma sereia, e ela se sentia bonita, até perceber que eles a encaravam porque mal conseguiam enxergá-la. Ela se repreendeu por isso.

Bea dava essas aulas porque as meninas do time de natação não quiseram. Elas eram assustadoras, altas, com a pele firme e os ombros largos. Quando Bea tomava banho depois da piscina, as ouvia se trocando para o treino do fim de semana. Elas tinham que usar o mesmo vestiário porque o prédio havia sido construído em uma época na qual instalações esportivas femininas não eram uma necessidade. Isso significava que, nos dias de treino, havia uma sobreposição dessa curiosa e estranha raça de mulheres com outra espécie humana mais flácida. Os assuntos eram os mesmos de qualquer grupo de meninas: a aleatoriedade de pintas e sardas, a flexibilidade esquisita de um dedão, um jantar ruim na noite anterior, os namorados e as namoradas, os vídeos idiotas de seus animais de estimação enviados por pais solitários, disciplinas, professores, treinadores, beijos, o movimento lento de uma mão pousando nas costas delas, a solidão das manhãs, a brutalidade do trabalho. Assim Bea se sentia próxima delas, com a água batendo em seu esterno enquanto ouvia o melhor que podia da conversa das meninas, e imaginava que, em outra vida, poderia ter sido uma

delas — mesmo que isso não fosse verdade. Nos momentos em que Bea era mais gentil consigo mesma, deixava o pensamento durar um pouco mais do que deveria.

Em uma tarde, depois de as crianças terem sido devolvidas aos responsáveis e arrebanhadas até o ônibus como um monte de ovelhas molhadas, Bea sentou na borda da piscina, batendo as pernas lentamente. Os idosos não iriam aparecer porque uma infecção terrível circulava em um dos abrigos e, para o bem de todos, eles foram mantidos dentro de casa. Isso significava que Bea tinha o restante de uma tarde de sábado só para ela, algo incomum, e pensou que poderia ir para casa e limpar seu apartamento. Era uma dessas tardes vazias que revelam, depois de um longo período de solidão, o quanto sua vida tinha se voltado para dentro dela mesma. Não havia ninguém para quem ligar, nada para fazer. Ninguém precisava dela. Ninguém precisava que ela fizesse alguma coisa. Bea não se sentiu livre nem triste — em vez disso, foi como se tivesse tomado um banho de água fria. O sentimento era tudo o que sobrava.

Ela observava as meninas do time de natação no outro lado da piscina. Elas estendiam os tapetes e deitavam para se alongar. Tinham uma flexibilidade impossível e puxavam as pernas umas das outras em aberturas que pareciam perigosas e dolorosas. Depois trocavam de posição e se ofereciam para serem curvadas e torcidas. A conversa delas era um murmúrio baixo que saltava pela água. Os últimos civis saíam da piscina e se enrolavam em toalhas, marchando para os chuveiros. A salva-vidas desceu do banco, virou de um jeito brusco e olhou diretamente para Bea e através dela.

“Melhor você ir andando”, ela disse, e Bea assentiu, mas continuou sentada ali, incapaz de desviar o olhar das meninas mesmo quando o treinador delas — alto, peludo, de voz sombria e baixa — apareceu dos fundos. Ele ficou em pé acima delas com as mãos nos quadris. O cabelo dele era bagunçado, cacheado e escuro.

“Vamos, vamos”, ele disse. E elas pularam na água, sem elegância ou graça, mas como um bando de crianças ansiosas e risonhas. Depois, saíram da piscina e chacoalharam a água dos braços e das pernas. Bea reconheceu na hora: exercícios de adaptação. O treinador olhou para ela, e Bea sentiu seu corpo frio e úmido. Ele estreitou os olhos e fez menção de ir na direção dela, então ela acenou e levantou. O chão estava escorregadio e Bea teve que se segurar para ficar em pé. Ela pegou a toalha e, na porta, olhou para trás e observou um pouco mais as meninas pulando na água e saindo, se acostumando com o frio, a profundidade e o cheiro de cloro.

Bea morava sozinha em Iowa City. Ela passava muito tempo sentada em sua mesa, olhando para o jardim pela janela. Ela tinha uma vista do pinheiro, de seus galhos espalhados e dos pássaros ciscando. Ela morava no segundo andar de uma antiga propriedade que havia sido dividida em três apartamentos. O casal do andar de baixo era bem silencioso na maior parte do tempo. Um saía para trabalhar bem cedo. O outro saía à tarde. Nos fins de semana e às vezes durante a semana, o dançarino no apartamento vizinho dava festas barulhentas, mas Bea não se importava, pois ouvir outras vidas seguindo em paralelo à vida dela a fazia se sentir menos sozinha.

Bea foi filha única na maior parte da infância, exceto em um ano difícil e sombrio.

Em cima de sua mesa, havia uma pequena caixa de papelão na qual ela havia construído um diorama. As paredes da caixa eram pintadas de preto fosco, e Bea tinha feito alguns móveis em miniatura com tiras de MDF de média densidade. O contraste de cores entre a mobília clara e o fundo fosco era tão grande que o MDF parecia brilhar ou vibrar. As extremidades dos móveis se projetavam um pouco para fora da caixa, criando um efeito de duplicação. Era difícil olhar para o abismo escuro da caixa ou ver a mobília, então não dava para saber muito bem para o que estávamos olhando. Bea chamou a peça de “Perturbação doméstica”.

Ela havia criado uma série de caixas desse tipo, preenchidas com mobília e às vezes com seres humanos minúsculos, que construía com níveis variados de detalhes. Alguns pareciam pessoas. Alguns eram só bonecos de palito bem crus, outros eram formas geométricas abstratas futuristas. Havia uma espécie de tumulto e turbulência na luz quando ela olhava para dentro dos dioramas, e era essa textura áspera da realidade que se assemelhava à sua experiência de mundo. Mas era assim que todo mundo se sentia quando olhava para alguma coisa que tinham feito — toda criação era apenas um reflexo tolo e ligeiramente deformado do interior.

Naquele dia, depois da natação, Bea pegou sua faca e uma tira fina de MDF e entalhou um dedo humano. Então entalhou outro e outro, até ter diante dela na mesa umas trinta unidades ou mais — alguns curvados, outros retos, alguns bem alinhados e detalhados

com dobras de pele, outros mais caricatos, geométricos. Uns em tamanho real, outros com um terço ou mais do tamanho, e alguns eram finos e pequenos como uma unha. Mas eram todos versões finas e bidimensionais de dedos humanos. Indicadores, anelares, dedos mínimos, dedões, dedos médios. Bea entalhou alguns que já tinha visto e outros conhecidos, dos quais ela havia posto na boca ou dentro dela. Dedos da própria mão, dedos de quem ela havia amado ou odiado. E outros que ela nunca tinha visto antes.

Entalhar os dedos demandava um controle firme, quase furioso, sobre a lâmina da faca, e a tira de MDF raspava em seu braço, tremendo como um animal assustado enquanto ela cortava. Os antebraços dela estavam arranhados e sangravam por causa da irritação. Os nós dos dedos doíam por segurar a faca com tanta força, o que ela sabia que não deveria fazer. E para quê — aqueles dedos eram inúteis para Bea, só uma coisa para ela fazer com as mãos e acalmar os pensamentos. E agora as palmas estavam esfoladas e os braços dela doíam. Os olhos estavam secos e irritados pelo pó solto de MDF, que se desprendia no movimento de lascas a madeira. Era melhor ela parar, pensou. Mas ela continuou, pois havia encontrado um ritmo para aquela atividade inútil e simples, e era uma pena jogar fora uma coisa tão bonita como um bom ritmo.

O verão em Iowa era abafado e exuberante. O apartamento de Bea tinha um ar-condicionado na janela perto da cozinha. Da mesa onde estava, ela não sentia o ar frio e começou a suar. Lascas de MDF grudavam nela, e suas coxas começaram a grudar na cadeira. Bea queria voltar para a piscina, mas estava fechada para o treino e não abriria mais pelo resto do dia, como costumava acontecer

durante a semana. Ela podia dirigir até o lago Macbride ou tentar a sorte no centro de recreação local. Havia opções, escolhas, coisas que Bea podia fazer para aliviar seu sofrimento, mas ela não fez nada. Continuou a esculpir os dedos até a noite cair sobre ela, quando a luz fica vertical e azul e tudo ganha uma qualidade espectral. Por mais ou menos meia hora, é como viver em um filme. Tudo alcança uma qualidade luminosa e uma importância, e todas as pessoas são bonitas e lânguidas.

Quando a primeira sombra azul caiu sobre a mesa, Bea levantou e foi até o corredor onde o ar-condicionado estalava. Ela se abaixou de forma que o ar frio batesse em seu peito e no rosto, fechou os olhos e ficou ali suspensa na escuridão fria. Suas unhas estavam doloridas e ela podia sentir os dedos latejarem. Apoiada no topo da janela, que estava quente por causa do sol, ela ficou ali por mais um momento até erguer a cabeça para olhar o jardim. Viu seu vizinho, Noah, com alguns amigos sentados em cadeiras dobráveis, pegando copos de um caixote que fazia as vezes de mesa. Eles equilibravam pratos nos joelhos e usavam óculos de sol. Bea só havia falado com Noah por acaso — lá embaixo, perto das caixas de correio, ou segurando a porta para deixar passar alguém cheio de sacolas de compras da cooperativa. Noah era um pouco mais alto que ela, era dançarino, e o corpo dele vibrava saúde e vitalidade, embora Bea visse Noah fumando pelo menos uma ou duas vezes por dia, incluindo aquele exato momento. A janela estava manchada e embaçada aqui e ali pela condensação do frio. Teias de aranha e rastros de poeira se penduravam no outro lado do vidro, e era como olhar por uma renda, através da névoa do tempo para o mundo azul além. Mas Bea podia ver aquelas pessoas

brilhantes e felizes com seu jantar improvisado e seu glamour incoerente. Quis bater no vidro para que elas olhassem para cima e a vissem também, de forma que toda a tensão perfeita e terrível de suas vidas se desfizesse, dando lugar a algo como o alívio. Bea sentia as palmas das mãos pesadas e quentes no vidro. Ela pôde sentir o impacto, o golpe agudo que nunca aconteceu. Ela podia quebrar o vidro, deixá-lo cair no jardim lá embaixo. Podia fazer qualquer coisa, e foi a variedade do que poderia fazer que a impediu de fazer qualquer coisa.

Bea recuou.

No Ped Mall, Bea se abrigou na sombra de um dos freixos moribundos. Ela havia comprado algumas ameixas no Bread Garden, pensando que as frutas a refrescariam um pouco, mas quando as tirou da névoa fria da banca de frutas, estavam quentes ao toque, quase febris. Eram frutas frescas, saídas diretamente da caçamba do caminhão que as havia transportado, e Bea pensou por um momento em deixá-las lá, mas ela estava com um pouco de fome e acabou comprando de qualquer forma. Agora ela voltava a se arrepender. A polpa era pálida e sem brilho. E tinha uma qualidade fétida, farinhenta, como se já estivesse em estado de decomposição. Translúcida como sua janela imunda, Bea conseguia ver o caroço escuro no meio da fruta. Comer a ameixa era como mastigar o próprio corpo.

Lá embaixo, em uma faixa de sol espessa e escaldante, um grupo de crianças corria sobre as pedras escuras e molhadas em direção a uma fonte de água. Os jatos tinham um cheiro químico forte, e caíam no chão fazendo um barulho que parecia urina

caindo em uma tigela. Água pesada. As crianças gritavam em deleite quando a água morna molhava suas camisetas e seus cabelos. Uma menina pequena com o rosto todo manchado e marias-chiquinhas desgrenhadas deitou no chão e lambeu as pedras fazendo barulho. Uma outra menina ergueu o vestido de verão e urinou no pequeno buraco pelo qual o fluxo de água irromperia depois em uma terrível osmose reversa. Mas nenhum dos pais notava ou se importava com isso. Eles estavam sentados nos bancos espalhados pelo parquinho. Outras crianças se lançavam do castelo de brinquedo de vários andares e caíam de costas na grama macia. Elas levantavam e subiam de novo para pular e cair. Os pais seguiam conversando e lendo, protegendo os olhos do sol, se olhando e apoiando as mãos em coxas, ombros, costas, essa coreografia do amor e da vida, e seus filhos continuavam gritando, destruindo e rompendo as costuras do mundo.

Bea chupou as ameixas até seus olhos arderem. Ela cutucou as gengivas com as pontas de um caroço e o jogou no comedouro. Nuvens densas e altas como falésias se moviam na parte leste do céu. As nuvens estavam escuras, e o rio havia subido rápido, a água se tornara uma espuma turbulenta e cinza. Há alguns anos, houve uma inundação tão terrível que o presidente da época tinha até ido lá visitar. Havia fotos dele de pé em cima dos bens arruinados das pessoas, a camisa tão engomada que quase brilhava contra a escuridão granulada do restante da imagem. Mas isso tinha sido anos atrás, e o rio só ameaçava transbordar *um pouco*, o que, segundo os veteranos daquele ano catastrófico, era uma boa notícia.

Soprava uma brisa leve, mas o cabelo dela estava muito pesado, caindo no seu pescoço e nos ombros como uma pele fina. Mosquitos zumbiam perto dela, atraídos pelo suco grudento da ameixa em seus dedos. Ela subiu no parapeito baixo de pedra e andou se equilibrando ao longo do perímetro dos comedouros, parando para ler as placas pregadas nas árvores, informando que estavam infectadas e morrendo. Ela sentiu uma euforia sombria ao se imaginar indiferente à tragédia das árvores. Lá estavam elas, apodrecendo de dentro para fora, suas cascas se desfazendo e caindo no chão do centro da cidade enquanto centenas de pessoas passavam abaixo delas impassíveis, despercebidas — uma inversão na ordem natural das coisas.

Quando era muito mais jovem, Bea morava em uma fazenda de esturjões na Carolina do Norte com o pai e a mãe. Sua mãe morreu há dez anos, quando Bea tinha vinte e cinco, e na saída do hospital, sob os pinheiros na lateral do campus de medicina, ela pensou como era injusto aquelas árvores continuarem existindo enquanto a mãe dela, uma pessoa real, verdadeira e boa, havia partido. Era feio, um sinal da dureza das coisas, que o mundo não tivesse uma forma de medir a escala de sua perda pessoal. Mas ela seguiu em frente, Bea persistiu, continuou vivendo, e ali estava ela dez anos depois, a centenas de quilômetros de casa, uma pessoa diferente da que ela fora então. Naquele ano, o pai dela vendeu a fazenda de esturjões para pagar as despesas médicas. Seria o primeiro ano de produção de caviar. Nesse sentido, os esturjões eram estranhamente parecidos com as pessoas: eles demoravam anos para retribuir todo amor e cuidado recebidos, toda a comida lançada nos tanques de água fria grandes e barulhentos. Levava

uma década para um esturjão mostrar o seu valor. Mas o pequeno negócio familiar foi por água abaixo. Às vezes Bea se perguntava o que o pai dela tinha na cabeça quando decidiu criar esturjões na Carolina do Norte. Entre tantas coisas. Ele poderia ter plantado qualquer coisa. Poderia ter criado qualquer peixe. Mas esturjões...

Uma aposta tola e imprudente para um homem com uma família.

Uma das crianças gritou e Bea pulou do comedouro. Ela parou diante de uma joalheria: Ten Thousand Villages. As crianças continuaram gritando até o ponto em que era tudo o que se conseguia ouvir. Os gritos não eram nem mesmo um som. Subiam e desciam de tom, às vezes aumentavam, uma procissão irregular de notas soluçadas, guinchos e berros. Um grito se transformava em dois ou três, e então um coro de gritos se ergueu do parquinho. Bea virou a esquina e viu que uma das crianças havia se jogado do castelo de brinquedo e caído na fronteira entre a calçada e a grama. Havia um corte feio no rosto dele. Havia muito sangue e os braços dele tremiam. Nenhum dos pais havia levantado de seus bancos ainda. Estavam paralisados, uma pantomima. O menino ficou gritando sozinho enquanto outras crianças gritavam, apontando para ele. Os pais estavam a apenas alguns metros de distância. Nada mudou. Nada se moveu. Ninguém fez nada. Bea teve de virar o rosto. Ela se apressou até a criança, que foi desesperada ao seu encontro, e, quando chegou na esquina, podia jurar que sentia a umidade quente e grudada de uma digital sangrenta na parte de trás da perna dela. Mas, quando se deu conta, Bea estava limpa, a não ser pelo suor, e quando olhou para o parquinho, não havia nenhuma criança sangrando lá.

Bea entrou na água perfeitamente fria da banheira. Ela afundou o máximo que podia. Os pés descansaram na borda, perto da torneira. Seu corpo era uma forma turva e escura sob a superfície.

O pai dela costumava dizer: *Sussex, Wessex, Essex — sem sexo pra você, mocinha*. Era a piada favorita dele depois que Bea completou treze anos, ganhou pernas longas e ficou alta para a idade dela. Uma época anterior aos maus tratos pelo trabalho na fazenda de esturjões. *Sem sexo*. Bea perdeu a virgindade no segundo ano da faculdade com um menino de pernas tortas, um jogador de lacrosse de Vermont. Ele era chamado de Tex por motivos que Bea não lembrava mais. A faculdade era assim mesmo, ela pensou. Você vivia tão fora do contexto da sua vida que os nomes se prendiam a você de um jeito que não fariam em nenhum outro lugar. Havia uma lógica do sono estranha na vida universitária: associativa, aleatória, sem uma conexão estrita. Tex era estranho e cheirava a couro. Quando penetrou Bea, ele teve um espasmo tão forte que ela pensou que ele se partiria ao meio. Bea nunca mais dormiu com outro homem depois disso.

Sem sexo era certamente uma frase que descrevia a forma como Bea vivia. Ela não sabia o que fazer consigo mesma quando havia outro corpo envolvido. Só conseguia entender os corpos fora de seu contexto. Conseguia entender as costas das meninas do time de natação, seus ombros, seus sorrisos, as linhas firmes dos interiores de suas coxas.

Bea fechou os olhos e apertou os joelhos um no outro com força. Na piscina escura de sua mente, ela convocou as meninas do time de natação, as pontas largas e arredondadas dos dedos delas. Bea imaginou a aspereza do cloro nas palmas, a flexibilidade

repentina dos nós dos dedos. Aqueles dedos que ela havia entalhado no MDF com amor e cuidado. A água caía silenciosamente na banheira. O zumbido distante do ar-condicionado continuava. Bea se sentiu aberta, o calor interno de seu corpo, sua quentura animal. A água se movia entre as pernas dela, a pressão da palma da própria mão, as meninas do time. Seus joelhos deslizavam um no outro, e Bea apertou as coxas com mais força, afundou um pouco mais na água, que subiu até a altura de seu rosto, e então mergulhou.

Não existia um lugar chamado *Sensexo*. O nome daquele reino minúsculo era Nortúmbria.

Sussex, Wessex, Essex, Nortúmbria. Bea disse isso para o pai depois de ter ficado cansada da piadinha dele, então ele olhou para ela, sorriu com desdém e disse que ninguém iria querer uma vadia frígida.

A outra piada favorita dele era beliscar os seios dela com força e fazer um som de ganso. Se Bea derrubava o balde de ração, ele a beliscava. Se Bea demorava com as mangueiras, ele a beliscava. Se Bea ficava com medo de subir a escada e olhar os tanques lá de cima, ele a beliscava. Se Bea retrucava, ele a beliscava. Tinha dias que seu peito doía tanto que ela mal conseguia aguentar. Nessas ocasiões ela tirava a camiseta e ficava de barriga para baixo no lago. Quando sua mãe adoeceu, Bea voltou para ajudar. Ela alimentava a mãe e limpava a sujeira dela — vômito, merda, louças sujas, baba, comida estragada. Bea fazia tudo isso e, certa noite, depois de lavar a louça e conduzir a mãe até a varanda da frente, Bea perguntou da forma mais direta possível por que a mãe tinha deixado o pai de Bea fazer aquilo com ela.

“Fazer o quê, querida?”, sua mãe perguntou.

“Beliscar meu peito forte daquele jeito, aqui”, Bea disse, pressionando a mão aberta no peito, onde ela ainda podia sentir os dedos dele beliscando, torcendo. Os olhos da mãe eram escuros e leitosos. Ela olhava na direção das árvores, para os campos que se estendiam até ficarem mais baixos, onde os tanques eram mantidos. Ela tinha um cheiro de cobre naqueles dias. O corpo dela era como um balão murcho.

“Ah, ele estava só brincando com você, querida.”

“Mas doía. Doía muito e você não fazia nada”, ela disse.

“O que eu poderia fazer? Você está viva, não está?”, sua mãe perguntou, tossindo feio. Ela procurou as mãos de Bea, que se deixou ser tocada.

Sim, ela estava viva. Ela tinha sobrevivido.

Durante os meses em que cuidou da mãe, o pai não tocou nela. Ele se mantinha distante delas, indo e voltando dos galpões onde os esturjões dormiam e cresciam. Às vezes ele voltava cheirando à água do lago. Bea cortava o cabelo bem curto. Ela se viu fazendo suas antigas tarefas, caminhando pelo celeiro de shorts e camisa jeans, o alicate no bolso de trás, algumas tachinhas em um saquinho no bolso da camisa. Era sua única desculpa para sair de casa e ficar longe da mãe. Ela não queria que a mãe morresse ressentida, mas ressentimento era tudo o que Bea sentia. Por tudo o que a mãe não tinha feito para impedir o pai.

Ele era um homem alto, distante e grosseiro. Mas era gentil com os animais dele. Ela já o tinha visto alimentando bezerros e chorando quando eles morriam. Já tinha visto o pai carregando pintinhos nos bolsos da jaqueta de trabalho. Às vezes ele lia para os

esturjões. Bea acordava no meio da noite, ia caminhar em meio aos tanques de peixes adormecidos e o encontrava lá, encostado no tanque, lendo livros velhos de capa dura que havia encontrado no celeiro. Ele amava os animais de uma forma que não amava Bea e a mãe dela. Ou então demonstrava melhor o seu amor pelos bichos.

Sua mãe morreu, Bea se mudou e só falava com o pai em ligações mensais, quando ele contava da saúde dele. Dos lipídios. Das enzimas dele. Da perda de massa muscular. Bea o viu uma vez no ano passado e era verdade, ele estava acabado, como uma máquina velha despojada de algumas peças e com utilidade limitada. Ele não sentia pena de si mesmo, o que fez Bea querer sentir pena dele, mas ela não lhe daria isso. No fim das ligações, havia sempre uma lacuna com a extensão de um *Eu te amo*, e então nada, nem mesmo o sinal do telefone.

Bea podia sentir grânulos no fundo da banheira. Sujeira do próprio corpo. Todo aquele suor. Ela puxou o tampão, que subiu com a correntinha fria roçando em seu tornozelo. Uma água cinzenta escoou pelo ralo, e Bea sentou na beirada da banheira, observando. Resíduos arenosos, um crescendo de sujeira e pele. Uma impressão de si mesma. Uma espécie de silhueta.

Bea estava sozinha no jardim. Ela gostava de descer ali e deixar uma pequena tigela de ração de aveia para os cervos, que certamente não precisavam da ajuda dela, mas isso evitava que eles comessem as hortênsias e os arbustos. Ela foi até as cadeiras deixadas por Noah e seus amigos e sentou na escuridão fria. Pernilongos e mosquitos picavam as pernas e as coxas dela, mas Bea permaneceu sentada perfeitamente imóvel, olhando para a

cerca viva que fazia divisa com a casa ao lado. Ela tinha uma visão noturna muito ruim. Só enxergava formas cinzentas. Luzes estavam acesas no outro lado da rua e, da janela de Noah, um raio de luz refletia na grama entre ela e a cerca dos fundos. Os cervos nunca apareciam na luz. Ficavam à espreita no escuro como um pensamento perdido, meio formado, ou uma memória na beira da consciência. Mas Bea sabia quando os cervos estavam ali. Ela podia senti-los. Alguma coisa apertava dentro dela.

Foram três cervos hoje, lânguidos e terrivelmente elegantes. Perto do muro, os cascos roçaram a grama e as ervas daninhas. Uma sombra na poça de luz. Bea olhou para trás e viu Noah na janela dele por um breve momento, até a luz se apagar. O contorno da luz permaneceu, um negativo invertido, e no centro, uma forma muito brilhante que lembrava vagamente a forma de Noah. Essa marca ficou impressa no campo de visão dela como uma mancha ou uma cicatriz, mas depois desapareceu lentamente.

Bea não sabia distinguir os cervos uns dos outros. Não tinha dado nomes para eles. Seu sentimentalismo era limitado e distorcido, manifestando-se em impulsos curiosos e aleatórios, como alimentar os cervos ou ajudar as crianças a entrarem e saírem da piscina, com uma mão apoiada nas costas escorregadias delas enquanto gritavam e tentavam dar um salto mortal da escada para a água. Bea sentia os membros delas se torcendo em suas mãos, e às vezes tinha medo de que fossem quebrar ou se deslocar, o que a deixava com vontade de gritar para elas pararem de tentar se destruir, para serem boazinhas, para saírem da água porque o tempo havia acabado, odiando esses momentos em que ela se permitia se importar, confiar e se preocupar. O farfalhar dos

cervos mastigando. Bea podia ouvir o pelo deles roçando no interior da tigela de metal, o tilintar da ração, o barulho da tigela na grama quando eles a balançavam com o focinho.

O cervo maior ergueu a cabeça e olhou diretamente para Bea. Ela pôde sentir o peso da inteligência animal dele, refinada por milênios, e o grande desperdício dessa inteligência sendo direcionada a ela. A garganta dela ficou seca. Os outros dois cervos também ergueram a cabeça. As orelhas deles tremeram. Os cascos se moveram pela grama. Eles deixaram o jardim como haviam chegado, silenciosos e com grande propósito, até sumirem. Bea sentiu que podia voltar a respirar.

A luz voltou no quarto de Noah e refletiu na grama como uma toalha de mesa. Bea olhou para trás e o viu na janela. Ele não tinha saído dali, ela sabia agora. Tinha ficado ali todo aquele tempo observando os cervos. Noah ficou ali na janela e Bea ficou ali sentada, e os dois ficaram juntos no escuro olhando os animais. Eles ficaram juntos em uma escuridão vasta como um oceano, olhando, observando. Os cervos sabiam. Eles sabiam e se deixaram ser olhados, recebendo a comida como um pagamento, um tributo. É claro que ela não estava sozinha, Bea percebeu. É claro que não, é claro que não, havia sempre olhos na escuridão, mesmo quando ela não podia vê-los.

Alguém estava sempre observando.

Durante a semana, na biblioteca do Ped Mall, Bea dava aulas particulares de matemática e ciência para os filhos dos professores da universidade. Ela tinha seus trinta e tantos anos, mas parecia mais jovem e podia se passar por uma aluna da faculdade, embora

tivesse se formado há mais de uma década. Os pais dos alunos às vezes estreitavam os olhos e perguntavam o que ela estudava, e ela apenas sorria e dava de ombros, esperando que isso fosse percebido como uma mera idiossincrasia inofensiva.

Nas segundas-feiras, ela dava aulas para um menino meio rechonchudo chamado Shelby, que preferia ser chamado de Bee, embora a mãe dele, uma professora de estudos feministas, o chamasse de Shelly nos e-mails e quando o deixava aos cuidados de Bea. Ele era mal-humorado, mas diligente.

“Meu nome também é Bea”, ela disse.

“Qual é o seu nome de verdade?”

“Bea.”

“Que nome idiota.”

“É, talvez seja”, ela disse, rindo, um pouco chocada com a própria voz. Ela percebeu, de forma um pouco tola, que não falava desde a aula de natação no sábado com as crianças. Isso costumava acontecer. Dias sem falar com outra pessoa, a voz dela esfriando e ficando rouca, cheia de muco, como uma membrana se reconstruindo depois de um trauma. Bee estreitou os olhos para ela e pegou as folhas de exercício. Os papéis eram lisos e brilhantes, como páginas de revista. Bea esfregou o canto de uma folha entre os dedos. Bee tinha a caligrafia apertada e irregular de uma criança que ganhou um celular cedo demais.

“Se você tem quatro bolas e duas são amarelas...”, Bea leu.

“Metade”, Bee resmungou, escrevendo um dois bem grande na parte superior da caixa e um quatro na parte inferior.

“Certo. O.k., e se você adicionar...”

“Você tem namorado?”, Bee perguntou.

“Oi?”

“Você tem namorado?”

“Não, eu moro sozinha”, ela disse. Bee olhou para ela com os olhos castanhos e brilhantes que eram bem separados. Ele tinha cílios grossos e uma boca delicada. Bee a estudava.

“Sua vida deve ser um saco”, ele disse.

“Às vezes.”

“Se você se matasse, alguém ficaria triste?”

“E se a gente se concentrar nas frações?”, Bea disse, alisando a folha de exercícios em cima da mesa. O pescoço dela queimava. Ela podia sentir a eletricidade das luzes zumbindo lá em cima. Bee pressionava o lápis com força na folha, tanto que uma pequena pilha de estilhaços de grafite ficava para trás quando ele escrevia os números.

“Frações são uma idiotice.”

“Também acho”, ela disse. “Mas, quando você aprende frações, você consegue fazer qualquer coisa.”

Bee estreitou os olhos para ela. Ele também tinha a mesma perfeita incredulidade de uma criança que ganhou um celular cedo demais.

“Que idiotice.”

“Tudo é idiota pra você?”

“Não, algumas coisas são o.k.”

“Tipo?”

Os olhos de Bee brilharam, cintilaram. Ele pegou o celular, desbloqueou, e mostrou para ela um vídeo de dez segundos de um soldado lançando filhotes de cachorro de uma encosta. Bea sentiu

uma coisa rígida e amarga se mexendo na garganta dela. Ela levantou bruscamente.

“O que acha de trabalhar mais um pouco nesses exercícios?”, ela perguntou.

“Tá”, Bee respondeu, dando de ombros. “Você é quem manda.”

No banheiro, Bea lavou o rosto. Deixou a água correr nas mãos até ficar quente. Foi doloroso a princípio, depois, não. A respiração dela ecoava. Pensou em não voltar. Mas o dinheiro era razoável, bom, necessário. Ela precisava dele para viver. Bea viu, dentro da própria cabeça, a filmagem granulada do homem pegando os filhotes, aquelas coisinhas pequenas ganindo, e lançando-os no abismo. O verde oscilando sobre o marrom claro, os movimentos vertiginosos. Ela tinha visto o vídeo uns anos atrás. Quando a guerra não era novidade, mas não era tão antiga quanto agora. Ela se lembrava da revolta pública. Ela se lembrava da fúria do reconhecimento de que as pessoas não podiam mais negar a feiura de tudo aquilo. Uma coisa horrível que agora as crianças compartilhavam em pequenos aparelhos.

Bea jogou mais água no rosto. Acalmou a respiração. Voltou para o salão principal da biblioteca e sentou ao lado de Bee. Ele havia terminado metade da folha. Bee não precisava da ajuda dela.

“Bom trabalho”, ela disse em voz baixa, pondo a mão na nuca dele. “Bom trabalho.”

Bee enrijeceu ao toque dela, assustado como um animal, e Bea pôde sentir a coisa viva, trêmula e pulsante dentro dele. Bea pôde sentir a parte dele que não era humana, mas real e viva. Era medo, ela pensou. Medo de que ela pressionasse a cabeça dele na mesa e não o deixasse mais levantá-la. Um reflexo.

Bee terminou uma folha e passou para a próxima. Bea sentiu os músculos do corpo dele relaxando — alívio.

No Ped Mall, as últimas árvores mortas haviam sido arrancadas e substituídas por variedades mais jovens e frescas. Mais resistentes. Bea não reconheceu a espécie de árvore. O ar estava pesado com o cheiro de esterco e fertilizante. Tinham escavado os canteiros e a terra subiu escura e perfumada. Bea se lembrou das florestas de pinheiros. De casa. Do bosque. Ela ficou parada na faixa quente de luz do sol e tentou se livrar da sensação estranha e curiosa de sentir o cheiro de árvores onde não havia nenhuma, não de verdade. Crianças gritando, correndo. Bares na esquina tocando música alta. Televisões transmitindo jogos. Todo um pequeno mundo acontecendo sem ela. O celular tocou.

Era a ligação mensal do pai.

Ele começou abruptamente: “Os esturjões estão morrendo”.

“O planeta está morrendo. Você não ficou sabendo?”

“Você é tão grossa. Masculina. Como a sua mãe.”

“Pelo menos eu sou sincera.”

“A ironia é um hábito péssimo.”

“No século dezenove talvez”, ela disse. O pai dela ficou quieto, estranhamente quieto, e Bea se perguntou por um momento se tinha ido longe demais, se tinha sido muito dura com ele. “Como estão os seus lipídios?”

“Não que você se importe, mas eles estão bem. Meu médico disse que estou com uma saúde de *ferro*.”

“Talvez você viva mais que os esturjões.”

“Não tem graça.”

“A fazenda nem é mais nossa”, ela disse. “Por que você se importa com o que está acontecendo com os peixes?”

“Eles são seus”, ele disse. “Eu me importo porque eles são seus.”

“Não mais. Ei, pai, tenho que ir”, ela disse.

Houve uma pausa. Uma lacuna. E então ele desligou.

Bea respirou fundo. Ela viu, no outro lado da rua, Noah andando rápido. Ele se virou, como que atraído pelo olhar dela, e a viu. Noah estava sob a luz do dia brilhante e escaldante. Bea estava na sombra das árvores. Ele levantou a mão. Ela acenou de volta. Houve um sorriso breve, passageiro, e Bea sentiu o lugar dela mudar ligeiramente na grande máquina calculadora do mundo. Ela foi destacada. Entre todas as pessoas que já viveram, ela foi destacada naquele momento, pois tinha sido vista. Notada.

Bea olhou para cima e viu gansos, mais de vinte, em uma formação suave e cinzenta, subindo mais e mais, seguindo para outro lugar.

Chega, ela pensou.

Economias locais

Fatima trabalha em um café no centro frequentado por alunos da universidade, professores e certo amálgama de moradores locais que às vezes ela chama de *aristocracia sem-terra*.

Os outros dançarinos conversam a respeito de dinheiro em termos tão abstratos e morais que, na verdade, nem estão falando de dinheiro, mas de *sistemas econômicos*. Eles são, em sua maioria, ligeiramente socialistas — a apreensão e distribuição de riquezas, a proliferação de sistemas de auxílio social, uma suavidade geral nas estruturas analíticas do mundo. Fatima pensa no dinheiro em tempo real, de forma concreta: por exemplo, como ela vai pagar a mensalidade da universidade, se alimentar, lavar as meias-calças, pagar as tardes de cinema, a conta de luz, a internet, o aquecimento. O dinheiro é como um animal, instável e ansioso, pronto para sair voando ou morder. E nunca é suficiente.

Fatima prepara expressos e sanduíches. Ela corta os dedos e queima os braços. Limpa o chão e varre o salão. Enche os portaguardanapos e garante que há canudos o bastante. Ajusta as conexões atrás da lava-louças e guarda os copos na prateleira embaixo do balcão, fatia o bolo de banana recém-saído do forno e unta as formas de muffins nas quais despeja a massa branca e pegajosa.

No fim de seu turno, Fatima sai pela porta que dá para o beco e atravessa o campus até o prédio das aulas de dança. No porão cavernoso, ela tira o uniforme do trabalho e veste suas meias-calças. Os cabelos da nuca ainda estão úmidos. Fatima dança com queimaduras na ponta dos dedos e cacos na palma das mãos. Ela dança com cortes e arranhões nos cotovelos e nos braços. Às vezes a massa de alguma coisa gruda nas pontas dos cabelos dela e Fatima só vai perceber horas depois, quando o cabelo já está endurecido como um exoesqueleto. A vida dela é uma série de translações menores entre esses dois modos — o café e o estúdio.

“Mas isso aqui é o *trabalho de verdade*”, um de seus colegas diz para ela certa noite depois do alongamento, já prontos para começar a ensaiar.

“Não sei do que você está falando”, Fatima diz. “Tudo é trabalho, você sabe. Trabalho, trabalho, trabalho.”

“Sim, mas isso aqui é o *trabalho de verdade*”, ele diz com uma expressão tão séria que é doloroso para Fatima olhar diretamente para ele. O colega é magérrimo e loiro, tem músculos firmes e o cabelo cacheado. Ele parece um bonequinho, perfeito e bonito. O nome dele é Cheney.

“Sim”, ela diz, assentindo. “Claro.”

Cheney sorri para ela e depois, com ar de confiança, se aproxima e diz: “Sério, eu acho legal você, tipo, ter um emprego. A *dedicação* — mas eu sei que você sabe que isso aqui é o lance de verdade. *Isso*”. Ele gesticula para o estúdio, apontando para os outros alunos se alongando, se preparando. Fatima segue o movimento dos braços dele. Ela vê o piso manchado, os espelhos imundos. O cheiro do suor deles, de uma dezena de xampus

diferentes, loções, sprays corporais, desodorantes e pomadas. O cheiro de resina. A ressonância ligeiramente irritante do piano — a sala é estreita e pequena demais para o instrumento, de forma que a música ganha uma qualidade estridente e abrasiva. Fatima odeia tudo isso. Ela se ressentida da rigidez de seus músculos. A relutância de seu corpo em se movimentar. A mancha de vazamento que se espalha no teto acima deles. As janelas, totalmente abertas, mas ainda assim deixando pouco ar entrar. O ar-condicionado sempre muito fraco, insuficiente, sempre a ponto de quebrar. Ela odeia tudo isso.

Mas é *isso*, ela pensa, é *isso*.

Fatima e Cheney fazem as aulas de dança moderna ministradas por Ólafur. São doze alunos no total, mas apenas cinco, incluindo Fatima, são orientandos dele. Ólafur supervisiona de perto. Eles estão trabalhando em *Bestial*, a resposta e a meditação de Ólafur à obra seminal de Martha Graham, *Lamentation*. *Bestial* exige que todos eles fiquem deitados de barriga para cima por cinco minutos em perfeito silêncio, apenas se mexendo a partir do movimento da pessoa à direita. Dessa forma, a peça é ao mesmo tempo coreografada e totalmente espontânea. Cada pessoa possui uma série de movimentos que pode escolher de forma aleatória e em qualquer sequência. Mas uma vez escolhido, o movimento não pode ser repetido até o término de toda a série. A liberdade por meio da restrição, improvisações que exploram os ritmos profundos do universo onde tudo é ordenado, definido e completamente livre.

O trabalho de Ólafur é pretensioso e pouco original, mas ao performar as peças dele, Fatima sente como se estivesse se

entregando para algo maior. Não, não *maior*, que denota uma espécie de magnitude. Mas alguma coisa mais *profunda*. Ela sente que está se entregando ao inevitável, como a gravidade ou as forças absolutas das placas de gelo deslizando umas sobre as outras montanha abaixo. Algo que ressoa na coluna do mundo, que passa como eletricidade numa luz crua e selvagem.

Fatima odeia esse sentimento, pois sabe que seria melhor só ignorar Ólafur. Ele é um homem, afinal. Seria mais fácil chamá-lo de charlatão, fanfarrão, bravateiro e pavio curto. Mas quando deita no chão, respira e aguarda a primeira cadência de movimento ao seu redor, ela pode sentir aquela coisa batendo dentro dela como um relógio cósmico.

Fatima dança desde sempre. No começo, dançava para Janet e Deniece Williams na sala de estar dos pais dela na Carolina do Norte. Ela sempre ri quando lembra que começou a dançar como um ato de alegria, efervescência cinética, balanço e movimento, e que, no entanto, recebe como recompensa por essa noção natural de ritmo e equilíbrio aquelas peças sombrias, imersas em uma ordem pseudorreligiosa.

Algumas pessoas acham que a dança moderna pode ser preguiçosa, que não envolve disciplina. Essa é a genialidade da peça de Ólafur. Ela aborda a própria natureza da dança moderna, sua espontaneidade improvisada derivada de uma série de passos dominados e disciplinados. Liberdade por meio da restrição, da revisão. É isso o que caracteriza uma dança realmente boa. A impressão de ser totalmente natural, fácil, mas que, na verdade, é resultado de muitas horas de trabalho dedicadas à compreensão e à articulação das menores unidades possíveis de movimento. É

abstrato e analítico. É sentimental. É assim que Ólafur compreende a dança, e Fatima se ressentida dessa clareza de pensamento. Ainda assim, quanto mais aprende, mais ela acha graça, pois é curioso que tenha ido parar ali, fazendo *isso*. E é engraçado como as coisas aleatórias costumam acontecer, porque nada que é certo faz muito sentido.

A peça começa, e Fatima sente tudo tomar conta dela e se entrega, mergulhando no alívio claro e fresco da dança.

Depois dos ensaios, alguns dançarinos vão para o bar dos poetas no centro, que é melhor que o bar onde os escritores de ficção se reúnem. Os escritores de ficção estão sempre por aí projetando um eu no mundo. O bar deles é escuro e angustiante, e embora eles joguem sinuca e deem risadas ao som da jukebox no fundo do salão, uma espécie de estática permanece no ar. Como um bando de gatos indiferentes e muito ariscos, cheios de ódio e suspeita. Os poetas, no entanto, são barulhentos e animados. Eles se esfregam uns nos outros e batem na mesa. Nesta noite, quando os dançarinos entram, eles estão amontoados em algumas mesas bem lá no fundo e as luzes penduradas acima do balcão dão ao lugar uma espécie de brilho opaco.

Fatima, Cheney, Noah, Daw, Alina, Moira, Eve e Sayaka. Estão todos suados e vivos, carregando o cheiro da rua — cascalho, cigarros, juníperos e jacarandás. O bar está bem quente. Um ventilador instalado na porta da frente, perto do balcão, sopra um ar morno. Noah tira o braço da cintura de Fatima e franze a testa.

“Está uma sauna aqui”, ele diz.

“Para de reclamar”, ela responde. “Você fica feio quando reclama.”

Tem uma mesa nos fundos que comporta todos bem. Eles se amontoam um após o outro. Daw e Moira vão buscar as bebidas. O resto se espreguiça e resmunga. A mesa ao lado vibra com a energia pura dos poetas. Alguns deles, sentados na ponta da mesa, olham para os dançarinos, e Fatima disfarça a vontade de rir. Alina é um toquinho de gente. Ela tem aquela aparência de adolescente mal desenvolvida que algumas dançarinas têm quando se matam de fome ou treinam até a menstruação parar de descer. Eve, do Meio-Oeste, é retangular, robusta, de ombros largos. Parece que tropeçou acidentalmente em um estúdio de dança e nunca achou a saída. Ela tem uma graça desajeitada. Parece ser legal demais, inocente demais para ser uma dançarina, mas ainda assim aqui está ela. Sayaka é de Tucson e tem uma risada alta e chamativa. Às vezes, durante os ensaios ou aquecimentos, era possível ouvir os ossos dela estalando do outro lado do estúdio. Ela é uma dissonância de barulhos. Provoca Noah, afirmando que ele não sabe nada sobre ser japonês. Noah recebe a reprimenda de Sayaka com um dar de ombros passivo e divertido. Hoje, ele está inquieto e irritado por causa do calor. Ele dá uma resposta ríspida para Sayaka, que se ajeita no lugar, e então ouve-se o estalo dos pulsos e ombros dela.

Por cima da cabeça dos poetas, Eve olha para a parede dos fundos, que é cheia de fotos envernizadas de escritores famosos que visitaram a cidade em algum momento. Cheney passa a mão na frente do rosto dela para chamar sua atenção, mas sem sucesso. Ela não está aqui. Fatima conhece muito bem o sentimento. O calor os

atinge, almiscarado e úmido. Tem um ar-condicionado nos fundos, que faz barulho, lutando com todas as forças, mas não é suficiente. Fatima sente vontade de pôr a mão nele como se o ar-condicionado fosse um cavalo cansado para dizer: *Calma, calma, você deu o seu melhor.*

As bebidas chegam — água, uísque, água com gás, latas de cerveja barata. Eles abrem espaço para Daw e Moira. Na verdade, tem gente demais naquela mesa. Faria sentido se um ou dois pegassem cadeiras e sentassem na ponta, como os poetas faziam, mas agora eles já estavam tão acostumados com os corpos uns dos outros, a ocupar o espaço uns dos outros, que é como estar na peça de Ólafur. Eles se encaixam, braço sobre braço, perna sobre perna, o movimento dos joelhos e das coxas. Eles se antecipam, se movendo o suficiente para o outro conseguir beber, erguer a latinha e brindar. Os olhos e as bocas se mexem, absorvendo pedaços de conversas, partes dos rostos, das vozes uns dos outros. A conversa é informal, fragmentada como um verme anelar. Ocasionalmente, Fatima se vê conectada em canais diferentes em momentos diferentes: Daw e Noah estão discutindo... o quê? O namorado de Noah, o cara velho que parece um assassino, Bert. Moira e Eve estão conversando sobre Ólafur, das mãos dele nas coxas e nas costas delas, os ajustes cheios de toques, a brutalidade do olhar dele. Sayaka e Cheney papeiam amigavelmente sobre nada, tão triviais que poderiam estar falando *lorem ipsum*. Alina olha o celular dela, Noah olha o dele, ouvem-se as risadas dos poetas.

Fatima sente um ponto dolorido entre os ombros, uma dor dormente e latejante. Sente essa dor ao se apoiar na madeira da

mesa. E fica mais pronunciada quando ela abre os ombros. Um incômodo pequeno e estranho. Ela franze a testa. Água com gás e limão. Ela bebe devagar, deixando as bolhas se dissiparem pelos lábios, deixando a água esfriá-la.

“Você está quieta hoje”, Daw diz.

“Estou *refletindo*.”

“Que *séria*”, Noah diz.

“Deixa ela”, Alina diz.

“Eu estou bem.”

“Fica de boa”, diz Moira, que está sentada na ponta, ao lado de Fatima. Ela dá de ombros, acariciando o braço de Fatima, que sente uma fisgada no ponto dolorido entre os ombros.

“Vou ficar.”

“Não, sério, o que foi?”, Noah pergunta.

“Nada. Eu vou sobreviver.”

“Bom, não é como se você estivesse escalando a Estação Espacial Internacional”, Eve diz.

“Não mesmo.”

“Deve ser a louça”, Cheney diz de repente. “Você passa o dia inteiro lavando louça no café, e depois vai dançar, deve ser muito difícil.”

“Eu não lavo louça”, Fatima diz laconicamente, mas, sim, ela lava louça às vezes, mas é mais comum ela levar a louça do salão até os fundos em bandejas de plástico para serem lavadas, e de vez em quando, como nos dias em que o café está cheio de alunos da graduação se preparando às pressas e com atraso para as provas, tem muita louça e as bandejas são muito pesadas.

“Claro”, Noah diz.

“Eu acho difícil — é por isso que as pessoas da arte só vêm, tipo, de famílias ricas, sabe? Porque é difícil se dedicar à arte como a gente precisa se dedicar quando a gente tem que, tipo, se sustentar”, diz Eve com a cadência ligeira e suave de um locutor de rádio.

“É isso ou pegar um empréstimo”, Moira diz. “Tipo, meu Deus. Os empréstimos.”

“Barreiras de admissão.”

“Eu li um artigo on-line muito bom na *Salon* ou, sei lá, no *Times*, sobre essa merda aí, e é muito injusto”, Cheney diz. “Mas eu também acho importante ter, tipo, barreiras... como portões. Eu sei, eu sei”, ele agita as mãos para os outros, como que afastando uma horda de protestos.

“Mas, escuta... tipo, os portões dificultam a entrada, certo? Essa é justamente a função de um portão. Mas isso significa que as pessoas que passam por eles — por uma série de motivos, alguns justos, outros não, eu admito — são pessoas que podem fazer isso a longo prazo, que realmente têm algo a contribuir.”

“Que argumento idiota”, Fatima diz. “Que estúpido. Eu não acredito que você me fez perder meu tempo ouvindo você dizer isso em voz alta com a sua boca humana. Meu Deus.”

“Não, não, escuta”, ele diz, encostando no braço dela. “Sim, isso não é moralmente o.k., tá? Tudo bem? Eu sei disso. Mas você tem que admitir, pelo bem da *arte*, que precisamos de profissionais que possam dar tudo pela arte, que possam se comprometer a longo prazo, e, você sabe, eu não estou dizendo que é certo, mas algumas pessoas só... não podem fazer isso. E nós temos que reconhecer.”

Há um ou dois minutos de silêncio na mesa. A música muda. *Trap* com influência country, o que, em um bar cheio de poetas e dançarinos, parece uma piada. Fatima fecha os olhos, sentindo o calor se espalhando por seu rosto. Ela não está com vergonha. Não se sente humilhada. Não. Ela está com raiva. Irritada com a facilidade do argumento, a superficialidade do pensamento. Aqui tudo é pose, bravata, alarde. Fatima sente vontade de puxar a língua molhada de Cheney até ela romper e se enrolar como uma fita métrica.

Alina dá uma risada nervosa. A dor fantasma do ensaio atravessa Fatima como se o seu corpo estivesse transmitindo alguma mensagem para ela em uma linguagem lenta.

“Pois é”, Noah diz. Quando Fatima abre os olhos, ela vê a testa brilhante de Cheney, o brilho nas bochechas dele. Os outros estão frios, distantes, desinteressados.

“Isso é um papinho classista de merda”, Daw diz. “E você sabe disso.”

“Eu não estou dizendo que é certo”, Cheney diz. “Só estou falando uma coisa que é verdade. A verdade nem sempre é moralmente correta. Tipo o racismo.”

“Eu não estou bêbada o suficiente pra ouvir você falando sobre racismo”, Fatima diz. “Eu nunca vou ficar bêbada a esse ponto.”

“Não, tipo, o racismo é ruim, certo? Mas está aí, no mundo. E nós reconhecemos isso, certo?”

“Tem certeza?”, Fatima pergunta. “Isso é um fato? Nós reconhecemos o racismo?”

“A gente não sai por aí fingindo que o racismo não é real. O racismo está aí, tipo, só tem algumas pessoas racializadas no nosso

curso, e, tipo, isso não é o.k...”

“Mas”, ela diz, “você acha que isso significa que aqueles de nós que conseguiram entrar mereceram isso, certo? Tipo, nós somos os poucos escolhidos?”

“Sim, tipo isso”, Cheney diz.

“Meu Deus”, Noah solta.

“Ah, cara, vocês também não acham isso? Lá no fundo?”

“Ativem o centro de vocês”, Moira diz em uma imitação impressionante da voz de Ólafur.

“O centro é a verdade. O centro é a beleza”, Sayaka completa.

Os poetas levantam e saem cambaleando na noite. Eles são uma procissão alegre e faladora, vestindo jeans, nylon e couro. Eles dão uma olhada nos dançarinos, e os dançarinos devolvem o olhar. Há uma tensão enquanto os grupos ocupam desconfortavelmente o mesmo espaço, mas logo o sentimento se dissipa.

“Não parece que todos eles transam com os professores e escrevem poemas ruins a respeito?”, Eve sussurra.

“Você acha?”

“Ah, com certeza. E alguém pode ser poeta sem *sofrimento*, sem *dor*, sem *relações inadequadas e erradas com figuras de autoridade*?”

Fatima ri e pega Noah olhando para ela, não era bem um olhar de súplica, mas também *não* estava totalmente livre de súplica. Ela chegou muito perto de alguma coisa. De alguém. Ólafur, que ela viu saindo do apartamento de Noah um dia, depois da meia-noite, quando ela foi até lá pegar um pouco de maconha emprestada.

Fascinante, ela diz para si mesma. Todo mundo sabe. Ainda assim, é curioso ver Noah tão mexido com isso.

“Um bando de herdeiros”, Daw diz.

“É o que dizem”, Noah responde de forma evasiva.

“Como eu disse”, Cheney conclui. “Eu não estou dizendo que é certo. Mas, caramba, é uma verdade.”

Depois do bar, cada um segue seu caminho. Fatima dá o braço para Noah, mas eles sentem calor e se separam. Eles moram do outro lado da ponte, pelo menos até Noah ir embora para Portland. O curso está terminando. O tempo deles está acabando. Fatima vai passar um tempo no Leste. Os pais dela ficaram felizes com isso. Eles não sabem o que as pessoas fazem em Iowa. E consideram o conceito da dança abstrato e moralmente duvidoso — para eles, a dança é uma coisa que você faz preparando o jantar ou quando está em busca de sexo, atenção, ou homens. Não se constrói uma vida dançando. A mãe preferia que ela estudasse administração ou direito. O pai só gostaria que ela encontrasse um marido bom e estável.

Aquilo que Fatima quer da vida muda todos os dias — às vezes ela pensa que não deseja nada, só ser livre para mudar de ideia a qualquer momento. Ela gostaria de não ter que se preocupar com comida, roupas e contas, uma liberdade material. Mas isso ela não tem. Então vai voltar para a casa dos pais, onde vai trabalhar em algum mercadinho de esquina e juntar dinheiro para se mudar para Nova York. Era tão clichê a ponto de ser enlouquecedor. Todo mundo se muda para Nova York. As pessoas se esforçam tanto economizando só para sofrer e penar e para poder dizer que viveram, que tentaram. Que idiota. Que idiota. Que idiota.

O rio está cheio, alto e oleoso. Uma fileira de edifícios baixos de pedra ao longo da margem projeta uma luz dourada na água. Noah

e Fatima pegam o caminho de pedra no fim da ponte e vagam em meio a esses prédios, espiando o que as grandes janelas exibem. Eles estão na constelação de edifícios que orbitam os prédios de artes, o Art Building West e o Visual Arts Building. O primeiro é uma elegante construção modernista erguida perto de uma encosta alta com os segundo e terceiro andares se destacando em balanço, e o outro é uma confabulação metálica à la Frank Gehry, algumas placas de metal retorcidas e pontos de fuga que se dissolvem. Um par estranho. As galerias são brutalistas, sombrias, mas no ar denso da noite, com as luzes douradas, elas parecem intimistas, silenciosas, meio melancólicas.

Noah pega um cigarro e acende. A fumaça sobe lenta no ar. Pássaros, formas ligeiras e escuras, passam voando, pousando lá em cima. Ouve-se o murmurar constante da água embaixo da ponte.

“Você estava *muito* quieta hoje”, Noah diz. Ele tira alguma coisa da boca com a ponta dos dedos, ainda segurando o cigarro. Ele tem o hábito de pressionar o dedão no lábio superior, onde há uma cicatriz pálida de uma cirurgia de correção de lábio leporino.

“É”, ela diz. “Pois é.”

“Entendi”, ele resmunga. Puxa um trago. O barulho do cigarro queimando. O nariz dele arde. Lá em cima, as árvores se mexem, o vento circula pelos galhos.

“Eu não sei o que tem de errado comigo”, ela diz, dando de ombros. “Eu só me sinto estranha. Não sei o que fazer comigo mesma.”

“E alguém sabe?”

“É, não, talvez não. Mas eu estou sentindo uma pressão muito grande, agora pelo menos”, ela diz. De que forma explicar como ela se sente para aquela pessoa, seu amigo?

“Você está arrependida?”

“De quê?”

Noah para embaixo de uma árvore cheia de nós no tronco. Ele cantarola as notas de abertura do acompanhamento de *Bestial*, e Fatima sente um ponto bem distante dentro dela contrair, em antecipação. Noah suspira, bate as cinzas. Ele olha para cima. Fatima vê os músculos no pescoço dele, a linha rígida de sua garganta, a tensão no canto da boca.

“Eu não... é, como eu posso...”

“Ah, o aborto”, ela diz abruptamente, insensível, como se estivesse falando do corpo de outra pessoa e não do próprio. “Foi um aborto. Você pode dizer.” A tensão no ar se desfaz, amarga.

“Ah, o.k. Você se arrepende do aborto?”

“Não”, Fatima responde. “Não me arrependo.”

“Tudo bem, então.”

“Você não contou pra ninguém, né?”

“Não”, Noah diz, dando de ombros, mas o gesto é duro demais, estranho demais para ser totalmente sincero. “Eu não faria isso.”

“Arrependimento não é a palavra.”

“Qual é então?” Um floreio com o cigarro, as sobrancelhas dele se erguendo.

“Sei lá”, ela diz, porque é a verdade. A ambivalência do sentimento incomoda como uma traição pequena e muito fria.

“Certo. Você não precisa saber. Está tudo bem”, Noah diz, e a gentileza dessas palavras enche os olhos dela de lágrimas.

“Cala a boca”, Fatima diz. “Cala a boca e me dá um desse”, ela estende a mão, e Noah entrega o maço e o isqueiro. O primeiro gosto é amargo, quente, mas Fatima traga. Ela sente prazer nisso. Prazer e calor.

Na manhã seguinte, Fatima se atrasa para o seu turno. Ela é responsável pela abertura. Ainda sente dor entre os ombros. O corpo está rígido e não aquece fácil. Ela limpa as mesas, tira o plástico que cobre os muffins e os doces. O ácido amargo de açúcar processado. Fatima despeja os longos jarros de creme gelado e de leite semidesnatado nos recipientes. Reabastece os grãos e a máquina registradora, desdobrando as notas verdes e úmidas como se estivesse distribuindo cartas. As luzes se acendem piscando lentamente e ganhando vida.

O café está cheio de quadros de pintores locais. Duzentos dólares por uma coisa que parece uma colaboração entre Lisa Frank e Hello Kitty. Trezentos pela pintura de uma fivela. As economias locais. Tudo é muito mais caro perto da fonte. De outra forma, como explicar os ovos de cinco dólares da cooperativa, os dez dólares o quilo da carne de vacas felizes, criadas em fazendas locais, os quinze dólares do peito de frango orgânico, as cervejas de trinta dólares feitas com trigo local. A comida em escala industrial é tão mais barata, o custo de produção assumido pela extensão ilimitada das grandes empresas, enquanto na economia local o custo é assumido pelo consumidor. Fatima limpa o balcão cheio de migalhas dos muffins de dez dólares.

A maldita pretensão de tudo aquilo.

As pessoas já se amontoam na porta, esperando o café abrir. Fatima suspira. Endireita a postura. Supostamente, ela deveria ter ajuda pelas manhãs, mas lá estava ela, sozinha. Abre a porta e as pessoas começam a entrar, reivindicando as mesas e cadeiras de sempre, perto das tomadas disponíveis. Fatima põe uma *playlist* de clássicos suaves e tranquilos. Um chiado estático se ergue no fundo de sua mente.

Fatima anota os pedidos. Faz café. As pessoas sorriem para ela e esperam. Uma fila se forma. Ela olha para cima de onde está, embaixo do balcão, e alcança no fundo da geladeira o leite de soja, de amêndoas, de aveia. Ela se esforça para lembrar quem pediu o que, onde, como e em quais quantidades. Cappuccinos, expressos, coado, água com gás, suco, espremido na hora por favor, não, eu pedi um duplo, com espuma, sem espuma, sem leite, sem açúcar, com açúcar por favor, não, aquele, não *aquele*, ali atrás, isso tem glúten, isso tem albumina, isso tem proteína, torrada de abacate, tomate no pão de centeio, pão de fermentação natural por favor, por que vocês não têm, por favor aquele ali, não, por favor, por favor, por favor.

Fatima sempre fica maravilhada com a forma como as pessoas ocultam a grosseria e o desespero faminto de seus pedidos com palavras educadas como *por favor* e *obrigado*. Tem algo de ameaçador e ácido nessas palavras, como se a própria linguagem a desafiasse a recusá-las. Ela suspira. Limpa o suor da testa. Fatima ainda pode sentir a nicotina de ontem à noite nas gengivas. Ela devia parar de fumar. Mais clientes, *convidados*, se aproximam furtivamente. Jovens com o cabelo bagunçado e tatuagens, como

membros do elenco de uma produção moderna e mais grosseira de *Oliver!*

Não havia ensaio ou aula hoje. O céu está coberto de nuvens escuras, através das quais ela pode sentir alguma coisa vasta e ameaçadora.

Fatima está no pátio do café, fumando. Noah e Daw se apoiam no parapeito. É a primeira pausa do dia. Ela está fazendo uma mais longa. Seu ajudante não apareceu no turno da manhã, e quando finalmente deu as caras, estava com o rosto vermelho, vindo cheio de desculpas. *Desculpa desculpa desculpa*, ele disse. Ele achou que tivesse trocado de horário com alguém, mas não tinha, desculpa desculpa desculpa.

Daw está lendo alguma coisa que parece uma língua estrangeira — está estudando para uma prova de cálculo. Ele é preparado e focado de um jeito irritante. Fatima odeia Daw. Noah está analisando uma ferida nos nós dos dedos. Ele disse que arranhou a mão no teto enquanto trocava uma lâmpada. Fatima não acredita nele, mas ela não conseguiria lidar com a verdade caso fosse alguma coisa mais sinistra. Então deixa para lá.

“Daw vai prestar pra medicina daqui uns dias”, Noah diz.

“Ah, é?”, Fatima pergunta. Ela bate as cinzas no concreto. O mundo tem aquela energia difusa que antecede uma tempestade e que torna tudo exuberante e vibrante.

“Sim”, ele diz.

“Bom, boa sorte.”

“Valeu.”

“Que mau humor”, Noah diz, batendo o quadril no de Daw, que quase deixa o celular cair.

“Para com isso, parece criança”, Daw diz, dando um tapa na nuca de Noah. Fatima está se sentindo muito quente.

“Certo, meninos, chega.”

“Tá bom, mãe”, Noah diz. Fatima sente uma pontada forte de dor. Ela quase arqueja diante dessa crueldade casual e impensada. Ela aperta os lábios para ficar em silêncio, para abafar a pressão repentina e crescente da garganta.

“Merda”, Noah diz.

“O.k., então.”

“O que foi?”, Daw pergunta, estreitando os olhos para os dois. Fatima se inclina, põe a mão sobre os olhos dele e tenta rir.

“Nada, seu nerd.” Fatima sente os cílios longos de Daw lambendo a palma de sua mão. Ela recua. Noah olha para Fatima como se fosse ele o atingido. Ela vai perdoá-lo. Foi apenas uma pequena calamidade. Só uma piada idiota. Só só só.

O mundo era tão pequeno que às vezes isso causava vertigem nela. E isso é tudo. Uma inversão total e precipitada.

Lá em cima, um barulho alto de trovão sacode as janelas e a mesa. O trovão reverbera nela, em Noah e em Daw, e nesse momento tudo se une, vibrando como uma corda dedilhada.

“Já faz umas semanas”, Fatima diz para Cheney quando ele pergunta a respeito do aborto.

“Meu Deus. Você não disse nada.”

“Eu não tinha nada pra falar”, ela diz. “Absolutamente nada.”

“Isso é mentira e você sabe”, ele diz. “Você podia ter me contado. Podia ter dito *alguma coisa*.”

Fatima suspira. Eles estão em uma das salas de ensaio vazias. Os dois vêm trabalhando a série de composições de *Bestial*. Ela continuava errando a transição do chão para a posição em pé, enroscando em alguma batida musical que ela não consegue sentir nem ouvir, se demorando um pouco demais no zumbido oceânico de sua posição fetal. Cheney não parava de dizer: *O que foi, o que foi, por que você não está conseguindo? É o café? É o seu trabalho? Isso é muito mais importante do que servir café, Deus, você tem que se dedicar mais, tem que tentar, tentar, tentar.*

Fatima passou muito tempo tentando e então só deixou escapar: *Não é isso, não é nada disso, eu só estou me sentindo estranha desde o aborto, estou num momento estranho.*

Cheney está suado, andando de um lado para o outro. A sala está muito quente. Fatima quer deixar a porta aberta, mas Cheney a fecha quando ela tenta abrir.

“Mas qual é o seu problema?”, ele diz ofegante. “Por que você não falou nada? Um *aborto*?”

Fatima quase deixa escapar uma risada. Tem um homem gritando com ela em uma sala de dança por causa de um aborto. Tem literalmente um macho gritando com ela porque ela interrompeu uma gravidez. Em Iowa. Parece o tipo de coisa sobre a qual as pessoas escrevem no Facebook, despertando simpatia ou uma fúria coletiva. O tipo de história que se desenrola em uma *thread* no Twitter ou em uma longa legenda de uma foto de rosto triste no Instagram. Imagística, desprovida de qualquer particularidade e especificidade humana — é o tipo de história, o

tipo de coisa que acontece com as pessoas, mas que existe principalmente como uma anedota pronta para o consumo. Um outro tipo de economia local.

“Eu não devo satisfação pra você. Era melhor não ter dito nada. Vamos voltar ao trabalho”, ela diz, mas Cheney segura o braço dela com firmeza. Fatima recua, mas ele aperta mais forte.

“Qual é o seu problema? Você acabou de abortar uma criança e fica agindo como se não tivesse nada de errado? E você não diz nada? Você anda por aí como se estivesse tudo bem, e uma criança *morreu*, Fatima. Uma criança morreu, e tem gente no mundo que quer tanto uma criança ou que tem crianças que sofrem, e você simplesmente se livrou da sua? Meu Deus”, ele diz. Sem revolta. Sem estar consumido pela raiva. É isso o que irrita Fatima. Porque Cheney fala sem parar com a mesma perplexidade que ele expressou ao falar do trabalho dela no café ou das barreiras de admissão, a lista completa de descontentamentos e frustrações com o mundo contemporâneo. Para usar as palavras dele, o que Cheney está vivenciando é uma *raiva estética*, não uma *raiva material*. Estética porque é uma postura. Estética porque não tem nada a ver com o mundo no qual eles vivem. Não tem nada a ver com os limites do corpo dela e com as circunstâncias dela, as opções que ela tem, os objetivos, os sonhos — Cheney está bravo, mas não com ela, não com o que ela fez. Ele está bravo com o *significado* daquela coisa toda, a forma como ela opera. Um sentimento estético.

Fatima vê as pupilas dele estreitando, a boca abrindo e fechando como um pequeno peixe. Ela solta o braço todo suado. Cheney cerra os punhos. Ele é maior que ela. Mais alto. Mas

Fatima não tem medo dele, não de verdade. Só da ameaça do corpo dele. Do significado daquilo. Um medo estético. Cautela comportamental.

“Não encosta em mim”, ela diz. “Você não tem nenhum direito sobre o meu corpo.”

“De quem era?”, ele pergunta.

“Isso não é da sua conta.”

Ele ergue o punho até a testa suada. Os poros entupidos de suor.

“De quem era?”, Cheney pergunta de novo.

Fatima recua, se vira. Ela não vai entrar nisso. As sombras deles refletem no chão. Fatima segura a porta aberta, mas Cheney fecha. Ele pressiona o rosto dela contra o espelho atrás da porta, se aproxima dela. Fatima pode sentir o calor animal e úmido do corpo dele. A pressão. O espelho está enebado e sujo. Fatima sente a sujeira da própria pele, o próprio suor. Ela pressiona as mãos no espelho, mas não consegue encontrar apoio e escorrega ainda mais.

“Me solta, Cheney”, ela diz. “Agora.”

“Você é uma vadia de merda”, Cheney diz. Ele está com as mãos no quadril de Fatima. Ele enterra as unhas no começo das coxas dela. “Certeza que você nem sabe de quem era.”

Fatima respira fundo. O cálculo — se ela resistir, lutar, se proteger, o que isso custará para ela? As pessoas sempre dizem *Eu teria dado um chute no saco dele*, *Eu teria lutado*, mas elas só pensam no próprio momento, no instante da abordagem, da agressão. Elas não pensam em todos os minutos seguintes, as horas de uma vida à

espera de retaliação. Sempre há retaliação para as mulheres negras. Elas nunca estão seguras.

Mas agora, neste momento, sem saber se Cheney iria soltá-la ou fazer alguma coisa pior, Fatima pensa que tem que tentar. Ela tem que fazer o que pode. Fecha os olhos. Cheney solta o peso do corpo em cima dela. O fedor do hálito dele. Fatima dá um chute rápido e forte para trás. Ela sente que Cheney foi muito lento, que demorou demais para fechar as pernas e se proteger. Ele cai. Fatima se vira. Lá está ele, caído no chão aos pés dela. Lá está ele, vulnerável, se abraçando, como na primeira pose de *Bestial*.

Quando Fatima denuncia Cheney, Ólafur diz que foi um mal-entendido.

“Cheney disse que vocês dois estavam discutindo e que ele se exaltou um pouco. Os sinais, você sabe. Eles se confundem.”

“Não teve confusão nenhuma”, Fatima diz. “Cheney me prendeu, jogou o peso dele em cima de mim. Ele me agrediu.”

“*Agressão* é uma palavra violenta”, Ólafur diz. Os dois estão no escritório dele no terceiro andar do prédio de dança. É um lugar pequeno e apertado, mas há fotografias em preto e branco de Ólafur em diferentes papéis no decorrer dos anos. Fatima observa as veias bonitas nos braços dele, os gestos graciosos com os quais ele dispensa a denúncia dela.

“Mas *foi* violento. Foi mesmo”, ela diz.

“Sim, mas Cheney é que foi parar na enfermaria. Ele ficou bem machucado lá embaixo. Francamente, ele está muito chateado que você tenha interpretado dessa forma.”

“Bom, eu estou chateada porque ele tentou transar comigo contra a minha vontade. Então eu acho que nós dois temos que lidar com isso, certo?”

“Cheney diz que não fez isso. Eu tenho que levar a palavra de vocês dois em consideração, mas foi ele que saiu machucado, querida.”

Fatima fica indignada. Involuntariamente, ela se lembra da textura da palma da mão de Ólafur no pescoço dela, a mão dele entre as coxas dela. Um frisson de prazer indesejado, uma recordação inconveniente. Ólafur levanta e vai sentar na ponta da mesa, diante de Fatima.

“Olha só”, ele diz. “Certo, então, digamos que a coisa saiu do controle. Está tudo bem. Você pode mudar de ideia. Sem problema, sem culpa. O que acha?”

“Ele me agrediu”, ela diz.

“Se aproximar de alguém não é agressão”, Ólafur diz, olhando de cima para ela. Fatima resmunga, recua na cadeira e cruza as pernas. Ela está atrasada. O turno começa em quinze minutos, e ela não tomou banho nem se arrumou. Ela tem que ir. Ólafur se inclina para a frente, apoia as mãos nos braços da cadeira dela. Fatima sente o cheiro da loção pós-barba dele, vê os olhos ligeiramente vermelhos — a noite tinha sido longa. “Eu não quero meus patinhos brigando, o.k.? Só façam as pazes e se comportem.”

“Claro”, ela diz. “Claro, claro, claro. Posso ir agora?”

Há um silêncio momentâneo. Fatima não tem certeza se Ólafur vai dizer sim. Ela não sabe se ele vai tocá-la. Há um momento em que tudo é possível. O ar entre eles esquenta, se agita com eletricidade. Parece que alguma coisa fora do comum e irrevogável

está prestes a acontecer, como se a mão azul e liquefeita do divino estivesse prestes a atravessar o vácuo do mundo e tocá-los, marcá-los de formas estranhas e terríveis. E talvez seja isso o que vai se desenrolar. Talvez seja isso o que acontece quando você recorre ao mundo por algo que se passou com você e o mundo responde sim, tudo bem você ir, como se você não passasse de uma criança irritante sendo dispensada.

Fatima aprende sobre ela e Ólafur neste momento. É uma coisa da qual ela só suspeitava, mas que agora sabe com muita certeza: ela tem que sair daquele lugar e nunca mais voltar.

“Se você quiser”, ele diz. “Pode ir.”

A caminho do café, Fatima vê um bando de gansos no céu. Eles voam na direção oposta, voltando para o rio. Parecem tão tranquilos. Tão livres. Eles voam compondo a mesma formação, mas todos são diferentes, cada um tem um papel a desempenhar. União espontânea. A coreografia de bandos e rebanhos. Fatima fica parada na esquina esperando o sinal abrir, e os gansos passam por ela, mergulhando por trás dos prédios para pousar no rio.

Ela atravessa a rua. O calor aumentou, indomável e furioso, queimando a pele dela. As ferroadas do sol. Ela está andando o mais rápido que pode.

No café, assume a tarefa de picar os legumes. Salsão, cenouras, pimentões. Ela corta as cabeças dos brócolis e observa enquanto elas rolam pela tábua de plástico. Fatima está nos fundos, suando na camiseta fina, sentindo as alças do avental marcando a pele dos ombros. Na estação ao lado, Hal, o lavador de pratos, está enxaguando os copos e os pondo para secar no escorredor. Hal olha

para ela, sorri e volta para a louça. Fatima fica aliviada quando Hal desvia o olhar, aliviada por ele não ter pedido nada a ela.

Depois de um tempo, ela joga os restos dos legumes na composteira embaixo da pia. Enxagua as mãos e pega na geladeira um pouco da gordura do presunto que ela havia cortado para os sanduíches da vitrine. Fatima a põe em um pratinho e sai com ele pela porta lateral, no beco. Ela o leva até o chão e espera agachada, procurando pelos gatos de rua que moram ali. Eles se aproximam silenciosos, saindo sorrateiramente das sombras, e ficam perto da lixeira, observando Fatima, aguardando para ver se ela vai embora para deixá-los em paz. Fatima levanta, limpa as mãos no avental e começa a se afastar. Os gatos são pequenos, brancos de orelhas pretas e rabos inquietos. Eles atacam a gordura de presunto, comendo vorazmente. Vê-los se alimentando faz Fatima sentir uma satisfação letárgica.

O gerente disse que ela não devia alimentar os gatos, pois faz com que os bichos fiquem dependentes das pessoas e perambulem por ali, o que não é bom. De qualquer forma, ele não está lá, mas os gatos estão.

De volta ao café, Fatima lava as mãos na água fervente da torneira. Sabão industrial. A pele ao redor da unha está descascando. Fatima ouve seu nome sendo chamado lá na frente e vai ver quem está *solicitando sua presença*.

Daw e Noah.

“E aí?”, ela pergunta abaixada no balcão onde eles apoiam as bebidas e os pratos prontos. O café está em silêncio, sem movimento. Todo mundo está satisfeito.

“A gente ficou sabendo”, Noah disse.

“Foda-se ele.”

“Ah”, ela diz, envergonhada. “Ah, tudo bem.”

“Não”, Noah diz, irritado. “Não está tudo bem.”

“O mundo vai acabar daqui a pouco de qualquer jeito”, Fatima diz, dando de ombros. “A graduação. Não vale a pena.”

“Você denunciou o cara?”

Fatima assente, já cansada com a perspectiva de ter que contar tudo de novo. “E só pra constar, não deu em nada.”

“Sinto muito”, Daw diz.

“É, eu também.” Fatima se apoia no balcão, embora tenha sido instruída a não fazer isso. Tem um grupo grande no outro lado da rua. Fatima vê as pessoas se aproximando. Um pouco de movimento é justamente o que ela precisa.

O outro caixa está bebendo um *smoothie*. Furtivamente.

“Isso não é certo.”

“Vocês vieram até aqui pra me dizer isso?”

“O quê?”

Noah parece aflito. Daw recua um pouco.

“Vocês vieram até aqui só pra me dizer que não é certo? Só pra constar que vocês disseram que não é aceitável me tratar daquele jeito?”

“Fatima”, Noah diz.

“Não, é sério. Eu sei que não é certo. Vocês sabem que não é certo. O mundo inteiro sabe. Mas por que vocês vieram até aqui me dizer isso? No meu trabalho?”

“Eu só queria ajudar”, Noah diz.

“Ah, sim. Bom, obrigada. Muito obrigada. Ajuda recebida.”

O olhar de Noah é vazio e sombrio. Daw suspira e põe a mão no ombro de Noah, puxando-o.

“Vamos”, ele diz. “Vamos embora. Está tudo bem. Vamos.”

Noah balança a cabeça e se deixa levar.

“Dois cappuccinos, sem espuma”, o outro caixa diz, deslizando o recibo no balcão para Fatima. Ela se sente mal agora. Ela se sente péssima por ter dito aquilo para Noah. Estende a mão, antes que ele esteja totalmente fora de seu alcance, e agarra os dedos dele, os apertando.

“Desculpa”, ela diz.

“Eu sinto muito”, ele diz.

Ela prepara os cappuccinos, *lattes* e chás de rooibos. Fatima apoia as bebidas no balcão, chama os nomes, espera alguém vir pegá-las. Suspira quando sua missão é cumprida. Os ombros dela doem, as costas estão ensopadas de suor.

Ela ouve a voz de Noah mais uma vez. *Eu sinto muito.*

Fatima estica o pescoço até estalar e vai sentar nos fundos. Ela fica no celular lendo artigos aleatórios acerca de crises e mais crises, morais e ambientais.

O celular vibra e ela vê, no alto da tela, uma mensagem de Cheney:

Sem ressentimentos

Altruísmo, empatia, paixão e dor

Eles viajaram em dois carros durante dois dias de Iowa até as montanhas Adirondack, e quando chegaram, subiram as escadas da casa e caíram em um sono tenso e irregular. Todos menos Daw, que não conseguia dormir naquela casa e ficou acordado como um cão de guarda vigiando o corpo dos outros.

Pela manhã, levaram cafés e chás para o terraço, onde tinham uma vista para a floresta de cedros e o lago ao longe. O ar estava frio e tomado por uma névoa luminosa que, por um momento, pareceu tão bonita — longe da paisagem dura e desolada do Meio-Oeste — que todos ficaram atordoados, em silêncio e soltando uma ou outra risada nervosa. A névoa se intensificou com o passar da manhã, até se transformar em uma chuva suave da qual eles não tentaram escapar. Mas Daw foi até a pequena manivela ao lado da porta de correr e girou, desenrolando com uma série de rangidos, uma grande cobertura para o terraço. O toldo se abriu como uma asa lenta e artrítica, e estavam todos seguros, apesar de surpresos que a chuva tivesse substância suficiente para deixá-los molhados e com frio. Não parecia nada, diziam. Até se abrigarem, eles não tinham notado o volume da chuva. Daw adentrou a escuridão morna da casa, em busca de uma toalha e uma troca de roupa, já arrependido de tê-los levado até lá.

Eles eram em seis, incluindo Daw: Noah, Fatima, Ivan, Goran e Stafford.

Todos se dispersariam depois de formados. Noah iria para Portland. Fatima para a Carolina do Norte e em algum momento, ela esperava, Nova York. Ivan e Goran também iam para Nova York, juntos, mas morariam separados. Stafford tinha recebido uma bolsa em Vermont. E Daw passaria um ano no interior de Quebec, como auxiliar em pequenas clínicas. Noah insistiu que eles fizessem aquela viagem para passar um tempo juntos antes de saírem pelo mundo e se tornarem seus “eus” verdadeiros. Daw ficou tão comovido pensando na viagem como um acontecimento que dividiria a sua vida em dois momentos que foi estúpido o bastante para mencionar a casa do lago para Noah, que ficou em cima dele até ele concordar em perguntar aos pais se poderia usar a casa por uma semana, por aí, e eles disseram sim, surpresos com o pedido, porque Daw raramente pedia alguma coisa, e eles quase nunca visitavam a casa do lago.

A casa ficava em Lake Placid, apesar de estar a uns oitocentos metros do lago em si. Quando Daw era bem novo, com uns quatro anos, os pais levavam ele e a irmã Celia para lá no verão e nos fins de semana no outono. Eles foram felizes ali.

Mas um dia de outono, no fim de outubro, sua irmã foi sequestrada na estrada a caminho de casa, voltando da biblioteca. Ela tinha oito anos. Era uma menina feliz e esperta. Às vezes, Daw não conseguia se lembrar da voz ou do rosto dela. Em outras, só conseguia se lembrar de fotos e de gravações que tinha ouvido. Daw se lembrava de lembrar dela, e foi essa memória difícil e artificial que enraizou bem fundo dentro dele, assim, apenas em

momentos breves e silenciosos é que sua mente tocava a verdadeira memória dela e ele ficava dilacerado mais uma vez. Não houve corpo. A irmã dele foi arrebatada e nunca mais voltou.

Daw encontrou as toalhas na lavanderia. Sua mãe tinha ido até lá uns dias antes para preparar a casa para eles. Daw quase sentiu um calor residual no algodão, mas não estava mais lá. As toalhas estavam frias e duras. Ele as levou para os outros no pátio.

Estavam todos apoiados no parapeito, estendendo as palmas para a chuva. Eles riam e se empurravam. Noah se esticou e se inclinou para fora o máximo que pôde, balançando sobre as árvores abaixo em um momento de húbris insensata.

“Desce”, Daw disparou, “desce daí agora.”

O rosto dele corou. Ele jogou as tolhas na cadeira vazia. Noah se virou e olhou para ele sorrindo.

“Relaxa, pai”, disse.

O peito de Daw doía. Os outros também se viraram e olharam para ele, e Daw se sentiu horrível, como se todos estivessem de um lado e ele, do outro. Mas Daw não podia culpá-los. E não culpou.

Ele quis que todos escorregassem e caíssem, porque assim pelo menos entenderiam.

No começo da tarde, Daw e Noah dirigiram até o mercado na velha perua dos pais dele. Os bancos estavam rachados. A parte de trás estava cheia de baldes, equipamentos de pesca e toalhas podres e ressecadas. Noah pegou um romance de capa desbotada embaixo do banco. Ele leu as primeiras páginas.

“Jesus, onde você achou isso?”, Daw perguntou. O carro era lento e pesado. Os freios soltaram um ganido cansado na placa de

“pare”, no fim da entrada. Daw dirigia com os ombros bem curvados.

“Não sabia que você era um nerd de histórias de fantasia”, Noah disse, folheando as páginas. Daw ficou tenso.

“Eu não era.”

“Ah, claro”, Noah riu e abanou Daw com o livro. Daw deu um tapa na mão dele, quase saindo da estrada.

“É sério”, Daw disse, e Noah se recostou no banco com o romance nas mãos. Ele leu mais algumas páginas, então Daw se inclinou e ligou o rádio para não ouvir a voz dele. As ondas de rádio arranharam o ar, procurando sinal, e trechos de músicas e notícias entravam e saíam de sintonia. Ele conferiu a estrada e voltou a olhar para baixo, mexendo nos botões, sem lembrar muito bem quais estações tocavam música, qualquer tipo de música, para abafar a voz de Noah. Mas Noah continuava lendo, e o carro desviou ligeiramente na direção do acostamento, e era muito difícil para Daw fazer todas essas coisas ao mesmo tempo, girar os botões empoeirados, guiar o carro, ouvir Noah, tentar não ouvir Noah, com o coração dele batendo mais forte e mais rápido o tempo todo porque o romance não era dele, ele nunca tinha visto aquele livro antes, e o que mais temia, mais que tudo, era que tivesse pertencido à irmã dele.

“Cuida do rádio”, disse por fim e se endireitou. A testa dele estava suada. Havia um nó de tensão entre os olhos dele. Noah o estudou cuidadosamente e obedeceu. Com uma facilidade que Daw ressentiu, Noah encontrou a estação na hora, e a voz de John Cougar Mellencamp preencheu o carro. Depois de pegar embalo, a perua começou a deslizar sem dificuldade pela estrada.

Noah escorregou o corpo e apoiou os calcanhares no banco. As páginas soavam enquanto ele folheava o livro. Daw ligou a seta. Eles seguiram em frente sem conversar. O rádio estava muito alto. Daw tinha aumentado o volume, mas agora Noah estava em silêncio e as janelas tremiam. Ele desligou o rádio.

“Então, qual é o problema?”, Noah perguntou.

“Acho que a fraldinha está em promoção.”

“Ah, que bom.”

“Posso fazer um cozido.”

“Adoro carne cozida.”

“Hmm”, Daw murmurou. Noah fechou o livro, marcando as páginas com o dedão, e se virou, olhando diretamente para Daw. Cruzamento de parada obrigatória. O carro deu um solavanco quando Daw pisou no freio. Ele olhou para os dois lados. Nada, ninguém em lugar nenhum.

“Você não precisava ter topado. Podia ter dito não”, Noah disse.

“Não pra quê?”

“Pra viagem. Você não precisava deixar a gente usar a casa. Se você...”

“Ah, cala a boca”, Daw disse. Eles tinham chegado no mercado. Era uma construção amarela e desbotada, mais comprida que larga, com detalhes azuis e um telhado em mau estado.

“Tá, beleza, mas se for pra você ficar assim a semana toda...”

“Assim como?”

“Assim. Desse jeito aí, e tudo bem, certo, eu entendo, mas, cara.”

Daw apertou o couro do volante com todas as forças. O para-brisa estava imundo, cheio de folhas, galhos e outras matérias

vegetais mortas presas nos limpadores. Daw tinha aprendido a dirigir naquele carro no jardim dos fundos dos pais dele em Connecticut, rodeando as árvores. O sol tinha amolecido e endurecido o revestimento de couro. Daw passou o dedão ao longo da borda do volante.

“O.k.”, ele disse, como se isso resolvesse tudo, e abriu a porta. “Vamos.”

O mercado era frio, escuro e cheirava a mofo. As portas das geladeiras estavam tão velhas que quase não ofereceram resistência quando Daw as abriu. Eles empurravam um carrinho com uma roda que rangia. Eles o encheram com peixes, fraldinha, pão branco barato, manteiga, geleia, mais café. Compraram um picolé de limão e dividiram ao meio. Chupavam o picolé enquanto empurravam o carrinho enferrujado pelos corredores. Os vegetais e as frutas estavam moles e murchos, mas compraram cenouras e ervilhas. Noah pegava ervilhas-tortas para experimentar, mordendo, mastigando e fazendo cara feia. Eles também compraram frutas. Cereais, granola, aveia.

“Você lembra se tinha sabonete? Você trouxe?”, Daw perguntou.

Noah estava agachado, inspecionando uma prateleira baixa com absorventes, camisinhas e exatamente três kits para permanente.

“Não lembro”, ele disse. “Você trouxe?”

“Não”, Daw disse, franzindo a testa. Ele segurava um pote de xampu que pesava como uma criança pequena. “Será que levamos?”

Noah deu de ombros. “Acho que sim, né? Você acha que alguém trouxe?”

“Eu achei que tivesse sabonete aqui. E não faço ideia se a minha mãe deixou algum quando veio arrumar as coisas.”

“Hm”, Noah disse. Ele pôs o dedo no queixo e levantou.

“Isso custa dez dólares”, Daw disse. “É tão caro. E nem é... é um xampu barato.”

Noah riu.

“Você acha que eles vão se importar de usar sabão em barra?”

“Tipo, uma barra por pessoa? Imagina? Eles vão largar tudo na banheira.”

“É só desenhar as iniciais no sabonete.”

“É, aí o sabonete molha e some tudo”, Daw disse, suspirando. “Acho que a gente pode levar isso. Só por precaução.”

“É muito pra uma semana.”

“Nós estamos em seis.”

“É, acho que sim.”

Daw pôs o pote enorme de xampu e mais um outro de sabonete líquido no carrinho e empurrou. Noah ficou ali no corredor, chutando a prateleira mais baixa.

“Vamos?”

“Já vou.”

“Você vai fazer permanente ou o quê?”, Daw perguntou.

“Não, eu estava pensando... Ah, esquece.”

“Você não trouxe camisinha.”

“Não, não trouxe”, Noah disse com uma risada forçada.

“Você tem planos?”

Noah estreitou os olhos para ele, sem exatamente fazer cara feia.

“Cuida da sua vida”, Noah soltou, mas então disse com mais gentileza: “Não, não tenho. Mas quanto mais a gente planeja, você sabe”.

E Daw sabia, ou pelo menos achava que sim. A aleatoriedade, as mudanças de maré do desejo. O sexo, tão aleatório quanto um relâmpago em um céu azul. Noah não procurava tanto, mas o sexo vinha até ele como um cachorro ansioso querendo carinho. Daw suspeitava que Noah tinha dormido com Goran, Ivan e com Stafford. Mas ele não tinha certeza porque podia só ser a tensão no ar. Isso podia acontecer com os homens. Havia sempre alguma coisa queimando e ameaçando combustão. Daw assentiu.

“Claro”, Daw disse. “Eu sei. Pega as camisinhas se quiser.”

Noah suspirou obviamente aliviado. Daw suspeitava que Noah estivesse inseguro de verdade em relação ao seu compromisso com a semana, com a amizade deles. Comprar as camisinhas, uma caixinha azul muito mais leve do que poderia ser, representava... o quê? Uma proposta, um plano, uma sugestão concreta do que poderia acontecer, se não entre eles, pelo menos entre todos eles, incluindo Fatima. Noah jogou as camisinhas no carrinho e deu um beijo breve e molhado na boca de Daw. Ele sentiu desejo, e mais do que isso, se sentiu em paz. Daw abraçou a cintura de Noah, puxou-o para perto e eles se beijaram de novo — foi tão inocente e puro que poderia ter sido um beijo de família, um beijo de amor, um beijo que dizia *eu aceito você como você é*, um beijo que afirmava *eu desejo o melhor pra você*. Noah abriu um grande sorriso, deu um tapinha na bochecha dele, e os dois voltaram a empurrar o carrinho pelo corredor, tomando o picolé pelo qual não haviam pagado.

Fatima estava sozinha no terraço quando eles voltaram. Os outros tinham decidido dar uma volta na vila. Ela disse que estava cansada da viagem de carro. Tinha trazido um saco de pêssegos do Missouri, pálidos e firmes, firmes demais para comer, mas ela estava com fome, então estava sentada ali com os pés em cima da cadeira, comendo os pêssegos, quando eles chegaram.

Noah a abraçou como se estivessem separados há anos e anos, e não pela hora que levou para irem ao mercado. Ele se juntou a Fatima na mesa e sentou com a cabeça apoiada no ombro dela. Eles estenderam as mãos, chamando Daw, e ele ficou parado na porta, pensando que deveria se juntar a eles, mas também atravessado por uma sensação ruim que lhe dizia para não ir.

“Não”, ele disse. “O jantar não vai se fazer sozinho.”

“A gente tem tempo pra isso”, Fatima disse, gesticulando o ar como se isso pudesse fazer Daw ficar mais favorável às demandas dela.

“Mas, se não for eu, quem vai cozinhar?” Daw saiu da porta, avançando para o terraço. Noah fechou os olhos. Eles baixaram os braços.

“Você está bem?”, Fatima perguntou. “De verdade?” Foi uma pergunta suave, gentil, mais investigativa do que acusadora.

“Não estamos todos bem?”

“Não. Não estamos.”

“Que pena”, Daw disse. O céu ainda estava nublado, e havia um brilho quase metálico nas nuvens. “Eles vão ficar ensopados se não voltarem logo.”

“Eles são bem grandinhos”, Fatima disse, aceitando a evasiva dele como resposta.

“É cada um por si.”

“Tipo isso”, Noah disse, bocejando. Fatima ofereceu um pêsego para ele e Noah deu uma mordida. As palmas de Daw estavam quentes e úmidas.

“Eu ajudo você”, ela disse, levantando.

“Não, não precisa”, Noah e Daw disseram. Noah abraçou Fatima mais forte.

“Para de ser besta”, ela disse, dando um tapinha na testa de Noah. Para Daw, ela não disse nada. Fatima passou por ele, entrando na casa. Daw deu de ombros. Noah deitou de barriga para cima na mesa, comendo o pêsego e protegendo os olhos com o braço. O moletom dele subiu, revelando um pedaço de pele. Uma brisa fria e úmida, com cheiro de cedro, soprava das árvores.

Na cozinha, Daw e Fatima lavavam os vegetais. Havia uma mistura de verduras, nabos e tomates pequenos e machucados. E cenouras. E as ervilhas. A pia era larga e funda, com duas torneiras e espaço suficiente para os dois. Eles os enxaguaram e os depositaram em cima do balcão, onde a água empoçou e escorreu pelas laterais, nos pés de Daw, já sujos da poeira do chão.

Carregando o grande maço de couve como um buquê, Fatima foi separar as folhas no terraço. Daw pôs os filés de peixe na água morna e os deixou ali boiando.

“Parece bom”, ela disse, olhando por cima do ombro dele. “Stafford não é vegetariano?”

“Temos vegetais.”

Fatima riu.

“Será que eu faço uma berinjela? Seria muito estranho?”

“Ele vai sobreviver”, ela disse.

“Agora estou me sentindo mal.” Daw tirou a grande tigela de metal da pia e apoiou no balcão. O chão estava espetacularmente molhado agora. Daw quase escorregou.

“É cada um por si”, ela disse. Daw riu. Fatima riu.

“Ah, sim, o altruísmo. É a primeira coisa que a gente desconsidera.”

“Altruísmo, empatia, paixão e dor”, ela disse. “Nessa ordem.”

Daw encheu um copo com água. “São as virtudes de Ólafur, né? As últimas três.”

“É, são.”

“Por que a dor vem por último?”

“Porque com a dor”, ela disse, “a gente sempre pode encontrar um caminho para as outras duas.”

“Ele é tão ridículo.”

“É, mas nem sempre ele está errado”, Fatima disse com uma nota de resignação e tristeza em sua voz.

Ólafur era alto, severo e propenso a divagações filosóficas sem sentido. Na primeira aula, ele ficou em pé na frente da sala perguntando para eles quais eram os traços mais importantes que um dançarino deveria cultivar, quais atributos que faziam da dança uma *arte*. Daw se lembrava de ter pensado em flexibilidade, noção musical, força, energia. Ele tinha pensado em termos de domínio técnico e limites físicos, a realidade concreta do corpo de um dançarino, a quantidade finita de *pliés* e saltos que você podia completar, pousando em segurança. As articulações tinham uma vida limitada, havia restrições naquilo que as pessoas podiam oferecer. Daw pensou nos seus limites, nas fronteiras de sua vida na dança, naquilo que o tinha levado até ali. Mas então Ólafur

virou de costas e apoiou as mãos na barra, balançando a cabeça. Ele declarou todos ali como perdidos e disse: *Empatia, paixão e dor. Acima de tudo, você não é um artista se não sentir empatia, paixão e dor. Vocês devem buscar isso. E encontrar. Pegar pra vocês.*

“Que ridículo”, ele disse. A água estava gelada. Ele dispensou o restante dos vegetais na pia.

“Eu também pensei isso, mas, sei lá, eu acho que faz algum sentido.”

“Eu acho que é só um monte de bobagem.”

“Você está triste por desistir da dança?”

A pergunta o surpreendeu.

“Um pouco”, Daw disse. “Mas acho que não diria que estou triste.”

“Goran diz que Ivan ainda está triste por ter desistido.”

“Ah, mas é diferente. Ele não teve escolha.”

“Certo”, ela disse. “Ele não teve. E você tem. Então tem alguma agência aí, eu acho. Mas ainda assim é uma grande mudança.”

“Não foi uma decisão aleatória.”

“Eu não disse isso. Eu só quis dizer que deve ser difícil. Certo? Desistir.”

“Eu acho que você é que devia fazer medicina”, ele disse. “Você daria uma boa psiquiatra.”

“Eu só estou tentando ajudar.”

“Eu não preciso de ajuda.”

Daw lavou as cenouras, que já estavam limpas, e Fatima ficou em silêncio. Mas Daw estava inquieto e irritado, e disse: “Ivan vai trabalhar com investimentos. Do que ele está reclamando?”.

“As pessoas têm as mágoas delas”, Fatima disse num tom suave. Ela estava fatiando e dispondo os tomates na forma para assá-los. O sal soou como granizo ao bater na assadeira.

“Acho que vou sair pra comprar as berinjelas”, ele disse.

“Eu não quis causar nada aqui, desculpa”, ela disse.

Daw sorriu para ela e disse: “Sem ressentimentos”. Fatima empalideceu. Ela recuou, balançando a cabeça.

“Você é um idiota às vezes”, disse. “Demais.”

Fatima foi se juntar aos outros no lago. Daw ficou na cozinha, secando as coisas.

Daw se arrependeu de ter dito aquilo no momento em que saiu da casa e pisou no caminho de cascalho. *Sem ressentimentos* foi o que Cheney disse na mensagem que enviou para Fatima depois de tê-la assediado durante um ensaio. Depois de Fatima ter feito a denúncia. *Sem ressentimentos* significava que havia ressentimentos. Foi cruel e infeliz da parte dele jogar isso na cara dela.

Ele mais uma vez pensou que foi um erro ter levado as pessoas para aquela casa. Foi um erro ter pensado que eles poderiam passar bons momentos ali.

Daw sentou no último degrau nos fundos da casa e apoiou a cabeça nos joelhos. Tentou respirar. O vento tinha cheiro de chuva e de alguma coisa queimando. Como carvão e fluido de isqueiro. Quando se cansou de seu mau humor, levantou. Passou pelo carro e pegou a trilha de terra que atravessava o bosque e dava na vila e no lago. Ele iria até o mercadinho da vila comprar as berinjelas e voltaria quando aprendesse a ser humano de novo.

No canto do jardim, antes da linha das árvores, havia uma casinha de plástico na qual ele costumava brincar quando criança, antes de vespas construírem um ninho ali e picá-lo. Foi o último verão que eles passaram naquela casa, dois anos depois da irmã dele desaparecer. Era estranho pensar naquela época agora, porque parecia que eles tinham parado de ir à casa do lago depois do desaparecimento, mas na verdade eles insistiram por mais dois anos. Os pensamentos dos pais eram opacos para ele, misteriosos e enigmáticos.

Esses dois anos ficavam bem no limite de sua memória. Daw se lembrava de alguns poucos detalhes específicos, além da casa de brinquedo e do cheiro do carro. Todo o resto era cinzento e vago, sujeito principalmente à intensidade de sua atenção. Mas ele se lembrava do ano em que eles pararam de ir à casa com frequência. Ele se lembrava das picadas terríveis de vespa nos braços e nas costas. Lembrava da mãe colocando panos frios em seu corpo, segurando-o firme enquanto ele chorava. Daw se lembrava até da chuva do fim da tarde e do pai colhendo pepinos no jardim para uma salada, o peso dos passos dele na casa, tão silenciosos e estranhos. Mas agora, parado com a mão no telhado da casinha, no plástico quebradiço e desgastado, não conseguia se lembrar por que eles continuaram indo até lá, como conseguiram continuar a ir.

Os outros já voltavam quando Daw estava na metade da trilha entre as árvores. Eles estavam molhados e tremendo. Ivan estava com o braço ao redor do pescoço de Stafford. Estavam sem camisa por baixo de jaquetas corta-vento e shorts de lycra. Pareciam adolescentes de um time de natação, desgrenhados e de pernas compridas. Os passos longos e irregulares de Goran o destacavam.

Os óculos dele estavam embaçados. Stafford estava compacto e apagado entre os dois.

“Olha só vocês”, Daw disse.

“Olha só a gente”, Stafford respondeu. Eles pararam diante de uma grande raiz exposta que separava o grupo de um lado e Daw, do outro.

“Eu estava indo comprar umas berinjelas para o jantar.”

“Ah”, Stafford exclamou, “não precisa se preocupar, fica tranquilo.”

“Não, tudo bem”, Daw disse. “Só vou até a vendinha ali embaixo.”

“Não precisa.”

“Não tem problema.”

Ivan tirou o braço de cima dos ombros de Stafford e pulou sobre a raiz. Goran o seguiu. Stafford apoiou o pé numa raiz grossa.

“Tudo bem pra mim comer o que os outros vão comer.”

“É peixe-espada.”

“Eu como peixe.”

“Você não precisa...”

“Ele falou que está tudo bem”, Goran disse. “Deixa o cara decidir o que ele pode comer ou não.”

Stafford estendeu a mão, apoiou o braço no ombro de Daw, deu impulso e pulou por cima da raiz. Ele aterrissou dando risada e com uma dancinha em comemoração.

“Viu? Eu sou perfeitamente autossuficiente.”

“O lago estava agitado”, Goran disse. Eles estavam voltando pelo caminho entre as árvores, andando sobre as pedras soltas e a terra compactada. Stafford passou o braço ao redor de Daw. As

jaquetas deles amarrotavam conforme eles andavam, ensopadas e com o cheiro pungente do lago. Stafford estava com muito frio. A pele dele estava enrugada e roxa como um hematoma. Ele pressionou o rosto úmido no ombro de Daw, que sentiu dor pela intensidade do frio.

“Estou me sentindo melhor com as minhas escolhas”, Daw disse.

“Não foi tão ruim”, Ivan disse. “Foi bom até. Revigorante.”

“Talvez você seja um sádico”, Daw disse. Ivan riu. “Tudo certo com a mudança? Já encontraram um apartamento?”, Daw perguntou.

Ivan assentiu sem erguer o olhar. Goran balançou a cabeça.

“Não estou muito preocupado com isso. Um amigo meu tem uma vaga”, Goran disse.

“Você quer dizer seus pais”, Ivan disse.

“Por que vocês não vão morar juntos?”, Daw perguntou. “Vocês podem dividir o aluguel. Seria mais fácil.”

“Ivan quer morar em Midtown como um psicopata. A casa dos meus pais fica perto da Dimes Square.”

“Hell’s Kitchen. Eu vou ficar em Hell’s Kitchen.”

“Que chique”, Stafford disse.

“Não muito... tem o lance da regulação dos aluguéis. Consegui o apartamento com uma drag queen que mora lá desde os anos 90.”

“Como você conseguiu?”, Stafford disse, inclinando o corpo.

“Alguém que eu conheço da American Ballet Theatre conhecia alguém que conhecia alguém que conhecia esse cara que queria sublocar por um tempo. Ele vai viajar para Palm Springs com o marido.”

“Nossa, que sorte”, Stafford disse.

“Vai ser bom cada um ter a própria casa”, Ivan disse. “Viver a própria vida na cidade. Depois de ficarmos um em cima do outro em Iowa. Vai ser bom pra gente.”

Goran bufou como se não acreditasse nisso. Stafford riu.

“E você está animado com Vermont?”, Daw perguntou.

“É uma bolsa curta. Acho que vou ficar um tempo em Nova York depois. Vou procurar você”, ele disse para Goran, estendendo a mão e dando um tapa nos cordões da jaqueta dele.

Ivan ficou tenso. “Sim, ele vai procurar você.”

Goran não olhou para Ivan nem para Stafford. Ele estava olhando para a copa das árvores.

“Mas e você, Betty Crocker? Você fala francês?”

“Eu estudei em uma escola francesa”, ele disse.

Os outros desdenharam e disseram *é claro*, e Daw ficou constrangido como às vezes se sentia quando outras pessoas o faziam se dar conta da riqueza e da classe dos pais dele. As pessoas apontavam isso no Meio-Oeste, onde era óbvio, mas na cidade dele não parecia tão interessante ou fora do comum. Seus colegas do ensino médio também haviam frequentado a escola francesa. Eles tinham crescido no mesmo círculo de pessoas loiras. Brincaram nos mesmos parques, tiveram as mesmas aulas de natação. Daw mal se lembrava dos nomes ou dos rostos, e embora às vezes sentisse uma forte lealdade em relação a eles, isso o fazia se sentir um traidor entre seus amigos de verdade. Aquelas crianças eram apenas memórias, partes da vida dele que perderam totalmente o sentido.

Stafford enterrou os dedos na nuca de Daw e ele estremeceu.

“O que foi?”, Daw perguntou, e Stafford só balançou a cabeça e sorriu.

“Eu vou desenhar você.”

“Ah, por quê?”

“Porque parece que você precisa ser desenhado”, ele disse.

Eles subiram as escadas assim que a chuva voltou com tudo, caindo como uma tela cinza atrás deles. Goran ficou parado lá dentro, perto da escada interna, olhando pela porta dos fundos para as árvores e para o declínio do jardim. Os outros tiraram os sapatos e se amontoaram no primeiro andar. O rosto de Goran era iluminado pelo brilho prateado da chuva e, nas sombras perto da escada, ele estava bonito e melancólico, como um ator de um daqueles filmes quietos e um pouco longos demais nos quais as pessoas usam seus nomes verdadeiros e interpretam versões de um conflito real. Daw o deixou ali depois de alguns instantes porque olhar para ele era triste demais ou maravilhoso demais e, além disso, havia o peixe para cozinhar.

No terraço, Noah havia preparado a churrasqueira. Daw dispôs os filés de peixe-espada na grelha, a carne bonita e escura. Fatima perguntou se ele tinha se esquecido das berinjelas, mas Stafford interrompeu, dizendo que não se importava, que ele não era vegano ou vegetariano, não realmente. E Daw se perguntou se aquilo era verdade ou um mecanismo de defesa, dar às pessoas o que você pensava que elas queriam para que elas não se ressentissem de você. Era um mecanismo que ele mesmo compreendia muito bem.

Eles jantaram no terraço apesar da chuva e do frio. Daw havia encontrado um aquecedor no armário dos fundos que os ajudou a se esquentar um pouco. Os filés estavam bem cozidos, mas

principalmente porque Ivan havia assumido quando o primeiro tinha ficado muito tostado. Ivan ficou perto da churrasqueira monitorando tudo.

“O segredo”, Ivan disse, “é esperar. Não pode ficar virando o filé.”

“Sinto muito pela chuva”, Daw disse. “Levamos dois dias pra chegar aqui e não para de chover.”

“Você está falando sério? É lindo aqui. Está tudo perfeito”, Fatima disse.

“É, cara, relaxa”, Stafford disse. Ele estava sentado muito perto de Daw, que olhava de soslaio para Stafford. A salada estava boa, rica. Fatima havia adicionado fatias de pêssego e damasco. Ela tinha improvisado um tipo de vinagrete ácido e doce. Havia polenta também, feita de uma caixa provavelmente vencida encontrada no fundo do armário. Foi uma contribuição de Goran. A polenta ia bem com os tomates e os filés. A refeição em si estava meio insossa, mas tudo estava quente e bom naquela chuva. Eles comeram e riram, conversaram e contaram histórias.

Goran começou a contar uma longa anedota de uns meninos da época da escola.

“Quando eu era mais novo, sei lá, uns dez anos, eu tinha um amigo que ia de capacete pra escola. E às vezes as outras crianças implicavam com ele. Éramos só eu e ele sozinhos no recreio, e tudo bem. Tudo bem. Não tinha problema, sabe? A gente ficava ali sentado desenhando com o nosso giz. Bom, tinha outros meninos, maiores que a gente, parecia que eles tinham repetido uns sete anos, e um dia eles chegam na gente e dizem: ‘O que as bichinhas estão fazendo aqui? Não é aula de arte. É educação física’. Daí um

daqueles merdinhas abaixa a calça e mija no nosso desenho. O menino com o capacete só fica ali parado, esperando e esperando. Eu levanto e falo: ‘Meu Deus, que nojo’, e o outro menino continua mijando, a mijada mais longa que eu já vi na vida. Foi horrível, e os amiguinhos dele começaram a ficar nervosos também, porque a coisa *demorava muito*, era uma mijada realmente absurda, mas aí o menino termina, balança o pau, e então o capacete se agacha, coberto de mijo do outro, e bate nele, dobra o cara que nem papel. Acerta o menino nas bolas, bem lá mesmo, acaba com ele, e depois disso foi só caos. Estamos brigando, estamos gritando, uma loucura, e o tempo todo o capacete fica perfeitamente quieto, muito calmo, como se não tivesse acabado de destruir a uretra do outro menino.”

Goran levantou para encenar o menino agachado, o golpe, a mijada, e então ele endireitou as costas, o rosto brilhando, os olhos cheios de lágrimas. “Foi incrível”, ele disse, sem fôlego. “Foi muito incrível.”

Fatima bateu palmas e disse: “Bom pra ele. Crianças são tão malvadas”.

“Normal”, Stafford disse. “Tipo, olha pra gente. Nós somos o reflexo das merdas dos nossos pais.”

“Meus pais foram legais”, Ivan disse. “Eles me deram muito. Eles me deram tudo. Eles são bons. São pais maravilhosos. Eu os amo. Não me sinto *prejudicado*.”

“Ah, então seus pais ficariam de boa se você tivesse continuado a dançar em vez de virar um banqueiro vendido?”

A expressão de Ivan endureceu. Uma veia no pescoço dele ficou mais grossa. Aquela conversa estava tomando o rumo errado.

Havia uma clara animosidade entre os dois, que tinha a ver com Goran, mas também com a vocação escolhida por Ivan. Daw não entendia o que havia de tão terrível nos investimentos bancários. Bom, não era bem assim. Ele sabia que era um tipo de arte sombria e insidiosa. A propagação do dinheiro pelo dinheiro. Mais dinheiro do que qualquer pessoa ou família jamais precisaria. A riqueza gerada por mais riqueza, simplesmente para dizer que você é rico. E ainda assim lá estava ele, na segunda casa dos pais, com aquelas pessoas que ele só conhecia porque elas tinham dinheiro suficiente para estudar, para fazer faculdade, para comer, para vestir, para adquirir conhecimento. Que hipócrita. Era uma postura e um posicionamento moral, uma atitude que se adotava em festas e conversas, a negação de um apego à riqueza material. Você precisava estar disposto a abrir mão de tudo. Ou fingir que não era rico. Mas Daw entendia a frustração de Stafford. Ivan lançou um olhar tão direto para Stafford que o sangue de Daw gelou.

“Eu parei de dançar por causa dos meus tendões, e não porque meus pais me obrigaram.”

“É, mas deu certo pra você.”

“Deu certo? Você acha que eu não quis que fosse diferente? Você sabe o quanto eu lutei por isso?” Ivan havia se aproximado de Stafford. Os nós dos dedos dele estavam brancos, como se Ivan quisesse fazer um grande estrago. “Eu tomei injeções. Fiz fisioterapia. Acupuntura. Dancei com os tendões rompidos por *semanas*. Dançar foi a coisa que eu mais desejei na merda da minha vida.”

“Mas você não morreu pela dança”, Stafford disse. Então, rindo como se ele tivesse feito uma piada incrível: “Tipo, você podia ter

morrido pela dança. E agora você vai ganhar mais dinheiro que todo mundo aqui junto”.

“Fale por você”, Noah disse. “Eu quero ficar *bem rico*.”

“Rico como qualquer pessoa branca de classe média”, Fatima disse.

“Meus pais são pessoas brancas da classe média”, Goran disse.

“Se você é de classe média, então Daw também é.”

“Verdade”, Noah disse. Goran franziu a testa e bateu a ponta do garfo no prato.

“Isso não é legal”, Daw disse. “Não vamos falar de dinheiro.”

“*Não vamos falar de dinheiro*”, Fatima disse. “Essa é a minha deixa, meninos. Vou lavar a louça.”

“Não, Fatima. Não precisa”, Daw disse. “Eu lavo.”

Fatima se curvou em uma reverência e disse: “Mas é a minha profissão”.

Daw corou. Os outros meninos sentados à mesa desviaram o olhar, constrangidos, até mesmo Goran. Daw sabia o que era isso, uma resposta ao que ele havia dito mais cedo. Ele merecia.

“Desculpa”, ele disse. “Eu devia ter ficado de boca fechada.”

Fatima beijou a testa dele, pegou o prato e disse baixinho em seu ouvido: “Fica tranquilo. Estamos de boa”.

Noah ajudou Fatima com a louça. Goran entrou na casa, onde encontrou o piano vertical. A afinação não estava ruim, mas também não estava *ótima*. Ele sentou ao piano e Ivan, observando-o, sorriu. Goran começou a tocar, dizendo sem motivo: “Meu primeiro professor me fazia tocar Bach, e ele tinha um hálito muito ruim, então eu tento não tocar Bach porque sempre lembro dele”.

Em vez de Bach, tocou o primeiro trecho de uma peça de Rachmaninoff que Daw reconheceu porque, no primeiro ano, ele havia dançado nas apresentações da primavera ao som dessa música. Goran o acompanhou, tocando nos bastidores do grande auditório, onde os dançarinos do primeiro ano entravam um após o outro para fazer solos curtos e ter o progresso avaliado. Goran havia sido recomendado por Noah, que parecia conhecer todo mundo, naquela época e agora. Daw sentiu um formigamento na lombar e nos joelhos, o corpo dando lugar para uma versão mais antiga dele mesmo.

A peça de Rachmaninoff cedeu lugar para algo suave e terno, quase gentil.

“É Ravel”, Goran disse, tocando com uma precisão delicada que tornava o estilo selvagem e marcante dele ainda mais notável. O piano estava desafinado, então a peça soava mais como um eco improvisado enquanto Goran buscava as melodias, construindo-as com o que tinha disponível. Só de ouvi-lo dali do sofá, Daw soube que ele era talentoso — e não só talentoso, mas que amava a música e amava tocar. A peça se intensificou na metade, reflexiva e distante.

Stafford se acomodou no assento da janela, e Ivan sentou com as costas apoiadas no banco do piano. Do outro cômodo, vinha o barulho da água caindo na pia. Então, louças. Coisas batendo. O sussurro das vozes de Noah e de Fatima. O gemido do aquecedor. Todos ficaram em silêncio. A música se ergueu sobre eles.

Foi um momento de paz. Todos baixaram suas armas. Suas ideias afiadas e contundentes uns sobre os outros, sobre si mesmos e sobre o mundo. Ivan e Stafford observavam Goran tocando.

Goran estava alheio à atenção deles. Estava imerso em sua música, que parecia oferecer com generosidade. Não era concedida na esperança de extrair alguma coisa deles. Não de verdade. No mundo, raramente alguma coisa era dada de tão boa vontade quanto Goran estava dando sua música para eles naquele momento.

Daw se sentiu sonolento, os olhos ficando pesados. A chuva caía lá fora, batendo no telhado do terraço. Daw tentou se lembrar se tinha fechado todas as janelas da casa. Ele era responsável.

Pela manhã, Daw acordou antes de todo mundo. Fez um expresso e bebeu no terraço. Um vento forte tinha começado a soprar à noite. Mais chuva. Os móveis estavam encharcados porque ele não tinha pensado em levá-los para dentro. Os pais ficariam bravos, irritados, quando fossem para lá. A qualquer momento em breve.

Daw apoiou a cabeça nos joelhos. O expresso estava quente, soltando fumaça na névoa da manhã. As árvores, escuras e bonitas, sibilavam lá embaixo.

“Acordou cedo”, Stafford disse na porta.

“Não está tão cedo assim”, Daw disse.

“Pra gente, sim.”

“Dormiu bem?”

“Acordei cedo, né?”

“Isso pode significar que você dormiu bem ou mal”, Daw disse.

“Os dois, eu acho.”

Stafford sentou na cadeira ao lado de Daw, mas deu um pulo quando sentiu que estava encharcada. Depois voltou a sentar com uma expressão mal-humorada e pegou o expresso de Daw.

“Essa casa é incrível”, Stafford disse.

“É mesmo.”

“Mas vocês não vêm pra cá, você disse. Certo? Vocês não passam muito tempo aqui.”

“Quando eu posso evitar, não”, Daw disse.

“Posso perguntar por quê?”

“Pode”, Daw disse, “mas não significa que eu vou responder. Ou que eu tenha alguma coisa pra dizer.”

“Por quê?”

Daw pegou o expresso dele de volta. Bebeu o restante, sentindo o maxilar e os ombros travando com a quentura, o cheiro pungente, a sensação intensa na garganta. Ele se sacudiu.

“Minha irmã foi sequestrada aqui. Não *aqui*, mas na rua. Ela estava voltando pra casa, vindo da biblioteca.”

“Merda. Nossa. Quando?”

“Eu tinha seis anos”, Daw respondeu. “Ela tinha oito.”

“Jesus... o que aconteceu?”

Daw sorriu, pois não sabia mais o que fazer. Ele olhou para Stafford. Para os cílios loiros e úmidos. Para os olhos brilhantes. Daw o beijou e, quando os lábios se separaram, ele disse: “Não aconteceu nada. Nunca acontece nada”.

Eles entraram na casa em silêncio. Daw estava ficando no quarto principal. Ele tirou a camisa e abriu os shorts de Stafford. Ele tinha um cheiro almiscarado. Era bem pálido e não circuncisado. O corpo dele era sólido e macio. Daw pôs Stafford na boca, e Stafford suspirou, se apoiando nos ombros de Daw.

Daw pensou em Goran, se perguntando se aquilo era por pena ou para causar ciúmes em Goran. Mas depois considerou que

Stafford podia fazer suas próprias escolhas. Ele podia escolher os próprios motivos para fazer as coisas que ele fazia. Daw não se importava muito. E Stafford parecia excitado, interessado. Ele não tinha motivo para parar. Nenhum motivo para mudar de ideia. Nenhum motivo para dizer *E o Goran? Você não está apaixonado por ele?* Mas aquilo era amor e isto era sexo, ou estava prestes a ser, então os dois não deviam nada um ao outro.

Stafford ficou duro. E então amoleceu um pouco. Ele começou a rir de nervoso. Daw olhou para cima.

“Tudo bem?”, ele perguntou.

“É só... Seus pais dormem aqui?”

“Ninguém dorme aqui”, Daw disse. “Ninguém vem pra cá.”

“Ah”, Stafford disse. O quarto era grande, mas simples. Havia uma cômoda com fotos antigas em cima e uma pilha de livros. Era abafado e tinha cheiro de poeira. À noite Daw pensou ter sentido teias de aranha ou alguma coisa fina pinicando a pele dele. Stafford olhava ao redor, então Daw voltou a chupá-lo, e depois Stafford gemeu e afastou Daw para retribuir. O calor da boca de Stafford, as protuberâncias duras do palato dele, e, por vezes, os molares dele se concretizavam. Assim, Daw conseguia sentir com mais intensidade. Os limites de seu eu humano particular.

“Eu posso foder você se você me foder depois”, Stafford disse.

“Depois? Você está sugerindo que a gente vai fazer isso de novo?”

“Sim”, Stafford disse, rindo. “Estou.”

Fazia tempo que Daw não era passivo. Ele não transava fazia um ano. Ele não sentia muita vontade. Não era ruim, mas não valia a pena para ele, porque, na cabeça dele, tudo não passava de pura

esfregação. Mas ele deitou de barriga para cima, levou os joelhos até o peito e respirou fundo. Stafford penetrou e foi estranho a princípio, porque sempre era estranho, mas então a tensão se dissipou, e Stafford deslizou mais fundo, e Daw conseguiu respirar, e foi prazeroso e quente, e Stafford se moveu com gentileza a princípio, deixando o ritmo aumentar. Daw envolveu a cintura de Stafford com as pernas, puxando-o para perto, e eles se beijavam e gemiam, e não eram mais dois corpos, mas apenas um corpo deslizando sobre si mesmo.

Depois tomaram banho juntos, se aquecendo e se ensaboando. Stafford desviava o olhar, tímido, e Daw queria pegar suas bochechas e fixar seu olhar. Mas não tinha coragem de olhar diretamente para Stafford. Não tinha coragem de olhar diretamente para ninguém. Mas Daw tinha a sensação de estar sendo olhado, e não por Stafford. Era como se houvesse um par de olhos o observando através da parede do banheiro, da estrutura da casa, das árvores, do outro lado do lago e além, mais além, através das Adirondack, do oceano, do céu, mais e mais distante, mais e mais além. Daw sentia que esses olhos podiam ver tudo o que ele fazia.

“Onde você está?”, Stafford perguntou. A água do chuveiro caía na parte de trás da cabeça de Daw. Ele mal podia ouvir as palavras. “Onde você está?”

“Aqui”, ele disse. “Bem aqui.”

Stafford pôs os braços ao redor dele, beijou seu peito e disse, como se recebesse Daw depois do fim de uma longa jornada: “Você está aqui. Graças a Deus, você está aqui”.

A chuva tinha parado, então eles saíram para caminhar em grupo pela trilha de árvores.

Goran cantarolava a peça de Ravel da noite anterior. Ivan se juntou a ele. Eles estavam de mãos dadas. Daw se sentiu menos culpado em relação a Stafford e ao banho. E além disso, Noah já tinha transado com quase todo mundo ali. Provável que ele tenha dormido com Fatima também. Daw viu Noah e Stafford se empurrando e se provocando no caminho. O olhar de Goran estava preso neles. Mas então Ivan sussurrou alguma coisa no ouvido dele, Goran riu e os dois pareceram ficar bem. Como se fossem transar. Bom para eles, Daw pensou. Bom para eles, para Noah e para Stafford. Bom pra todos eles, para aquelas pessoas que ele conhecia, seus amigos. O ciúme não fazia sentido. Ninguém nunca pertenceu a ninguém. Não de fato.

Fatima deu o braço para Daw. As árvores estavam em silêncio, mas se moviam na brisa. Com certeza choveria mais tarde. Daw percebia isso nas nuvens, na linguagem lenta e gradativa delas.

“Você parece melhor”, Fatima disse.

“Não sabia que eu estava mal.”

“Você não estava. Mas parece melhor.”

“Desculpa”, ele disse.

“É sua casa. Você não tem que se desculpar por ser esquisito. Deve ser estranho. Ter duas casas. Eu nem consigo imaginar.”

“A gente não vem muito pra cá”, ele disse, a garganta espessa. Daw respirou fundo. “Não é estranho.”

“Minha família morava em um trailer”, ela disse, rindo. “Uma casa com escadas é estranho pra mim.”

“As pessoas são felizes aqui”, ele disse.

“Eu acho assustador”, Fatima disse. “Toda essa gente branca em um lugar só.”

“Verdade”, Daw concordou, com uma sensação de desconforto crescente, um desejo de mudar de assunto, de se defender, de mudar o rumo da conversa.

“Você é feliz aqui?”, ela perguntou.

Daw se perguntou se era feliz. Felicidade. O que era felicidade? Ele olhou adiante, para os amigos deles. Saltando sobre as raízes grandes. Se empurrando, se puxando, se separando, se juntando, se beijando, se abraçando, rindo. O céu baixo, bonito, pesado e cinzento. As árvores. As cores fortes e escuras do bosque. O cheiro do lago. O cheiro da casa das pessoas. A terra molhada. O que era a felicidade senão aquele momento, senão ali, naquele exato momento, o grupo deles, juntos talvez pela última vez, reunidos naquele momento, naquele exato instante, o que eles eram senão felizes? Noah subiu nas costas de Stafford, segurou os joelhos e disse *Vai, vai*. As jaquetas molhadas, respingadas de chuva, o vento soprando. Fatima subiu o capuz dela. Lá em cima o céu se abriu e a água veio, cinzenta e veloz, enchendo o mundo inteiro até a chuva tocar tudo e tudo tocar a chuva.

Então, Daw pôde senti-los dentro dele. Ele sentiu cada um nele, a felicidade, a gentileza, o amor deles. Antes de eles começarem a voltar correndo para a casa, vencendo a subida escorregadia e lamacenta, Daw se virou para Fatima.

Agradecimentos

Este romance só foi possível com o apoio, a paciência e a tremenda genialidade de amigos, leitores e colaboradores queridos. Eles acreditaram neste projeto, nestas palavras, mesmo quando eu estava perdido em tempestades de dúvida e medo. Obrigado por todas as conversas, pelos discursos motivacionais, pelas longas caminhadas, pelas visitas ao museu, pelas risadas e, o mais importante, por acreditarem em mim.

Agradeço, sem ordem específica, a Meredith Kaffel Simonoff, Dana Bryan, Nora Gonzalez, Calvert Morgan, Catalina Trigo, Claire McGinnis, Jynne Dilling Martin, Hal Fessenden, Derrick Austin, Natasha Oladokun, The Slacc, Adam Dalva, C. Pam Zhang, Jeremy O. Harris, e especialmente a Lee Pace por uma conversa transformadora que salvou este livro.



Bill Adams

BRANDON TAYLOR nasceu em 1989, em Prattville, cidade do Alabama, no sul dos Estados Unidos. Graduou-se pela Universidade de Wisconsin-Madison e pelo Iowa Writers' Workshop, onde foi bolsista do programa de escrita criativa. Além de *Vidas tardias*, é autor de *Mundo real* (Fósforo, 2021), finalista do Booker Prize de 2020, e do volume de contos *Filthy Animals* (2021).

Copyright © 2023 Brandon Taylor

Copyright da tradução © 2025 Editora Fósforo

Publicado em acordo com Riverhead Books, um selo da Penguin Publishing Group, divisão da Penguin Random House LLC

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito da Editora Fósforo.

Título original: *The Late Americans*

DIRETORAS EDITORIAIS Rita Mattar e Fernanda Diamant

EDITORAS Juliana de A. Rodrigues e Millena Machado

ASSISTENTE EDITORIAL Rodrigo Sampaio

PREPARAÇÃO Andressa Veronesi

REVISÃO Fernanda Campos e Gabriela Marques Rocha

DIRETORA DE ARTE Julia Monteiro

CAPA Bloco Gráfico

IMAGEM DE CAPA Francisco Hurtz

PROJETO GRÁFICO Alles Blau

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Página Viva

VERSÃO DIGITAL Marina Pastore

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T24v

Taylor, Brandon, 1989-

Vidas tardias [recurso eletrônico] / Brandon Taylor ; tradução floresta. - 1. ed. - São Paulo : Fósforo, 2025.

recurso digital ; 4 MB

Tradução de: *The Late Americans*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-6000-073-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. floresta. II. Título.

25-95742

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

08/01/2025 14/01/2025



Editora Fósforo

Rua 24 de Maio, 270/276

10^o andar, salas 1 e 2 — República

01041-001 — São Paulo, SP, Brasil

Tel: (11) 3224.2055

contato@fosforoeditora.com.br

www.fosforoeditora.com.br